

K.L. WALTHER

BESTSELLER INTERNACIONAL

O
VERÃO
em que
QUEBRÁMOS
todas as
REGRAS

GRANDE SUCESSO DO BOOKTOK

 EDITORIAL PRESENÇA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

K.L. WALTHER

BESTSELLER INTERNACIONAL

O
VERÃO
em que
QUEBRAMOS
todas as
REGRAS

GRANDE SUCESSO DO BOOKTOK

 EDITORIAL PRESENÇA

K.L. WALTHER

BESTSELLER INTERNACIONAL

O
VERÃO
em que
QUEBRÁMOS
todas as
REGRAS

GRANDE SUCESSO DO BOOKTOK



EDITORIAL PRESENÇA

o
VERÃO
em que
** **QUEBRAMOS**
todas as /
REGRAS

K.L. WALTHER

O
VERÃO
em que
QUEBRAMOS
todas as
REGRAS

TRADUÇÃO DE MIGUEL ROMEIRA

 EDITORIAL PRESENÇA

Título original: *The Summer of Broken Rules*

Autora: *K. L. Walther*

Copyright © 2021 by K.L. Walther

Edição portuguesa publicada por acordo com Sourcebooks LLC por intermédio de International Editors & Yañez Co' S.L.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2023

Tradução: *Miguel Romeira*

Revisão: *Florbela Barreto/Editorial Presença*

Design de capa: *Monique Aimee*

Arranjo gráfico: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição em papel, Lisboa, julho, 2023

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

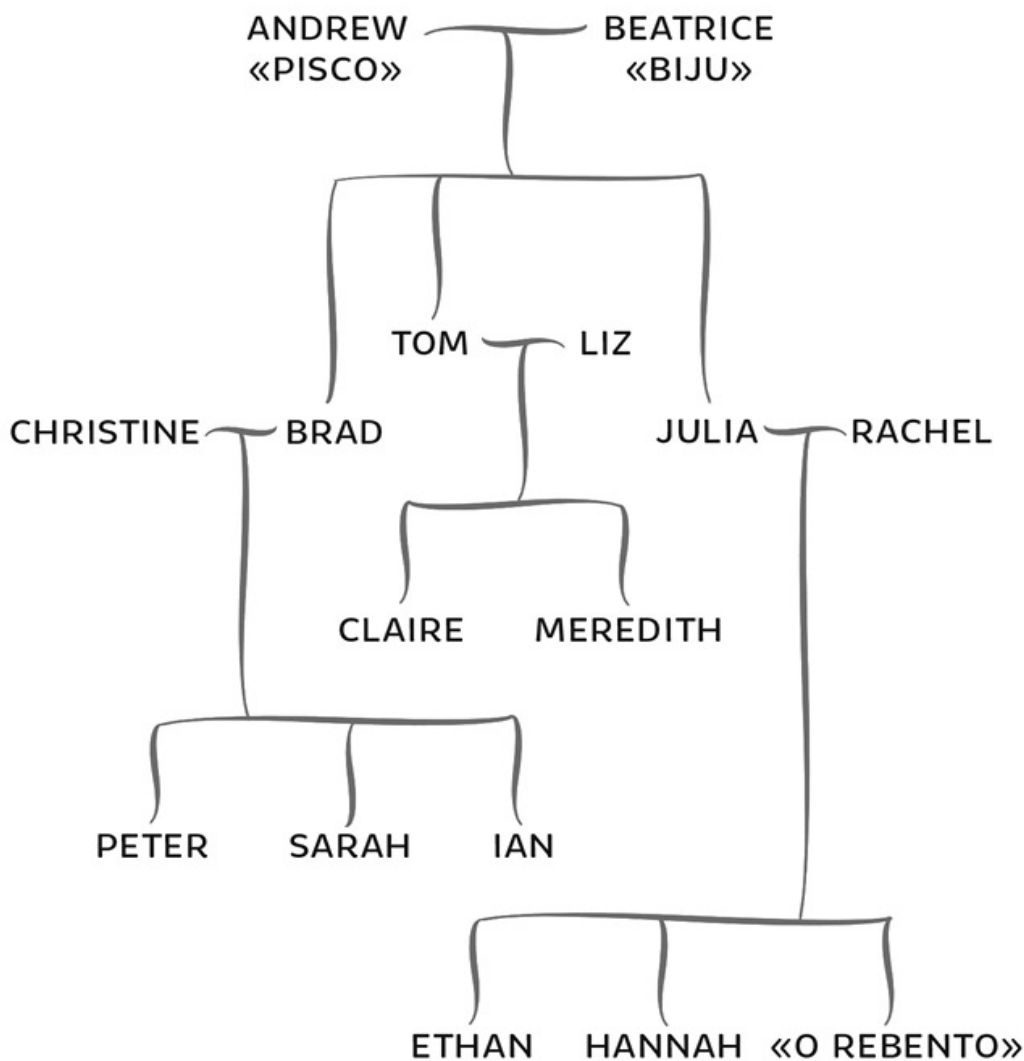
info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Ao meu pai, sempre. Obrigada pelas viagens de carro
a ouvir Dave Matthews, pelas sopas de marisco e por nos dares
a conhecer o lugar mais incrível do mundo.*

*E ao Trip, pelos passeios de trator ao crepúsculo,
pelos desportos radicais na água, pelos bifes ao jantar
e por seres o melhor amigo do meu pai.*

A FAMÍLIA FOX



DOMINGO

Ninguém pediu as batatas fritas. Vieram três taças de sopa de amêijoas deliciosamente cremosa, mas não uma cesta das batatas fritas mais viciantes de Cape Cod.

— É tudo? — perguntou o empregado, com ar de quem sabia que faltava alguma coisa. Talvez soubesse. Talvez nos tivesse reconhecido. O almoço no Quicks Hole antes de apanharmos o *ferryboat* era uma tradição familiar. Dentro de uma hora, chegaríamos finalmente a Martha's Vineyard. Estávamos a festejar o último troço da viagem.

Reparei no olhar que os meus pais trocaram. *É tudo?* Depois de tantos verões, ninguém tinha de ver o menu: chegávamos ao Quicks Hole e era automático. Cada um tinha o seu pedido gravado no cérebro e nenhum incluía uma cesta de batatas fritas para dividirmos.

Era sempre a Claire a pedi-la. «A maior que tiverem», dizia. «Estamos enganados!»

Herdara essa responsabilidade, dei-me conta.

— Não, falta uma coisa — respondi, com um nó na garganta. — Também queremos batatas fritas. Com molho de parmesão e trufas.

— Ótima escolha. — Com um assentimento, ele dirigiu-se à cozinha. Sentados a uma mesa alta, eu e os meus pais ficámos calados, os três a tentar não olhar para a cadeira vazia onde a minha mãe pendurara a mala. Não percebi se fizera aquilo de maneira consciente, mas dava a impressão de que estava ali alguém, que fora à casa de banho, mas ia voltar de seguida.

Não era por acaso que a taberna se chamava Quicks Hole; a comida chegou em quinze minutos — três taças fumegantes da especialidade mais fantástica da Nova Inglaterra e uma tigela gigante de batatas fritas polvilhadas de queijo parmesão e salsa. Como sempre, pus cinco gotas de molho picante na minha sopa. O meu pai agarrou na caneca de cerveja.

— À Sarah e ao Michael — brindou. — Que seja uma semana inesquecível.

Eu e a minha mãe agarrámos nos nossos copos.

— À Sarah e ao Michael — repetimos.

Fizemos tchim-tchim.

— E ao regresso — acrescentou o meu pai, beijando a face da minha mãe. — Já era tempo.

Tinham passado dois anos. A minha família começara a fazer férias em Martha's Vineyard antes de eu nascer, portanto, era um hábito com mais de dezoito anos, mas passáramos o último verão fechados na nossa casa no norte de Nova Iorque. Tornei a olhar de fuga para a cadeira vazia.

Sim, disse para comigo. *Já era tempo*.

Agarrei na colher para mexer a sopa. Enquanto via o molho picante remoinhar e desaparecer, perguntei-me o que teria mudado na nossa ausência.

Uma coisa não mudara: a Estação Fluvial de Falmouth. Debaixo de um sol reluzente num céu de julho muito azul, parecia que todos na fila estavam à espera para entrar no

concerto do século. Validados os bilhetes, carros, carros e *mais* carros seguiam para o estacionamento numerado, onde esperavam pelos respetivos barcos. Aproveitei para apanhar os meus cabelos cor de mel numa trança larga enquanto avançávamos pelo meio da confusão. Havia *Jeep Wranglers* de várias cores, quase todos sem capota, alguns sem portas e todos de rádio ligado em altos berros. Seguiam-se os *Volvos* com os caiaques presos à grade do tejadilho e os *Range Rovers* metalizados. Os porta-bicicletas faziam os utilitários desportivos parecer ainda mais gigantes. Ouvi um pequenito chorar aos berros.

— Não, Jeffrey! Não comes mais batatas fritas! — disse a mãe, exasperada. Na fila de passageiros a pé havia de tudo: universitários, famílias, cães, bicicletas, tróleis e casais idosos a observar serenamente o caos com ar de viajantes experientes.

Quando voltámos para o *Ford Raptor*, o *Loki* — o nosso *jack russell terrier* — tinha a cabeça fora da janela. E a língua de fora.

— Dás-lhe água, Meredith? — pediu a minha mãe, depois de nos sentarmos. Silenciosa, agarrei na minha garrafa de água. O *Loki* bebia como as pessoas; ensinara-lhe a Claire quando ele era um cachorrinho. «Vai dar jeito», disse ela na altura. «Assim, não é preciso andarmos com a tigela da água atrás de cada vez que o levamos a passear.»

Poucos minutos depois, começou o embarque no *The Island Home*, o enorme *ferry* das duas da tarde.

— Espera, abre o teto! — exclamei aflita quando o funcionário nos chamou com um gesto e o meu pai fez a *pick-up* avançar. Senti o coração aos saltos. Era outra tradição minha e da Claire, e não a deixaria morrer: espreitávamos do teto aberto e acenávamos como se estivéssemos numa limusina. Normalmente, acenavam-nos de volta, sobretudo os rapazes nos *Wranglers*. «Giraças!», tinham gritado alguns da última vez. Nesse ano, a Claire tinha dezassete anos, e eu, dezasseis.

«Não estás com sorte, ela tem dono!», gritara a minha irmã de volta, partindo do princípio de que o piropo era para mim e não para ela. A minha irmã tinha esse hábito: punha-se subtilmente em segundo lugar. Nunca percebi porquê. A Claire era linda, alta e atlética, com longos caracóis acobreados, para não falar na coleção de óculos estilosa à brava. Como não podia usar lentes de contacto, tinha-os para todos os gostos e ocasiões, dos mais *rétro* aos mais modernos. Lembrava-me de que, nesse dia, estava com os retangulares de armação transparente.

As semelhanças entre as duas começavam e acabavam nos olhos verdes: eu tinha cabelo claro e sobrancelhas escuras (o que me tornava «invulgar», segundo a maioria das pessoas), e era quase quinze centímetros mais baixa do que a minha irmã. Em pequenas, ela começara a chamar-me Macaquinha depois de me apanhar empoleirada nas prateleiras da despensa.

Fiquei silenciosa enquanto subíamos a rampa de embarque (os rapazes dos jipes, nem por isso). Fechei os olhos e inspirei a maresia. Adorava o cheiro. *Faltara-me*. Para mim e para a Claire, a maresia era tudo. Até havia uma piada sobre isso na família: diziam que a devíamos engarrafar, para não desanimar durante os invernos gelados de Nova Iorque.

O meu pai parou a *pick-up* e ele e a minha mãe tiraram os cintos de segurança. O *Loki* ladrou, pulou a consola central e foi para o colo da minha mãe. Com uma gargalhada, ela prendeu a trela na coleira verde.

— É a nossa deixa — disse. — Vamos lá acima.

Referia-se à cobertura superior. Claro que podíamos ficar no carro e também havia montes de lugares lá dentro. Mas nada combinava melhor com a maresia do que o vento nos cabelos ao avistarmos a ilha.

— Parece-me boa... — A voz morreu-me na garganta. Pusera o telemóvel no porta-bebidas do banco traseiro e acabava de o ver pelo canto do olho. Tinha o ecrã iluminado e vibrava insistentemente, mas o pior era o nome que aparecera: Ben Fletcher.

Estremeci. Ele mandara-me uma mensagem.

— Hum, vão na frente — ouvi-me dizer, sem tirar os olhos do nome no ecrã, embora as lágrimas não me deixassem vê-lo nitidamente. — Vou ter convosco já de seguida.

O meu pai entregou-me as chaves. Esperei que desaparecessem nas escadas com o *Loki* e só então desbloqueei o ecrã do telemóvel. Que tal a viagem?

Só isso. Nem «olá», nem «desculpa», nem «arrependi-me» ou «mudei de ideias».

Não que eu quisesse alguma coisa do género, mas francamente.

Que tal a viagem?

A sério, Ben? Só isso?

Não lhe respondas, aconselhou a voz no meu cérebro, mas eu ignorei-a e escrevi: Quase no fim. Já estamos no *ferry*.

Fixe, respondeu ele. Quanto tempo leva?

— Uma hora — resmunguei. Nada que não lhe tivesse dito uma centena de vezes desde que recebera o convite em abril. Ficara eufórica ao ler menina meredith fox a dourado num envelope azul-bebé.

«Eles pedem para eu avisar se vou com alguém», dissera ao Ben quando estávamos a ver Netflix. «Queres ser o meu acompanhante?», perguntara, enroscada nos braços dele.

«O teu acompanhante?», respondera ele, de sorriso arreganhado. «Claro!» E beijara-me.

Deixei as lágrimas correrem. Se essa Meredith me visse... Ali estava eu a caminho do casamento da Sarah sem *acompanhante* e sem *namorado*. Depois de quatro anos juntos, eu e o Ben tínhamos acabado.

Melhor dizendo, ele acabara comigo um mês antes, no seu baile de finalistas. Estávamos a dançar e a rir da *playlist* do pai dele, tudo músicas dos anos sessenta, e, do nada, o Ben puxou-me de lado e começou com uma conversa estilo: «Foram uns anos muito fixes... mas é melhor passarmos a ser só amigos... relações à distância não são mesmo a minha cena.»

— Dissemos que connosco ia resultar — interrompi. — Tivemos essa conversa, não te lembras? — Tive de lhe agarrar o braço musculado. De repente, estava zozza. — Prometemos *tentar*. — No outono, o Ben começava o curso na Universidade da Carolina do Sul, e eu ia continuar ali. Entrara no Hamilton College, que ficava a pouco mais de um quilómetro da minha casa e onde o meu pai era treinador de futebol. Não queria sair de Clinton. — Já te esqueceste?

O Ben ficou calado.

Apertei-lhe o braço.

— Não faças isto, Ben. — Não consegui evitar que a minha voz fraquejasse. — Por favor, eu preciso de ti. Sabes isso. Depois de tudo o que...

— Eu sei, eu sei. — Ele puxou-me para os seus braços e apertou-me contra o peito.

Normalmente, era reconfortante, mas, daquela vez, foi como se me quisesse calar. — Mer, eu amo-te, a sério — murmurou, e, sem forças, eu comecei a chorar. Não ouvia as palavras dele, só o bater do coração, o que me fez chorar ainda mais. Só consegui levantar a cabeça quando o ouvi dizer: — Mas vou contigo ao casamento na mesma. Se ainda quiseses.

— Hã? — Recuei um passo e o ar noturno fez-me tremer de frio. — Ainda queres ser o meu par?

— Sem dúvida. — Afagou-me o ombro. — Isto não muda nada. — E, com um meio-sorriso, repetiu o elogio à antiga que sabia que eu adorava ouvir: — Ainda és a miúda que eu quero ao meu lado.

Agora, no *ferryboat*, já nem me lembrava do que lhe respondera, mas sabia que fugira a correr do baile de finalistas, apesar das minhas sandálias da plataforma. *OK*, admito: fui parada pela polícia no regresso a casa, não sei se por excesso de velocidade, se por ir aos ziguezagues. Chorava tanto que mal conseguia dizer uma palavra, e o agente Woodley acabou por não me multar (e veio atrás do meu carro até eu estacionar no acesso da nossa casa).

Ouvi o aviso sonoro no sistema de altifalantes do *ferry*. *É melhor ir*, disse para comigo, mas senti o telemóvel vibrar na minha mão. O Ben mandara-me uma terceira mensagem: Mer, por mim, tinha passado esta semana contigo, era na boa.

Senti-me ferver e, antes que soubesse o que estava a fazer, ligara-lhe de volta.

Ele atendeu ao primeiro toque.

— Ei...

— Não vieste porque eu *não quis* — interrompi-o, de novo à beira das lágrimas. — Eu queria o meu namorado comigo. O meu *namorado* e não o imbecil do meu ex!

Silêncio.

O Ben suspirou.

— Mer...

Desliguei. Limpei as lágrimas. Tinha de sair do carro e apanhar ar. Quando ia abrir a porta, ouvi a sireia do *ferry*. Entretanto, o enorme porão enchera-se de carros. Estávamos tão compactados que, se abrisse a porta, riscava o do lado. *Posso sair pelo tejadilho*, lembrei-me. O teto continuava aberto; tentei não pensar em toda aquela gente a ouvir-me aos berros com o Ben. Tinha a cara vermelha de chorar, por isso, procurei os óculos escuros na mochila e pu-los, juntamente com um boné do meu pai, e só então me icei para o tejadilho e saí da *pick-up*. Não consegui não sorrir.

Foi canja.

Mas não, foi um desastre.

Em vez de saltar para o chão, agarrei a grade do tejadilho... mas não confirmei se havia espaço suficiente entre os dois carros. Saltei armada em rainha da selva, e senti o impacto em todo o corpo quando o meu pé embateu em alguma coisa.

Que não era uma *coisa*, mas sim uma *pessoa*.

— Ei! — protestou ele, apanhado de surpresa. Encolheu-se e levou a mão aonde o meu pé o atingira: na cara, quase no nariz. — Au!

— Desculpe! — balbuciei, aflita. — Sinto muito. Mil desculpas, a sério!

— Tudo bem — respondeu ele. — Eu estou, hum, *okay*.

Antes que ele se pudesse endireitar e ver bem a sua atacante, já eu saíra dali. Corri para as escadas e subi-as de dois em dois degraus até à coberta superior.

Ao avistarmos a ilha, a minha mãe rodeou-me a cintura. Estava um dia lindo, sem uma nuvem. Não se vislumbrava nevoeiro em volta do farol de East Chop ou dos barcos sacudidos pela ondulação suave ao longo do porto de Vineyard Haven.

— Ena! Isto, sim, são boas-vindas! — exclamou o meu pai, e, quando dei por isso, estava a pensar na Claire e tinha os olhos molhados. Em parte, estava radiante por regressar ali, mas, por outro lado, queria que o *ferry* desse meia-volta e me levasse para casa. Parecia errado estar ali sem a Claire. Martha's Vineyard era o lugar de que a minha irmã mais gostava. «Já era tempo», tinha dito o meu pai ao almoço, mas, naquele momento, não pude evitar perguntar para comigo: *Terá sido tempo suficiente?*

— Quem me dera que a Claire estivesse connosco — disse baixinho à minha mãe.

— E está — murmurou ela de volta, afagando-me os ombros. Depois, indicou-me o céu. — Está a fazer o sol brilhar.

— Para a Sarah — respondi.

— Não. — A minha mãe abanou a cabeça. — Para todos nós.

A minha prima ia casar-se. Sarah Jane Fox e Michael Phillippe Dupré uniriam as vidas às quatro da tarde do dia 16 de julho, um sábado, na igreja de Saint Andrew em Edgartown. A festa e o banquete seriam na Quinta de Paqua.

A Quinta de Paqua, ou a Quinta, simplesmente, já pertencia à nossa família antes da Primeira Guerra Mundial. Havia muito que deixara de ser uma quinta propriamente dita para se tornar uma extensão de duzentos e cinquenta hectares entre Edgartown e Tisbury com quilómetro e meio de praia privada. Éramos capazes de passar horas no mar ao sabor das ondas, e não havia nada mais delicioso do que depois ficar a boiar nalgum famoso lago ou lagoa de Martha's Vineyard. A nossa preferida, minha e da Claire, sempre fora a lagoa de Paqua, por ter menos gente.

O meu pai acelerou ao entrar na estrada de Paqua. Eram cinco quilómetros de terra batida e íamos deixando uma nuvem de poeira para trás. O *Loki* ficou agitado e peguei-lhe ao colo.

— Mais devagar, pai — pedi, do banco traseiro, mas ele estava distraído a rir. O limite de velocidade era de quarenta quilómetros por hora, mas era mais uma regra tácita do que outra coisa, e toda a gente adorava quebrá-la. «Dantes, fazíamos corridas nesta estrada», recordava o tio Brad de vez em quando, dando uma palmada amistosa no ombro do meu pai. «A gente não corria, *voava*.»

Já fora divertido quebrar as regras, mas, naquele momento, apenas sentia uma ansiedade crescente. Inclinei-me para ver a que velocidade íamos. O ponteiro estava quase nos oitenta.

— Pai, por favor! — repeti, esganiçada. Tinha o coração aos saltos. — Abranda!

A minha mãe pousou a mão no braço dele.

— Tom — pediu, muito calma.

Ele travou, o ponteiro desceu para os trinta e eu tornei a conseguir respirar. Instantes depois, chegámos à bifurcação. Ali estava a tabuleta de madeira que, ano após ano, indicava a localização das várias casas. Levava finalmente uma demão de tinta branca — fora a tia Christine, de certeza. Havia oito casas na Quinta, todas de estilo rústico, mas, de resto, todas diferentes: umas, maiores; outras, mais pequenas, cada uma com seu nome e de carácter bem vincado. A maioria dos convidados ia ficar na Quinta, portanto, não sobriaria um quarto vago. O tio Brad já comentara com o meu pai que alguns iriam dormir em tendas.

O meu pai seguiu para a esquerda, e, minutos depois, entrámos no acesso particular do Anexo. Em rigor, era um único lugar para estacionar. As outras casas tinham longos acessos particulares, mas, no Anexo, havia lugar para um carro e pronto. O Anexo era uma pequena casa de campo de piso único com revestimento de cedro e telhado íngreme. Sempre que íamos a Martha's Vineyard, aquela era a nossa casa. Normalmente, arrendávamo-la durante três semanas, e, de resto, era para a família alargada e para os

amigos. No minúsculo terraço de madeira maltratado pela humidade e pela chuva, havia duas cadeiras *Adirondack* verdes, onde nos sentávamos a admirar um campo verdejante salpicado de flores amarelas. As ervas altas e os arbustos sacudiam com a brisa e, na distância, ouviam-se as ondas na praia.

Chegámos, ocorreu-me. Queria dançar de alegria. *Chegámos, chegámos, chegámos!*

Vi a sala através da porta de rede. Ali estava o tapete rústico no velho chão de carvalho, tal como o sofá de dois lugares com o forro verde com listras brancas desbotado, que continuava voltado para uma pequena televisão arrumada entre as duas janelas da frente. Havia duas estantes onde já não cabia um livro, e as paredes de madeira estavam cheias de fotos emolduradas, incluindo algumas muito antigas a preto-e-branco. Estavam ali representadas várias décadas da família Fox e amigos.

Um corredor estreito separava a cozinha, também longa e estreita, do quarto dos meus pais. Ao fundo, havia um quarto pequeno como uma camarata num navio, onde eu e a Claire sempre dividíramos um beliche. Não saberia dizer quantas noites ela me acordara sem querer ao voltar-se e dar acidentalmente com a perna na parede. «Desculpa, Mer», dizia, com a voz empastada de sono.

Mordi o lábio ao empurrar a porta do quarto. Nada mudara. Ali estavam a cómoda azul-bebé, por cima, o espelho com moldura de conchas e vidro marinho, e o mapa de Paqueta que eu e a minha irmã tínhamos feito em pequenas. Depois de tantas caças ao tesouro e jogos das escondidas, ficámos a conhecer cada palmo da Quinta.

Ao lado do beliche havia uma mesinha de cabeceira de verga, que condizia com as colchas brancas. A Claire sempre dormira em baixo, por ter medo das alturas, e eu em cima. A escada partira-se havia muito tempo e nunca fora substituída, mas não era preciso, porque eu me ajeitava a trepar.

Tirei as coisas do saco de viagem e pendurei o porta-fatos com o vestido que ia usar no casamento. Ouvi a porta de rede.

— Há alguém em casa?

Os meus pais ainda estavam a tirar coisas do carro.

— Sim! — respondi. Voltei rapidamente à sala... e tropecei no tapete. O meu coração deu um salto quando vi a Claire ali parada a sorrir-me.

Mas não era a Claire.

À beira das lágrimas, ouvi a minha prima dizer o meu nome. Eu e a Claire não éramos parecidas, mas elas as duas podiam ser gémeas. Tinham o mesmo cabelo acobreado comprido e ondulado e a mesma figura esbelta. Ambas adoravam andar descalças e inclinavam a cabeça da mesma maneira ao sorrir. Detive-me no vestido de corte direito, um clássico *Lilly Pulitzer* verde e rosado, e nos brincos de pérolas, e só então me acalmei verdadeiramente. Aquela era a Sarah. A *Sarah*.

— Olá — saudei, ainda com a voz ligeiramente trémula. Fiz-me avançar e deixei que a noiva me abraçasse com força. Perdera a conta aos meses desde que nos víamos pela última vez. O tio Brad, a tia Christine, a Sarah e os irmãos eram de Maryland e passavam invariavelmente o verão em Martha's Vineyard. Ficavam na Casa da Lanterna. A foto de família que tiravam anualmente para o postal de Natal era a definição de «betinho» e ficaria lindamente num dicionário ilustrado.

A Sarah tinha vinte e seis anos. Concluía a licenciatura na Universidade Tulane havia alguns anos e trabalhava na Associação para a Salvaguarda do Património de Nova Orleães.

— Estás bem? — perguntou, recuando um passo. Atrás de uns óculos de armação escura, os seus olhos examinaram-me. Tal como a Claire, a Sarah adorava óculos invulgares, mas aquele par era grande de mais para o seu rosto. Quando os ajeitou no nariz, o meu olhar fugiu para a fina cicatriz ao longo da testa. Começava na linha do couro cabeludo, ziguezagueava por cima da sobancelha esquerda e terminava ligeiramente abaixo da fonte da direita. Era a marca deixada pelo vidro estilhaçado naquela noite de pesadelo havia dois invernos.

Pestanejei.

— Estás bem? — repetiu ela.

O Ben. Estava a falar do Ben. Ao faltar-me o ombro da Claire para chorar, ligara à Sarah na manhã depois do baile de finalistas.

«Ele... disse... que vinha... na mesma.» Espantosamente, conseguira terminar a frase. «Se eu... ainda... quisesse.»

«Espera... hã?!», hesitara ela. «Ele disse o *quê*?! Que estava a acabar contigo, mas que podia vir ao casamento *na mesma*?!»

«Hum-hum.»

«Por amor de Deus.» Ouvira-a suspirar. «Sinto muito por ti, Mer. Ele é um imbecil. Por favor, diz-me que recusaste.»

«Eu já tinha dito que trazia acompanhante», balbuciara eu. «Tu puseste a pergunta no convite! Por isso, respondi que tinha acompanhante. Eu preciso de um acompanhante.»

«Não, não precisas», afirmara a Sarah. «Não precisas mesmo. Pode sobrar um filete, ou lá que raio ele pediu, que a festa não fica estragada por isso.»

Abri um meio-sorriso de satisfação.

— Ele mandou-me uma mensagem há bocado. — Cruzei os braços. — E eu chamei-lhe imbecil na cara.

A Sarah quase se engasgou.

— Não tiveste coragem.

O ligeiro sorriso tornou-se um sorriso rasgado.

— Tive, pois.

Chorara do começo ao fim do telefonema, claro, mas, tecnicamente, fora corajosa.

— Boa! — Ela abriu um sorriso arreganhado. — É assim mesmo, Mer! Mostra-lhe quem manda!

Senti o meu sorriso desvanecer-se.

Mostra-lhe quem manda.

Uma expressão da Claire. «Sei que estou de fora», lembrava-me de ela me dizer certa vez, «mas acho que te devias impor mais.» Um encolher de ombros. «Se não te apetece ir à festa, diz ao Ben. Mostra-lhe quem manda.»

Só agora começava a dar-me conta de que fora sempre o Ben a mandar e desmandar. O nosso namoro nunca fora uma relação de iguais. A minha vontade não contava para nada. O mundo girava à volta dele.

A minha irmã reparara nisso, mas eu não lhe ligara. *Ela não tem namorado, nunca teve,*

dizia para comigo de todas as vezes, enquanto vestia umas calças de ganga e um *top* giro, e encaracolava o cabelo e punha *eyeliner*. *Ela não percebe. Não vê que é mesmo assim.*

— Sarah! — Os meus pais apareceram na sala. Era tão pequena que, de repente, parecia cheia, mas já juntáramos ali dez pessoas. — Bem nos pareceu que eras tu!

— Tia Liz! — A minha prima abraçou um e outro. — Tio Tom! Bem-vindos!

— Estás muito bonita — disse a minha mãe. Vi o olhar dela desviar-se para a testa da Sarah e senti uma dor enorme no coração. Desconfiava que, em vez de ver a cicatriz, a minha mãe continuava a ver os pontos. Limpos de sangue, perfeitos, mas, ainda assim, horríveis e brutais. Ao contrário dos meus pais, apenas os vira em fotos. Eram tantos... Temia que a minha mãe jamais conseguisse esquecer essa imagem. — Tens o brilho das noivas!

A Sarah sorriu.

— Passei aqui só para vos dar um alô. — Voltou-se para o meu pai. — E para lhe dizer que a casinha está *abastecida*.

— Folha dupla, embalagem familiar? — perguntou ele.

Muito séria, ela fez que sim.

— Evidentemente.

Rimo-nos os quatro. Outra bizarria do Anexo: não havia casa de banho. As outras casas da Quinta tinham duche exterior (que nos sabia pela vida depois de um dia de praia), mas a nossa pequena casa de férias nem casa de banho tinha, *ponto final*. O remédio era metermo-nos por um trilho que desaparecia nas árvores e, andando um bocado, víamos surgir a casinha de madeira ao fundo. Ir lá durante a noite era particularmente desencorajador.

— Ainda bem que falam nisso! — exclamei num tom brincalhão, juntando sonoramente as mãos e começando a recuar para a porta de bater. Queria ouvir a minha mãe rir outra vez. — Deem-me licença, sim?

A Sarah informou-nos do churrasco de boas-vindas nesse fim de tarde, mas, depois de ela se ir embora, fui buscar uma bicicleta ao barracão do Anexo, enchi os pneus e saí para uma rápida missão de reconhecimento. Ao fundo da estrada, ficava a Cabina. Com revestimento exterior de madeira cor de ferrugem, lembrava os motéis antigos por causa da planta em T e por todos os quartos darem para a frente. Abrandei ao ver vários carros estacionados meio às três pancadas, todos de bagageira aberta. No pátio da frente, meia dúzia de rapazes viera sentar-se à volta do fosso da fogueira. Aqueles eram os amigos solteiros do Michael, que o acompanhariam na cerimónia.

E ali estava ele, o noivo, com uma lata de cerveja equilibrada no joelho e as mãos ocupadas a ilustrar o que lhes ia contando. Mesmo à distância, via-se que era muito atraente. Tinha o corpo possante dos jogadores atacantes, uma pele achocolatada, uns cabelos escuros em que a Sarah adorava mergulhar os dedos e um sotaque sulista que nos derretia. Tinham-se conhecido na Universidade Tulane, mas o Michael nascera e crescera em Nova Orleães. A família dele tinha raízes crioulas, francesas e africanas. Fanático assumido do futebol americano, trabalhava nos escritórios dos New Orleans Saints.

Ao ver-me, acenou. No mesmo instante, a porta principal da Cabina abriu-se e apareceu

outro rapaz ali no pátio.

— Não há mais gelo? — perguntou, e o Michael e os amigos olharam para ele. — A sério, o gajo tem a cara numa *desgraça*. Parece que veio de um combate de boxe.

Boa sorte, desejei-lhes, qualquer que fosse a crise. Falaria com o Michael nesse fim de tarde. Segurei firmemente o guiador e segui o meu caminho. Ao ganhar velocidade, parei de pedalar e continuei descontraidamente até à estrada que levava à Casa Grande.

A Casa Grande não era a maior da Quinta, mas era a mais antiga. Ali tinham vivido outrora os senhores da herdade. De estilo vitoriano, tinha telhado de madeira, e as portadas verdes precisavam de pintura nova. Ao contrário das outras casas da Quinta, não era arrendada no verão, porque os meus avós viviam ali.

Avistei-os no alpendre, que começava a abater. A avó Biju baloiçava-se tranquilamente na rede e, encostado a uma coluna, o avô Pisco vigiava a minha aproximação por uns binóculos muito antigos. «Uso-os para observar as aves», dizia ele, mas eu sabia que eram para estar de olho no que se passava na Quinta. O alpendre da Casa Grande era o sítio perfeito para espiar. Contornava a casa, portanto, permitia-lhe ver *tudo*.

— Algum acontecimento interessante, avô? — perguntei, armando o descanso da bicicleta.

— A Julia e a Rachel acabam de chegar ao Pavilhão — respondeu ele, ainda atento a movimentações ao longe. — O Ethan está a fazer birra, e tudo indica que a Hannah anda toda contente com o *ballet*, porque veio de tutu cor-de-rosa.

Ri-me. A tia Julia era a irmã mais nova do meu pai. Era casada com a Rachel e tinham dois filhos: o Ethan, de seis anos, e a Hannah, que fizera quatro. A tia Rachel estava grávida do terceiro filho, um rapaz, que nasceria dentro de um mês.

— Vem sentar-te comigo, querida. — A avó Biju indicou-me o lugar ao seu lado na rede. Instalei-me, ela rodeou-me os ombros e inspirei o perfume de alfazema, a sua fragrância de sempre. A avó Biju tinha longos cabelos brancos e olhos azuis, e eu achava-a uma das mulheres mais bonitas do mundo. Usava túnicas de linho e colares grandes e vistosos para «dar um toque colorido à *toilette*». Eram criações suas: fazia-os à mão e vendiam-se muito bem nas lojas de joias e acessórios de Martha's Vineyard.

— Parece que já chegou toda a gente — comentei. — Passei pela Cabina e vi o Michael e os amigos que o vão acompanhar na cerimónia.

O avô Pisco baixou os binóculos.

— Sim, ele esteve aqui há pouco, para me prometer que não farão estragos.

A avó Biju deu uma gargalhada.

— Adoro aquele rapaz.

Sorri. Não era segredo que a minha avó tinha um fraquinho pelo Michael.

— A família dele ficou onde?

— A Christine instalou-os na Casa da Charneca — respondeu o avô Pisco, indicando vagamente a colina lá adiante. — Está na tabela de Excel — resmungou de seguida. — Uma pessoa até fica baralhada, parece que é o casamento *dela*...

— Já chega dessa conversa. — A avó Biju revirou os olhos. — Estás a ser injusto, Andrew. A Sarah é a única filha deles, e nós sabemos como é a Christine.

Concordei com um assentimento ao lembrar-me do convite: o minúsculo farol gravado

em relevo na dobra do envelope era o tipo de pormenor que revelava o toque inconfundível da tia Christine. «É verdade que ela se deixa levar pela ansiedade», reconheceu a minha mãe, «mas tem um bom gosto inexcusável.»

— Vá lá que a Sarah bateu o pé e recusou um casamento formal — continuou o avô Pisco. — Imagine-se, os homens de *smoking* ao ar livre em julho... — Abanou a cabeça. — Já passei por isso muitas vezes e não recomendo.

— Mas é pena. De certeza que o Michael ia ficar fantástico de *smoking* — devaneou a avó Bijú.

— Que tal casares tu com ele, Bea? — replicou o avô Pisco, com uma piscadela de olho que me fez desmanchar-me. Ali estava a razão por que os netos lhe chamavam Pisco.

— A Sarah falou numa surpresa — comentei. — Esteve no Anexo e disse-nos que ela e o Michael vão fazer um anúncio esta noite.

Os meus avós entreolharam-se.

— Vocês já sabiam — adivinhei. — Já sabem qual é a surpresa.

— Talvez. — O avô Pisco arrebitou o canto da boca com matreirice. — Quem sabe.

— Contem-me!

Ele abriu um sorriso.

Com um queixume, escondi a cara no ombro da avó Bijú, e, passado um instante, ela deu-me um beijo no cocuruto.

— Estamos muito felizes por te ver aqui, Meredith — sussurrou. — Muito, muito felizes.

Tinha montes de primos e estavam todos ali, e havia os nossos amigos. O Eli, o Jake, a Luli e a Pravika eram praticamente família. Quando eu e os meus pais chegámos à Casa da Lanterna para o churrasco, já lá estavam os quatro, sentados à mesa de piquenique debaixo do carvalho antigo.

— Olha o teu grupo — disse a minha mãe, fazendo-me avançar suavemente ao dar-se conta da minha hesitação. Dois anos. Não os via havia praticamente dois anos, e, sem a Claire connosco, nada seria como dantes. Sendo a mais velha, sempre a consideráramos tacitamente a capitã da equipa.

— Meredith! — chamou a Pravika. — Meredith!

Okay, *vamos a isto*, disse para comigo ao ver os outros voltar a cabeça e fixar-se em mim. De repente, fiquei quase constrangida. Fora péssima, mal tornara a dar notícias. Eles tinham mandado mensagens, ligado, contactado no Snapchat e enviado *links* para chamadas no FaceTime, e eu, nada.

Tomando a iniciativa, a Pravika puxou-me para si e deu-me um abraço tão apertado que julguei que me fosse esmagar.

— Lamento tanto, tanto, tanto — sussurrou. — Eu adoro-te, muito, muito.

As lágrimas vieram no mesmo instante.

— Também te adoro — murmurei de volta.

— Livra, Pravika, deixa a miúda respirar — disse o Eli, e, quando ela me soltou e recuou um passo, avançou ele para me abraçar. — Fizeste-me falta.

— E tu a mim — respondi. — Gosto do teu cabelo assim. — O Eli tinha cabelo castanho-claro encaracolado e, desde a última vez que nos víamos, deixara-o crescer, e agora dava-lhe pelos ombros. Para a ocasião, apanhara-o parcialmente numa espécie de carrapito.

Recuando um passo, ele arreganhou um sorriso e prendeu uma madeixa atrás da orelha.

— Obrigado.

— Argh, não. — O Jake abanou a cabeça. — A sério, meu: corta-o *já*.

— Isso são ciúmes — disse a Luli ao irmão. — Lá por tu estares a seguir as pisadas do príncipe William...

Os nossos olhares voltaram-se para o cabelo loiro do Jake. Ainda dava para lhe passarmos a mão e o despentearmos, mas estava mais ralo desde a última vez que o vira. Na família dele, a calvície masculina era quase uma regra.

— Como é, Jake? — atalhei, mudando de assunto. — Dás-me um abraço de boas-vindas ou não?

Faltava a Luli. Ao fim de menos de uma hora na praia, embora tivesse abusado do protetor solar, o Jake parecia uma lagosta, mas a irmã adotiva nascera na América Central e bronzeava-se como se tivesse nascido para viver à beira-mar. Não avançou para me abraçar. Apenas disse:

— É bom ver-te, Meredith.

— Digo o mesmo — respondi, engolindo a custo. Tornei a lembrar-me das minhas mensagens a que não respondera. Estaria ela a pensar no mesmo?

Fiquei com um nó no estômago.

Eu diria que sim, respondi a mim mesma.

Após um instante de silêncio constrangido, a Pravika sugeriu comermos. A Sarah e o Michael ainda não tinham chegado, mas familiares, damas de honor, amigos do noivo e restantes convidados iam-se enfileirando, por isso, encaminhámo-nos para a casa e juntámo-nos a eles. O meu pai e o tio Brad estavam de serviço ao grelhador e a conversa dos dois já ia animada. Mais adiante na fila estavam a minha mãe, a tia Julia e a tia Rachel.

— Agora senti! — exclamou a minha mãe, com a mão na enorme barriga de grávida da tia Rachel. — Foi um pontapé valente!

Enquanto esperávamos, voltei-me para admirar a Casa da Lanterna. Revestida de ripas brancas e com grandes janelas salientes, era lindíssima. As minúsculas águas-furtadas tinham sido convertidas em escritório e, quando alguém lá ficava até tarde e acendia a luz, lembravam uma lanterna. A porta que dava para o terraço lateral batia repetidamente porque a tia Christine não parava de entrar e sair com mais salada de batata ou mais sumos para a pequenada.

— Queres ajuda, Christine? — perguntou-lhe a avó Biju, sem se levantar da cadeira *Adirondack*. Havia-as em todas as casas da Quinta. Na Casa da Lanterna, eram amarelas.

— Não, não — recusou a tia Christine. — Deixe-se estar, avó. Tenho a situação controlada. — Suspirou. — Agora, era preciso que a Sarah e o Michael aparecessem.

No mesmo instante, ergueu-se um coro entusiástico. A noiva e o noivo acabavam de chegar de mãos dadas. A Sarah continuava descalça, mas mudara de roupa: para o churrasco, optara por um sofisticado vestido azul. Não se maquilhara, mas tinha as faces

rosadas do sol. Tal como o Michael, trazia o cabelo molhado e revoltado. Possivelmente, tinham estado na praia e perdido a noção das horas — a Sarah nunca fora conhecida pela pontualidade.

— Olá, pessoal! — exclamou, não dando tempo à mãe de lhe ralhar pelo atraso. Sorridente, acenou a todos. — Podemos juntar-nos à festa?

Era ótimo estar de novo com os meus amigos. Fizemos os pratos, reapossámo-nos da mesa de piquenique e continuámos ali sentados muito depois de terminar os hambúrgueres.

— Querem saber a melhor? — perguntou o Eli, depois de a Pravika nos confessar que o trabalho de verão no Murdick's Fudge a estava a deixar completamente viciada nos famosos quadradinhos de caramelo mole.

— Conta — pedimos em coro.

— Hoje vi-o — revelou o Eli, quase eufórico. — Na vila.

Fui a única que não deixou escapar um queixume.

— Espera... hã? — Voltei-me para o Eli. — Quem é *ele*? Há um *ele*?

— Não há «ele» nenhum — antecipou-se a Luli, sem lhe dar tempo de responder. Abanando a cabeça, explicou: — O Eli viu-o de passagem umas quantas vezes em Edgartown e convenceu-se de que estão destinados a ficar juntos, por isso, anda armado em *stalker*.

— Ah-ah. — O Eli revirou os olhos. — Eu *não* o ando a perseguir.

— Então como sabes que ele dá cursos de vela no clube náutico?

— No clube náutico?! — exclamei. — Que fino!

— Sei porque o vi de corta-vento! — protestou o Eli. — Não me pus de plantão na marina a vê-lo dar aulas!

— Hum, curioso — replicou o Jake, sarcástico. — Lembro-me de achar que os alunos dele não se estavam a sair mal.

O Eli escondeu a cara nas mãos e deixou-nos rir.

Dei-lhe uma cotovelada.

— Conta lá, onde foi que o viste hoje?

— Foi à livraria. — Suspirou. — Ou seja, gosta de ler, e namorado meu tem de ser bom leitor.

— E não entraste também? Porquê?

— Porque... — O Eli hesitou, depois tornou a suspirar e baixou os olhos para o prato vazio. — Sabes perfeitamente que não ia saber o que lhe dizer.

— Por amor de Deus. — A Luli apanhou os cabelos numa imitação nada subtil do carrapito do Eli. — *Olá, eu sou o Eli. No outro dia vi-te no clube náutico e acho que és tudo, por isso, ando a seguir-te.*

— *Okay, okay.* — O Eli estava tão vermelho que julguei que a cara dele ia pegar fogo. — Para lá com isso.

A Luli afagou-lhe carinhosamente o braço, depois voltou-se para mim.

— E tu, Meredith? — perguntou.

— Eu o quê? — perguntei de volta. A tensão entre as duas estava de cortar à faca.

— Bem, soubemos que o Ben te deu com os pés — explicou ela sem rodeios, tão casual que me deixou com as faces a esquentar, tal qual o Eli. — Ou seja, vieste sozinha. — Inclinou a cabeça. — Vais arranjar algum para perseguir?

— Eu *não* o ando a perseguir! — indignou-se o Eli.

Os outros desataram a rir e eu esforcei-me ao máximo para manter um tom normal.

— Não — respondi. — Não me parece.

— Porquê? — admirou-se a Pravika. — Toda a gente se enrola com alguém nos casamentos. — Indicou o relvado, onde um grupo de rapazes começara uma partida de *cornhole*. — Qualquer um deles é perfeito para andares durante esta semana.

— Talvez — admiti. — Mas não estou à procura de ninguém para me ajudar a esquecer ninguém. — Obriguei-me a não pensar no Ben. — Vim para o casamento da Sarah e do Michael e para estar com a minha família. — Calei-me momentaneamente. Pela milionésima vez, desejei que a Claire estivesse ao meu lado. — E com vocês — acrescentei.

— Vim para estar com vocês, com amigos e família. — Para os fazer rir, sacudi o dedo como a tia Christine. — Portanto, ninguém vai andar com ninguém!

Quando nos levantámos da mesa, apesar de todas as brincadeiras e gargalhadas, continuava a sentir o distanciamento da Luli. O Eli e o Jake foram juntar-se ao jogo de *cornhole*, a Pravika quis ver de perto o anel de noivado da Sarah e a Luli foi falar a outra amiga, que estava com o namorado, os dois de braço dado. *Devia ser eu com o Ben*, pensei, depois disse a mim mesma para parar com os amuos. A Sarah ia casar-se e eu tinha vindo para me divertir!

Mas sentia que, antes disso, teria de pedir desculpa à Luli. Nos últimos dezoito meses, o nome dela fora o que mais vezes aparecera no ecrã do meu telemóvel, e eu ignorara-a de todas as vezes. Porquê? Porque, se não estava a trabalhar na *bagel shop* de Clinton, estava com o Ben. Depois do acidente, precisara dele ainda mais, e o tempo que passava com os meus amigos reduzira-se a um almoço de vez em quando. Adorávamos juntar-nos antes das festas para nos arranjarmos, ou para beber e chegar alegres, mas dera por mim a fugir a tudo isso. «Uau, Meredith», dissera uma amiga da escola numa das festas, enquanto eu lhe segurava o cabelo. Embora bêbada e inclinada para a sanita, dera uma gargalhada. «Não passávamos tanto tempo juntas há *milénios*.»

Amanhã, disse para comigo ao ver a Luli sorrir e apertar a mão do namorado da amiga. *Pedes desculpa amanhã, por não a teres deixado ajudar-te e por teres desaparecido.*

Entretanto, tinha a barriga a dar horas, por isso levantei-me e fui até ao bufete. Precisava de uma sobremesa. Uma missão complicada, porque havia ali *montes* de gente. A ideia da Sarah e do Michael fora um casamento intimista, mas estavam ali cem convidados, pelo menos.

— Meredith! — A tia Julia deu-me um abraço. Depois, conheci a mãe e a irmã mais velha do Michael, que segurava ao colo um menino com umas bochechas gorduchas e adoráveis. Nesse momento, o Ethan e a Hannah chegaram com mais duas ou três crianças e fizeram-me cair no relvado. Amontoámo-nos às cócegas e pouco me importou sujar a roupa

ou estragar o penteado.

— Crianças! — ralhou a tia Rachel do terraço. — Já chega!

Sacudi-me, depois tentei contornar sorrateiramente as damas de honor reunidas em círculo, mas fui travada.

— És a Meredith? — perguntou a sorridente rapariga afro-americana que me segurara o braço. Tinha os dentes mais brancos e cintilantes que eu já vira. Reconheci-a: vira-a no Instagram da Sarah. Era a Danielle, madrinha de casamento da minha prima. — És a irmã da Claire?

A irmã da Claire.

— Sim — respondi. — Sou eu. — Percebi que estava a sorrir. Era bom ser tratada assim. Embora eu fosse um ano mais nova, no secundário, a Claire era a «irmã da Meredith». Sempre fora tímida e calada e fechava-se em casa a estudar, enquanto eu ia aos jogos e às festas e conhecia toda a gente. A minha irmã chegou a dizer-me para concorrer a presidente dos Delegados de Turma, mas acabei por não fazer isso. Não queria ganhar: já não lhe podia ligar a dar a novidade.

A Danielle afagou-me o braço.

— A Claire era impecável — disse com brandura. — Algumas de nós conhecemo-la quando ela esteve em Nova Orleães. — Abanou a cabeça. — Era cheia de alegria.

— Sim — concordei, e abri um sorriso, embora os meus olhos se enchessem de lágrimas. — Era mesmo. — Esforcei-me por não chorar, porque a Claire sempre fora alegre e cheia de vida... sobretudo em Martha's Vineyard. «Não há outro lugar onde me sinta tão feliz», dizia. As três semanas de férias nunca lhe chegavam. Lembrei-me da sua promessa: «Hei de viver aqui. No fim do primeiro ano do curso, arranjo um trabalho e passo o verão na ilha.»

Agradava-me pensar que ela teria ido trabalhar na Edgartown Books, ou talvez na Bunch of Grapes Bookstore em Vineyard Haven. A minha irmã não ia a lado nenhum sem levar um livro e fizera-me ganhar esse hábito.

Alguém nas minhas costas chamou pela Danielle e aproveitei para me escapulir, porque o meu estômago estava a *exigir* a sobremesa.

As famosas sandes de gelado da tia Christine esperavam por mim numa geleira de campismo junto do bufete. Suspirei ao vê-las: bolachas com pepitas de chocolate, do tamanho da minha mão, com uma bola de gelado. Distribuídos por caixas forradas com papel encerado, os vários sabores — chocolate, baunilha, menta e tarte de natas e banana, entre outros — estavam identificados com etiquetas. Reconheci a letra bonita da minha tia.

Servi-me de três variedades: menta com lascas de chocolate, caramelo salgado e mel de lavanda. Os meus avós continuavam nas cadeiras *Adirondack*. O avô Pisco enlaçara a cintura da avó Biju. Ataquei a primeira sandes com demasiada voracidade e a dor nos dentes foi enorme, mas valeu a pena. Quando passou, fui ter com eles. Com sorte, conseguiria sacar-lhes informação sobre a surpresa que a minha prima ia anunciar durante o churrasco.

Quando cheguei junto deles, tinham-se posto na conversa com um homem, mas não vi quem era por estar de costas para mim.

— Chama-me Pisco — dizia o meu avô. — E aqui a minha noiva é a Biju.

Sorri e dei outra dentada na sandes. Os meus avós eram casados havia mais de cinquenta anos, mas ele apresentava-a sempre como sua noiva. «E eu hei de fazer o mesmo com *ele*», lembrei-me subitamente de dizer à Claire anos antes. Estávamos na Quinta, espremidas numa cadeira *Adirondack*. «Hei de dizer sempre “Este é o meu noivo” e não “Este é o meu marido”.»

A minha irmã rira.

«E como se chama ele? Esse *noivo*?»

«Achas que eu sei?», replicara eu. «Ainda não o conheci.»

«Stephen!», exclamara ela, e desmanchara-se. «Vai chamar-se Stephen!»

«Stephen?»

«Isso mesmo: Stephen.»

Fingi ponderar a sugestão, depois fiz-lhe cócegas até ela me suplicar que parasse.

Nesse verão, a Sarah dera-nos a conhecer os primeiros álbuns da Taylor Swift. Havia uma canção com esse nome e eu tocara-a de manhã à noite. Até a cantava no duche. Adorava-a. Naquele momento, trauteei-a baixinho como se ainda a ouvisse todos os dias.

A avó Biju viu-me ali e abriu um sorriso. Fez-me sinal para me aproximar. As sandes de gelado começavam a derreter-se nas minhas mãos.

— Chega aqui, querida!

— Olá — saudei, e, quando o homem-mistério se voltou, tive de me obrigar a avançar e sorrir simpaticamente, porque o meu impulso foi rodar nos calcanhares e sair dali a correr, como fizera nessa tarde no *ferry*. Estremeci ao ver a pisadura na maçã do rosto: começava abaixo do olho e chegava à cana do nariz. «Au!», dissera ele ao levar o pontapé.

Naquele momento, disse o mesmo para comigo: *Au*.

Disse para comigo que ele não me reconhecera, que era *impossível* reconhecer-me. Quando acontecera, eu estava de boné e óculos escuros. Estava disfarçada.

— Este é o Wit — apresentou-nos a avó Biju. — É irmão do Michael e vai acompanhá-lo na cerimónia.

Irmão?, pensei. Ele não se parecia nada com o Michael. Era delgado, tinha menos de um metro e oitenta e era ruivo. E precisava de um pente.

— Meio-irmão. — Ao ouvi-lo, não detetei sotaque sulista. — Bem, em rigor, somos irmãos por afinidade.

— Ah. — Assenti. — Percebo.

— A mãe dele casou-se com o meu pai quando eu tinha dezasseis anos — explicou o Wit. — Sou do Vermont.

— Aquilo lá é gelado, não é? — comentei, muito a propósito, porque eu própria tinha uma sandes de gelado em cada mão. De certeza que parecia uma criancinha. Constrangida, escondi as mãos atrás das costas. Talvez conseguisse largá-las subtilmente.

— Gelado? — Ele inclinou a cabeça e fitou-me. — Não és do norte de Nova Iorque?

Fiquei desconfiada.

— Como soubeste isso?

Ele indicou os meus avós, que tinham saído dali de fininho a caminho do terraço, onde a Sarah e o Michael cochichavam. *A surpresa*, lembrei-me. *Quando farão o anúncio?*

— Que mais te contaram eles? — perguntei, embora não quisesse soar tão ríspida. Ele era algum agente no terreno ou coisa parecida? Eu adorava a minha avó, mas imaginava-a perfeitamente a contar-lhe toda a história com o Ben.

— Tenha calma, senhora polícia — disse ele, de mãos no ar. — Contaram-me pouco. Sei que és a Meredith Fox, tens dezoito anos e no outono comesas o primeiro ano no Hamilton College. Como vês, apenas o básico. — Sorriu. — Não te importas, pois não?

Sem responder, voltei-me para não estarmos frente a frente. Assustei-me ligeiramente ao sentir borboletas no estômago. Nunca me acontecera. O Wit tinha um sorriso de esguelha que nos fazia sorrir de volta, e aqueles olhos... Abstraindo-nos daquela pisadura assustadora, ele tinha um olhar como os descritos nos livros de fantasia que eu e a Claire adorávamos. Olhos daquela cor eram típicos de desconhecidos sedutores em quem não sabíamos se podíamos confiar, mas com quem nos víamos obrigadas a partilhar uma cama por uma razão qualquer enquanto andávamos em busca de uma coisa qualquer, e acabávamos por nos apaixonar tão perdidamente que não hesitaríamos em dar a vida um pelo outro. Basicamente, ele tinha olhos de uma cor que não deveria existir no mundo real: azul-turquesa-escuro com halos dourados.

A sério, Claire, disse em pensamento. *Os olhos dele são azul-turquesa-escuros!*

— Que idade tens? — perguntei, cruzando os braços.

— Dezanove — respondeu o Wit, cruzando os dele. Parecia que estávamos à beira de

um duelo.

Ou estaria ele a imitar-me para me arreliar?

— E andas na universidade?

Um assentimento.

— Terminei agora o primeiro ano em Tulane.

— Bolas, qual é o mel dessa universidade? — resmunguei. Parecia que toda a gente estudava lá: a Sarah, o Michael, o Wit e até a minha irmã, se não tivesse acontecido o que aconteceu.

— Hã? — perguntou ele. — Não ouvi.

— Hum, nada, esquece. — Senti formigueiros na nuca. — Parece que toda a gente adora esse lugar.

Ele calou-se momentaneamente.

— A maioria acha aquilo a universidade perfeita. — Mergulhou os dedos nos cabelos.

— Mas depende, acho eu...

Foi interrompido por uma voz animada:

— Pessoal! — Era a Sarah. Voltámo-nos e vimo-la de pé num banco de madeira no terraço. O Michael estava ao seu lado, mas não subira para o banco. — Queiram aproximarem-se, por favor.

Os convidados encaminharam-se para lá e rodearam-nos como se os dois estivessem num palco. Não fiz por ficar ao lado do Wit, nem ele tentou ficar ao meu lado. Acabei por me enfiar entre o Eli e a Pravika. A Luli e o Jake também ali estavam.

— Quem era aquele tipo na conversa contigo? — sondou a Pravika.

— Ninguém — respondi. — É amigo do noivo.

— É meio-irmão do Michael — disse o Eli ao mesmo tempo. Já se informara, claro. — À vinda, levou porrada no *ferry*. — Abafou o riso. — Não viram a cara dele? Tem um lado roxo! — Deu-me um toque com o cotovelo. — Ele contou-te quem foi?

— Não sabe — respondi atrapalhada, rezando para que fosse verdade. Sentia o pescoço a esquentar. — Parece que o agressor estava de óculos escuros.

Eles pareceram satisfeitos com a explicação e os nossos olhares voltaram-se para a Sarah.

— Eu e o Michael estamos muito felizes por estarem connosco durante esta semana — começou ela —, para celebrar a família, os amigos e o nosso casamento. — Riu quando a sua frase de abertura foi recebida com um aplauso, mas, de seguida, a tristeza ensombrou-lhe o rosto. — Falta-nos alguém muito especial que não pôde estar connosco. A minha prima Claire. — A voz fraquejou-lhe e o Michael deu-lhe a mão.

Senti alguém fazer o mesmo comigo.

— Calma, respira fundo — murmurou o Eli.

Assenti e apertei a mão dele com muita força.

— Para mim e para o Michael, não se trata simplesmente da *nostra* semana — continuou a Sarah. — Também estamos a homenagear a Claire. — Sorriu, ou, pelo menos, tentou. — E acho que falo em nome da família Fox quando digo que há uma única maneira de fazer isto.

Espera, disse para comigo, de coração acelerado. *Ela está a falar de quê?*

— Lembram-se dos convites? — prosseguiu o Michael, depois de trocar um aceno quase

imperceptível com a minha prima. — Aquele questionário de cruzinhas com todas aquelas perguntas chatas?

— A última não era! — protestou a Sarah, dando-lhe uma palmadinha carinhosa no peito. — Achei que soava intrigante! — Sorria literalmente de orelha a orelha. — Alguém se lembra da pergunta?

Ninguém se acusou: as respostas tinham sido enviadas havia meses. Sufoquei uma exclamação. Lembrara-me. Alinhas no jogo?, lia-se no cartão debruado por um filete prateado, e eu respondera sim sem pensar mais no assunto. Nem eu nem os meus pais percebêramos a pergunta, mas eu não queria ser excluída de nada. Decidira que estaria a cem por cento no casamento.

— O Assassino — murmurei para comigo ao mesmo tempo que a Sarah revelava o jogo aos convidados. Sem saber, todos aceitáramos jogar ao Assassino. Sem saber, *eu* aceitara jogar ao Assassino.

Fiquei de coração pesado. Era tradição na Quinta de Paqua. No verão, todos alinhavam no jogo do Assassino. O campo era a Quinta, cada um tinha a sua bisnaga e o objetivo era ser o único sobrevivente. Tínhamos um primeiro alvo e, despachada a vítima, herdava-se a sua vítima. Durante as duas semanas que o jogo durava, a paranoia batia recordes. Hesitávamos em juntar-nos para passeios de caiaque, alguns escondiam-se nas dunas para espiar os alvos e forjavam-se alianças secretas. Era o máximo e não faltavam episódios divertidos recordados anos depois.

— Eu e o Michael não vamos jogar — disse a Sarah, e, na brincadeira, ele fez beicinho. — Temos muita coisa para tratar. — Espetou-lhe o indicador na bochecha como se estivesse a rebentar um balão. — Mas estamos desejosos de vos ver baterem-se como heróis. A Claire ficaria orgulhosa!

A minha irmã ganhara o título indisputado de rainha dos assassinos. Ninguém se aproximara dela em vitórias. Levava o jogo tão a sério que tinha uma coleção de armas: uma bisnaga, uma *Super Soaker* e outra que se prendia nas costas tipo propulsor a jato, com esguicho de alta pressão e sistema de múltiplas agulhetas — o canhão, chamava-lhe ela.

A Sarah e o Michael deixaram as explicações para o Alto Comissariado Assassino: o avô Pisco e a avó Bijú. *Claro*, disse para comigo. *Daí eles já saberem*. Ao contrário de mim, que não sabia se queria jogar.

Retirados da competição havia anos, os meus avós supervisionavam o jogo na qualidade de juizes. Faziam a distribuição inicial de alvos e os jogadores comunicavam-lhes cada vítima eliminada. Contestações? Litígios? Cabia-lhes a palavra final.

— Atenção, jogadores estreados: há apenas três regras — disse a avó Bijú, erguendo três dedos. — A primeira: todos estão em jogo vinte e quatro horas por dia.

— Vinte e quatro horas por dia?! — assustou-se alguém. — E dormimos quando?! Como se esperaria, os meus avós ignoraram o comentário.

— Regra número dois — prosseguiu o avô Pisco. — O jogo decorre apenas no exterior. A irmã do Michael pôs a mão no ar e o meu avô deu-lhe a palavra.

— Podem ser mais específicos? — pediu ela. — Os alpendres são espaços interiores ou exteriores? E os terraços? E os pátios?

— No mínimo, têm de estar a três metros da porta mais próxima — esclareceu o avô

Pisco, com um sorriso de diabrete.

— Regra número três — terminou a avó Biju, com a mesma expressão diabólica. Os dois adoravam o Assassino. — Nada que façam no âmbito do jogo deverá interferir nas atividades do casamento.

— Protesto! — contestou a Sarah.

— Absolutamente *nada* — venceu a tia Christine ao mesmo tempo.

A risota foi geral.

Nessa noite, incapaz de dormir, recordei as razias icônicas da Claire. Ouvia o meu pai ressonar, o *Loki* gemia uma vez por outra, e, na cozinha, a torneira do lava-louça pingava, mas nada disso me tirava o sono. Estava habituada a cada um desses sons.

O problema era estar naquele quarto sem a minha irmã. Sempre o acháramos minúsculo para duas pessoas, mas, agora que estava ali sozinha, parecia-me gigante... e *solitário*.

— Claire — murmurei, e, na ausência de resposta, afastei a colcha e desci do beliche.

— Meredith? — chamou a minha mãe do quarto do lado. Acordara-a ao pisar uma tábua que rangia. — És tu?

— Vou à casa de banho — sussurrei. Calcei uns chinelos de praia e vesti uma camisola com capuz: em Martha's Vineyard, a temperatura descia a pique durante a noite. Em vez de sair para as traseiras e continuar pelo meio das árvores até à casinha, liguei a lanterna do telemóvel e saí pé ante pé pela porta da frente.

Não sabia aonde ia. Apenas queria dar um passeio. A brisa noturna cheirava a maresia. Enchi os pulmões, deixei a cabeça pender para trás e contemplei as estrelas. Talvez nunca tivessem brilhado tanto como naquela noite.

Posso ir até à Casa Grande, ocorreu-me. *E se dormisse na rede da avó Biju?* Não sobrava uma cama livre em toda a Quinta, exceto a da Claire. A família do Jake e da Luli cedera a Casa da Charneca aos Duprés — os pais estavam no Pavilhão com a tia Julia e a tia Rachel, e o Jake e a Luli tinham ido acampar com a Pravika, o Eli e outros primos e amigos. Estavam no Condomínio do *Nylon* — assim o batizara o Eli. Felizmente, ninguém se lembrara de pedir para dormir na cama da Claire.

Meti-me pelas estradas arenosas, de lanterna apontada ao chão, não fosse andar por ali alguma criatura noturna. Nunca me acontecera nada, mas a Quinta *inteira* ouvira a Sarah gritar pela vida numa vez em que se cruzara com uma doninha ao regressar da praia, onde estivera à volta da fogueira com os irmãos.

Passados minutos, ouvi um ruído. *São as árvores*, disse para comigo, mas não: as conchas partidas que havia pelo chão denunciavam os passos de alguém que se aproximava. Acelerei, mas continuava sem perceber de que lado vinha. Apenas sabia que, homem ou mulher, vinha na *minha* direção.

Julguei que o meu coração me fosse ensurdecer. Nunca sentira *medo* na Quinta e não sabia como reagir. Pensei em gritar, mas parecia que me tinham cosido a boca. Considerei correr no escuro e as doninhas que se lixassem, mas as pernas não me obedeciam.

Parei abruptamente, engoli em seco, e, num tom ameaçador, ou assim esperava, avisei:

— Tenho uma faca.

— Não me digas — respondeu uma voz masculina. Sabia que já a ouvira, mas falara com tanta gente durante o dia que não fui capaz de a identificar. — A sério que tens uma faca?

— Acredita que sim — menti.

— De que tipo?

— Estilo canivete suíço — respondi, lembrando-me de um documentário sobre a empresa suíça que os fabricava. Eu e o Ben tínhamo-lo visto na Netflix. Não era romântico e não sabia dizer como acabáramos a ver aquilo, mas, no fim, achara interessante: o canivete era bastante complexo e o documentário explicava todo o processo de montagem.

— Hum. Um canivete suíço. — O intruso assobiou baixinho. — Estou impressionado.

Não respondi. Ele estava muito perto e tinha uma voz tão melodiosa que quase me enervava mais. Retesei os dedos dos pés. Com quem estaria a falar?

— Ou seja, não te chegou o que me fizeste à tarde — queixou-se ele. — Queres massacar-me a cara *ainda mais*, é isso?

Fui apanhada de surpresa.

Bolas.

O Wit materializou-se à minha frente. A face magoada refletia o brilho das estrelas. Era bem possível que isso o favorecesse, mas não tinha a certeza.

— Ah, hum. — Fiquei sem saber o que fazer. — Tu, hum, viste que era, hum, eu?

— Sim.

Fiz uma careta.

— Como?

— O boné e os óculos escuros só resultam nas séries, Matadora.

— Desculpa — balbuciei. — Foi sem querer. Eu não estava a olhar. — Suspirei. — Eu tinha estado ao telefone com...

— O «imbecil do teu ex» — terminou o Wit, tornando a mostrar-me o sorriso de esquelha. — Estou a citar corretamente?

— Também ouviste essa parte?

Silêncio.

— Estupendo — resmunguei. Senti formigueiros, em parte, de embaraço, mas, também, por ele continuar a sorrir. Era a combinação: o sorriso, o cabelo louro-arruivado a cair-lhe para a testa e a precisar de um pente, e a camisola com capuz tão puída como a minha. E ali estavam outra vez as incómodas borboletas no estômago. — O que fazes aqui? — perguntei, na esperança de que isso pusesse fim ao desconforto.

Ele encolheu os ombros.

— Apeteceu-me explorar o território.

— A meio da noite?

— Iá, quis ver as estrelas. Na cidade há tanta luz que não se consegue. — Calou-se momentaneamente. — Além disso, já não aguentava ouvir o padrinho e a madrinha no quarto do lado.

— *Argb* — resmunguei. — A sério?

— Iá — confirmou ele, com um assentimento. — Já sabes como é o pessoal nos casamentos.

— Sim. — Assenti, recordando o que a Pravika dissera nessa tarde: «Qualquer um deles é perfeito para andares durante esta semana.»

Não estou aqui para isso, disse a mim mesma. *Família e amigos. Vim para estar com a família e com os meus amigos.*

A rebentação na praia não me deixou ouvir o que o Wit disse. Não me dera conta de estarmos tão perto das dunas. Apontei a lanterna em diante, fiz-lhe sinal para me seguir e avancei em busca de um sítio onde pudéssemos falar abrigados do barulho. Ouvi-me chinelar na areia e os passos arrastados dele atrás de mim. Fiquei na dúvida: seria por trazer os ténis desapertados, ou era do tipo que não levantava os pés ao andar?

— E *tu*, andas cá fora porquê? — perguntou ele quando nos sentámos. À nossa volta, a vegetação sussurrava, mas estávamos abrigados do vento.

— Ah — murmurei, escondendo as mãos no bolso marsupial da camisola. — Deu-me para pensar.

Calado, ele pôs o capuz. Não seria difícil adivinhar o que me tirara o sono, mas ele não mencionou a Claire, e fiquei-lhe grata por isso.

— O Assassino, certo? — foi o seu palpite, passados instantes. — Estás a preparar-te para amanhã?

— Quem sabe — respondi, sem me comprometer. Ele não tinha de saber da minha relutância em jogar. Não lhe diria que ainda nem abrira o envelope para saber quem era o meu primeiro alvo. Tinham sido deixados nas caixas de correio das várias casas da Quinta não muito antes. meredith fox, dizia o meu, e, no interior, estaria um pequeno cartão laminado com um nome.

— As regras parecem-me bastante simples — comentou o Wit, e anuí. — Já a estratégia... O jogo deve envolver montes de estratégia. O tipo de arma, se jogamos mais à defesa ou mais ao ataque, enfim, tudo isso. — Quando mudou de posição, tocou-me com a perna. As suas calças de pijama listradas roçaram as minhas, que eram às florzinhas. Teria sido de propósito? — E há as alianças — continuou ele. Sob o tecido fino das calças, fiquei arrepiada. — Aposto que montes de pessoal forma alianças.

Continuei calada. Já percebera onde ele queria chegar. Anunciado o jogo, a Luli criara imediatamente um grupo de *chat*: ela, o Eli, a Pravika, o Jake e eu. Tubing na lagoa das Ostras amanhã, dizia a mensagem. Ao meio-dia. Não digam a ninguém nem convidem ninguém. Temos assuntos a discutir.

Portanto, quisesse ou não quisesse, entrara numa aliança.

O Wit aguardou um instante.

— Imagino que já tenhas aliados — arriscou. — Veterana experiente que és nestas andanças...

— Não diria que sou «experiente» — interrompi, voltando-me para ele. Desta vez, foram os nossos joelhos a roçar. — O máximo que me aguentei em jogo foram cinco dias, que passei quase sempre escondida. Depois, o meu primo Peter seguiu-me até ao antigo pátio dos tratores e não consegui refugiar-me no celeiro a tempo. — Encolhi os ombros. — Jogo sempre à defesa.

— A sério? — admirou-se o Wit. — Julguei que fosse o oposto.

Saiu-me um riso que mais pareceu um resmungo.

— Porquê?

Ele deu uma gargalhada. Era melodiosa, como a voz.

— Talvez por me teres ameaçado com uma faca, não?

— Quem te manda aparecer de surpresa?! — defendi-me, atrapalhada. Senti-me corar.

— Devias ter-te anunciado!

— *Okay*, certo, devia ter dito que era eu — reconheceu ele —, mas, voltando à história dos aliados...

— Já tenho e não os posso trair — avisei. Dedicar-me aos meus amigos durante aquela semana incluía ser-lhes leal. Se a Luli precisava da minha ajuda para atrair o seu alvo a uma cilada, ajudá-la-ia. Ficara mais de um ano sem dar notícias, ignorara as mensagens preocupadas dos meus amigos e todas as suas tentativas de contacto, e, ainda assim, eles pareciam dispostos a perdoar e seguir em frente. Não faria nada que pusesse isso em causa.

— Não te ia pedir que os traíesses — assegurou o Wit. — Mas pensei que talvez... — Deu um piparote na areia, fazendo de propósito para me acertar. Fiz-lhe o mesmo. — Pensei que podias estar interessada num pacto comigo.

Arrebitei a orelha.

Um pacto?

— Pensa só — continuou ele. — Acho que nos podemos ajudar. Tu és da família da noiva; eu, da do noivo. Conheces montes de gente que eu não conheço e vice-versa.

Fiquei com um nó na garganta. Acabava de me dar conta de que o Wit abordava o Assassino exatamente da mesma maneira que a Claire: era astuto, jogava ao ataque e começava de imediato a planear uma estratégia. Não o imaginava minimamente a correr a Quinta à procura de um bom esconderijo.

— Ou seja, em vez de andares por aí a cuscar e a perguntar a toda a gente mais a mãe quem é a filha do tio do Michael, vinhas ter diretamente comigo — continuou ele.

— E tu, em vez de teres de seguir a terceira mulher do irmão da minha avó — disse eu, começando a entusiasmar-me com a ideia —, vinhas ter comigo e eu dava-te o horário completo dela, e até te dizia qual o seu estúdio de Pilates favorito em Vineyard Haven.

— Exato — replicou o Wit. — A informação ficaria apenas para nós, para não haver rumores de traição. Nem um nem outro poderia avisar ninguém. — Encheu os pulmões.

— Que dizes?

O meu entusiasmo era cada vez maior.

— Acho brilhante.

— Perfeito. — Abrindo um sorriso, ele estendeu a mão. — Selamos o pacto?

— Espera. — As nossas mãos pararam a milímetros uma da outra. O calor da pele dele quase me queimava. — Só mais uma coisa.

— Chuta.

— Se algum ouvir alguma coisa que envolva o outro, avisa-o.

O Wit refletiu momentaneamente, depois assentiu.

— *Okay*.

Assenti também.

— *Okay*.

Selámos o pacto com um aperto de mão.

Antes de regressar ao Anexo, fui até ao carvalho antigo no fundo do relvado. Passei os dedos pelas marcas no tronco. Verão após verão, a Claire fazia-as com um machado, assinalando mais uma vitória.

— Vou ganhar — murmurei, tocando a última marca no tronco do carvalho. — É certinho.

SEGUNDA-FEIRA

Acordei com o nascer do sol. Dormira no sofá do Anexo, com a cara numa velha almofada bordada e as pernas encolhidas num ângulo desconfortável e quase doloroso. *Não vou voltar para o beliche*, decidira, depois de desejar boa-noite ao Wit. *Não consigo dormir no quarto sem ela*.

Deitado na sua cama, que puséramos junto à parede, o *Loki* observava-me. O dia mal raiara, mas ele estava a postos para o começar.

— *Okay, okay* — resmunguei, depois de esfregar os olhos e de me espreguiçar. — Vamos lá tratar do teu pequeno-almoço.

Ele levantou-se de um salto e seguiu-me até à cozinha. Medi uma chávena grande de ração seca e despejei-lha na tigela, depois agarrei numa banana. Comecei a descascá-la e, quando olhei, vi que o *Loki* já devorara a comida. Abri-lhe a porta das traseiras e ele saiu disparado e desapareceu por entre as árvores. Na Quinta, todos os cães faziam o mesmo: depois de lhes darmos o pequeno-almoço, desapareciam até à hora do jantar, quando não voltavam mais tarde do que isso.

Àquela hora da manhã, seria normal eu voltar para a cama, mas não era uma manhã como as outras. Nesse dia, começava o jogo. Sem fazer barulho, para não acordar os meus pais, fui ao quarto e troquei o pijama pelo uniforme que eu e a Claire usávamos em Martha's Vineyard: biquíni, calções de ganga cortados e uma camisa larga. Em vez dos chinelos de praia, calcei uns ténis. Saí para as traseiras e apertei os atacadores no degrau. Nunca se sabia: talvez tivesse de correr para salvar a pele.

Depois de uma visita rápida à casinha, fui espreitar o barracão. Juntamente com bicicletas, redes para apanhar caranguejo, pranchas de *bodyboard*, caixas de ferramentas e outras coisas assim, estava ali o arsenal da Claire: a bisnaga, a *Super Soaker* e o canhão tipo propulsor a jato com esguicho de alta pressão. Um jogador devia ter a sua arma e, felizmente, a Claire guardara as suas na Quinta. Uma vez que ninguém fora avisado de que haveria o jogo do Assassino, cada casa fora contemplada com um cesto de bisnagas, com os cumprimentos dos noivos. Na noite anterior, o Wit dissera-me que a sua era cor-de-rosa e que «não ia dar». «A Amazon entrega depressa», respondera eu, julgando que ele estava com ideias de comprar uma arma na Internet, «mas não sei se ta trazem aqui com *tanta* rapidez.»

«Nada disso, nada disso.» Ele abanara a cabeça. «Não preciso do Jeff Bezos para resolver o problema. Já tenho uma solução.»

Evidentemente, já abrira o seu envelope, e, de regresso ao Anexo, fiz figas ao abrir apressadamente o meu. Só esperava não ter cometido um grande erro ao adiar. E se perdera uma boa oportunidade de me informar sobre a minha vítima? O Wit e eu não trocámos números de telemóvel, portanto, não lhe poderia enviar uma mensagem.

Tive sorte. Conhecia o meu primeiro alvo e, melhor do que isso, conhecia-lhe os *hábitos*. Rachel Epstein-Fox, dizia o meu cartão laminado. Sorri para comigo. Quem não sabia que

a tia Rachel acordava de madrugada para meditar no pátio do Pavilhão? No Assassino, os convidados da noiva não eram adversários dos convidados do noivo: era cada um por si e Deus por todos.

Tornando a passar os olhos pelo arsenal da Claire, optei pela bisnaga. A *Super Soaker* sempre fora a sua favorita: amiga de intimidar, a minha irmã usava-a a tiracolo vinte e quatro horas por dia e punha toda a gente paranoica. Quem avistasse a combinação de laranja-néon e verde-elétrico sabia que o melhor era pôr-se a salvo.

Não, disse para comigo. Não me imaginava a andar pela Quinta com aquela fera. A *Super Soaker não é para mim*.

Fechei o barracão e fui encher a bisnaga no duche do Anexo. Escondi-a atrás nos calções e pus-me a caminho como se estivesse a dar um passeio matinal. O Pavilhão ficava ao fundo da estrada, do lado oposto da Cabina. Perguntei-me se veria a Danielle deixar o quarto do padrinho do noivo. Iria surpreender a madrinha da noiva em plena marcha da vergonha? Ou era demasiado cedo? O sol começava a subir. Se queria surpreender a tia Rachel durante a meditação, tinha de me despachar.

Logo que apertei o passo, ouvi o meu nome.

— Meredith! — Voltei-me. Era o Michael na sua corrida matinal. Estava de tronco nu, para exhibir os abdominais perfeitos. Reluzia tanto da transpiração que só ao fim de um instante me dei conta de que vinha acompanhado. Os dois abrandaram e pararam à minha frente a correr sem sair do sítio. — É um bocado cedo para ti, não? — perguntou ele, com um sorriso intrigado. Todos na Quinta sabiam que eu era dorminhoca.

De mão na anca, fiz-me de irritada.

— As pessoas *mudam*, Michael. Ou já não se pode?

Ele riu-se.

— Já agora, apresento-te o meu meio-irmão — disse, aceitando a garrafa de treino que o parceiro de *jogging* acabava de lhe estender. Molhou a cara para se refrescar. — Não sei se ontem se conheceram.

— Conhecemo-nos, sim — antecipou-se o Wit. De *T-shirt* branca, parecia franzino ao lado do irmão, que tinha mais de um metro e noventa. Mas não: quando aceitou a garrafa de volta, vi que tinha uns braços musculados. Era atlético como o Michael, apenas de outra maneira. Se bem me recordava, ao regressarmos por volta das duas da manhã, ouvira-o mencionar pistas de esqui e rocódromos. — Aliás, fiquei bastante bem impressionado com a Meredith — acrescentou ele, indicando a equimose na face. — Acho que vai ser o próximo Picasso.

O Michael ficou de queixo caído.

Lancei um olhar fulminante ao Wit.

Ele abriu um sorriso dengoso.

— Porquê, Mer? — perguntou o Michael, horrorizado. — Diz-me só: porquê? A mãe da Sarah anda a dizer que é melhor ele não aparecer nas fotos do casamento!

— Não foi de propósito — defendi-me, olhando por cima do ombro; tinha mesmo de me despachar. — E de certeza que a cara dele não vai estar assim no dia do casamento.

Segui o meu caminho, mas o Wit veio atrás de mim.

— Espera um segundo — sussurrou. Senti o bafo quente na minha orelha. — Esconde a

— Senti um arrepio descer-me pelas costas quando ele me ajeitou a fralda da camisa.
— Senão, lá se vai o efeito surpresa.
— Obrigada — sussurrei de volta. — Já não me sobra muito tempo. Tenho de ir.
Ao afastarmo-nos, vi o Michael de sobranceira arrebitada, como se nos tivesse surpreendido aos beijos ou algo assim. Olhou para mim, para o irmão e novamente para mim.

Com o coração acelerado, decidi não lhe dar explicações.

— Boa corrida, Duprés. Vemo-nos mais logo!

O Wit respondeu-me com um esguicho de água. Tentei esquivar-me, mas a maldita garrafa tinha um bom alcance. *Portanto, não haverá bisnaga*, disse para comigo, decifrando a mensagem. A arma dele era a garrafa de treino. Uma escolha astuta, sem dúvida: ninguém desconfiaria.

O tipo era manhoso.

— Espera — ouvi o Michael dizer, ao afastar-me em passo acelerado. Julguei que estivesse a falar comigo, mas, prestes a voltar-me, ouvi-o perguntar: — Ela acha que o teu apelido é Dupré?

O Pavilhão fora erguido poucos anos antes da Primeira Guerra Mundial. Era lá que o nosso antepassado George Fox caçava patos. Exteriormente, não era muito diferente do Anexo: uma construção de piso único, com um telhado íngreme e um alpendre em madeira de pinho. Mas, embora aparentasse ser pequeno, acomodava doze pessoas e tinha duas casas de banho com banheira.

Lembrava-me de uma vez em que, na brincadeira, eu e a Claire tínhamos dito: «Os filhos da tia Julia nunca conhecerão o terror de ter de ir à casinha de noite. Não é justo!»

Como eu previra, ali estava a tia Rachel, muito grávida e equipada a rigor. Desenrolara o tapete de ioga ao lado do pau para hastear a bandeira e sentara-se de pernas cruzadas e costas perfeitamente direitas. Pousara as mãos no colo, de palmas voltadas para cima, e mantinha-se de olhos serenamente fechados. Lembrei-me de a ouvir comentar que era contraproducente fechá-los com demasiada firmeza, porque isso impedia um bom relaxamento.

Avancei pé ante pé pela vegetação, fazendo um esgar de cada vez que a sola dos ténis chiava no orvalho.

— Quem vem lá? — perguntou a tia Rachel sem abrir os olhos quando eu estava a poucos passos dela. — És tu, Julia?

Bolas. Agora, tinha de dizer alguma coisa.

— Não — respondi. — Sou, eu, hum, a Meredith.

— Ah, és tu. — Ela não abriu os olhos nem mudou de posição, mas sorriu. — Não é muito cedo para ti? Já andas por aí?

Não respondi. Nem conseguia respirar. Parecia que o coração me ia saltar do peito.

— Junta-te a mim, se quiseres — sugeriu a tia Rachel, ao mesmo tempo que eu puxava a bisnaga das costas. Apontei-a à cabeça dela. A minha mão tremia. — Ontem conversei com a tua mãe e somos da mesma opinião: achamos que a meditação te pode fazer bem.

Premi o gatilho. O esguicho fatal atingiu-a na fonte.

Ela deu uma gargalhada. Arregalou os olhos, deixou-se cair para trás no tapete de ioga e *fartou-se de rir*.

Imaginara emoções fortes, mas não as houve, de todo.

— Ah, vá lá! — choraminguei, como se fosse da idade dos meus primos pequenos. — Isto dá-te vontade de rir?! — Bati com o pé para enfatizar a indignação. — A sério?!

— Dá, pois. — Tornando a sentar-se, ela fez que sim. — Estou grávida, tola. — Pousou a mão na barriga. — Rezei para ser eliminada já hoje. Não estou capaz de jogar. Quase mandei uma mensagem ao avô Pisco a dizer-lhe que desistia, mas isso ia obrigá-lo a redistribuir os alvos.

Deixei sair um suspiro melodramático.

— Bem, *suponho* que é compreensível.

A tia Rachel lançou-me um sorriso malandro.

— Peço desculpa por não ter ficado furiosa. — Fez-me sinal para me sentar ao seu lado no colchão de ioga. — Junta-te a mim, anda.

Estremeci. Aos fins de semana, a Claire acordava cedo para fazer ioga, e, quando estávamos no quarto dela, demonstrava as posições difíceis. Eu bem as tentava fazer, mas falhava miseravelmente.

— Deixa — murmurei. — Não tenho flexibilidade.

— Isto não é ioga — respondeu a tia Rachel com brandura. — Estou a meditar, só isso. — Tornou a indicar-me o colchão. — Senta-te um bocadinho, anda.

Saí dali à pressa depois de a tia Rachel me revelar o seu alvo, não sem antes me obrigar a vinte minutos de meditação.

«Sentes?», perguntara, durante um exercício de respiração profunda. «Sentes a energia fluir?»

«Sinto», murmurara eu, embora não fosse inteiramente verdade. Sentia-me mais calma, mas não estava *realmente* calma, e tive de cerrar os olhos para conter as lágrimas. Meditação e ioga podiam não ser a mesma coisa, mas a *Claire* gostava de ambas. «Sinto mesmo, por acaso.»

Ao chegar à Cabina, encontrei o Michael a fazer abdominais. *Ótimo*, disse para comigo. Tivera esperança de que ele e o Wit estivessem de regresso da corrida matinal, porque o nome no meu segundo cartão laminado...

Não me dizia nada.

— Olá — saudei. — O Wit está por aqui?

Desta vez, não houve arrebitar de sobrancelha; o Michael continuou a fazer abdominais, mas, em vez de me responder, perguntou:

— Quem despachaste?

— Não sei do que falas — disfarcei. — Fui meditar.

— Limpaste o sebo à tia Rachel, foi?

— Merda — resmunguei.

— Tranquila — descansou-me ele. — Eu e a Sarah somos observadores imparciais. O

avô Pisco e a avó Bijú fizeram-nos jurar que não ajudávamos ninguém.

— E acreditas que a Sarah vai cumprir a promessa? — A minha prima era péssima a guardar segredos. A Claire sempre usara isso a seu favor: fingindo estar a fazer confidências, passava-lhe informações falsas, sabendo que a Sarah as poria a circular.

O Michael deu uma gargalhada.

— Ela disse que se ia esforçar.

— Bem... — Aguardei um instante. — O Wit...?

— Ah. — O Michael anuiu. — Falando no Wit, qual é a cena de vocês dois?

— Não há cena nenhuma — apressei-me a responder.

O Michael abriu um meio-sorriso.

— Sou imparcial — recordou-me. — Imparcial, *okay*? — Simulou correr um fecho nos lábios, depois indicou-me o lado oposto da Cabina. — O último quarto. Mas ele está no duche.

— Obrigada — quase guinchei, de tão apressada para sair dali e pôr fim à conversa. Havia um velho banco de madeira à porta do quarto. Sentei-me e esperei pelo Wit. Enquanto isso, desbloqueei o ecrã do telemóvel e mandei uma mensagem ao avô Pisco a informar que eliminara a tia Rachel.

A resposta dele: Registrado.

Seguindo-se: Acordada a esta hora, Meredith?

Revirei os olhos e comecei a teclar a minha resposta, mas fui interrompida por um «Oh!» surpreendido.

Ali estava o Wit, com uma toalha de praia vermelha à cintura. Nem pestanejei. Estava habituada a ver toda a gente andar por ali de toalha; quando as casas apenas têm duche exterior, é assim e pronto. Aliás, para tremendo embaraço da tia Christine, o tio Brad era adepto de se sentar no terraço da Casa da Lanterna, de toalha e nada mais, a beber a sua cerveja enquanto ouvia James Taylor.

— Olá — saudei, erguendo-me do banco. — Missão cumprida. — Levei a mão à bisnaga. — Não foi o momento dramático que eu desejava, mas...

— Fizeste o serviço — terminou ele. — Espetáculo. — Ajeitou a toalha e, embora o meu interesse fosse *zero*, reparei nas gotas a descer pelo peito e pelos abdominais bronzeados e incrivelmente definidos.

— Mas, agora, preciso da tua ajuda — continuei, aclarando a voz. — Não sei quem é... — Tirei do bolso o meu segundo cartão e mostrei-lho. — Esta pessoa.

— Ah, sim. — Anuindo, ele puxou a porta de rede para entrar no quarto. Ia segui-lo, mas ele voltou-se e impediu-me a passagem. — Boa tentativa, borracho — disse, de novo a sorrir de esguelha. Indicou a seminudez. — Dá-me uns segundos, sim?

— Ah, claro. — Senti as faces escaldar de embaraço, mas também de irritação. Detestava que me chamassem borracho. O Ben sempre me tratara assim.

Olá, borracho.

Adoro-te, borracho.

Adeusinho, borracho.

No começo do namoro, ele chamava-me miúda, e eu adorava; fazia-me lembrar os velhos filmes românticos e sentia-me especial... até que, sem dar por isso, passei a ser

apenas um impessoal «borracho». Era borracho em público, borracho em privado, borracho em todas as ocasiões.

— Podes entrar! — chamou o Wit. — Já estou decente!

Quando a porta de rede bateu nas minhas costas, ele estava a acabar de vestir a *T-shirt*, e tive de conter uma gargalhada.

Azul-bebé, com um farol no peito, a *T-shirt* era a versão pronto a vestir do convite de casamento. Pelo espelho, li as costas: «#CadêaNovaDupré.»

— *Cadê a nova Dupré?* — li alto.

— Iá. — Ele olhou por cima do ombro. — É o *hashtag* do casamento. Para usar no Instagram e isso.

Abri um sorriso.

— Eu percebi, *borracho*.

Ele ficou vermelho. Nem a equimose lhe valeu.

A vingança é terrível, disse para comigo.

— Vou pouco ao Instagram. — Encolheu os ombros. — Mas as damas de honor e os amigos do noivo têm instruções para usar estas *T-shirts* sempre que se juntam para alguma atividade.

Avancei com um palpite.

— E a instrutora foi a tia Christine.

— A tua tia Christine, sem dúvida, mas com o apoio total da Jeannie. — Sentou-se pesadamente na cama: uma confortável cama de casal com uma colcha de retalhos de tecido xadrez. — A mãe do noivo.

Assentindo, sentei-me na beira da cama e olhei em volta. Havia algum tempo que não entrava na Cabina, a casa mais masculina da Quinta. Aquele quarto tinha painéis de madeira e uma cómoda verde-escura. Lembrei-me de um quadro na sala, por cima da enorme lareira de pedra: um tigre a mostrar os dentes. Naquele contexto, era de gosto tão duvidoso que se tornava hilariante.

Resumindo, a Cabina era a casa perfeita para o noivo passar a última semana de solteiro com os seis melhores amigos.

— O que vão fazer hoje? — perguntei. — Vão à vila? — Talvez o meu coração acelerado se devesse à esperança de o ouvir dizer que não. As damas de honor e os amigos do noivo não encontrariam melhores guias turísticos do que a Sarah e o Michael, mas eu não queria que o Wit fosse a Edgartown para se sentar no Atlantic a comer ostras com limão e uma pitada de molho picante (embora fossem deliciosas, ninguém dizia que não). Preferia que ele fosse comigo à espelunca local, o Café Dock Street, para devorarmos uma sanduíche de pequeno-almoço a escorrer gordura.

Essa era a gastronomia de Martha's Vineyard.

— Não. — Ele abanou a cabeça e o meu coração disparou, depois abrandou quando respirei de alívio. — Hoje não. Julgo que os planos são tirar uma foto de grupo e ir à praia. — Bocejou. — O que calha bem, porque quero tratar da minha vida. — Indicou preguiçosamente a garrafa de treino na cómoda, partindo do princípio de que eu soubesse ler a mensagem quando ele me esguichara. E tinha toda a razão. Abraçou a almofada, sem esquecer uma careta dorida por causa da cara, depois tornou a bocejar e fechou os olhos.

Diz lá o nome — pediu, e eu sentei-me melhor. — Estou a ouvir.

Revelei-lhe o meu segundo alvo, e ele deu-me toda a informação de que eu ia precisar.

— Podes estender-te um bocado, se quiseres — disse depois. — Já te ouvi bocejar.

— Ah, não vale a pena — recusei, embora tivesse bocejado *várias* vezes. Espantosamente, ainda não eram nove da manhã. Ao meio-dia, tinha o *tubing* com os meus melhores amigos, mas parecia que, antes disso, teria de dormir uma sesta. — Posso ir dormir no Anexo.

— Fica aqui — insistiu ele, lutando contra o sono para me fitar. Com uns olhos azul-turquesa como ninguém tinha no mundo real. — Prometo não te chamar borracho.

Senti-me corar. Fora assim tão óbvio que eu detestava ser tratada assim?

— Era o que o Imbecil te chamava — adivinhou ele. — Acertei?

— O imbecil chama-se Ben — respondi, com um suspiro. — Detesto a palavra, admito, mas o pior era a maneira como ele a dizia.

— Ben? Prefiro Imbecil.

— Também eu, por acaso. — Saiu-me uma gargalhada e estendi-me ao lado dele. Guardando alguma distância, para não nos tocarmos, instalei-me confortavelmente para dormir. Os lençóis e as almofadas cheiravam a mar e citrinos. — Laranjas... — murmurei.

— É o meu champô — murmurou ele de volta.

— Amo laranjas.

— Portanto, amas-me a *mim*.

Ri baixinho. Não fora uma pergunta e, por alguma razão — falta de sono, provavelmente —, fez-me dar risadinhas. E *não* conseguia parar.

— Tens um riso bonito — elogiou o Wit.

— Achas? — As risadinhas pararam. Nunca ninguém me dissera aquilo, ou, pelo menos, não mo diziam havia muito tempo. O meu riso fora mencionado pela última vez pelo meu pai, ao dizer que tinha saudades de o ouvir.

— Hum-hum — confirmou o Wit, e, ao voltar-se, os nossos dedos dos pés tocaram-se. De novo com formigueiros, encolhi os meus, mas não me afastei. — Gosto.

Portanto, gostas de mim, pensei dizer, mas não o fiz. Podíamos brincar daquela maneira inofensiva, mas era apenas *isso*: uma brincadeira inofensiva. Éramos cúmplices; o Wit era boa companhia e um novo *amigo*. E eu não o queria perder como *amigo*. Não me lembrava de quando fizera o último.

— Wit? — murmurei.

— Sim? — murmurou ele de volta.

— Qual é o teu apelido? Não é Dupré, pois não?

— Não — respondeu ele. — O meu pai casou-se com a mãe do Michael. O nosso nome de família é Witry.

— Que aliterativo — disse eu. — *Wit Witry*.

— Hum, essa foi... — começou ele a dizer, mas adormeceu sem acabar a frase. Ouvi a sua respiração lenta e regular e, de repente, quis estender a mão e sentir o coração dele a bater.

Em vez disso, aninhei a cara na almofada e fechei os olhos.

Quando o Wit acordou, tive vontade de o convidar para fazer *tubing* connosco, mas lembrei-me: na verdade, seria uma reunião de aliados a pretexto do Assassino, e ele tinha as obrigações de acompanhante do noivo.

#CadêaNovaDupré..

Será assim durante toda a semana?, perguntei-me, ao ouvi-lo dizer que o ponto de encontro para a fotografia de grupo era a Casa da Lagoa, que oferecia a vista mais deslumbrante da lagoa das Ostras. *Será que ele vai ter de andar sempre com o grupo?*

— Que tal combinarmos para mais logo? — saiu-me, quando estava de saída. — Queria levar-te a um sítio.

Ele franziu o sobrolho.

— Queres levar-me a um sítio?

Franzi o meu.

— Tens alguma objecção?

— Nenhuma. — Ele abanou a cabeça. — Mas achas boa ideia? Quero dizer, não será melhor não darmos nas vistas? Senão, o pessoal começa a desconfiar.

— Hum, lamento ser eu a dar-te a notícia, *giraço*, mas o Michael viu-nos há pouco e de certeza que contou à Sarah — respondi. — Aposto que já toda a Quinta sabe que somos amigos.

Ele franziu o nariz.

— Não curto *giraço*.

— Tudo bem, vai para a lista negra. — Abri um sorriso pateta, mas o meu coração disparara. Não sabia de onde vinha aquilo, quem era aquela dentro de mim, mas estava a gostar. Sentia-me *bem*. Sentia-me confiante e mais atrevida. — É proibido dizer borracho — declarei. — E é proibido dizer *giraço*.

— Parece-me bem, miúda gira. — Piscou-me o olho. — Aonde vamos mais logo?

— É surpresa, lindão — respondi. — Vai ter ao Anexo à uma e quinze.

Ele assentiu.

— *Okay*.

Fiz o mesmo.

— *Okay*.

— Então... — dissemos ao mesmo tempo, um e outro sem saber como nos despedirmos. O que era melhor, um aperto de mão atrapalhado ou um abraço ainda mais atrapalhado? Onde estava o meio-termo não atrapalhado?

— Boa sorte — disse-lhe, passados segundos, para quebrar o silêncio.

— Com o meu alvo? — perguntou ele. — Ou com a tua tia Christine e a foto de grupo?

— As duas coisas.

— Obrigado. — Ele sorriu, e, de tão ocupada a sorrir-lhe de volta, mal registei que ele

se aproximara da cómoda e agarrara na garrafa de treino. — Espero que a reunião estratégica seja produtiva.

Quando percebi que ele me ia molhar, corri para a porta, e fui tão graciosa que bati com o joelho na ombreira. Ia ficar com uma nódoa negra, de certeza.

— Agora estamos quites, fofinha! — ouvi-o dizer do quarto.

Às 11h50, não faltavam raposas matreiras à espreita em cada palmo da Quinta. O meu pai e o tio Brad pareciam adolescentes: de chapéu de camuflado e bisnaga pronta a disparar, avançavam pelos arbustos apoiados nos cotovelos. Olhei para o fundo da estrada para ver quem eles tinham debaixo de mira: um casal idoso a caminho da praia.

A tia Julia dispensava a abordagem subtil dos irmãos: pusera-se de atalaia diante da Casa da Lanterna, de arma apontada à porta da frente.

— Sei que estás aí, Peter Fox! — disse, alto e bom som. — E sei que vais na terceira chávena de café, mas é melhor despachares-te, porque *também sei* que tens onde estar em breve.

O Peter era irmão da Sarah. Tinha trinta anos e também ia acompanhar o noivo, mas, em vez de ficar na Cabina com os outros, estava na Casa da Lanterna com a mulher e a bebé. *Terceira chávena de café?*, pensei. *De certeza que a Nell ainda acorda durante a noite.*

— Acaba com ele, tia Julia! — encorajei-a ao passar pela casa, depois apertei o passo. Acabava de me ocorrer que talvez o *meu* assassino andasse a rondar.

Senti bichinhos imaginários subir-me pelas costas.

Quem seria?

Para minha segurança, saí da estrada de terra batida e continuei por um trilho antigo que levava a um passadiço de madeira. Felizmente, havia maneiras mais labirínticas de se chegar à praia. Era um cenário de conto de fadas: o sol espreitava por entre as árvores e escutava-se o chilreio dos pássaros.

Por fim, surgiu a lagoa das Ostras. As águas azul-esverdeadas cintilavam. Franzindo os olhos, avistei-os. Estavam do outro lado, na praia *verdadeira*, como dizíamos: uma faixa de areia que separava as águas tranquilas da lagoa das ondas do oceano, podendo cada um nadar onde preferisse. Ali, tínhamos o melhor de dois mundos. Eu e a Claire costumávamos desafiar-nos a agarrar na prancha de *bodyboard* e enfrentar as ondas sem nos deixarmos apanhar nas «máquinas de lavar» (quando uma onda rebentava por cima de outra que estava a recuar). Depois disso, relaxávamos a boiar na lagoa. «O Céu deve ser assim», dissera a minha irmã certa vez. «Gosto tanto, Mer.»

Virei costas ao mar e segui pela beira da lagoa, deixando que a água doce molhasse os meus ténis. Cheguei ao pontão entre as dunas. Os velhos degraus de madeira que subiam à Casa da Lagoa pareciam à beira de se desconjuntar.

— A tia Christine está a levar as coisas *demasiado* a sério — comentou o Eli quando cheguei ao *Boston Whaler* do avô Pisco. Fora a última. A Pravika e o Jake iam distribuindo os coletes salva-vidas, enquanto a Luli se ocupava da enorme boia de tração: estava a prendê-la à retaguarda do barco com um nó elaborado. O Eli apontou-me o cimo da colina, onde a foto de grupo estava a ser tirada, e moveu os lábios sem falar. *Ouve.*

— Ouçam todos: não é assim! — ia dizendo a minha tia. — A Sarah e o Michael ficam no meio, com as damas de honor de um lado e os amigos do noivo do outro.

— Não ficava mais giro se alternássemos? — sugeriu alguém. Reconheci instantaneamente o tom confiante.

Era o Wit.

— Sim, mãe — concordou a Sarah. — Eu e o Michel ficamos no meio, tudo bem, mas depois pode ser: rapariga, rapaz, rapariga, rapaz. Resulta menos formal e fica mais giro. Podemos deixar as poses tradicionais para o dia do casamento.

Um silêncio, depois:

— Bem, suponho que também serve dessa maneira.

— Boa! — exclamou a Sarah.

— Eu fico ao lado da Isabel! — disse o Wit, sem esperar um segundo.

Oh não. Contive uma gargalhada. *Ele não vai fazer o que eu estou a pensar.*

Isabel Davies: o primeiro alvo do Wit. A Isabel era a colega de faculdade com quem a Sarah dividira o quarto na residência de estudantes. «Ela já cá esteve», alertara eu, «portanto, conhece bem os cantos à Quinta. Não vai passar os dias na praia. Costuma jogar ténis de manhã, faz *paddle* a seguir ao almoço e depois vai ler para a lagoa de Jobs Neck até ao jantar.»

— Pode ser, Wit — ouvi a tia Christine dizer, enquanto o Jake me ajudava a subir para o barco. A Luli confirmou que a boia de tração estava bem presa. — Mas deixa a garrafa de água aí.

— Oh, meu Deus — murmurei. *Sim, ele ia mesmo fazer o que eu estava a pensar.*

Não o ouvi eliminar o primeiro alvo porque o Eli ligou o motor do barco, que se sobrepôs a tudo o resto.

— Bora! — exclamou a Luli, gritando acima dos roncões do motor.

Tendo o cuidado de se desviar de nadadores e praticantes de *paddle*, e de caiaques e barcos à vela, o Eli levou-nos para o meio da lagoa, onde estaríamos bastante afastados da margem. Enquanto ele se ocupava do barco, nós quatro íamos dizendo «Olá!» e «Tudo bem?» àqueles com quem nos cruzávamos na água, incluindo desconhecidos. Avistavam-se encantadoras casas rústicas em volta da lagoa, mas, também, mansões luxuosas. Na minha favorita, havia sempre uma festa de arromba no 4 de Julho. No nosso último verão, convencera a Claire a ir lá comigo. «Ninguém vai reparar», assegurara-lhe. «É muita gente!»

Demorei-me a observar a imponente construção com revestimento exterior de cedro e praia privada, e lembrei-me: a Claire dera o primeiro beijo nessa festa. Reunira-se um grupo em volta da fogueira e alguém sugeriu fazer o jogo da garrafa. O pretexto fora uma palermice, mas calhara-lhe um rapaz de olhos azuis giro como tudo.

— Muito bem — começou a Luli, logo que pusemos os coletes salva-vidas. O *tubing* teria de esperar. — Primeiro, o mais importante: quem vos calhou?

Sem hesitar, cada um revelou o seu alvo, exceto o Eli, que nos informou ter desistido do jogo.

— Teve de ser, malta — desculpou-se, ao ouvir as nossas exclamações de desânimo. — Sabem muito bem que cenas assim agravam a minha ansiedade. Bastou-me ler aquele

Alinhava no jogo? e fiquei com náuseas!

Não lhes contei que eliminara a tia Rachel de manhã cedo. Só esperava que ela guardasse segredo. Não sabia dizer porquê, mas preferia que ninguém soubesse que ia dar tudo por tudo. Exceto o Wit, claro, que já sabia.

— Muito bem: o meu alvo oficial passa a ser o tio-avô Richard — disse a Pravika, minutos depois. Acabávamos de proceder ao «baralha e volta a dar». Na qualidade de aliados, uma das nossas estratégias habituais era pôr a circular quem eram os nossos alvos, ou, melhor dizendo, os nossos *supostos* alvos. Fora uma ideia da Claire, obviamente. Na realidade, o meu tio-avô Richard era o alvo do Jake, mas íamos espalhar que a sua assassina era a Pravika. «És um génio, Claire», concluía a Luli depois de a minha irmã explicar o plano. «É uma ideia *genial*.»

Não podia estar mais de acordo: desconhecendo a identidade do nosso assassino, ficávamos ultraparanoicos e desconfiávamos de toda a gente. Sabendo quem nos queria eliminar, podíamos tornar a confiar nos restantes.

— Boa sorte, Meredith — disse o Jake. — *Daniel Robinson?* — Abanou a cabeça. — Quem raio é esse?

— Podes crer. — Fingi achar a situação muito cómica. Só esperava ser convincente. — Isto não é um alvo, é um ponto de interrogação!

Graças ao Wit, não haveria mistério a resolver. Infelizmente, nunca fora boa mentirosa. O riso saiu-me demasiado agudo e senti que a Luli me observava. Antes que ela tivesse tempo de fazer perguntas, voluntariei-me para ser a primeira na boia de tração. A Pravika juntou-se a mim. Lado a lado, de barriga para baixo, braços, coletes salva-vidas e pernas a tocar-se para cabermos as duas na boia, esperámos que o Eli acelerasse. Agarrámo-nos firmemente; ele era famoso por conseguir que qualquer um largasse a boia.

Deixando escapar um suspiro, a Pravika tocou-me com a anca. Os nossos biquínis eram iguais: a parte de baixo dava dois nós de lado. Mesmo assim, era quase certo perdê-la ao largarmos a boia, como acontecera das outras vezes.

— Por que carga de água nos sujeitamos a isto? — lamentou-se ela.

Sorri.

— Porque não regulamos bem da cabeça.

Ela deu uma gargalhada e, como se fosse a deixa, o barco arrancou e demos tudo por tudo para não largar a boia. Claro que o Eli estava apenas a aquecer.

Depressa começou a acelerar *a sério*. O motor roncou e fomos puxadas a toda a velocidade. O vento ensurdecedor e impiedoso não nos dava tréguas. Planámos no rasto de espuma do barco como uma pedra a saltar na água.

— Ai, meu Deus! — gritou a Pravika quando o Eli fez a primeira curva abrupta e a boia rojou no sentido contrário. Já fizera *tubing* mil vezes, mas fartava-se sempre de gritar, e era sempre hilariante. — Meredith!

— Agarra-te! — gritei-lhe de volta. Não havia um palmo de borracha que não escorregasse, fora a água que nos batia na cara. Cerrei momentaneamente os olhos, depois entreabri um para ver o nosso público. De polegar erguido, o Jake procurava encorajar-nos, mas a irmã cruzara os braços e fitava-nos com um sorriso de vilã. Adorava o momento em que a vítima finalmente largava a boia.

Engoli em seco. Ainda não lhe pedira desculpa.

O Eli fez nova manobra cruel: abrandou, e eu e a Pravika demos tudo por tudo para resistir à ondulação.

Ai-ai-ai-ai-ai!

— Aaah, vou cair! — gritou ela aflita, depois de mais uma curva apertada seguida de um ziguezague. O vento rugia tanto que mal a ouvi. — Tenho de...

Sem acabar a frase, *desapareceu* simplesmente, e fiquei sozinha na boia. Vi a Luli tapar a boca. Decerto fora calamitoso.

O Eli não se deu por satisfeito. Não descansava enquanto não obliterasse as duas vítimas. A Pravika continuaria a boiar desvalida até eu ir à água. E não faltava muito: sentia-me deslizar da boia e já tinha os pés na água. Tentei avançar para segurar melhor as pernas.

Segundos depois, fui catapultada. Cerrei os dentes e preparei-me para o impacto, que foi *sonoro*. Senti-me engolida pela água, mas, no mesmo instante, o colete salva-vidas trouxe-me à tona. Doía-me *tudo*.

Para minha surpresa, dei por mim a chorar. Quando o Eli parou o barco à minha frente, soluçava incontrolavelmente. Desorientada, deixei que o Jake e a Luli me ajudassem a subir. Perdi a força nos joelhos e, aflitos, eles perguntaram-me se me magoara. Mal os ouvi por entre as lágrimas.

Terá sido assim? Não queria fazer aquela pergunta, mas não fui capaz de a evitar. Não tinha como lhe fugir. *Terá ela sentido o mesmo no momento da colisão?*

*

Justifiquei o ataque de choro dizendo que estava enferrujada.

— A sério, eu estou bem — assegurei. Embrulhei-me na toalha. Continuava em estado de choque. — É falta de prática, só isso.

— Olha só! — A Pravika apontou para o meu joelho. — Tens a perna negra. — Voltou-se para o Eli. — És um monstro!

Ele desfez-se em pedidos de desculpa e eu abanei a cabeça. Queria agir como se não tivesse importância, mas tremia tanto que nem consegui erguer o braço. Era a vez do Jake e da Luli na boia, mas não fiquei a ver: embrulhei-me numa segunda toalha e encolhi-me no convés para me abrigar do vento.

— Como é, pessoal: preparados? — perguntou a Luli, depois de ancorarmos a poucos metros da praia. O avô Pisco e alguns pais vinham avançando ao nosso encontro, com um bando de crianças a correr na frente: era a sua vez na boia. — Começamos com a desinformação?

A Pravika, o Jake e eu acenámos que sim. A situação era perfeita para começarmos a espalhar informações falsas: estava um dia magnífico e todos o iam passar na praia. Os meus pais acenaram-me. Tinham-se sentado em círculo com o tio Brad, a tia Christine, a mãe do Michael e um homem loiro com mechas grisalhas, que, supus, seria o pai do Wit. A avó Biju e a tia Julia mantinham-se atentas ao Ethan e à Hannah, que tinham ido

brincar na beira da lagoa com alguns pequenitos do lado dos Duprés. A tia Julia não parava de olhar por cima do ombro, atenta às andanças na praia, e vi que trazia a bisnaga enfiada no fato de banho.

— Tia Julia! — chamou a Pravika. — Sempre despachou o Peter de manhã?

A minha tia sorriu.

Despachara, pois.

Afastada alguns metros, a tia Rachel estava superdescontraída a beber a sua água gasificada e a trocar números da *People* e da *Us Weekly* com a Kasi, a irmã mais velha do Michael.

Nas zonas rasas da lagoa, a Sarah, o Michael e os amigos estavam regalados da vida em vários flutuadores insufláveis. Havia um flamingo rosa-choque, um cisne e um unicórnio arco-íris tão grande que dava e sobrava para o noivo e três amigos se refastelarem.

— Pessoal, olhem para aqui! — chamou a madrinha Danielle. Parada no areal, ergueu o telemóvel. — Para o Insta!

Eles posaram e sorriram.

Quanto a nós cinco, disseminámo-nos pelos grupos para começar a plantar falsas informações, mas, depois de alguns minutos de conversa, perguntei as horas ao meu pai. Abrindo um enorme sorriso, ele disse-me que era melhor ir andando. Era uma da tarde e todos em Martha's Vineyard sabiam que as famosas tartes da Quinta Morning Glory eram postas à venda às duas em ponto. Começara a contagem decrescente.

Olhei em volta, mas não vi o meu coadjuvante. Possivelmente, esperava-me no Anexo.

— Até logo, Meredith! — despediu-se a avó Biju enquanto eu tentava ingloriamente correr pelo areal. Transposta a duna, abrandei para abrir caminho por entre os carros imundos no estacionamento da praia. *Ufa, sobrevivi*, disse para comigo ao ver-me sozinha. O estacionamento parecia vazio, logo, estava em segurança.

Ouvi uma voz.

— Ei, Meredith. — Era a Luli. Voltei-me e vi que ela me seguira. — Não te apetece fazer praia?

— Ah, sim, não — respondi, recordando a mim mesma que o seu alvo era alguém da família Fox, mas não *eu*. — Tenho uma coisa para tratar... — Fiz um gesto vago na direção das casas.

— Para o jantar dos teus avós?

Confirmei. Nessa noite, o avô Pisco e a avó Biju recebiam os familiares chegados — filhos, netos e caras-metades — para um jantar em que cada um levaria alguma coisa para comer ou beber. Talvez parecesse elitista para quem ficava de fora, mas aqueles jantares informais eram a rara ocasião anual em que a família se juntava, tanto que a avó Biju fazia sempre o mesmo aviso: «Nem mas, nem meio mas: conto ver cada um desses rabos numa cadeira!»

A Luli veio andando comigo e, conforme nos aproximávamos das casas, eu percebia que não podia deixar para outra altura. Chegara o momento.

— Desculpa, Luli — disse-lhe. — Desculpa-me por tudo o que fiz neste último ano. — Detendo-me, respirei fundo para que a voz não me traísse. — Ou, melhor dizendo, por tudo o que *não fiz*. Fui horrível. Não respondi a mensagens, não atendi chamadas, não abri

o Snapchat...

A Luli ouviu calada. Temi que o coração me fosse saltar do peito, mas acalmei-me um pouco ao ver o Wit à minha espera diante do Anexo. Trocara a *T-shirt* azul-bebé do grupo do casamento por uma verde.

— Obrigada, Meredith — acabou a Luli por dizer. — É bom ouvir isso. Precisava. — Levantou uma pequena nuvem de poeira com a ponta do pé, depois, quase a medo, perguntou: — Mas porquê? *Porquê* não responderes? Tu sabes que eu a adorava. — E, num fio de voz: — As duas precisávamos de...

— Ei! — chamou o Wit, interrompendo-a. — Anjinho!

A Luli deteve-se.

— Hum, podes repetir?

— Não ligues, é uma piada — esclareci. — Ele é boa onda. — E para o Wit: — Calamente, és horrível!

Ele esguelhou um sorriso.

A Luli suspirou.

— Hum, portanto, é ele.

Anuí.

— Sim, é o Wit, o meio-irmão do Michael. Conhecemo-nos ontem à noite. Ele é...

— O novo Ben — terminou ela, num tom seco. Acenou ao Wit, que corria descontraidamente ao nosso encontro. — Ou assim parece.

O novo Ben? Segurei a toalha com mais força. *A que propósito vinha aquilo?*

— Ouvi que hoje de manhã foste correr com ele e com o Michael, tipo, de madrugada. Nunca te conheci a acordar cedo.

Obrigadinha, noivos, disse para comigo. Portanto, o Michael apresentara mesmo um relatório completo à Sarah, que pusera a correr que eu e o Wit andávamos. E eu nada ralada. Só não percebia a atitude da Luli. Porquê trazer o Ben à conversa?

Resmunguei «Tive insónias» ou algo do género e, no mesmo instante, o Wit parou ao meu lado, ainda a sorrir. Olhei para ele e só queria sorrir-lhe de volta. Se eu *tivesse* concordado em esconder a nossa amizade, depressa teria sido desmascarada: o Wit era todo sorrisos na minha presença e eu dava por mim a corresponder.

— Viva — disse ele à Luli, estendendo-lhe a mão. — És a Luli, certo?

— Sim. — Ela confirmou com um assentimento. — E tu és o amigo do noivo que levou as trombas à vinda no *ferry*.

Ele deu-me um toque com o cotovelo, o que desencadeou um fenómeno curioso: senti que tinha espirais debaixo da pele.

— Cortesia aqui da nossa amiga.

A Luli lançou-me um olhar.

— É uma longa história — desculpei-me, depois agarrei no Wit pela manga da *T-shirt* e arrastei-o comigo na direção do barracão. Íamos precisar das bicicletas. — Logo te conto.

— Tudo bem — disse ela, pensativa. — Tens de ir tratar de não-sei-quê.

— Hã? Tratar de não-sei-quê? — admirou-se o Wit. — Não me ias levar a um sítio especial?

— A Quinta Morning Glory é especial — defendi-me.

A Luli deu uma gargalhada.

— Sem dúvida, meu caro — disse ao Wit. — A Quinta Morning Glory é uma *especialidade*.

Trocámos um sorriso.

Esperava que isso significasse que estávamos bem outra vez, mas suspeitava de que a Claire teria achado o sorriso da Luli forçado.

A Quinta Morning Glory não era longe e o trajeto fazia-se de bicicleta. Mas, antes de mais, tínhamos cinco quilómetros de estrada de terra batida entre a Quinta e a vila.

— Dá-me dois segundos! — pedi, depois de a Luli rodar nos calcanhares e regressar à praia. Apanhei os cabelos num puxo descuidado e entrei a correr para tirar o fato de banho. Aproveitei para trocar os ténis molhados pelo outro par que trouxera.

E pronto, já íamos a caminho nas nossas bicicletas. O sol não estava para brincadeiras, mas soprava uma brisa refrescante. Calculei que estariam vinte e poucos graus, a temperatura ideal em Martha's Vineyard. Queria perguntar ao Wit se sempre conseguira eliminar a Isabel, mas a cabeça dele parecia um cata-vento: queria ver tudo. Estava deslumbrado com a ilha — um cenário de carvalhos antigos, arbustos com ramos que lembravam patas de aranha, erva-doce e aglomerados de violetas. Não se avistava um candeeiro de iluminação pública.

— Quando éramos pequenas, desafiavam-nos a fazer isto — mencionei.

— «Isto» o quê? — perguntou o Wit.

— Vir aqui. — Indiquei a estrada. — Eu e a Claire éramos mais novas do que os irmãos da Sarah, e eles desafiavam-nos a ir a pé até ao fim da estrada e voltar. Sozinhas.

Ele não se mostrou impressionado.

— Só isso?

— *De noite* — salientei. — Em escuridão total, sem lanternas, com todo o tipo de animais noturnos à espreita.

— *Okay*, entendi — disse o Wit, passado um instante. — Faz sentido.

— Mas eu e a Claire nunca nos acobardámos — continuei, embora sentisse um nó na garganta. — Íamos e voltávamos sempre a dançar e a cantar Taylor Swift aos berros.

Lembrei-me do álbum *Fearless*. Cantávamo-lo a plenos pulmões, desafinadas da primeira à última canção, rezando para que isso afugentasse doninhas, guaxinins e raposas. Não os Foxes, mas raposas *verdadeiras*.

Ele riu-se.

— Havia algum prémio?

— Não propriamente — respondi. — Podíamos gabar-nos, embora o Peter e o Ian nunca acreditassem que tínhamos ido realmente até ao fundo da estrada. — Revirei os olhos. — Segundo a minha mãe, serviu para nos dar autoconfiança.

O Wit assentiu.

— *Okay*, alinhado — declarou. — Fazemos isso esta semana?

— Pode ser... — respondi. Já estava a imaginar a nossa caminhada a sós. Igual à da véspera a meio da noite, quando atravessáramos a Quinta entretidos na conversa, sempre a rir e a trocar piadas.

— *Pode ser* — repetiu o Wit. — Não soa entusiástico.

— Não, a sério, vamos fazer isso. — Pestanejei, fazendo-me regressar ao presente, e

lancei-lhe um sorriso malandro. — É oficial: desafio-te.

— Excelente — disse ele. — Já agora, uma sugestão: se ainda tens medo, podes sempre trazer a tua *faca*.

A minha faca — o suposto canivete suíço com que o ameaçara no escuro.

— Disse a verdade, tenho mesmo um canivete suíço — assegurei, ao alcançarmos o obelisco no fim da estrada. Gravado na vertical, lia-se: paqua. — O avô Pisco ofereceu-mo este ano pelo meu aniversário, mas deixei-o em casa. — Escondido no meu guarda-joias, porque o Ben achava esquisito eu tê-lo. «Para a Meredith», mandara o avô Pisco gravar na lâmina. «Para ninguém se meter contigo.»

Entrámos na ciclovía da West Tisbury Road.

— Não duvidei por um segundo — assegurou ele. — Bate certo com quem és.

Bate certo com quem és?

— Como assim? — perguntei, um tanto sem ar. — Como sou eu?

Talvez estivesse desejosa de o ouvir sobre o assunto. Sobre mim.

Mas ele apenas esguelhou um sorriso e encolheu os ombros.

Olhei-o carrancuda, concentrei-me em pedalar e não lhe dirigi a palavra durante dez minutos, até chegarmos ao nosso destino.

— Bem-vindo à Quinta Morning Glory! — anunciei, travando e descendo da bicicleta. Ele fez o mesmo e encostámo-las à vedação de madeira torneada.

A Quinta Morning Glory era um dos meus lugares favoritos em Martha's Vineyard. Além dos vinte e cinco hectares de celeiros e estufas, era ali o mercado de produtores da ilha, a antítese de qualquer supermercado de Nova Iorque: uma calorosa construção rústica onde nos perdíamos entre tantas variedades de fruta e vegetais e inúmeras delícias de fabrico caseiro. A Quinta Morning Glory era tão popular que tinha o seu livro de culinária. A Claire oferecera um exemplar aos meus pais no Natal. Fora tão manuseado que a encadernação se estava quase a desconjuntar.

Vi o Wit olhar fascinado em redor, sem dúvida atento aos visitantes que desembrulhavam e trincavam sandes de fazer crescer água na boca distribuídos por mesas de piquenique desgastadas pelo tempo. As crianças jogavam à apanhada e os cães corriam entusiasmados de volta delas. Vi as horas no telemóvel: 13h55. Faltavam poucos minutos.

— *Okay*, já chega — disse, puxando-o pela *T-shirt*. — Anda daí!

Ele deixou-se levar meio arrastado pelo caminho de gravilha. Passámos por baldes a transbordar de lindíssimos ramos de flores silvestres, subimos os degraus do alpendre e passámos as portas de bater. A confusão de vozes ecoava no teto alto, e rodeavam-nos todas as cores do arco-íris. Queria que ele visse tudo aquilo, mas, antes de mais, estávamos ali com um objetivo, e já se começava a formar uma multidão.

— Vais dizer-me o que se passa? — perguntou o Wit.

— São as tartes — disse eu em surdina, como se fosse um grande segredo, mas não, era do conhecimento geral. — São postas à venda às duas em ponto e limpam-nas em menos de nada. Às duas e quinze já não sobra uma.

O Wit arrebitou a sobranceira.

— Portanto, são boas, é isso?

— *Boas?* — Olhei-o com desprezo. — São *deliciosas*! Uma vez, o meu pai e o tio Brad

comeram *nove* em *cinco* dias. — Não acrescentei mais. Essa história ficaria para outra altura. Os mestres pasteleiros começaram a trazê-las da cozinha e o ar encheu-se de aromas deliciosos, o que nos obrigava ao esforço extra de não nos desconcentrarmos. — Chega aqui — disse ao Wit. Segurei-lhe a cintura para o fazer subir uns degraus. Fiquei com os dedos elétricos ao sentir o calor da pele dele através da *T-shirt*. — Não te mexas. Vais fazer de barreira.

— Porquê?

Indiquei a multidão que nos rodeava, pronta a atacar as tartes. Diante do balcão das tartes, o espaço pessoal era coisa que não existia. Mas eu estava disposta a jogar sujo: se fosse preciso, gatinharia pelo meio das pessoas à minha frente. Era uma das vantagens de ser franzina.

Ao olhar por cima do ombro, vi o Wit firme como um pilar. Um pilar com físico de atleta. Inclinara a cabeça e, pelo canto da boca arrebitado, percebi que estava com vontade de rir. O cabelo arruivado caíra-lhe para a testa.

— O que foi? — perguntei.

— Nada — disse ele. — És tão...

— Não digas «cómica» — antecipei-me, e senti que corava. — Toda a gente me diz isso.

Incluindo o Ben, sobretudo quando eu me entusiasmava a sério ou falava de alguma coisa que adorava. Martha's Vineyard, por exemplo. «E as tartes!», lembro-me de comentar com ele, incapaz de me conter. «Fazem-nas todos os dias à tarde e nem temos de as aquecer para a sobremesa depois do jantar, porque continuam *mornas*, e, se lhes pusermos uma bola de gelado em cima...»

No fim da minha história, ele beijara-me e dissera que eu era «tão cómica» pela milionésima vez. Não era muito diferente de o ouvir chamar-me borracho. A Claire sabia que aquilo me incomodava, por isso, quando estava de mau humor e queria que eu me calasse ou a deixasse sossegada, dizia: «Oh... és tão cómica, Meredith.»

O Wit olhou-me de lado.

— Não era a palavra que eu tinha em mente.

Não ouvi o que ele disse a seguir, porque começou a luta para chegar ao balcão. Sorrindo para comigo, abri caminho pelo meio de incontáveis pares de pernas. Abrira a caça às tartes.

— Ena! — exclamou um mestre pasteleiro quando surgi do nada diante dele. Naquele momento, ninguém se interpunha entre mim e o meu objetivo. — De onde saíste tu?

Na posse de três tartes (mirtilo, pêssego, e morango e ruibarbo), passei-as ao Wit e fui buscar um cesto de vime.

— O pão de curgete é inacreditável — comentei, pondo um no cesto. — As uvas de corinto, também. — Mostrei-lhe um cacho. Eram arroxeadas e adoravelmente pequeninas. — Sobretudo se as congelarmos. São o *snack* perfeito para a praia.

O cesto foi ficando mais pesado conforme o Wit lhe juntava ameixas, framboesas, pimentos, tomate e sumo de laranja acabado de espremer. Precisámos de mais um cesto

para levar duas dúzias de maçarocas. No balcão da mercearia, pedimos sanduíches de peru, *cheddar* e maçã verde fatiada em pão de fermentação natural.

— Ena! — admirou-se a rapariga na caixa quando finalmente fomos pagar. Usava o cabelo loiro apanhado num rabo de cavalo. Deteve-se momentaneamente na cara maltratada do Wit e fez um ar desconcertado, mas não comentou. — Vão daqui abastecidos!

Assenti, e conversámos enquanto ela registava as nossas compras — ou, melhor dizendo, ela conversou com o Wit. Sorriu ao ver-lhe a *T-shirt* amarrotada onde eu a agarrara para o fazer entrar de uma vez no pequeno mercado. *sugarbush*, lia-se no peito.

— Iá, sou do Vermont — explicou ele. — A minha mãe é instrutora de esqui.

— Adoro *Sugarbush*! — exclamou ela, enquanto, de mãos atrás das costas, eu me torcia para resistir à vontade de alisar a *T-shirt*. — Costumo passar lá o Natal com a minha família e fica a uma hora de Middlebury. Começo o segundo ano no outono.

De repente, o Wit calou-se.

— O Middlebury College era a minha primeira opção — acabou por dizer. — Mas entrei em Tulane.

— Nova Orleães, que fixe! — Toda despachada, ela ia tirando as coisas do cesto, registando e arrumando no saco. Uma *multitasker*, claramente. Sage, lia-se numa chapinha ao peito. — Uma amiga minha estuda em Tulane e queria visitá-la no Carnaval. Por acaso sabes...

Okay, já chega, disse para comigo, desenlaçando os dedos e aproximando-me do Wit de maneira que os nossos braços ficassem colados. *Cala-te!*

Ao alisar-lhe a *T-shirt*, senti o coração dele acelerar, tal como o meu acelerou quando, da maneira mais natural do mundo, ele me rodeou o pescoço com o braço. Os seus dedos demoraram-se na minha clavícula.

— Ah — disse a Sage. Eu mal conseguia respirar. — Ah, não... Desculpem, disse por dizer. — Riu-se e abanou a cabeça, depois agarrou no artigo que faltava registar: uma tarte. — Morango e ruibarbo é a favorita do meu namorado. — De repente, o seu rosto brilhou como o sol. — Ele diz que é épica.

A farsa terminou tão depressa como começara logo que puxei do cartão de crédito do meu pai para pagar a nossa conta escandalosa. O Wit estava em choque.

— Vi bem o total? — perguntou. Estávamos outra vez junto das bicicletas. Cada um levaria um saco numa velha grade de fruta presa sobre a roda traseira. — Uma tarte custa vinte e cinco dólares?

— Hum-hum — confirmei, rematando com um dos dizeres favoritos do avô Pisco: — «Ninguém sai da Quinta Morning Glory sem tartes e cem dólares a menos na carteira!»

O Wit deu uma gargalhada, mas eu não pensava senão nos dedos dele na minha clavícula, a queimar-me a pele, como se estivessem carregados de eletricidade. Estava tão atordoada que mal me aguentava nas pernas.

— Ei. — A voz dele trouxe-me de volta à realidade. Sentados frente a frente a uma mesa de piquenique, estávamos a almoçar sanduíches. — Tudo bem?

— Sim — respondi, e forcei-me a trincar a minha. — Tudo ótimo.
Ele não ficou convencido.
— De certeza?
Fugi à pergunta fazendo-lhe outra:
— Querias andar no Middlebury College?
— Sim — confirmou ele. — Fiquei lixado quando não entrei.
— E escolheste Tulane porquê? — perguntei. — É o oposto.
Ele suspirou.
— Uma vez que não tinha entrado em Middlebury, resolvi que a universidade seria uma aventura. E não me ocorreu maior aventura do que ir estudar para Nova Orleães. — Encolheu os ombros. — O meu pai vive lá, mas eu ia pouco. Sempre vivi com a minha mãe. — Desviou momentaneamente o olhar. — Ele adorou a ideia, claro, porque os Duprés são fãs da Universidade Tulane.
— Mas tu não gostas, pois não? — adivinhei. — Não está a ser a aventura que esperavas?
— Oh, é uma aventura, sem dúvida — disse ele. — Só não sei se é a *minha*. — Ri entre dentes. — Bem, vou calar-me. Não quero arruinar a tua experiência. Para o Michael e a Sarah, La Nouvelle-Orléans é uma utopia tornada realidade.
— Já foi arruinada há algum tempo — murmurei para comigo.
O Wit ouviu e arregalou os olhos.
— Merda — resmungou. — Meredith, desculpa. — Levou a mão à face que não estava magoada. — Podes dar-me um pontapé, se quiseres.
Fiz que não e tentei sorrir.
— Podemos falar de outra coisa?
Anuindo, ele rodou o corpo para se levantar do banco e veio sentar-se ao meu lado. Ficámos tão próximos como quando estávamos na caixa para pagar.
— Tens ido ao Instagram?
— Fui ontem à noite — respondi, vendo-o desbloquear o ecrã do telemóvel e clicar no ícone da aplicação. — Julguei que ias pouco ao Instagram. — Li o *username*. — Mas parece que percebi mal, @sowitty17.
Ele suspirou.
— A Sarah pediu-me um esforço durante esta semana.
— Ah, estou a ver — disse eu. — Serei a única a achar esse teu *username* um bocadinho convencido?
A resposta dele foi um resmungo.
Ri-me e, sem pensar, afaguei-lhe a face magoada. A equimose continuava enorme e violácea, e estava obviamente longe de não lhe doer, porque ele se encolheu e parou de teclar.
— Au — murmurei, como se me doesse também. — Foi sem querer.
E fora.
Ele ergueu o rosto para me fitar. Ao sol, os seus olhos azul-turquesa ficavam mais claros. Os halos dourados tornavam-nos quase irreais.
— És muito afetuosa — murmurou, quando os nossos olhares se encontraram. — Já te

tinham dito?

Incapaz de responder, abanei a cabeça. Quem dizia aquelas coisas? *Afetuada?* Não imaginava o Ben nem nenhum dos amigos a dizer aquela palavra. Mas também era a *maneira* como o Wit a dizia. O *tom* dele. Era brando, sincero, íntimo. Mas como podia ser íntimo? Acabávamos de nos conhecer.

A minha irmã teria dito que isso não interessava. A Claire era crente absoluta na astrologia e acreditava haver pessoas destinadas a encontrar-se por estar escrito nas estrelas. Eu revirava os olhos quando ela dizia isso, mas talvez começasse a acreditar. Senti formigueiros ao recordar como os nossos joelhos se tinham tocado ao fazermos o pacto e o meu desânimo ao darmos as boas-noites um ao outro. Ao adormecer na sala do Anexo, o meu último pensamento fora: *Quero vê-lo amanhã*. Havia inegavelmente *qualquer coisa* entre nós.

Que eu ainda não conseguia definir.

— Fica o comentário — murmurou ele, após um silêncio que se prolongou durante longos segundos. Sentou-se direito e voltou a atenção para o telemóvel.

Escreveu #CadêaNovaDupré no motor de pesquisa e eu quase saltei do banco quando percebi o que ele me ia mostrar.

— Não acredito! — exclamei. — A foto de grupo!

Ele deu uma gargalhada. Tinha um riso tão melodioso...

— Espera até veres.

Os resultados deram-lhe várias publicações com o *hashtag* do casamento. Ele fez *scroll* — de fugida, vi o Michael e os outros três no unicórnio — até encontrar a foto publicada por @Sarah_Jane. Reconheci o pátio traseiro da Casa da Lagoa. Abraçados, a Sarah e o Michael tinham ficado no meio. O padrinho ladeava a minha prima e a madrinha ficara ao lado do Michael. Os sorrisos não podiam ser mais perfeitos.

Mas, na ponta, a Isabel estava com um ar perfeitamente *horrorizado*. Tinha os olhos tão arregalados que, fazendo *zoom*, parecia que iam saltar das órbitas. Também ficara de boca aberta — estava a gritar.

Ao seu lado, o Wit sorria obedientemente, mas estava de braço erguido: despejara a garrafa de treino pela cabeça da dama de honor.

— Não acredito! — repeti, boquiaberta. — Não podias simplesmente tê-la borrifado? — Da tampa alaranjada da garrafa, nem sinal: ele desenroscara-a e deixara-a algures antes de se juntarem para a foto.

— Ela chamou-me *miúdo* — respondeu o Wit.

Fingi-me chocada.

— Que atrevimento!

Ele franziu o sobrolho.

— Não curto que me chamem miúdo — explicou. — Só a minha mãe é que me chama assim.

— O que aconteceu depois? — perguntei, lamentando que o Eli não tivesse ligado o barco um minuto mais tarde. Podíamos ter ouvido o escândalo!

— Ela chamou-me nomes, depois entrou com a tua tia, que estava piurisa, para mudar de *T-shirt* e secar o cabelo. Voltaram passados vinte minutos e tivemos de tirar a foto outra

vez.

— E deu-te o alvo que lhe tinha calhado?

— Sim, depois de me chamar mais nomes.

Dei uma gargalhada.

— E quem é? Quem te calhou?

Ele inclinou-se e, ao segredar-me ao ouvido um nome que eu conhecia, senti a sua mão pousar suavemente no meu joelho. Ao contrário do Ben, não mo apertou como se me quisesse dizer que estava tudo bem, apenas deixou a mão ali... o que, de alguma maneira, era ainda mais tranquilizador. A mão dele irradiava calor e tive uma vontade enorme de entrelaçar os dedos nos dele.

— Também és afetuoso — murmurei, e sorri quando o seu olhar encontrou o meu. — Fica o comentário.

Quando chegámos, a minha aliança sofrera a primeira baixa.

— Pai, *a sério?* — Era o final da tarde e íamos a caminho da casa dos meus avós. Ele e a minha mãe levavam as maçarocas e eu levava as tartes. — Custava-te muito deixar a Pravika jogar mais um dia?

Ele suspirou.

— Queres que te diga o quê, Meredith? Ela estava *à minha frente*. Já sei que vocês são uma equipa, mas apanhei-a desprevenida. Não podia deixar escapar uma ocasião tão boa.

Ao lado dele, a minha mãe disfarçou uma gargalhada. Fulminei-a com o olhar.

Meredith!!!, escrevera a Pravika no *chat* do grupo enquanto eu pedalava de regresso a Paqua. O teu pai!!!

Ela adormeceu na praia, explicava o Jake logo abaixo. Digamos que o teu pai a acordou.

Seguia-se um vídeo filmado pelo tio Brad e enviado pela Luli: o meu pai a aproximar-se sorrateiramente da toalha da Pravika e a fazer *OK* para a câmara, depois a agarrar no balde de praia de um dos meus primos pequenos e a molhá-la, pondo um ponto final na sua carreira de assassina. No vídeo, a Pravika acordava sobressaltada e, percebendo o que acabava de acontecer, gritava: «Odeio-te, tio Tom!»

Havia um único aspeto positivo: já sabíamos quem era o próximo alvo do meu pai. O vídeo mostrava a Pravika a revolver furiosamente o saco de praia e a atirar-lhe o cartão laminado. Era um dos meus primos.

— Dá cá mais cinco! — exclamou o tio Brad para o meu pai quando chegámos à Casa Grande. Também ele eliminara o primeiro alvo.

Deixei as tartes no balcão da cozinha, mas afastadas da beira, por causa da *Clarabelle*: a *golden retriever* dos meus avós era uma conhecida saltadora do balcão da cozinha e já sabotara várias refeições. Os cães já tinham percebido que alguma coisa ia acontecer nessa noite e tinham abandonado as várias aventuras para se reunir na cozinha. Nem ali faltava o *Loki*, que eu não via desde essa manhã.

— Porta-te bem — avisei-o. Convinha não esquecer que, na mitologia nórdica, Loki é o deus da trapaça.

Entretanto, os próprios convidados tinham-se juntado na cozinha, porque ninguém seguia a regra tradicional daqueles jantares: tinham trazido a comida, mas faltava prepará-la. Diante do lava-louça, a Sarah ia lavando a alface para a salada, e, ao seu lado, o Michael descascava pepino. Na ponta da bancada, o avô Pisco e a tia Julia estavam a temperar os bifos. A minha mãe ocupou-se do manjeriço para a travessa de tomate e queijo mozarela, e a tia Rachel estava atenta ao forno. Na mesa da cozinha, o Ian preparava as bebidas. Nesse ano, o irmão mais novo da Sarah passara a ter idade legal para beber, daí os ares de *barman*.

Estremeci. Já não cabia nem uma mosca naquela cozinha, mas, ao mesmo tempo, havia um vazio *enorme*. Onde estava ela? Faltava a Claire, a levar pratos, copos e talheres para a mesa lá fora. Porque não estava a minha irmã connosco?

— Pronto, já chega! — O Ethan e a Hannah tinham começado à bulha e a avó Biju estava a tentar que eles saíssem para o pátio. — O milho não se vai assar sozinho! — Vendo-a voltar-se para mim, obriguei-me a não pensar na minha irmã. — Mostras-lhes como se faz, Meredith?

— Claro — respondi. — Mas, primeiro, tenho de ir à casa de banho — acrescentei, apontando para o fundo do corredor.

— Eu fico de olho neles, avó Biju — disse a Kate. — O Pete segura na Nell. — Entregou-a ao meu primo e a bebé ficou entretida a palrar nos braços dele.

Perfeito, disse para comigo. Então, em vez de ir à casa de banho no rés do chão, subi ao primeiro andar tentando não fazer barulho na velha escada de carvalho e entrei pé ante pé no quarto do meu tio-avô Richard e da Esposa Número Três. Os dois tinham ido jantar a Vineyard Haven. O caminho estava livre. Engolindo em seco, fixei-me na janela saliente do outro lado do quarto — além da vista para o oceano, permitia sair para a cobertura do alpendre. «Eu sei que o pacto não inclui ajudarmo-nos na execução», dissera o Wit, durante o almoço, «mas, uma vez que jantas lá esta noite, é de aproveitar a oportunidade.»

Primeiro, hesitara. De facto, não faláramos de ajudar o outro na eliminação dos alvos; a ideia era informarmo-nos sobre as respetivas vítimas, possíveis ameaças e outras coisas assim. Ponto final. Armando juntos uma cilada, tornávamo-nos automaticamente cúmplices. Os meus amigos iam ficar furiosos.

Por outro lado....

«*Okay*, eu abro a janela», acabara por aceitar, depois de ele me explicar o plano. «Mas só isso. Abro a janela para saberes qual é o quarto, mas a ajuda fica por aí.» Ocorrera-me um último pormenor. «E só avanças quando eu estiver outra vez com os outros, para ninguém me poder acusar.»

Sentei-me no confortável banco da janela e aguardei que o Wit aparecesse fingindo estar na segunda sessão de *jogging*. Por fim, ele surgiu. Vi-o apontar para as maçarocas e falar para alguém da minha família que saíra para o alpendre.

— Que engraçadinho! — ouvi o Michael responder quando abri a janela. Rezei para que a sua voz troante disfarçasse a chiadeira. As dobradiças precisavam de óleo. — Já vais despachar outro alvo, é isso?

Imparcialidade, Michael!, censurei-o em pensamento. *Não vale dar dicas!*

De fones nos ouvidos, o Wit limitou-se a sorrir e acenou novamente. Não parou na conversa e pareceu-me vê-lo acelerar. Foi a minha deixa para voltar para baixo — sabia que o plano dele era dar meia-volta assim que ficasse longe da vista dos convidados e entrar pela porta lateral.

Que, uma vez mais, seria eu a deixar encostada, pondo uma das pedras pintadas da avó Biju em baixo, para a impedir de abrir, senão as dobradiças chiavam. Também precisavam de óleo. Tirando a Casa da Lanterna, todas as dobradiças ali na Quinta precisavam de óleo. Mais um pormenor de que a tia Christine se encarregaria.

O Wit arrebitou a sobranceira ao ver-me ali.

— Julguei que não querias ser acusada de conspiração — disse, tirando os fones e brindando-me com outro dos seus sorrisos de esguelha. — Aqui parada à minha espera, tornas-te cúmplice.

Decidi ignorar o comentário.

— A tua arma? — perguntei baixinho. — A garrafa de treino?

— Toda a gente me viu usá-la para eliminar a Isabel — explicou ele, quase em surdina.

— Se agora a exibisse diante dos Foxes, levantava suspeitas.

— Bem, e agora? — perguntei. — O que se segue?

Ele puxou uma bisnaga cor-de-rosa do bolso dos calções.

— Agora, piras-te daqui. — Indicou-me o lado dianteiro da casa. — Vamos seguir o nosso plano.

— O *teu* plano — corrigi.

— O *nosso* plano — teimou ele, piscando-me o olho antes de se esfumar.

Revirei os olhos e tentei fazer um ar casual ao voltar para junto dos outros. Deitados na rede, o Michael e a Sarah discutiam pormenores do casamento com a tia Christine (noivo e noiva de *cocktail* na mão, uma decisão inteligente), a avó Biju ia trazendo pratos, copos e talheres para a mesa comprida cá fora, e tudo indicava que os meus primos pequenos e a Kate não tinham feito grandes progressos com o milho, felizmente. Os três estavam sentados nos degraus largos do alpendre, o que convinha na perfeição ao Wit: não estavam escondidos debaixo do telhado.

Por outro lado, durante a minha ausência, o Peter devolvera a Nell à Kate. *Não*, disse para comigo. *Nada de bebés na linha de fogo*.

— Oh, obrigada, Meredith — agradeceu a Kate, quando lhe tirei a Nell dos braços. — Esquecemo-nos do biberão. O Peter já o foi buscar à Casa da Lanterna. — Voltando-se, sorriu ao Ethan e à Hannah. — Agora, *sim*, vamos tratar das maçarocas. Epstein-Foxes, aprendam com a mestra.

O lado da Casa Grande onde nos encontrávamos tinha vista para a água, mas voltei costas ao cenário digno de um filme e fui sentar-me no relvado com a Nell.

Porquê? Porque, entretanto, começara uma *cena* digna de um filme. Fingindo-me atenta aos meus primos, que aprendiam a desfolhar o milho, lançava olhares disfarçados ao primeiro andar, onde, naquele momento, o Wit estava a sair muito devagar pela janela. Parou momentaneamente nas telhas de cedro, respirou fundo e ajoelhou-se. Sem querer, os nossos olhares encontraram-se, ele mandou-me um beijo... e juro que o senti: primeiro, cócegas na cara, depois, calor.

Merda, praguejei em pensamento, aflita com medo de que alguém reparasse.

Mas tudo indicava que ninguém tinha consciência do que se estava a passar, com destaque para o alvo do Wit.

— Não, Han, espera — ia dizendo a Kate. — Tens de tirar bem as barbas. — Tirou a maçaroca das mãos da Hannah e demonstrou como arrancar eficazmente os estigmas. — Fazes assim, percebeste?

Apoiado nos cotovelos, bisnaga cor-de-rosa a postos, o Wit aproximava-se da beira do telhado. Avançava trinta centímetros, se tanto, depois parava e ficava à escuta, para se certificar de que não fora detetado. Com o coração a bater que nem louco, vi-o posicionar-se no algeroz. De estômago colado ao telhado, tinha a Kate na sua mira. Era só disparar.

Tive vontade de rir, mas obriguei-me a continuar séria. Não ia arruinar o nosso plano. Era espetacular de mais para ir por água abaixo.

A Kate estava tão atenta ao Ethan e à Hannah que não sentiu o primeiro esguicho.

O Wit disparou segunda vez.

Ela levou a mão ao pescoço. *Acha que está a imaginar coisas*, pensei. Aquelas bisnagas eram tão minúsculas que mal se dava pelo esguicho.

Percebi que o Wit também estava ciente do problema. Retesando o canto da boca, disparou pela terceira vez. Não se anunciaria como o assassino; queria que a Kate o visse.

Ela tornou a levar a mão ao pescoço. Olhou para o céu azul, depois para mim.

— Está a choviscar ou sou eu com paranoias de mãe com uma bebé pequena? — perguntou. — Sinto uns pingos...

O Wit fartou-se e... esguicho, esguicho, esguicho!

— Não acredito! — exclamou ela, erguendo-se bruscamente dos degraus. Voltou-se e viu-o no telhado. — Isto não está a acontecer!

— O que foi? — O Peter saiu alarmado para o alpendre. Segurava o biberão da Nell. — Aconteceu alguma coisa?

— Sem dúvida — declarou o Michael, de pé ao meu lado. Embora devesse mostrar-se imparcial, sorria orgulhoso. — O meu irmão assassinou a tua esposa.

— Ná. — Abanando a cabeça, o Peter ergueu o olhar e deparou com o Wit a rodar a bisnaga no dedo. Apesar do ar convencido, não consegui conter as gargalhadas. — Ná-ná — repetiu o Peter. Atraídos pelas vozes, o avô Pisco, a avó Biju e os outros saíram para o alpendre para ver o que se passava. — Não a assassinou coisa nenhuma, porque «exterior» significa um mínimo de três metros afastado da porta mais próxima. — Gesticulou como se medisse a distância entre a porta de rede e os degraus. — Isto não são três metros.

A Kate concordou com veemência.

— E mais nada.

— Não sei — A tia Julia mediu a distância com o olhar. — Talvez sejam.

— Hum, a Jules é capaz de ter razão — disse o tio Brad. — Por muito que me custe concordar com ela.

A tia Julia revirou os olhos.

— Não chateies, Brad.

— Ei, ei — interveio o meu pai, sempre o mediador, como bom filho do meio que era.

O Michael e a Sarah entreolharam-se. O Peter e a Kate continuavam a teimar em que os degraus estavam apenas a dois metros ou dois metros e meio da porta — dois e setenta e cinco, no máximo.

O Wit acorcorou-se no telhado. Parecia que os ia atacar.

— Na boa — disse, tranquilo. Ergueu ligeiramente o queixo. — Tragam uma fita métrica.

— Boa ideia! — O avô Pisco juntou sonoramente as mãos. Adorava polémicas; para ele, eram o melhor do cargo de alto-comissário assassino.

A peritagem começou.

— Kate, querida, senta-te exatamente onde estavas quando o Wit te atingiu, por favor — pediu a avó Biju, quando o avô Pisco entrou.

Com um suspiro, ela sentou-se no último degrau do alpendre.

— Não era... — comecei a dizer, mas uma voz ergueu-se do primeiro degrau.

— Não, Kate. — O Ethan abanou a cabeça. — Estavas neste, comigo e com a Hannah, não tem lembranças? Estavas a ensinar-nos a tirar as folhas do milho.

Isso mesmo, disse para dentro, vendo a Kate passar relutantemente para o primeiro degrau. *Não penses que te safas*.

O Wit assobiava. Não parecia minimamente preocupado. Perguntei-me se ele teria vindo medir a distância antes do crime.

O avô Pisco tornou a sair para o alpendre.

— Muito bem, vamos lá tirar isto a limpo.

— Parecem-te três metros certos? — ouvi o tio Brad perguntar entre dentes ao meu pai.

— Três e picos, no máximo — resmungou o meu pai de volta.

— Vão vinte dólares?

— Apostado.

Bateram os punhos.

Estendendo a fita métrica, o avô Pisco mediu a distância da soleira à nuca da mulher do neto.

— Então? — perguntou a Kate, a um passo da histeria.

— Qual é o veredicto, avô? — juntou-se-lhe o Peter.

De respiração suspensa, vi o avô Pisco semicerrar os olhos.

— Acho que preciso dos óculos. Querida, será que podes ir...

Ouviram-se suspiros impacientes. Todos sabiam que ele estava na brincadeira. O meu avô não usava óculos.

— Três metros e catorze centímetros — anunciou ele. — Três e catorze exatos. — Fez a fita recolher. — O assassinio é válido!

— *Zunga!* — exclamou o Wit, e desceu por uma coluna do alpendre. Aproximou-se da Kate e sorriu.

— Prazer, Kate. Sou o Wit.

— Eu sei — rosnou ela, procurando nos bolsos o cartão laminado com o nome do seu alvo. — Boa sorte — resmungou ao entregar-lho.

— Agradecido. — Guardando o cartão, o Wit despediu-se com uma saudação militar. — Não vos empato mais. Bom jantar.

Vi a avó Biju trocar um olhar com o avô Pisco, que assentiu.

— Espera, Wit — chamou a minha avó. — Porque não ficas? Há muita comida. Se não te fizer diferença ficares um nadinha desconfortável...

— Ou seja, calhou-te o banquinho — traduziu a Sarah, indicando-lhe o lugar em questão. As cadeiras para refeição no jardim não chegavam para acomodar tantos, por isso tinham sido trazidas cadeiras da cozinha, e, da segunda entrada da casa, viera um banco decorado com fotos de família. A cereja no topo de semelhante misturada era um pequeno banco de madeira ao canto. O tal banquinho desconfortável.

Costumava ser a Claire a sentar-se nele. Dizia que não se importava.

— Ah — murmurou o Wit. — Agradeço muito. — Passou a mão pelo cabelo. Parecia ter medo de estar a impor a presença. — Mas acho que...

O Michael avançou, segurou-lhe os ombros e sacudiu-o afetuosamente. De seguida,

tapou-lhe a boca.

— Ele ia adorar ficar, avó — aceitou em nome do meio-irmão. — E eu agradeço o convite.

— *Okay* — aceitou o Wit, quando o Michael lhe destapou a boca. Deu-lhe um toque com o cotovelo e sorriram os dois. — E obrigado pelo convite.

Foi mesmo ele a sentar-se no banco. O avô Pisco e a avó Biju ocuparam as cabeceiras e eu fiquei no meu lugar habitual: uma cadeira de braços antiga, que algum capitão usara no navio; viera do clube náutico de Edgartown e o avô Pisco tinha-a no gabinete. Calhou, porém-na ao lado do banco, ou seja, fiquei ao lado do Wit. Como o banco era mais alto, parecia que ele estava a comer com os joelhos.

— Calhou-me o lugar de honra, é isso? — perguntou ele, quando me surpreendeu a observá-lo.

Num fio de voz, apenas consegui dizer:

— Sim.

— Nesse caso, fico muito honrado — sussurrou-me ele de volta.

Obriguei-me a sorrir e tentei engolir uma garfada de salada, embora não fosse fã. Eu e a Claire dizíamos que era «comida de grilo» e, nos restaurantes, escolhíamos sempre outra entrada.

Sentada à minha frente, a Sarah viu-me brincar com a alface no prato, e, embora tivesse sido ela a fazer a salada, riu-se.

— Não é comida que te entusiasme, Mer? — perguntou. As conversas pararam. A minha prima tinha um riso borbulhante a que ninguém ficava indiferente. Quando ela dava uma gargalhada, quem a ouvia queria saber porquê.

— Não, nada disso — disfarcei, abanando a cabeça. — Eu gosto, é... hum, fresquinha. — Olhei para o Michael. — E o pepino dá-lhe um toque especial.

A Sarah inclinou-se e sorriu-me com ar de conspiradora.

— Mentirosa. — Depois, endireitou as costas e falou para a mesa: — A Claire fez uma coisa hilariante em Nova Orleães — contou, sorrindo com melancolia. — Juntámos um grupo e levámo-la a jantar num dos nossos restaurantes favoritos, e o menu deixou-a tão intimidada que preferiu que escolhessem por ela...

Pousei o garfo. Perdera o apetite. Chama-se Basin, dissera-me a minha irmã, na nossa última conversa por SMS. Fica no Garden District, mas a Sarah prometeu que ela e os amigos me levam ao Bairro Francês depois do jantar! Vou conhecer a Bourbon Street! Já te estás a roer de inveja?

O Bairro Francês era o mais antigo de Nova Orleães e a Bourbon Street era conhecida pela vida noturna — os clubes de *jazz*, as luzes, os bares que serviam *cocktails* estranhíssimos... A Sarah quisera que a Claire celebrasse condignamente a Passagem de Ano, juntamente com a entrada em Tulane. E eu em casa. Estou morta de ciúmes, respondera. Não fui contigo porquê?!

— A Danielle não sabia que a Claire detestava salada — continuou a Sarah. Ia contar a história até ao fim. — E a minha prima não quis dizer nada.

Quase todos estavam a rir.

— Querida Claire... — murmurou a avó Biju. Olhei disfarçadamente para os meus pais. Iam ouvindo com um ar bem-disposto, mas o meu pai estava a afagar o ombro da minha mãe. Ela beijou-lhe os dedos.

— Bem, ela devorou a entrada — continuou a Sarah. — Seguiu-se uma tradicional macarronada de lagostins, que é *divinal*, e, quando veio a salada de ostras, juro-vos que a Claire nem *provou*. Fingiu. Já nem sei quem estava sentado ao lado dela... — Pensou momentaneamente no assunto, depois abanou a cabeça. — Eu e o Michael ficámos a vê-la passear os talheres pelo prato enquanto conversava já nem sei com quem. Só vos digo: ela falou tanto que ninguém notou que não estava a mastigar. — Riu-se. — Quando o empregado veio levantar a mesa, quem visse aquele prato dizia que ela tinha comido quase tudo!

Tornaram a ouvir-se risos em volta da mesa. Senti uma dor enorme no coração. *Será que ninguém se lembra?*, perguntei para dentro. O Wit parecia desconfortável — era o banco, quase de certeza. *Estarão a fingir? Ou esqueceram-se mesmo do fim da história?*

— «Comida de grilo», chamou-lhe a Claire, mal saímos do restaurante — concluiu a Sarah, dando-me um toque com o pé debaixo da mesa. — O vosso nome secreto para as saladas, disse-me ela.

— Bem, já não é secreto — respondi. Quis dizer aquilo na brincadeira, mas saiu-me num tom seco... por causa do que acontecera a seguir.

Deixei de ouvir as conversas à mesa. Só conseguia pensar naquela noite havia ano e meio, quando o meu telemóvel vibrara às três da manhã. Ainda me lembrava da minha proeza: atendera sem abrir os olhos. «Sim?», perguntei, meio a dormir.

«Meredith? Meredith?» Era o Michael e estava aflito. «Os teus pais? Preciso de falar com os teus pais. Eles estão aí?»

Bocejei. «Sim, e ninguém os acorda. Tivemos um jantar cá em casa e o meu pai fez as suas famosas *margaritas*...»

«Tens de os acordar já», interrompeu o Michael.

«Hã?»

«Acorda-os!» Estava frenético. Mal reconheci o noivo supereducado da Sarah. «Foi a Sarah», continuou ele. «A minha Sarah e a Claire.» A voz falhou-lhe. Parecia estar a chorar. «E a Claire...»

O nome da minha irmã fez disparar um alarme na minha cabeça. Afastei bruscamente o edredão e corri pelo corredor às escuras até ao quarto dos meus pais. «Mãe!» Acendi a luz. «Pai!»

Estendi o telemóvel à minha mãe e, passado um instante, saiu-lhe um grito. E, mesmo sem ter ouvido o que o Michael dissera, eu *soube*.

A Claire morreu, disse a mim mesma. Caí de joelhos e os meus olhos encheram-se de lágrimas. A *minha irmã morreu*.

Fora um acidente. Na Bourbon Street, a Claire tinha bebido apenas um *cocktail*, mas a Sarah abusara, por isso deu-lhe as chaves do carro. «Sê a *chauffeur*», pediu. «Até me vou sentar atrás!»

Chegaram ao carro da minha prima, que ficara estacionado à entrada do Bairro Francês. Além de boa condutora, a Claire era prudente: ajustava sempre o banco e os espelhos, e,

mesmo ao sair do nosso acesso particular, olhava sempre para os dois lados.

Naquela noite, não houve tempo para isso. Pôs o cinto, voltou-se para confirmar que a Sarah fizera o mesmo, e, quando ia rodar a chave, um enorme utilitário desportivo apareceu vindo do nada e chocou com elas. O condutor acusou uma taxa de álcool no sangue três vezes superior ao permitido por lei.

A Sarah fez várias fraturas, sofreu um traumatismo craniano e ficou com cicatrizes para a vida.

A minha irmã teve morte imediata.

Imediata.

No dia seguinte, os meus pais apanharam o primeiro voo para Nova Orleães, mas eu fiquei em casa. Estava em choque. O Ben apareceu e chorei nos braços dele até os meus avós chegarem. «Meu amor», disse a avó Biju, e esperei pelo resto, mas ela não disse mais nada. Mordeu o lábio e procurou conter as lágrimas. De facto, o que mais havia a dizer?

A Claire já não estava connosco.

À beira das lágrimas, senti a mão do Wit pousar nas minhas costas, e os dedos dele acariciaram suavemente os meus cabelos. Sem eu dizer uma palavra, ele sentira que eu não estava bem. Quis segurar-lhe nem que fosse a bainha da *T-shirt*, mas não cheguei a esboçar o movimento, porque ouvi:

— Meredith! — Era a Luli. Vinha a subir os degraus do alpendre. Acenou-me com o telemóvel. — Não estás a responder às mensagens no *chat*. Porquê?

— Não permitimos telemóveis à hora da refeição — antecipou-se o avô Pisco, e indicou-lhe o nosso centro de mesa: uma torre de *iPhones*. — As refeições são para estarmos em família.

— Ah, *okay* — respondeu a Luli, depois tornou a fixar-se em mim. — O teu alvo...

— Fica descansada, Luli. — Desta vez, foi a tia Julia a responder por mim. — Já todos percebemos quem é o alvo da Meredith. — Entreolhámo-nos e ela fez um ar cúmplice. — Não há motivo para secretismos.

A Luli corou ao perceber que a minha tia já topara a nossa tática da desinformação. Aclarou a garganta.

— Soubemos que o teu alvo está em Edgartown, e a Pravika acha que tens aqui uma boa oportunidade. Podes eliminá-lo *esta noite*.

— Hã? A sério? — Sem me levantar, olhei para o avô Pisco.

Ele fez que sim. Podia deixar a mesa.

— O Daniel Robinson está em Edgartown com a namorada — explicou a Luli quando ficámos sozinhas na cozinha. — O Jake está na Mad Martha's e avisou que eles tinham ido lá comer um gelado. A Pravika está no Murdick's e acha que eles vão passar lá a seguir, para lhe dar um alô.

— *Okay* — disse eu. — Deixa-me pensar.

O Daniel Robinson: de manhã, eu e o Jake puséramo-nos no gozo, a perguntar quem seria ele, mas, depois de o meu pai eliminar a Pravika, ela autoproclamara-se investigadora ao serviço da nossa aliança. Antes, recebera uma mensagem dela a informarme de que o Daniel estava na Casa da Charneca, acompanhada de uma foto publicada no Instagram que o mostrava com a Nicole, a irmã mais nova do Michael. Claro que eu já

sabia tudo aquilo. Aliás, o Wit acrescentara que o Daniel estava a tirar Biologia Marinha, e eu resolvera que o eliminaria levando-o à lagoa das Ostras a pretexto de lhe mostrar os caranguejos-ferraduras. Não haveria testemunhas do meu triunfo, mas, por outro lado, agradava-me a elegância do plano.

Mas, agora... podia eliminá-lo *já*?

A Claire não teria hesitado.

— *Okay*, vamos a isso — disse à Luli. — Pede ao Eli que traga o jipe e vá ter ao Anexo.

A Claire não só teria aproveitado a oportunidade, como teria decidido que a missão exigia a *Super Soaker*.

Depois de a Luli confirmar o plano com o Eli, respirei fundo e saí para o alpendre.

— Guardam-me uma fatia de tarte? — pedi. — Tenho um assunto a tratar.

— Claro, querida — disse a avó Biju.

Ao mesmo tempo, o meu pai e o tio Brad responderam:

— Não prometemos!

Revirando os olhos, voltei-me para o Wit, que continuava no banco. Ia perguntar-lhe «Não vens?», mas lembrei-me de que não éramos parceiros. Aquilo de antes fora uma vez sem exemplo. Não éramos oficialmente cúmplices.

— Guardo-te uma fatia de morango e ruibarbo — disse ele, quando o meu olhar se prolongou ligeiramente mais do que deveria, e a minha resposta foi um sorriso rasgado. Sabia que aquelas palavras significavam «Boa sorte».

— Meredith! — gritou o Eli, sentado ao volante. — Está tudo *okay*?

Íamos na estrada da Quinta, no velho jipe do avô Pisco, que todos aprendêramos a conduzir quando estávamos a anos de tirar a carta de condução. Não tinha tejadilho nem portas, daí o vento ensurdecedor. Encolhida de olhos cerrados no banco do passageiro, eu apertava a colorida *Super Soaker* contra o peito. Com um nó no estômago, não parava de repetir em pensamento: *Abranda. Por favor, abranda.*

— Acelera, Eli! — gritou a Luli do banco traseiro. — A Pravika mandou mensagem: eles entraram no Murdick's!

Só abrandámos ao avistar as casas revestidas de ripas brancas e com telhado de cedro. Chegámos a Edgartown. Ali estavam a Old Whaling Church, os passeios de tijoleira, e, à beira da água, o clube náutico. Nessa noite, a vila enchera-se de visitantes. Entravam nas lojas e saboreavam gelados. Ouvimos gargalhadas no terraço do Alchemy. Os Foxes tinham o costume de festejar os aniversários importantes naquele restaurante, por isso, para mim, aquele sempre fora o *nosso* terraço. Estivéramos ali pela última vez quando a Claire fizera dezoito anos. Eu obrigara-a a usar uma tiara luminosa superirritante, mas, mesmo assim, a minha irmã estava deslumbrante.

O Eli entrou na North Water Street e passámos pela Mad Martha's Ice Cream. O Murdick's Fudge ficava dois números adiante.

— *Okay*, bora lá! — disse a Luli. — Vá, desçam de uma...

— Ai, meu Deus! — interrompeu o Eli, olhando bruscamente por cima do ombro. — É ele!

— Quem?! — perguntámos eu e a Luli. — O Daniel?!
— Não, o homem dos meus sonhos! — Quando ele esticou o pescoço para ver melhor, o jipe guinou. O meu coração fez o mesmo. — É aquele de *blazer* azul e gravata às risquinhas!

— Eli, a estrada! — Dei-lhe um murro no braço. — A estrada! Concentra-te na *estrada*!
— Meredith! — A Luli inclinou-se e apontou para a entrada do Murdick's Fudge. A Nicole Dupré e o já mencionado Daniel Robinson acabavam de sair com um grande saco de quadradinhos de *fudge*. (Admito que fiquei com água na boca ao perguntar-me que sabores teriam escolhido.) Tudo indicava que iam continuar pelo passeio, mas então, para nossa sorte, decidiram atravessar fora da passadeira para entrar na joalheria em frente.

Cumpri a missão em três segundos.

O Eli abrandou quase até parar.

Tirei o cinto e, sem pensar duas vezes, pus-me de pé.

— Ei! — chamou a Luli. Apoiei a arma no para-brisas do jipe. — Daniel!

Ele voltou-se e arregalou os olhos ao ver a *Super Soaker*.

— Corre, Dan! — gritou a Nicole, tentando fazê-lo mexer-se do lugar. — Foge!

Mas era demasiado tarde.

— Vê só, Claire — murmurei, e premi o gatilho.

Sobrara bastante tarte. Só podia ser um milagre. Fizera questão de trazer eu o jipe e parara diante do apêndice da Casa Grande.

— Correu bem? — perguntou a minha mãe. Os meus olhos procuraram o Wit. O banco estava vazio.

— Foi um trabalho de mestra. Parecia um filme do James Bond — respondeu a Luli, fazendo a sua melhor imitação de um sotaque inglês.

Pedimos à Sarah e ao Michael para fazerem de Nicole e Daniel e reconstituímos o momento em que eu eliminara o alvo.

— Ela ainda não parou de me mandar mensagens — comentou o Michael ao dar uma olhadela ao telemóvel. Voltou-se para o avô Pisco. — Não aceita a eliminação porque aconteceu na vila e não aqui.

O meu avô riu-se. Estava deliciado. Pela segunda vez num dia, tocava-lhe resolver um impasse.

— Recorda-lhe as três regras — pediu, servindo-se de mais tarte de pêssego. — Regra número um: todos estão em jogo vinte e quatro horas por dia. — Serviu uma bola de gelado de baunilha sobre a fatia de tarte. — Regra número dois: todas as eliminações têm de acontecer no exterior. — Serviu-se de uma boa garfada: — Por fim...

— O jogo não pode perturbar as atividades relacionadas com o casamento — terminou a tia Christine. Bebeu um gole de vinho. — A jogada da Meredith não viola nenhuma regra. Tecnicamente, nada impede que o jogo decorra fora da Quinta.

A avó Biju afagou-lhe a mão.

— Serás uma juíza fantástica quando entrares para o Alto Comissariado.

A tia Christine sorriu.

Michael mordeu o lábio ao escrever uma mensagem para a irmã, depois leu a resposta dela e saiu-lhe um longo suspiro.

— Ela mantém que não concorda — comunicou —, mas o Daniel manda dizer que, mais logo, deixa o cartão com o nome do alvo na caixa de correio do Anexo. — Tossicou. — Pelo meio, há vários *emojis* nada simpáticos.

O riso foi geral.

— Acautelem-se — aconselhou a tia Julia. — É o primeiro dia do jogo e a Mer já eliminou dois alvos. Esta rapariga é um perigo.

— *Dois?* — A Luli franziu o sobrolho. — O Daniel não foi o primeiro? Hoje, no barco, não mencionaste mais ninguém.

No silêncio, senti as faces escaldar. Porque não dissera aos meus amigos? Éramos aliados!

— Bem, hum, também eliminei a tia Rachel — admiti. — De manhã.

— Enquanto eu meditava — sublinhou a tia Rachel, nitidamente, para aliviar o súbito ambiente tenso. — Nem a ouvi chegar e ainda lhe pedi que não me distraísse. — Plantou um beijo na face da tia Julia. — Não queria dececionar a minha mulher tão cedo.

— Ah — murmurou a Luli. — Portanto, *não foste* correr com o Michael e o Wit.

Fiz que não com a cabeça.

— Falando no Wit, esse é outro em quem temos de ficar de olho — comentou o tio Brad. — Hoje também fez dose dupla. — Olhou demoradamente na minha direção. — E aquela jogada no final da tarde...

— Que jogada? — perguntou a Luli.

Sendo a vítima, a Kate incumbiu-se de explicar, e, no regresso ao Anexo, já bastante tarde, o meu pai tornou a puxar o assunto.

— Foi uma jogada tão *astuta* — comentou. — E a execução foi excelente. Pergunto-me se terá um parceiro ou parceira... — Calou-se e senti o seu olhar. — Porque, convenhamos, como podia ele saber? Como soube que tínhamos o jantar?

A minha mãe riu-se.

— Tom, *todos* sabiam do nosso jantar esta noite!

— *Okay* — admitiu o meu pai. — E o resto? Como sabia ele que a Kate ia estar cá fora e que a janela do quarto do meu tio-avô Richard lhe assegurava a melhor posição ofensiva? — Silvou por entre os dentes e, nesse momento, chegámos ao Anexo. — O Brad tem razão: o miúdo é um perigo.

— Não lhe chames miúdo que ele não gosta — murmurei.

— Hã, filha?

— Nada — respondi, e detive-me. O meu pai segurava a porta de rede para eu entrar, mas não me apetecia ir para dentro. Só de pensar em dormir sozinha no beliche...

O silêncio no quarto era sufocante.

— Meredith?

Pestanejei.

— Ainda vou sair um bocado — disse então, embora fosse quase meia-noite. — Vou, hum, ter com a malta.

O meu pai respondeu com um gesto expansivo. *Faz o que te apetecer!* Tinha dezoito anos;

as regras da Quinta já não me abrangiam.

— Diverte-te! — disse a minha mãe, depois de eu abrir a caixa do correio para saber quem era o meu terceiro alvo. Possivelmente, achava que eu iria até ao Condomínio do *Nylon*, como lhe chamara o Eli, para estar com os meus amigos.

Em parte, era verdade. Eu *ia* ter com um amigo.

Que não estava a acampar.

A Cabina estava às escuras, o que significava que os amigos do noivo e as damas de honor ainda não tinham regressado de Oak Bluffs. Ao deixarem a Casa Grande, a Sarah e o Michael tinham ido ter com eles, mas o Wit...

Continuei até ao último quarto. Vi luz através dos estores e puxei a porta. Ele estava debaixo dos cobertores. Deitara-se a ler um guia de viagem da Nova Zelândia, pareceu-me, mas não cheguei a ver bem, porque lhe caiu das mãos quando a porta de rede chiou.

— Chiça, Matadora! — exclamou ele. — Não podias ter batido?

— Mil desculpas, senhor lorde — respondi, abrindo um sorriso. — Todavia, informo que, na Quinta de Paqua, não é de *bom-tom* bater à porta.

Fiz uma vénia trapalhona.

Ele riu-se e, com um gesto, chamou-me para o seu lado.

— É a segunda vez que hoje me visitais nos meus aposentos — brincou, quando me sentei ao seu lado na cama. Pôs o guia de viagem de lado e passou-me o saco de gelo que tinha na mesa de cabeceira. — Vindes tratar-me as feridas?

— Sim, se vos aprouver — respondi, alinhando na brincadeira. Pus-lhe o saco sobre a face magoada e ri quando ele deixou sair um gemido melodramático. — Por quem sois, meu senhor! Não esqueçais que o vosso retrato será pintado no final desta semana! — recordei-lhe.

Ele esguelhou um sorriso.

— Que contas? Queres falar do teu próximo alvo? Já vi o vídeo em que despachas o Daniel.

Arrebitei a sobancelha.

— Há um vídeo?

Ele confirmou com um assentimento.

— Julgo que a tua amiga Pravika o filmou. Está no Instagram e já tem montes de visualizações.

— Imagino que o *hashtag* seja «CadêaNovaDupré».

— Sabeis que assim é.

Sorri e abanei a cabeça.

@sowitty17.

— O que foi? — perguntou ele.

Senti que as lágrimas não vinham longe.

— Quero contar-te uma coisa — disse-lhe, e ouvi a minha voz fraquejar ligeiramente. — Mas tens de jurar que não contas a ninguém.

Ele ficou silencioso.

O meu coração bateu mais depressa.

— Sim?

— Sim. — Assentindo, ele estendeu o mindinho, para selarmos o juramento. — Podes confiar em mim.

TERÇA-FEIRA

Acordei com uma respiração pesada e corei ao perceber que era o Wit. Estava no quarto dele, na cama dele, debaixo da colcha com ele. *Até admira não rressonar*, disse para comigo ao vê-lo de boca aberta como se tivesse adormecido a meio de uma frase. Muito provavelmente, fora o que acontecera, porque ficámos a falar até muito tarde.

Não dormíramos abraçados, mas, ainda assim, senti-me corar ao ver que estávamos os dois de braço estendido, como se tentando inconscientemente alcançar o outro: ele parecia querer enlaçar-me a cintura, e eu, pousar a mão no seu peito. Permiti-me imaginar como seria voltar-me para o Wit, deitar a cabeça no peito dele e sentir o seu coração bater.

O meu acelerou. O anseio era quase doloroso.

— Pira-te, rapariga — murmurei para comigo. Levantei-me muito devagarinho e avancei pé ante pé até à porta. Aquelas dobradiças velhas e enferrujadas...

Chiam, claro. O Wit não acordou, mas o Michael estava junto do fosso da fogueira, a fazer os alongamentos antes da corrida matinal, e olhou na direção do ruído. Sem dizer uma palavra, arrebitou a sobranceira ao ver o vestido com bordados perfurados que eu usara na véspera. A diferença era que estava amarrotado. Além disso, trazia as sandálias penduradas nos dedos, o que não ajudou o meu caso. Os indícios gritavam «marcha da vergonha».

— Não aconteceu nada! — exclamei, atrapalhada.

— Ninguém disse que tinha acontecido — respondeu o Michael.

— Estávamos a conversar e adormecemos — expliquei. — Foi completamente inocente.

O Michael fez que sim, mas percebi que estava a um passo de se desmanchar. Os nossos olhares cruzaram-se durante breves segundos e ele abriu um sorriso.

— Completamente inocente, foi?

Fuzilei-o com os olhos e mostrei-lhe o dedo do meio, o que apenas o fez sorrir mais.

— Tu escuta-me com atenção, Michael Dupré... — comecei a dizer, mas, no mesmo instante, ouvi uma porta no fundo do pátio chiar e saí dali disparada para o Anexo sem dizer mais uma palavra. Começara a paranoia. Quem *era* o meu assassino? Não se ouvia um rumor. Podia ser qualquer convidado, incluindo um amigo do noivo. Que estaria certamente de ressaca.

Os meus pais já tinham acordado. Sentados à pequena mesa da sala, estavam a comer ovos mexidos e torradas com a compota de amoras silvestres da avó Biju.

— Bom dia — disseram, mas não me perguntaram onde dormira, talvez por suporem que estivera com a Luli e a Pravika. Pareciam ter dormido mal. O meu pai estava com olheiras.

— Vou até ao Pavilhão — disse eu, num impulso. — Meditar com a tia Rachel.

A minha mãe mostrou-se contente.

— *Okay*. — Sorriu. — Que boa ideia.

— Vai armada — aconselhou o meu pai, depois de eu mudar de roupa. Bebeu um golinho de café. — Nunca se sabe com quem nos cruzamos.

Em vez de ir pelo caminho mais direto, à vista de todos, meti-me pelo arvoredo e fui dar às traseiras do Pavilhão. Lá dentro, não faltava barulho e atividade — ouvi a tia Julia dizer ao Ethan que estava a pôr muito chantili nos *waffles* —, mas, tal como na véspera, a tia Rachel estava serenamente sentada junto do pau da bandeira.

— Bom dia — cumprimentou-me, quando me sentei de pernas cruzadas ao seu lado. — Pronta para mais?

— Hoje não — respondi, abanando a cabeça. Não consegui dizer mais nada. Estar ali com ela fazia-me pensar na Claire, que adorava fazer ioga, e isso impedia-me de me concentrar. Lembrei-me da minha irmã a acordar-me depois da aula de ioga: transpirada, saltava para cima da minha cama e fazia-me cócegas até eu não conseguir respirar. O coração doía-me de cada vez que me recordava de coisas assim. — Posso só ficar aqui sentada? — pedi baixinho.

A tia Rachel inclinou-se e deu-me um beijo no cocuruto.

— Claro que sim, Mer — murmurou. — Claro que sim.

Talvez tivesse sido melhor dispor-me a uma segunda aula de meditação, porque, de olhos fechados e em silêncio, pus-me a pensar nessa noite e no que confessara ao Wit. «Às vezes, sinto-me furiosa com ela», disse-lhe, depois de lhe pedir segredo e de ele selar a promessa entrelaçando o mindinho no meu. De seguida, apagara o candeeiro da mesa de cabeceira, e, embora não soubesse porquê, fora mais fácil falar no escuro. «Não sou de guardar rancor a ninguém, mas, às vezes...»

Calada, esperei que ele me perguntasse de quem estava a falar, mas o Wit não fez isso.

Já sabia quem era a pessoa.

«O acidente foi naquela noite», continuei, lutando para conseguir falar. «Porque foi ela contar aquela história? Sobre a salada e o resto? Aquilo aconteceu umas horas depois, aconteceu *naquela* noite. Tinha estado a trocar mensagens com a Claire *nessa dia* e ela tinha-me dito que iam ao Bairro Francês depois do jantar.» Senti que os meus olhos se enchiam de lágrimas e, passado um instante, o Wit entrelaçou dois dedos nos meus. Apertei-os e deixei as lágrimas correrem.

«Não a culpas», disse-me. Era uma pergunta, mas ele não lhe dera essa entoação.

«Não», respondi, com a voz estrangulada. «Juro que não. Ela não fez nada de errado. Não embebedou a Claire nem teimou em guiar. Foi uma coisa perfeitamente aleatória, mas, de vez em quando, encho-me de *raiva*. A Claire ainda não tinha idade legal para beber. Porque foi a Sarah arranjar-lhe uma identificação falsa para irem à Bourbon Street? Não podia tê-la levado lá durante o dia, como fazem os turistas?» A revolta fez o meu coração acelerar. «Adoro a Sarah, e alegre-me por ela ter ficado bem e ir casar-se com o Michael, mas... às vezes, sou horrível. Começo a dizer para comigo que, se ela não tivesse levado a Claire aos bares, a minha irmã estaria viva. Estaria *aqui* para o casamento. Comigo, connosco. Terias podido conhecê-la.» Limpei as lágrimas. Tinha os olhos inchados. «Adorava que a tivesses conhecido.»

Ouvi-o engolir a custo. Depois de uma pausa demorada, murmurou: «Sentires isso não faz de ti uma *má* pessoa. Sentes isso por *seres* uma pessoa. E eu compreendo, acredita. Já estive numa situação parecida.» Entrelaçou mais um dedo nos meus. Estávamos praticamente a dar as mãos. «Estive numa situação parecida...»

Tinham passado alguns minutos. Endireitei os ombros.

— Mudei de ideias — anunciei à tia Rachel. — Afinal, vou querer a segunda lição.

— É fácilmo — disse a Pravika à Luli. — Vais lá e arrumas o assunto.

A Luli suspirou.

— O problema é *esse* — respondeu. — É fácil *de mais*. Quero impressionar o pessoal. — Olhou para mim. — Como o Wit, quando rastejou pelo telhado. Ou como tu, quando tiveste o teu momento James Bond.

Levámos o unicórnio «Orgulho LGBTQIA+» para a lagoa das Ostras. Roubáramo-lo do terraço nas traseiras da Casa da Lagoa depois de as damas de honor saírem para ir ter com os amigos do noivo à marina. Iam almoçar no Atlantic. A Danielle já publicara um vídeo da Sarah e do Michael a darem ostras à boca um do outro, com a legenda: Faltam 5 dias! #CadêaNovaDupré.

Eu e o Wit ainda não trocámos os nossos números de telemóvel, por isso, horas antes, mandara-lhe uma mensagem pelo Instagram a aconselhar a melhor entrada: o *guacamole* de lagosta. Serviam-no numa tigela de pedra, com os melhores *chips* de tortilha do planeta.

De momento, eu, a Luli e a Pravika estávamos a espiar o alvo da Luli: a prima Margaret. Sabia que ela era uma Fox, mas, mais do que isso, só com uma árvore genealógica. De resto, sabia que ela tinha trinta e poucos; que, depois de duas ou três *margaritas* preparadas pelo meu pai, ninguém contava histórias mais divertidas do que ela; e que a Pravika tinha razão: eliminá-la seria canja. Numa cadeira de praia, de chapéu de palha e com uns enormes óculos de sol redondos, estava embrenhada num romance.

— Infelizmente, não é ela que te vai permitir fazer um brilharete — concluí, depois de longos minutos a ver a Margaret ler e passar a página. Encolhi os ombros. Sentira a mesma frustração ao eliminar a tia Rachel: fora uma etapa ultrapassada e não mais do que isso. — Se precisas absolutamente de um toque de emoção, mais vale fazeres a roda ou coisa parecida.

— Iá — concordou a Pravika. — Fazes a roda e despachas a gaja.

A Luli mordiscou o lábio, depois assentiu.

— *Okay*.

Usando os braços, remámos de volta à margem, e dispersámos para não dar nas vistas. A Pravika abriu a nossa geleira e atacou uma sandes de manteiga de amendoim e geleia, e a Luli foi tirar a bisnaga de baixo da toalha e escondeu-a nos cabelos escuros, que lhe davam pela cintura: prendeu-a no elástico que usou para fazer apressadamente um rabo de cavalo.

Agarrei numa rede de apanhar caranguejos e fui ter com o Ethan e a Hannah, que tinham ido para a beira da água. Estavam a apanhar caranguejos, que punham em tanques escavados na areia, ligados à lagoa por canais, para a água circular.

— Não, Ethan! — protestou a Hannah. — Não os faças lutar!

— Hã? Lutar? — Ao virar-me para eles, deixei de ver a Luli, que, muito descomprometida, ia cumprimentando os vários grupinhos instalados em cadeiras de praia. Passo a passo, estava a aproximar-se da Margaret, que se sentara sozinha. — Estás a fazê-los lutar?

— Sim — confirmou o Ethan, apontando para um tanque com a sua rede. Vi dois

machos azulados. Pareciam estar em duelo. — Isto é o ringue. — Incitou um deles com o cabo da rede. *Vá, ataca!*

— *Okay*, já chega. — Abanei a cabeça. — Não os faça lutar, Ethan. *Nunca*. — Apanhei um na minha rede e transféri-o para o tanque que a Hannah acabava de escavar. Mais valia prevenir: os caranguejos-machos não precisavam de encorajamento para se atacar.

O Ethan bufou de frustração e entrou na água. Tornei a concentrar-me na Luli, que estava a menos de dois metros da presa. Teria perdido o momento em que ela fizera a roda? Voltou-se para o mar.

— Acho que vou à água! — ouvi-a dizer. — Vens, Margaret?

Sem tirar os olhos da página, a prima Margaret ergueu a mão.

— Estou no fim do epílogo.

A Luli soltou os cabelos e, sacudindo-os com ares de estrela, apanhou a bisnaga, não a deixando cair à areia, e escondeu-a atrás das costas, com o dedo a postos no gatilho.

— Tens a certeza? — insistiu. — A Meredith diz que a água está espetacular.

Francamente, Luli!, pensei. *Eu hoje nem entrei no mar!*

Por fim, a Margaret ergueu os olhos.

— Ah, sim? — perguntou, leve e despreocupada, tirando os óculos escuros para fitar a Luli. — E eu que não a vi na água...

A Luli entrou em pânico. Avançou rapidamente alguns passos, firmou os ombros, e, sem mais conversa, apontou a bisnaga à Margaret.

Que, de novo, apenas ergueu a mão.

— Vou na última página, Luli — disse. — Estou mesmo a acabar.

A mão da Luli começou a tremer. A praia em peso estava atenta à cena. Vi o meu pai e o tio Brad debruçados nas cadeiras. *Está demorado*, estranhei. *Imagino que a Margaret queira saborear o final da história, mas...*

Então, aconteceu.

Num piscar de olhos, a Margaret lançou-se em diante, desarmou a Luli com um golpe de caratê e fugiu a correr. O vento levou-lhe o chapéu de palha, que rodopiou antes de cair na areia.

— Raios! — explodiu a Luli, agarrando na bisnaga e correndo atrás do alvo. O riso foi geral e nem eu resisti. Quem diria? A Luli conseguira o desejado momento inesquecível.

O Ethan regressou com três caranguejos na rede. Para um menino de seis anos, era uma proeza. Pôs dois no tanque maior — o terceiro emaranhara as pinças na rede. De repente, ouvi-o sussurrar algo que me deixou em alerta.

— Hã? Podes repetir? — pedi.

— Ouvi as minhas mães falar de ti — disse ele, remexendo a areia molhada com o pé. — Sabem quem é o teu assassino.

Quase me deu uma coisinha má.

— Quem é? — Tentei manter um tom calmo e descontraído. — Quem me quer matar?

Ele encolheu os ombros.

— Pergunta-lhes.

Perguntar-lhes?

Não podia fazer isso. As minhas tias não me tinham dito uma palavra sobre o assunto,

portanto, não estavam do meu lado. Não eram de confiança.

— Não, Ethan. — Abanei a cabeça. — A pergunta foi para *ti*.

Ele hesitou.

— Ethan...

— O Ian — balbuciou. — Elas disseram que é o Ian.

Só então consegui respirar. Bem, estava explicado. O irmão da Sarah era afilhado da tia Julia. Compreendia-se que ela lhe fosse leal.

Ouvi a Claire tão nitidamente como se ela estivesse dentro da minha cabeça: *Vai-te embora agora mesmo. Ele está na praia, ou já te esqueceste? Não foi ao Atlantic para vir surfar.*

Merda, disse para comigo ao vê-lo na água, deitado na prancha. A Claire tinha razão; tinha de me pôr a andar. Duvidava de que o Ian tivesse abdicado de ostras apenas para vir apanhar umas ondas. Dentro de instantes sairia da água e, apanhando-me estendida na toalha a trabalhar para o bronze ou distraída a fazer um castelo...

Não anunciei que me ia embora: sem mais conversa, guardei rapidamente as coisas no saco, pus a toalha ao pescoço e calcei os chinelos.

Tanto cuidado para nada, porque a tia Julia agarrou no adorado megafone do tio Brad e gritou:

— Adeus, Meredith!

O meu coração disparou. O Ian teria saído da água?

Não te voltes, aconselhou a Claire, e contrariei o impulso. *Se não queres deitar tudo a perder, pira-te sem olhar para trás. Se olhas, eles ficam a saber que tu sabes!*

Hirta, despedi-me com um aceno.

Logo que fiquei longe da vista, corri.

A minha vida dependia disso.

De volta ao Anexo sã e salva, delíciei-me com um duche bem quente no exterior, depois vesti um *top* e uns calções desbotados *J.Crew* — os meus favoritos. Agarrei no telemóvel, que pusera a carregar na sala, e deixei-me cair pesadamente no sofá para ver as notificações, perguntando para comigo se o @sowitty17 teria respondido à minha sugestão. Teria pedido o *guacamole* de lagosta?

Em vez de uma notificação de mensagem do Instagram, tinha cinco mensagens de texto.

Todas do Ben.

— Que raio?! — exclamei alto, digitando o PIN para as ler. — Mas que *raio*...?

A primeira: Ei, Mer.

A segunda: Tudo bem?

A terceira: Parece que isso aí está a ser muito fixe.

— Sim — resmunguei. — Por não estares aqui.

E a quarta: Ontem estavas linda.

Ab!, exclamei em pensamento. Sentia-me a ferver. Abri o Instagram. Ali estava o meu perfil: @meredithfox. *Claro!*

Na véspera, publicara uma foto tirada pela minha mãe depois de eu, a Luli e o Eli

regressarmos de Edgartown. Posáramos abraçados, recortados por um pôr do sol rosa-alaranjado — «um pôr do sol de framboesa», como dizia a Claire. No meio, eu sorria, ainda corada no rescaldo da adrenalina de uma eliminação memorável e com os cabelos soprados pela brisa. A legenda dizia simplesmente Primos! — nem me lembrara do *hashtag* do casamento. Tivera montes de *likes*, que eu não vira porque desativara essas notificações havia séculos. Vi o primeiro comentário: @benfletcher deixara três *emojis* de fogo. Revirei os olhos. Sim, o Ben estivera apaixonado por mim, mas de uma maneira superficial, compreendia agora. Os seus elogios sempre se tinham concentrado na minha aparência.

Voltei às mensagens para ler a última que ele me deixara. Devíamos falar.

— Não devíamos, não, imbecil — resmunguei, e pus a hipótese de atirar o telemóvel à parede. No fim, contentei-me em apagar as mensagens dele. Em seguida, abri o meu perfil no Instagram e procedi a uma operação de mudança de identidade.

Dei uma vista de olhos ao meu *feed*. Tinha ali *stories* dos meus ex-colegas durante um piquenique na praça de Clinton, vídeos das minhas bandas favoritas em concerto, fotos de cães fofinhos e *memes*. Aumentei a publicação mais recente do Timothée Chalamet. Estava de férias em Itália.

Mas a imagem que se seguia teve ainda mais impacto em mim do que a foto do Timothée porque... aquela era *eu*. Não agora, mas sim havia *muito* tempo. Teria uns dez anos naquela foto: usava tranças e tinha um guardanapo metido na gola. Reconheci imediatamente a cadeira de verga onde estava sentada — ajoelhada, aliás, porque, com aquela idade, ainda não chegava à mesa.

E eu *precisara* de chegar à mesa, porque era lá que estava uma grande tigela de pedra com o famoso *guacamole* de lagosta do Atlantic. Mas, em vez de ser uma menina com boas maneiras e mergulhar educadamente um *chip* de tortilha na tigela, eu tirara o *guacamole* diretamente com a mão e lambuzara a cara. Tudo porque alguém me dissera que eu não tinha coragem para isso.

Hã?

Acordei do transe ao ver quem cometera a blasfémia. Risos, escrevera o @sowitty17. Obrigado pela recomendação, minha lagosta! #CadêaNovaDupré.

Mande-lhe uma mensagem direta nesse mesmo instante: ONDE ARRANJASTE A FOTO?!?!?

Depois: Vês *Friends*?

Aquele «minha lagosta», o epíteto escolhido pelo Wit, era um jogo de palavras por causa do *guacamole* do Atlantic, mas, também, uma referência à velha *sitcom*. A Phoebe tinha a teoria de que as lagostas juntavam as pinças quando se apaixonavam e encontravam a alma gémea. E, referindo-se à Rachel, dizia uma frase icónica ao Ross: «Ela é a tua lagosta.»

Wit de uma figa! Apetecia-me dar-lhe outro chuto na cara, mas também estava a sorrir, e queria rir daquilo com ele. Por enquanto, a minha única opção era ver se ele já me respondera.

Ainda não.

Onde é que ele arranjou a foto?, tornei a perguntar para comigo. Olhei em volta da sala. Não estava ali a que ele publicara, mas havia fotos da família Fox em *todas* as casas da

Quinta. Sorri. Sim, havia-as em todas, *incluindo* aquela onde o Wit ficara alojado.

Passados minutos, entrei decidida na sala vazia da Cabina. Ali estava a enorme lareira de pedra, os sofás com a pele estalada e o quadro do tigre a mostrar os dentes. Viera pelas traseiras, não fosse o Ian andar por ali. *Calma, calma*, disse ao meu coração. *Não estás lá fora. Aqui é seguro.*

Olhei em volta da sala uma, duas, três vezes, e só então me detive nas fotos emolduradas sobre a lareira. A maioria fora tirada havia duzentos anos, mas reparei numa mancha de cor entre todo o preto-e-branco.

Eu no Atlantic, claro.

— Apanhado — murmurei. Avancei para agarrar na foto e senti o telemóvel vibrar no meu bolso. O @sowitty17 enviara-me uma mensagem direta pelo Instagram.

Deslizaste para a direita?, perguntava.

Deslizar para a direita?, respondeu-lhe a @claires_sister. Desculpa, mas não me lembro de fazermos match no Tinder.

Seria difícil, respondeu ele. Não estou no Tinder.

Estava à beira de responder «Nem eu», mas ele mandou-me outra mensagem:

Estava a falar do nosso velho amigo Insta. Viste a segunda foto da minha publicação?

A segunda foto da publicação? De sobrolho franzido, tornei a aumentar aquela foto antiga, e vi os dois pontinhos por baixo.

Havia *duas* fotos.

Não acredito, disse para comigo, com o polegar a milímetros do ecrã. *Ele não faria...*

Mas fizera. Ao deslizar para a direita, deparei com o Wit Witry, de dezanove anos, a reconstituir o momento protagonizado pela pequena Meredith Fox. Tal como eu, tinha um guardanapo azul metido no colarinho da *T-shirt*, e uma tigela de pedra com *guacamole* à sua frente, e, de novo, como eu, agarrara numa mão-cheia de *guacamole* e besuntara a cara. Sorria de orelha a orelha.

Regressaram as borboletas no estômago.

Possivelmente, o Wit mandara outra mensagem depois de eu pôr *like* na foto, mas estava demasiado ocupada para responder: acabava de arriscar um encontro cara a cara com o Ian ao ir ao Pavilhão roubar uma coisa.

A lagosta de peluche da Hannah.

Ela nem vai dar pela falta, disse para comigo enquanto corria de regresso à Cabina, para voltar ao último quarto. *Ela tem mil brinquedos, nem vai dar pela falta do boneco!*

Reparei que o Wit não fizera a cama, depois concentrei-me na decoração da mesa de cabeceira. Tirei dali o saco de gelo para fazer espaço para a minha foto emoldurada, depois pousei a lagosta vermelha sobre o guia de viagem da Nova Zelândia. *Irá viajar com a mãe?*, ocorreu-me. *Para fechar o verão em grande?*

Antes de sair, tornei a deter-me na cama por fazer... ou seja, fiquei parada a olhar com ar de tarada. Ele afastara os cobertores para os pés da cama, havia areia nos lençóis e dava para ver onde dormíamos. As marcas dos nossos corpos estavam demasiado próximas para se poder dizer que fora inteiramente platónico. Lembrei-me dessa manhã, quando acordara ao lado dele e vira que estávamos ambos de braço estendido, como se nos fôssemos tocar.

Sim, admiti. *O Wit faz-me sorrir e quero rir daquela foto com ele.*

Sobressaltei-me ao perceber que era *mais* do que isso.

Tinha vontade de o beijar.

Queria beijar o Wit.

Por volta das quatro da tarde, fui até ao Condomínio do *Nylon*. O acampamento fora erguido no fim de uma estrada sinuosa não muito afastada da única mansão de qualidade duvidosa que havia na Quinta: a Casa da Charneca. «Aposto que os Duprés estão *radiantes*», comentara alguém no gozo quando eu ali estivera na véspera. «Será que alguém podia fazer um acampamento mais nódoa?»

De facto. A Casa da Charneca tinha vista para a lagoa de Jobs Neck — teria, sem as doze tendas a tapá-la. Naquele momento, estava fechada a falar com o Eli na dele. A Pravika e o Jake tinham ido trabalhar e não tornara a ver a Luli depois da praia.

— Achas que ela continua atrás da Margaret? — perguntei. — Será que lhe está a fazer uma espera?

— Hum — respondeu o Eli. — Capaz disso é a Luli. — Por fim, tirou os olhos do livro, que parecia estar a ler sem grande vontade. — Ou talvez esteja escondida do seu assassino.

Deixei escapar um gemido lamuriento. Também não tornara a ver o Ian, o que não me descansava — pelo contrário, ainda me enervava mais. Depois de deixar a lagosta de peluche no quarto do Wit, confirmara três vezes que não andava ali ninguém e só depois regressara ao Anexo, tratando de não ser vista no caminho.

— Pelo menos, já sabes quem te quer matar — considerou o Eli, depois retomou a leitura. Reparei numa pilha de livros com ar de novos ao lado do saco-cama.

— Eli... — disse calmamente. — Onde estiveste esta manhã?

Não houve resposta.

— Não foste à livraria, ou foste?

Ele apertou o livro até os nós dos dedos ficarem brancos.

Dei uma gargalhada.

— Se ele trabalha no clube náutico, não o vais encontrar na livraria durante o...

— Fui à hora do almoço! — explodiu ele, e a voz subiu-lhe um par de oitavas. — Sem tentar é que não consigo mesmo!

— E...? — perguntei. — O teu instrutor de vela *apareceu* na livraria?

Os ombros do Eli descaíram.

— Não. — Abanou a cabeça. — Mas estava lá um empregado giro. Cabelo preto, óculos de armação escura e ar de leitor exigente. — Calou-se um instante. — Muito tímido. Disse olá, mas não saiu de trás da caixa. Continuou a ler e ali ficou.

— Não é o melhor atendimento ao cliente — respondi, e pensei na Claire. Se tivesse ido trabalhar na Edgartown Books naquele verão, decerto aconselharia livros a cada pessoa que lá entrasse. Ninguém teria deixado a livraria sem um saco na mão. Tê-la-iam adorado.

— Aposto que, com o instrutor de vela, é todo atenções — resmungou o Eli.

— Por amor de Deus, Eli! — Atirei-lhe um livro. — Nem sabes se eles são *gays*!

O Eli fez uma careta, depois mudou de assunto.

— Vais à República de Estudantes hoje à noite?
— Vou — respondi. — Só espero não encontrar o Ian à minha espera no caminho.
— Ná, vai estar ocupado. Agora é ele o anfitrião. A não-sei-quantas terminou o curso, ou já esqueceste? — Admirou-se com o meu ar de quem estava à nora, mas depois lembrou-se. — Ah — disse, com brandura. — Não estiveste cá este ano.

— Pois não — confirmei, e fiz de conta que não estremecera ligeiramente. Olhei para o relógio. Eram quase quatro e meia.

Estava quase na minha hora.

— Boa sorte — disse o Eli, quando abri a tenda. — Conta-me como correu.

— Combinado — disse eu. Ao abrir caminho pelo meio das tendas até à Casa da Charneca, fiz os exercícios respiratórios que aprendera com a tia Rachel. Só assim conseguia dominar os nervos por ser simultaneamente caçadora e *presa*. O meu lado racional dizia-me para abortar a missão, adotar uma tática defensiva e ir esconder-me nalgum lado. O Ian podia estar a seguir-me naquele momento sem eu dar por isso. Para piorar tudo, o cartão laminado no meu bolso dizia: oscar witty.

Na véspera, assustara-me ter de dizer ao Wit que o meu novo alvo era o pai dele, sobretudo depois da nossa conversa, mas, quando finalmente ganhara coragem e fizera a grande revelação, ele desatara a rir. «Que fartote», dissera. «A sério, acho hilariante.» Depois, bocejara. «Até te posso dizer a altura perfeita para o despachares. Conheço o horário de férias do meu pai.»

Lembrar-me do seu riso fez-me ter saudades dele. Não o vira durante todo o dia. Depois de um almoço demoradérrimo, mandara-me uma mensagem a dizer que iam passar o resto da tarde em Chappaquiddick. A ilha ficava à distância de uma curtíssima travessia de *ferryboat* — deixando o cais em Edgartown, eram cento e sessenta metros em linha reta. Como não podia deixar de ser, uma dama de honor publicara uma foto de grupo no *Chappy Ferry*. O Wit não estava a olhar para a câmara: voltara a cabeça para se deter em alguma coisa fora de campo. O vento revolia-lhe o cabelo arruivado.

Sempre a olhar para todo o lado, pensei, e lembrei-me da nossa ida de bicicleta à Quinta Morning Glory, quando, ávido por ver tudo, ele não parara de voltar a cabeça. *Não quer que lhe escape nada que mereça ser visto*.

Isso agradava-me.

Chegara à Casa da Charneca. Fiquei alerta. Tinha a sensação de que o caminho pela floresta me cuspira subitamente naquele pátio lateral. «Ele vai estar sozinho», dissera-me o Wit. «Aliás, estará acompanhado de um charuto e um bom uísque. Gosta de se sentar cá fora para apreciar o dia e desfrutar o silêncio.»

Mas, em vez de silêncio, ouvi *vozes*. O meu coração disparou. Estavam nas traseiras. A jogar *boccia*, deduzi, e, colando-me à fachada de ripas brancas, detive-me para repensar a estratégia. Se estavam realmente a jogar *boccia*, eram quatro, pelo menos — portanto, tinha de contar com três convidados que diriam ao pai do Wit para fugir.

Era bom, mas vou ter de esperar, disse para comigo, resolvendo que tornaria a tentar no dia seguinte.

Ouvi uma mulher rir.

— Oscar, que jogada foi *essa*? — Era a Kasi Dupré, vi ao espreitar da esquina para ver o

que estava a acontecer. O campo de *boccia* era uma faixa de terra batida com dezoito metros de comprimento e quatro de largura: parecia um campo de ténis esticado. De um lado, estava a irmã mais velha do Michael, acompanhada do irmão mais novo. Do outro, estavam o pai e a madrastra do Wit, ambos de copo de uísque na mão. Confirmava-se: o Oscar estava a fumar um charuto.

Ele riu-se.

— Este jogo tem uma ciência, Kasi.

— Da qual tu não pescas pevide — respondeu impassível o irmão do Michael, antes de lançar uma bola que atirou para longe uma do Oscar.

O pai do Wit impacientou-se daquela maneira típica dos pais.

— Calma, *cher bébé* — disse-lhe a mulher, plantando-lhe um beijo na face. — Descansa que eu resolvo o problema.

De repente, enchi-me de adrenalina. Certifiquei-me de que trazia a bisnaga enfiada na cintura dos calções. Viera assassinar o Oscar Witry e não sairia dali sem fazer isso.

«Percebo como te sentes», dissera o Wit, depois de eu lhe confessar o rancor que não conseguia deixar de ter à Sarah e que me roía a consciência. «Adoro os Duprés: a Jeannie, a Kasi, o Michael, a Nicole e o Lance. Adoro cada um deles, mas levou-me algum tempo.» Calara-se momentaneamente. «Os meus pais separaram-se quando eu tinha catorze anos. Eu e a minha mãe ficámos no Vermont e o meu pai mudou-se para Nova Orleães. Falávamos com regularidade, ou esforçávamo-nos por isso, mas nunca sobre coisas realmente importantes.» Um suspiro. «Era do tipo: *Como vai isso? Que tal a escola? Tens esquiado?* Os telefonemas terminavam sempre com a mesma frase: *A ver se vens conhecer a casa.*»

— E essa visita aconteceu quando? — perguntei naquela noite, vendo que ele tornara a ficar silencioso.

O Wit aclarou a garganta.

— Passados dois anos. Sem ele alguma vez ter mencionado a Jeannie. — Os seus dedos brincaram com os meus. — Quando o meu pai finalmente me comprou o bilhete de avião, foi para eu estar no *casamento*.

— Não — disse eu, mal me atrevendo a erguer a voz. — Estás a gozar.

— Quem me dera que sim — disse o Wit. — Tinha começado a namorar com a Jeannie poucos meses depois de se mudar, mas nunca me falou dela. — Imitou a voz troante do pai: — *Bem-vindo a Nova Orleães, filho! Apresento-te a tua madrastra!*

Senti um aperto no coração.

— Wit...

— Senti-me enganado — murmurou ele. — Fiquei furioso. Ainda pensei dar meia-volta, regressar ao aeroporto e apanhar um voo de regresso.

— O que aconteceu depois? — perguntei baixinho.

O Wit encolheu os ombros.

— Eles casaram-se. Casaram-se e, quando dei por mim, tinha quatro irmãos por afinidade, que, no começo, me fizeram sentir uma porcaria. Via o meu pai com eles e sentia que tinha sido esquecido e que... — A voz falhou-lhe. — Via-se que ele os adorava.

— Sentiste que ele te tinha trocado — concluí.

— Exato, e guardei-lhe o rancor por isso durante muito tempo, mesmo depois de também eu passar a adorar os Duprés. — No escuro, quase o conseguia ver sorrir. — Não é difícil adorá-los.

— Sim — concordei. Estava a pensar no Michael: a partir do momento em que a Sarah o apresentara à família, fora como se sempre tivesse sido um de nós. — Não é mesmo.

Ficámos silenciosos durante longos instantes e pensei que o Wit adormecera, mas, por fim, ouvi-o dizer:

— Escolhi Tulane por causa do meu pai. Sei que te disse que foi por querer viver uma aventura, mas não é aventura nenhuma e eu *sabia* que não ia ser. Nem podia. A casa do meu pai fica a quinze minutos. — Suspirou. — Escolhi Tulane porque queria que ele visse que eu estava ali.

— E conseguiste? — perguntei. — Ele viu isso?

— Sim — respondeu o Wit. — Ele viu que eu estava ali, eu vi que ele estava ali, vimos os dois que o outro estava ali. — Calou-se um instante, depois murmurou: — Agora, quero viver uma aventura.

Tentei atravessar o pátio como se nada fosse, mas, conforme me aproximava deles, o meu coração batia mais depressa.

— Viva, Meredith! — saudou a Kasi. — Vens à procura do Wit?

— Hum, sim — menti. — Sabes se ele já voltou?

A Kasi abanou a cabeça.

— Ainda não. A Nicole mandou uma mensagem a dizer que eles estão a falar de ir conhecer outra vila e jantar por lá. Chama-se Chill... qualquer coisa.

— Chilmark — disse eu. — Devem ir comer à Chilmark Tavern.

— Estamos a perder alguma coisa extraordinária? — perguntou a Jeannie, com um sorriso caloroso. Ela e o Michael tinham exatamente a mesma cor de olhos: uma tonalidade castanha que nos tranquilizava.

— Nem por isso — respondi. — A comida é deliciosa, mas o restaurante é *muitíssimo* barulhento. — Sorri-lhe de volta. — A minha irmã dizia que ouvir tantas vozes juntas é como bater várias vezes com a cabeça contra a parede.

Eles uniram-se num queixume compadecido.

— O Wit vai penar — disse o Oscar. — O meu filho gosta de ambientes pacatos. — Trocou um olhar com a mulher.

Aproveitei para puxar da bisnaga e, quando ele tornou a olhar para mim, apontei-lha.

— Não é pessoal, Sr. Witry — desculpei-me. — Mas tem de ser feito.

Ele anuiu. Os enteados gritaram-lhe que corresse para dentro, mas o pai do Wit fechou os olhos e até tive direito a uma queda dramática quando o borrifei no peito. Tive vontade de rir; imaginava perfeitamente o filho dele a fazer algo semelhante.

— Não faço a mais pequena ideia de quem é esta pessoa — declarou o Oscar, ao entregar-me o cartão laminado com o nome do seu alvo. — Perguntei ao Michael, mas ele anda armado em imparcial, como já se esperava. Também perguntei à Sarah, que se desfez em pedidos de desculpa e não disse mais.

Li o nome e sorri confiante.

— Conheces?

— Conheço.

— Nesse caso, que tenhas muita sorte, menina Meredith. — O pai do Wit estendeu-me a mão.

Cumprimentámo-nos.

— Obrigada, Sr. Witry.

Ao descer o acesso da Casa da Charneca, tinha a barriga a dar horas, por isso, em vez de regressar ao Anexo pela calada — escondida pelo meio das árvores e olhando por cima do ombro a intervalos de cinco segundos —, decidi esquecer a cautela e correr. O Ian não teria certamente menos fome do que eu. Podia inclusivamente ter ido juntar-se aos amigos e às damas de honor em Chilmark.

Quando passei a correr pela saída para a lagoa de Jobs Neck, ouvi uma voz que me fez travar a fundo.

— É inadmissível, não estou para *isto* — queixava-se uma voz feminina, e, rodando nos calcanhares, vi-a andar de lá para cá diante de um carvalho. De *AirPods* nos ouvidos, ia falando ao telemóvel. — Ela pôs-me a dormir num sofá, numa casa com os primos pequenos, e eles acordam cedíssimo, raios.

Isto é bom de mais para ser verdade, disse para comigo, certificando-me de que tinha a bisnaga a postos antes de me aproximar literalmente a saltitar da Viv Malitz, de quem a Sarah era amiga, mas não a ponto de a convidar para dama de honor. «Já lhe disse mil vezes que não é verdade», queixara-se a Sarah em conversa connosco. «Mas ela não para com os comentários ácidos e eu já preferia que não viesse.»

Naquele momento, não tive dúvidas de que a Viv partilhava o sentimento.

— Dá-me dois minutos e já te ligo — pediu ao interlocutor depois de eu a borrifar. Pelo tom, não achara graça, mas eu fora misericordiosa: atingira-a no braço.

Ainda assim, fulminou-me com o olhar.

— Dás-me o cartão com o nome do teu alvo? — pedi, quase inibida.

— Eu estava ao telemóvel — venceu ela, indicando os *AirPods*.

— Eu vi — respondi. — Acontece que, hum, estamos em jogo vinte e quatro horas por dia. — Evitei o contacto visual, com medo de que o seu olhar gélido me furasse. — E, hum, estás cá fora, logo... — Engoli em seco. — Dás-me o cartão com o nome do teu alvo, por favor?

Ela olhou-me demoradamente, e confirmava-se: os seus olhos eram facas.

— Não tenho o cartão comigo.

— Hã?

— Não o tenho aqui — repetiu ela. — Está no Pavilhão, imagino que lambuzado de manteiga de amendoim, com os cumprimentos dos teus primos.

Apeteceu-me responder «O Ethan é alérgico a amendoins», mas talvez fosse melhor não divagar. Quanto mais depressa me livrasse dela, melhor.

— Podemos combinar para mo entregares? — pedi. — Também podes deixá-lo na

minha caixa do correio. Ou vou eu buscá-lo à tua. Preciso mesmo, senão não posso continuar a...

— Ai, meu Deus! — interrompeu ela. — Sim, pronto, tudo bem! Relaxa, eu encontro a porcaria do cartão!

Tornou a pôr os *AirPods* e ergueu o *iPhone* diante do rosto para o reconhecimento facial.

Estava a dizer-me que me retirasse da sua presença.

— Preciso da tua ajuda — ouvi ao afastar-me. Tornara a ligar à mesma pessoa. — *Tira-me* desta ilha.

Afinal, em vez de ir até Chilmark, o grupo dos amigos do noivo e das damas de honra regressou à Quinta para jantar, mas os meus pais sugeriram irmos ao Coop de Ville, uma marisqueira com esplanada em Oak Bluffs, famosa pelas amêijoas, fritas ou cozidas a vapor, e pelas asas de frango. Ali, ninguém estava com cerimónias: as mesas eram compridas e sentávamo-nos em bancos corridos ou bancos de bar. As paredes estavam cheias de galhardetes de clubes de futebol de vários países e de letreiros desbotados do tipo hoje há vieiras! e esta noite: churrasco de amêijoas à moda tradicional! Aquele sempre fora um dos restaurantes favoritos da Claire. O meu pai quase tinha de a manietar para conseguir chegar às amêijoas.

Conseguimos três bancos com vista para o porto e, pedidas as asas de frango, o meu pai começou a falar do Assassino: eliminara um primo e herdara outro. A minha mãe confessou que estava a aguardar o momento certo para eliminar a Nicole Dupré.

— É complicado, por ela ser dama de honor — justificou-se. — Têm muitas atividades em grupo e os preparativos para o casamento vão começar a intensificar-se.

Fartaram-se de rir quando lhes relatei a minha visita à Casa da Charneca para eliminar o pai do Wit.

— Ele foi um senhor — elogiei, a falar com a boca cheia de frango picante. Provavelmente, tinha os lábios lambuzados de molho.

— Sim, ele é educado e muito simpático — concordou a minha mãe, quando eu já ia começar a contar o encontro com a Viv. — Ontem, na praia, estivemos na conversa um par de horas. — Bebeu um golinho de água. — Percebe-se que adora o filho.

Ao ouvir aquilo, fiquei tão ansiosa que não conseguia parar quieta. *Wit, Wit, Wit*, pensei, incapaz de não sacudir a perna. Porque saíra sem me despedir nessa manhã? Devia ter dito alguma coisa, e *teria dito* se soubesse que não o ia ver durante todo o dia.

Não, calma, não é verdade, disse para comigo, sacudindo tanto a perna que era um milagre ela ainda não ter saltado. *Vou vê-lo esta noite*.

Nessa tarde, antes de deixar a tenda do Eli, enviara-lhe uma mensagem pelo Instagram: Mais logo vai haver uma coisa na República de Estudantes.

Uma coisa?, respondera ele. Queres dizer uma festa?

Sim, escrevera eu. Começa às 9.

Sem ofensa, dispenso, respondera ele. Passei o dia com esta malta, não estou para os aturar à noite.

Não, isto é diferente, escrevera eu. Juro.

Ao fim de alguns minutos: Com o mindinho?

A pergunta fizera-me sorrir. Sim, com o mindinho.
— Em quantos vais, Mer? — perguntou o meu pai, trazendo-me de volta ao presente.
— Quantos já eliminaste?
— Quatro — respondi sem hesitar. — Vou no meu quinto alvo.
O meu pai ergueu a cerveja.
— Brindo a isso.
— E quem é? — perguntou a minha mãe, depois de fazermos tchim-tchim.
— Ainda não sei — respondi, de sobrolho franzido. Iria a Viv deixar o cartão na caixa de correio do Anexo? Ou teria de lho pedir pela segunda vez? — Parece mentira, mas não sei.

A República de Estudantes ficava ao lado dos campos de ténis e a semelhança com a generalidade das casas em Paqua ficava-se pelo telhado de madeira. Nem sequer era propriamente uma casa: entrávamos e parecia uma cave inacabada. Não se percebendo com que propósito fora construída, acabava por ser usada para vários fins. Havia apenas duas divisões e, na maior, fora improvisado um ginásio. De resto, havia sofás a precisar urgentemente de enchimento, uma velha televisão que já não funcionava, uma aparelhagem ainda mais velha, mas que, milagrosamente, tocava, e uma escanifobética estrutura de madeira que o meu pai e o tio Brad diziam ser um bar — porque a tinham feito eles quando andavam no secundário. Talvez para tornar isso perceptível, fora equipada com um frigorífico decorado com autocolantes para carros.

Na outra divisão, havia uma mesa de pingue-pongue e um quadro preto que, além de funcionar como placar, indicava os recordistas. O avô Pisco continuava a ser o campeão absoluto e indisputado. Havia cordões de luzes no teto e, no canto, uma máquina de *flippers* (aí, a campeã era a avó Bijú).

Resumindo, a República de Estudantes era perfeita para festas.

No regresso de Oak Bluffs, os meus pais foram juntar-se ao tio Brad e à tia Christine na Casa da Lanterna, e a Luli e a Pravika foram ter comigo ao Anexo para nos vestirmos para a festa.

— O *eyeliner*! — pediu a Luli aos berros. — *Tout suite!* — Os acontecimentos dessa manhã tinham-na deixado elétrica e ainda não se acalmara. No fim, a Margaret escapara.

— Já vai! — respondi. Desliguei o secador da tomada e procurei o *eyeliner* no meu estojo de maquilhagem, depois regressei ao quarto dos meus pais, onde tínhamos o melhor espelho do Anexo.

A Luli voltou-se e os nossos olhares encontraram-se.

— O que foi? — perguntei, subitamente um pouco constrangida.

— Nada — respondeu ela.

— As pessoas ainda se arranjam para as festas, certo? — perguntei. Era uma tradição imemorial: as raparigas esmeravam-se e os rapazes... iam como calhava. — Ou isso mudou?

— Não, não mudou.

Depois, como se nada fosse, perguntou se o Wit também ia.

— Sim, eu convidei-o — respondi.

Ela anuiu.

— Fantástico.

Senti-me corar. Quem ouvisse o tom dela diria que eu fizera alguma asneira.

— Ele é impecável — comentei, esforçando-me por manter um tom descontraído. Estendi-lhe o *eyeliner*. — Talvez esta noite o nosso grupo possa...

— Eh lá, Meredith! — interrompeu a Pravika, que estivera a pintar as unhas na cozinha. — Estás *sexy* como tudo! — exclamou, indicando o meu vestido preto sem costas. Não podia negar que era *sexy*. Oferecera-mo a Sarah pelo meu aniversário. Chegara no correio. Tinha-o desde abril e nunca o usara. — Vestiste-o para alguém especial?

— Para mim. — Uma mentira inofensiva. — Foi uma prenda da Sarah.

«Para enfeitiçares alguém», escrevera ela no cartão.

La estreá-lo e não podia estar mais feliz por o Ben nunca lhe ter posto os olhos em cima. Usara muitos vestidos bonitos durante o namoro, mas não aquele. Talvez soubesse inconscientemente que o Ben não era «alguém».

Fiquei ligeiramente aflita ao lembrar-me da mensagem que recebera de manhã: Devíamos falar.

De seguida, lembrei-me de que a apagara, e a aflição passou.

Longe da vista, longe do coração.

Quando a Pravika e a Luli ficaram prontas, vesti o impermeável com capuz do meu pai. Não estava a chover, mas não podia deixar que o Ian me visse a céu aberto.

Quando chegámos à República de Estudantes, vi que escusava de me ter preocupado: ele estava demasiado ocupado a fazer de segurança de discoteca. De plantão nos degraus do alpendre, tratava de impedir que um grupo passasse as portas de correr.

— Ian, agora a sério — insistia o Michael. A Sarah estava ao seu lado e, atrás dos dois, os amigos aguardavam ansiosamente. — Deixa-nos entrar.

O meu assassino cruzou os braços e fez ar de durão.

— És menor de vinte e um anos, Michael? — perguntou ao quase-cunhado. Com o queixo, indicou o grupo atrás dele. — E *vocês*? Não veem que já não têm idade para estar aqui?

— Ian! — protestou a Sarah.

— Irmã: sabes muito bem qual é a regra! — E pôs-se a assobiar.

Rindo às gargalhadas, eu, a Pravika e a Luli contornámo-los e entrámos. Não mentira ao dizer ao Wit que não seria uma festa como as outras: ali, só entravam as «camadas jovens», como diziam os meus avós.

Ainda assim, havia álcool. Em teoria, íamos beber às escondidas dos nossos pais, mas, considerando que a maioria dos adultos de Paqua fora adolescente em Paqua, falávamos de um segredo que não era segredo para ninguém. Por algum motivo o meu pai e o tio Brad tinham feito aquela coisa a que chamavam um bar.

— O avô Pisco já cá esteve — disseram o Eli e o Jake, saltando os olás e estendendo-nos *hard seltzers*. — Fez o discurso.

Como se esperava. O meu avô era escrupuloso com as regras e nunca deixava de aparecer nas festas da República de Estudantes para as recapitular: «Se alguém não quiser beber, ninguém os obriga», avisava. «E nada de bebidas destiladas, apenas cerveja e refrigerantes

com pouco álcool. Nada de jogos imbecis e *atenção*: a minha mesa de pingue-pongue *não é* para jogar *beer pong*.» Aclarava sempre a garganta antes de nos recordar a última: «Para terminar, se *alguém* entrar num carro, mesmo que não seja para conduzir, o dono do carro há de ir procurar as chaves no fundo da lagoa das Ostras!»

— Tens frio, Meredith? — O Jake bebeu um gole de cerveja.

Sem me dar conta, começou a tremer. Tirara o impermeável, mas não era por isso.

— Um bocadinho, sim — respondi, obrigando-me a regressar ao presente. Abri a lata de *hard seltzer* com sabor a cereja-preta. Daria apenas um golinho.

— Inscrevi-nos no torneio de pingue-pongue — comunicou o Jake à irmã, enquanto eu olhava em volta. Detive-me na velha aparelhagem: era medieval, mas tinha bom som. Já havia gente a dançar. Vi a Nicole Dupré e o Daniel Robinson, uma das minhas vítimas, aos segredinhos num sofá. Primos e primas distribuíam-se em grupinhos pelo bar. Viera muita gente.

— E é para ganharmos! — declarou a Luli. Indicou a outra divisão com a *hard seltzer*. Nesse momento, ouviram-se gritos entusiásticos. — Bora tirar a pinta ao adversário.

Passaram à sala do pingue-pongue e, minutos depois, o Eli levou a Pravika para a pista (um pavoroso tapete de pelo comprido dos anos setenta).

— Mer! — chamaram, acenando-me para me juntar a eles. — Anda!

Deixei de os ouvir e deixei de ouvir a música: ao afastar-se do bar, um grupo de raparigas revelara alguém que se tornara familiar. Estava encostado à parede do fundo, não por timidez ou algo assim, mas à espera.

Com o coração aos saltos, avancei para lá.

Encostado à parede de madeira, o Wit endireitou as costas ao ver-me.

— Viva — saudou. — O porteiro deixou-te entrar?

O meu assassino é o Ian, dissera-lhe eu pelo Instagram. Consegui sacar informação ao Ethan.

Salva pelos juniores, respondera ele. Temos de pensar numa estratégia.

«Temos» e não «tens».

Fiz que sim.

— Hum-hum. O Ian tem um problema entre mãos. — Indiquei-lhe a entrada com um aceno por cima do ombro. A Sarah e o Michael ainda não tinham desistido de convencer o meu primo.

O Wit riu-se e aproveitei para o observar. Sim, a maioria dos rapazes viera vestido de qualquer maneira — o Jake nem tirara o polo roxo cheio de nódoas de gelado que usava na Mad Martha's —, mas o Wit vestira umas calças de ganga *slim* e uma camisa branca com listras verde-escuras. Trazia-a aberta, com uma *T-shirt* cinzenta por baixo, e enrolara as mangas para mostrar o relógio com pulseira de couro. O meu coração aos saltos parecia uma pedra a fazer chapeletas na lagoa de Paqua.

— Ei, a tua cara melhorou! — comentei. A equimose estava esverdeada e ligeiramente esbatida. — A tia Christine vai ficar contente.

— Ontem fui um rapaz responsável e pus gelo — respondeu ele.

Arrebitei a sobrancelha.

— *Tu* foste responsável?

Devia esganá-lo, mas ele piscou-me o olho. As luzes do teto realçavam-lhe o cabelo arruivado e os olhos de um azul-turquesa que eu sempre julgara existir apenas na literatura fantástica.

Percebi que ele estava a admirar o meu cabelo comprido, que eu soltara, e o vestido sem costas. Aguardei que me dissesse que eu estava um espanto.

Mas ele não comentou a minha aparência e, estranhamente, fiquei feliz com isso.

— Não teria sido melhor trazeres calçado mais prático? — perguntou.

— Pois é — concordei, olhando para as minhas sandálias de saltos em cunha. Se o Ian resolvesse correr atrás de mim à hora de ir para casa, estava tramada. — Não há de ser nada.

Ele sorriu e bebeu um golinho de vinho tinto.

— Vinho? — perguntei. — Onde é que há *vinho*?

— Em lado nenhum — respondeu ele. — Isto não é vinho. — Estendeu-me o copo para eu provar. — É sumo de mirtilo. Há no frigorífico. — Encolheu os ombros. — Não sou muito de cerveja.

— Hum. — Todos os rapazes que eu conhecia gostavam de cerveja.

Ficámos em silêncio durante alguns segundos.

— A propósito: obrigado pelo meu presente — disse ele, muito circunstancial. — Vou

dormir abraçadinho a ele todas as noites.

O gole de sumo quase me saiu pelo nariz. A lagosta de peluche da Hannah.

— Mentiroso.

Outra vez o sorriso de esguelha.

— Pois sou. Fui devolver o boneco enquanto estavas a jantar. Olha que dava para *ouvir* a choradeira no Pavilhão.

— Imagino. — Estava familiarizada com o choro agudo da Hannah. Fora parvoíce pensar que ela não daria pela falta da lagosta de peluche. Tinha muitos bonecos, mas adorava aquele em especial.

— Que tal o dia? — perguntou o Wit, tornando a encostar-se à parede. Não o queria tão afastado. Avancei e quase o fiz afastar os pés para ocupar esse espaço. Ficámos mais próximos do que antes. — O meu pai contou-me que apareceste durante o jogo de *boccia*. — comentou ele, aclarando a garganta. — Achou-te muito educada.

— E eu achei-o um senhor — respondi. — Não tentou fugir. — Conte-lhe o encontro com a Viv. — Ia a correr para casa e ali estava ela às voltas debaixo de uma árvore, a falar ao telemóvel.

Quando terminei a história, a mão dele estava na minha cintura. Senti-lhe o calor dos dedos através do tecido fino e regressou a sensação de espirais à flor da pele. Ouvi vagamente a Pravika chamar-me para irmos torcer pela Luli e pelo Jake.

— Devíamos ir vê-los — disse o Wit, e a mão dele deslizou para as minhas costas. Quando senti a pele dele em contacto com a minha, o meu coração deu um salto, e eu dei outro. — Calma, desculpa. — Depois, com um ar convencido: — Tens frio?

— Estou gelada, não dá para ver? — brinquei.

Na sala do pingue-pongue, acabámos de novo a um canto. A Luli e o irmão enfrentavam a Nicole e o namorado. O árbitro era o Eli. Eu ia vendo, mas, ao mesmo tempo, *não* via. Os dedos que antes tinham tocado as minhas costas iam roçando nos meus. *Dá-me a mão*, pedi em pensamento. *Dá-me a mão...*

— Voltamos para a outra sala? — sugeri, no intervalo do jogo. Os meus amigos estavam a ganhar e tinham uma claque de respeito. — Está a ficar muito barulho.

Não era verdade.

Ele fez que sim e, instantes depois, continuámos onde paráramos. Pousei a *hard seltzer*. Mal lhe tocara, mas, mesmo sem álcool, tinha a cabeça a andar à roda e estava alegre e sorridente. O sumo de mirtilo escurecera-lhe os lábios. Estendi os dedos para lhes tocar e ele sorriu.

— Tens uns lábios bonitos — elogiei.

Risonho, ele pousou o copo e os seus braços rodearam-me.

— A sério?

— Sim — assenti. Depois murmurei: — Parece que dão vontade de beijar.

— *Parece?* — Riu-se. — Só isso? Não dão *mesmo*?

Fiquei de respiração suspensa. Era agora. Chegara o momento.

Mas, quando me inclinei, ele desviou a cara.

— Aqui não. — Abanou a cabeça e olhou para a porta. — Vem.

Zonza e com o coração aos saltos, deixei que ele me levasse — e, do nada, ali estava o

Ian a impedir-nos a passagem, com a bisnaga a espreitar do bolso.

— Viva, Mer — saudou. — Já vais embora?

— Não — disse, e escondi-me atrás do Wit. — Só mais daqui a bocado. — Baixei-me e desapertei rapidamente as sandálias, primeiro a esquerda, depois a direita. — Queremos apANHAR ar, só isso. — Descalcei-me. — Vamos sentar-nos no terraço.

Ele seguiu-nos, claro; não nascera ontem.

— O que estás a tramar? — segredou o Wit ao ver-me enviar uma mensagem.

— Já vês — sussurrei.

Passados cinco segundos, a Pravika saiu aflita para o terraço.

— Ian! — exclamou. — Vem depressa! A Sarah e o Michael estão a tentar entrar pelas traseiras!

— Corre — disse eu ao Wit, puxando-o comigo ao descer os degraus do terraço mal o Ian rodou nos calcanhares e entrou furioso para averiguar o que se passava. — Corre!

Quando chegámos à Cabina, ríamos tanto que mal nos aguentávamos de pé. Deixámo-nos cair na cama dele.

— O Ian vai subir pelas paredes — disse o Wit, quando já conseguia falar. — A Pravika merecia um Óscar.

Fiz que sim, e calámo-nos. Sabíamos o que ia acontecer, mas parte da magia parecia ter-se esfumado. Na festa, havia as luzes, aquele canto sossegado, os nossos dedos a roçar-se. Ao fugirmos do Ian, a atmosfera mudara.

A melhor solução que me ocorreu para a recriar foi levantar-me, indicar o vestido e perguntar:

— Importas-te que o tire?

Ele quase arregalou os olhos. Levantou-se desajeitadamente.

— Hum, não — respondeu. — Se queres, tudo bem. — Coçou a nuca. — Não há pressa.

Ri-me. Era cómico vê-lo atrapalhado. Fiz que não.

— Não é isso, palerma — disse. — Vai sonhando. — Aponte para a cómoda. — Emprestas-me uma *T-shirt*?

Assentindo, ele abriu a primeira gaveta. Escolheu uma azul e lançou-ma para as mãos.

— Viras-te de costas? — pedi.

Ele assim fez.

Depois de vestir uns calções de licra, deixei o vestido cair-me aos pés e enfiei rapidamente a *T-shirt*.

— *Okay*, já podes olhar — disse-lhe.

O Wit voltou-se e, de novo, nenhum dos dois parecia saber o que fazer. Ele deixou-se ficar onde estava.

Avancei dois passos.

Parei.

Ele percebeu a mensagem e avançou dois passos.

Fiz o mesmo.

Ele tornou a avançar.

Quando nos encontrámos a meio do quarto, tinham regressado as borboletas no estômago, que ficaram ainda mais frenéticas quando vi o sorriso de esguelha. Ele levou os dedos ao meu rosto e desenhou suavemente as sobrancelhas, as pálpebras, o nariz e as maçãs do rosto, deixando os lábios para o fim.

— Também parece que te quero beijar — murmurou. — Pode ser?

— Sim — murmurei de volta. — Pode e deve, e depressa, de preferência.

— Ei. — Ele ergueu as mãos. — Estou a ser cavalheiro.

Suspirei.

— De preferência, *agora*, Wit.

— *Okay*, calma, também não é preciso implorar...

Não o deixei continuar: joguei-me nos braços dele, enlacei-lhe a cintura com as pernas e beijei-o eu. Senti-o sorrir ao colarmos os lábios e mergulhei os dedos no seu cabelo espesso. O beijo era doce, tão doce como o sumo de mirtilo que ele bebera na festa, e a minha pele explodiu em espirais, que se tornaram ondas sísmicas a percorrer o meu corpo. Por fim, os nossos lábios afastaram-se, e escapou-me um gemido.

Ele abriu um sorriso malandro.

— Vou considerar isso um elogio — disse.

Corei.

E ali estava o sorriso de esguelha.

Beijei-o.

QUARTA-FEIRA

Acordei com um zumbido no chão e uma ligeira dor de cabeça. O quarto do Wit estava completamente às escuras, mas, ao contrário da manhã da véspera, os nossos braços estendidos tinham-se encontrado: o Wit rodeara-me a cintura e eu agarrara a sua *T-shirt*. Ninguém despira nada. Relutantes, adormecêramos depois de muito menos beijos do que nos apetecia dar. Sorri.

O zumbido parou, depois recomeçou. Muito devagar, deslizei para fora da cama. Deixara o telemóvel junto dos sapatos e do vestido. *Quem será?*, perguntei-me, bocejando ao baixar-me para o agarrar. *Já deve passar das duas da manhã...*

Quase perdi a força nas pernas quando vi o ecrã. Sim, passava muito das duas da manhã, e tinha várias chamadas perdidas do Ben, que, por fim, me deixara uma mensagem de voz.

Não, disse para comigo, vagamente ansiosa. *Porquê?*

Porque não podiam aquelas mensagens de texto ter sido o fim?

Entre mim e o Ben, já só queria isso: o fim.

Não ouças, disse a mim mesma, enquanto olhava fixamente para a notificação de mensagem de voz. *Bloqueia-o e pronto.*

A curiosidade foi mais forte. Olhei de fugida para o Wit, que dormia profundamente. Era impossível vê-lo de boca aberta e não sorrir.

— Volto já — disse baixinho, e, devagar, para não o acordar, empurrei a porta de rede. Felizmente, as dobradiças não protestaram.

Não havia estrelas. O céu estava nublado e levantara-se vento. Desci do alpendre e afastei-me. A minha mão tremeu quando marquei o PIN. Comecei a ouvir a mensagem de voz do Ben e a tremura estendeu-se ao meu corpo.

«Ei, Mer, tudo fixe?», começava ele, numa voz arrastada. Ao ouvi-lo empastar as palavras, quase consegui ver o olhar ausente com que ficava de cada vez que bebia. «O pessoal veio todo a casa do Finn.» Ouvi música e risos. Ele respirou fundo. «Só queria dizer que tenho saudades tuas, borracho. Tenho muitas saudades. Bué mesmo. Vi aquela foto que publicaste no outro dia à noite e estavas tão gira...» Aqui, tornava a respirar fundo. «Tenho estado a pensar que talvez a gente se tenha precipitado um bocado. Se calhar, não devíamos ter decidido nada tão depressa.»

Senti-me corar de fúria.

Não devíamos ter decidido?!, repeti em pensamento. *Tu acabaste comigo, Ben Fletcher. Nem penses que agora me deitas as culpas para cima.*

«Podia ter ido contigo na boa», continuava ele. «A sério, borracho, não tinha problema nenhum em ir contigo ao casamento.» Ria entre dentes, depois repetia o que me tinha dito na noite em que acabara comigo: «Ainda és a miúda que eu quero ao meu lado.»

Ainda és a miúda que eu quero ao meu lado.

Sempre adorara ouvi-lo dizer aquilo, mas, agora, odiava. Para mim, chegava. Não tinha dúvidas: era o *fim*. Saí da mensagem, selecionei ligar de volta e, quando ele atendeu, disse-

lhe o que devia ter dito havia um mês. Aquilo que lhe teria dito se tivesse sido mais forte. Se tivesse compreendido que a nossa relação não era equilibrada e que a balança pendia sempre para o lado dele.

Se tivesse dado ouvidos à Claire.

Desta vez, disse-lhe com todas as letras o que lhe queria dizer:

— Para que conste, imbecil, não seria *eu* ao teu lado — declarei. Engolindo em seco, segurei o telemóvel tão firmemente quanto conseguia. — Serias *tu* ao *meu*.

Desliguei e bloqueei o número dele.

Senti que me livrara de uma corrente em volta do meu coração.

Quando tornei a abrir os olhos, o sol entrava pelas janelas. Vi que me aninhara no calor do peito do Wit, com uma perna sobre a coxa dele.

— Acorda — murmurei, e beijei-o. — Acorda, fofinho.

Ele resmungou.

— Hã? — perguntei. — Não percebi.

— Disse que o «fofinho» foi *vetado* — rosnou ele. — Não tenho a idade do Ethan.

— Não deixas de ser fofinho — declarei, roubando-lhe um beijo quando ele abriu uns olhos ensonados. — Seriamente fofinho.

Ele beijou-me de volta, depois aprisionou-me nos braços e fez-me cócegas até eu guinchar.

— E bonzão? — perguntou. Os seus dedos pareciam adivinhar onde eu tinha mais cócegas. — Que tal ser bonzão em vez de fofinho?

Continuava a rir sem conseguir parar.

— Sim, também és.

E era mesmo. Despenteado, de *T-shirt* amachucada e com a equimose cada vez mais esverdeada, ainda assim, era um bonzão.

Arreganhando um sorriso, ele começou a fazer-me cócegas até eu guinchar outra vez. Ouvimos pancadas na parede.

«Raios, Wit!», protestou o padrinho do Michael, que dormia no quarto vizinho. «Ainda nem são sete!» Uma pausa. «Menos barulho, garanhão.»

Desatámos a rir. Ele deitou-me de costas ao seu lado e tapou-nos para abafar as gargalhadas.

— É melhor ir — disse eu, passados minutos, embora adorasse sentir o seu corpo magro e musculado sobre o meu e os seus lábios macios no meu pescoço. — Tenho de ir.

— Não tens nada — replicou ele. — Fica com o bonzão.

— A sério: *recuso-me* a chamar-te bonzão — declarei. — É altamente superficial e não corresponde a quem és. — Lembrei-me da predileção da Claire por nomes carinhosos personalizados, cujo significado só ela e o visado conheciam. Dizia que essas coisas criavam cumplicidade.

— Estava a brincar — assegurou o Wit, apoiando a cabeça no cotovelo. — Se me chamasses isso, eu ia parecer um convencido do pior. — Olhou-me demoradamente. — Mas tenho de te dizer que és linda.

O meu coração parou.

Linda.

Ele começou a desenhar espirais na minha pele.

— Ontem, acabei por não ter oportunidade de te dizer — continuou. — *Aliás*, estava nervoso, daí não te ter dito, mas, sim, és...

— Não digas que sou linda — interrompi, com o coração acelerado. — Nem linda, nem gira, nem... nada desse tipo.

Ele franziu o sobrolho.

— Porquê?

Abanei a cabeça.

— Tenho de ir. A tia Rachel deve estar à minha espera para a meditação.

— Nem penses, Matadora — declarou ele. — Não vais a lado nenhum.

— Wit — choraminguei, e contorci-me para escapar.

— Meredith — disse ele, num tom decidido de quem me ia chamar à razão —, vais arriscar ir ao *Pavilhão*?

Passado um instante, percebi.

— Se a tua tia Julia está do lado do Ian — continuou ele, dando voz ao meu raciocínio —, aposto que lhe deu o toque, e ele deve estar de vigia à tua espera.

Suspirei. Era provável que o Wit estivesse certo, o que era uma pena, porque, na véspera, eu dera um salto de gigante na meditação. Ajudada pela tia Rachel, conseguira realmente desligar o pensamento e desconstrair-me, e isso mudara o meu dia.

— Que tal ires reconhecer o terreno? — sugeri.

Ele afastou os cobertores. Arrepiei-me de frio quando saiu da cama. Faltava-me o calor do seu corpo. Foi buscar uma camisola com capuz à cómoda e, antes de sair, voltou-se e os nossos olhares encontraram-se.

— Fica aqui.

Tapei-me como se fosse continuar a dormir.

Logo a seguir, desejosa de o ver atrapalhado como na véspera, despi a *T-shirt* e lancei-lha para as mãos, como nos filmes. Deixei os meus ombros nus espreitarem do lençol.

Ele abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas tornou a fechá-la.

— Reconhecimento do terreno — recordei-lhe, e ele corou. Assentiu devagar, depois voltou-se, decidido. Parecia um soldado que vai partir em missão. Sem que ele visse, soprei-lhe um beijo.

A porta fechou-se com um queixume e, do outro lado, ouvi-o dizer:

— Esta miúda vai *matar-me*.

Deixei-me cair nas almofadas da cama dele, escondi a cara nas mãos e ri.

O Wit regressou passados dez minutos. Quando entrou, eu estava levantada e tornara a pôr o vestido.

— Então? — admirou-se ele, ao ver-me apertar as sandálias. — Eu não te pedi para não ires embora?

— Não fui — respondi, e rodopiei sem sair do lugar. — Estou aqui, não vês?

Ele passou a mão pelo cabelo.

Abri um sorriso.

— Vá lá. Estava a meter-me contigo.

— Certo — resmungou. — E não foi muito fixe.

Avancei e abracei-lhe a cintura.

— Desculpa.

Os dedos dele desceram até ao fundo das minhas costas.

— Wit! — exclamei, quase sem voz de tão surpreendida.

— O que foi? — perguntou ele. — Estava a meter-me contigo.

— Não teve piada. — Dei-lhe marradinhas no peito. Ele riu-se e beijou o meu ombro. Embalámo-nos de mansinho durante um minuto, depois fiz a pergunta que se impunha:

— Ele estava lá?

— Já — confirmou o Wit. — Nem faltava o tapete de ioga.

— Emprestado pela tia Julia, aposto — resmunguei.

— Pensei o mesmo.

Soltei-me dos braços dele.

— Ou seja, hoje não medito.

Ele arrebitou a sobrancelha.

— Ias meditar vestida dessa maneira? A sério?

Fiz que lhe ia bater. Ele ripostou com o sorriso de esguelha.

— Como planeias ocupar a manhã?

— Vou para casa — respondi. — Não quero que os meus pais fiquem preocupados. — Inclinei-me para um beijo rápido, mas ele tornou-o mais intenso e eu pensei que não fosse aguentar. — Vem ter comigo ao pátio dos tratores — pedi, e pisquei-lhe o olho. — Ofereço-te o pequeno-almoço.

— Vais tomar o pequeno-almoço com o Wit? — repetiu o meu pai. Regressara ao Anexo, mudara de roupa e estava a beber um copo de água diante do lava-louça. Ele assentiu, aprovador. — Bem jogado, Mer. Tira-o da quinta durante umas horas. Fá-lo baixar a guarda e saca-lhe informação.

— Tom, acho que o pequeno-almoço não tem nada que ver com o Assassino — disse-lhe a minha mãe. — *Nadinha*. — Divertida, lançou-me um olhar que valia por mil palavras. — É lá que tens ido à noite? À Cabina?

Ponderei mentir. Tinha uma regra a cumprir: estar em casa à meia-noite, a menos que os planos mudassem e quisesse dormir em casa de alguém, mas tinha de os avisar.

Nem sempre fora honesta. Uma vez por outra, dissera-lhes que ia dormir em casa de uma amiga para ficar com o Ben.

Desta vez, não menti. Na Quinta, os meus pais eram menos rigorosos com as regras. Além disso, pareciam ter acordado felizes.

— Sim — admiti. — Tenho passado mais tempo com ele. Nós... ficamos a falar e acabamos por adormecer. — Encolhi os ombros.

— Bem, acho que talvez devesse... — começou o meu pai a dizer, mas a minha mãe pousou a mão no braço dele. A sua expressão divertida tornara-se um sorriso declarado.

— Diverte-te — recomendou, e, levando a mochila às costas, saí a correr antes que eles

me fizessem mais perguntas.

*

Quem era dali não dispensava o pequeno-almoço no Café Dock Street, que não era muito grande, mas tivemos sorte: não foi preciso esperar mais do que alguns minutos para conseguirmos dois lugares. Começando pelo letreiro icónico cá fora, o Dock Street tinha uma *vibe* de *diner* à antiga, mas com a dose certa de fator *grunge*. A decoração misturava fotos e desenhos, e havia um alinhamento de bancos vermelhos para nos sentarmos ao balcão. A cozinha consistia numa grelha enorme e prateleiras baixas tapadas com cortinados de xadrez vermelho e branco. Basicamente, o pequeno-almoço era feito à nossa frente.

Ocupámos os dois bancos do fundo. O empregado deu-nos alguns minutos para folhear o menu e depois aproximou-se para anotar o pedido. *Livra*, disse para comigo. O tipo era supermusculado — um Adónis, como o Michael, apenas mais novo.

— O que vai ser, amigos? — perguntou ele. O cabelo ruivo espreitava sob um boné azul-marinho que dizia bulldogs. — Bebem o quê?

— Café — respondemos em simultâneo.

— Natas? Açúcar? — perguntou ele, e, após uma pausa expectante: — Xarope de ácer?

Fiz uma careta.

— Xarope de ácer?

O empregado ruivo coçou a barba de três dias.

— Há quem goste — justificou-se. — O meu irmão não bebe o café de outra maneira.

Preferimos jogar pelo seguro e pedimos com natas e açúcar.

— Sabes quem é? — perguntou o Wit, quando ele foi tratar do café.

— Hum, não — respondi. — Devia saber?

Ele deu-me um toque com o joelho.

— Não segues o campeonato universitário de hóquei no gelo?

Fiz que não com a cabeça, e ele suspirou. Claramente, era coisa que não dispensava.

Seguira o campeonato de basquetebol porque o Ben jogava, e eu acertara na equipa vencedora três anos seguidos. Podia agradecer aos Villanova Wildcats, que não me tinham deixado ficar mal.

A estrela do hóquei regressou com duas canecas e uma cafeteira.

— *Okay*, agora, para trincar — disse, enquanto mexíamos os cafés. — O que vai ser?

Pedi o mesmo de sempre: panquecas com batatas fritas caseiras e *bacon*. O Wit não conseguia decidir entre a sanduíche de salsicha, ovo e queijo e a sanduíche Monte Cristo. Acabou por se aconselhar com o nosso empregado. Era óbvio que o reverenciava.

— Bem, as duas são brutais — respondeu ele. — Mas eu pedia a Monte Cristo. — Quando sorria, fazia uma covinha na bochecha. — É a preferida da minha namorada.

O Wit assentiu e, vinte minutos depois, vi-o provar a sanduíche. O queijo derretido transbordou e pingou para o prato.

— Que tal? — perguntei. — É bom?

Com a boca cheia, ele lançou-me um olhar incrédulo.
— Bom? — perguntou, depois de engolir. — *Bom?! —* Inclinou a cabeça para trás e perguntou alto: — Como pude eu viver sem isto a minha vida inteira?!
— Quem te manda viveres no Vermont? — respondeu uma mulher sentada do lado oposto.

— Ou em Nova Orleães? — acrescentou outra.
Achei as vozes familiares... *demasiado* familiares.
— Ai, meu Deus! — Segurei o braço do Wit. A avó Biju e a Sarah estavam sentadas na outra ponta do balcão. Seguravam menus, mas não os estavam a ler: tinham preferido espiar-nos. — Esconde-te!

— Onde? — perguntou o Wit, acenando-lhes. — E porquê?
— Porque aquelas duas são as maiores quadrilheiras da ilha! — respondi.
Ele esguelhou um sorriso. Tinha açúcar em pó nos lábios.
— Ora, iam andar com mexericos sobre o quê? — perguntou, descontraído.
— Eu e tu — sussurrei.

Ele arregalou os olhos.
— Ah.
— Não estou a gozar. Assim que chegar à Quinta, a Sarah vai dizer ao Michael que...
— ...nos viu tomar o pequeno-almoço — terminou ele, pousando a mão no meu joelho.
— E o Michael vai continuar a chatear-me com perguntas sobre ti. — Inclinou a cabeça.
— Cruzaste-te com ele um par de vezes ao sair do meu quarto, não foi?
Corei.

Ele surripou uma fatia de *bacon* do meu prato.
— Come — disse, indicando as minhas panquecas deliciosamente espessas e fofas. — O Assassino espera-te.
— Era mesmo o que me faltava.
— Qual é a surpresa? Já sabias que o jogo dura a semana inteira, sem interrupções.
— Não é isso. — Abanei a cabeça e reguei as panquecas com xarope de ácer. — Só me faltava toda a gente achar que somos cúmplices.

— Porquê? — perguntou o Wit. — Por estarmos a tomar o pequeno-almoço juntos?
Olhei-o como se fosse evidente.
Pensativo, ele demorou-se a beber um gole de café, depois encolheu os ombros.
— Deixa-os. — Virou o meu banco para nos pôr frente a frente e aninhou as minhas pernas entre as suas. De repente, a Sarah, a avó Biju e o café desapareceram; só existíamos nós os dois. — Não temos de confirmar ou desmentir seja o que for — declarou. — Deixa-os pensar que somos um casal invencível, é problema deles.

Senti formigueiros. *Casal invencível*. Sabia que ele dissera aquilo em sentido figurado, mas não fazia diferença.

— Não deixa de ser verdade que temos um pacto — recordei-lhe.
Ele riu-se e deu outra dentada na sanduíche.
— Custa a crer que só passaram três dias.
— Pois é. — Sorri, e foi mais forte do que eu: inclinei-me e beijei-o, e fiquei com açúcar em pó nos lábios. — Gosto de ti — murmurei. — Gosto muito.

— Também gosto muito de ti — respondeu ele, com um sorriso arreganhado. — Gosto mesmo muito de ti.

*

O Wit ofereceu-me o pequeno-almoço, depois perguntou se podíamos dar uma volta por Edgartown.

— Claro, adorava — respondi, depois franzi o sobrolho. — Mas ontem não passaste aqui o dia?

— Sim — respondeu ele —, mas não pude *explorar* a vila. Andámos em rebanho de um lado para o outro. — Pôs as mãos sobre os meus ombros e fez-me avançar pelo passeio de tijoleira. — *Nem penses, Witty, toca a andar!* — Estava a imitar o Michael. — *Temos reserva!*

Ri-me e fi-lo soltar-me para lhe dar a mão.

— Nesse caso, vamos lá levar-te a conhecer Edgartown como deve ser — disse-lhe. — Vamos aonde quiseres e vemos tudo o que quiseres. — Detive-me para sentir o calor do sol. — Apenas faço questão de começar pelo sítio favorito de alguém muito especial.

A livraria. Sempre que eu e a Claire vínhamos a Edgartown de bicicleta, deixávamo-las no suporte de estacionamento na rua da Edgartown Books. A nossa primeira paragem era sempre aquela pitoresca casa branca com portadas pretas. Graças a um toldo branco com listras verdes, podíamos sentar-nos tranquilamente à sombra no alpendre. Duas meninas acompanhadas pelos avós acabavam de fazer isso mesmo: queriam ler os livros acabados de comprar. Parei momentaneamente a observá-las, e fiquei grata ao Wit quando ele segurou a minha mão.

A porta tinha um sino e, à entrada, deparávamos com os degraus que levavam ao primeiro andar. Nos espelhos dos degraus estavam pintadas lombadas de livros de várias cores, e os diferentes géneros literários eram enumerados em letra caligráfica. *Aqui está*, pensei. *Ei-lo*.

O país das maravilhas da minha irmã.

— Por aqui — indiquei, encaminhando o Wit para o arco do lado direito. — A Claire chamava-lhe a saleta.

Outrora vivera ali uma família e era bem provável que aquela área tivesse sido *mesmo* a saleta. As janelas rasgadas asseguravam boa luz e uma atmosfera convidativa. Ao longo das paredes amarelo-pastel alinhavam-se estantes de madeira de bordo. A secção de interesse local era identificada por uma placa que dizia *martha's vineyard*. Como explorador genuíno que era, o Wit soltou a minha mão e cortou a direito para lá. Aproveitei para desfrutar o sol que entrava na saleta.

Ouvi uma voz. Vinha do lado da montra. Não era um cliente, mas sim o empregado na caixa. Segurava um livro aberto e estava de telemóvel colado ao ouvido.

— Não. Não consigo comer nem mais um rolo de lagosta — disse em voz baixa. — Que tal comprares sanduíches no Skinny's e vires ter aqui? Sentamo-nos lá fora.

Macacos me mordam, disse para comigo, ao ver os óculos de armação escura e o cabelo preto que lhe caía para os olhos. O Eli falara num empregado com ar de leitor exigente.

Aquele rapaz correspondia à descrição e era supergiro.

— Quero de peru e queijo *Pepper Jack* em pão de fermentação natural — pediu. — Com alface, tomate e cebola. — Uma pausa. — Ah, claro, falta a mostarda de mel. — Revirou os olhos. — Hum-hum, conheces-me melhor do que eu me conheço. — Sorriu. — Também te adoro.

Okay, okay, disse para comigo. O Wit fez-me sinal: ia espreitar a secção de viagens. *Ela está num relacionamento...*

O rapaz desligou e guardou o telemóvel no bolso. Fui ter com o Wit à secção de viagens. Já escolhera um livro que contava a história de Martha's Vineyard e estava a ver o que havia sobre a Austrália.

— Vou lá acima ver a secção de literatura juvenil — avisei, passando-lhe a mão pelo cabelo.

Ele anuiu e, sem tirar os olhos do livro, apontou para a bochecha.

Afaguei-lha como faria uma avó.

— Estava a pedir-te um beijo — esclareceu ele quando veio ter comigo à caixa. Tímido e nada conversador, o rapaz registou as nossas compras, juntando um marcador turquesa da Edgartown Books a cada livro antes de os pôr num saco.

— Ah foi? — respondi, fleumática. — Não percebi.

Apontei para a minha bochecha.

O Wit deu-lhe um piparote levezinho.

— Au! — protestei.

— São cinquenta e três dólares e oitenta e oito cêntimos — disse o rapaz, e vi-o olhar disfarçadamente para o relógio. Estava desejoso de ir almoçar com o seu amor. Não ia ser fácil dar a notícia ao Eli. Vá lá que ele engraçava com o instrutor de vela. Tornei a pensar na Claire, que teria encantado os clientes da Edgartown Books com a sua energia inesgotável e a paixão pelos livros.

Tu também consegues encantar, Mer, murmurou ela no meu pensamento. *Não sou a única com energia e paixão pelas coisas...*

— E agora, vamos aonde? — perguntou o Wit, quando o sino da porta se despediu de nós. O saco dos livros balançava na sua mão. — Qual é a próxima paragem na excursão Claire Fox?

A excursão Claire Fox.

A ideia alegrou-me.

— O Bazar dos Doces — declarei, e as nossas mãos tornaram a encontrar-se. — Fica lá em baixo, ao lado do cais do clube náutico.

O Wit anuiu. Parecia incomodado com qualquer coisa, mas talvez fosse impressão minha.

— Às suas ordens, capitã — disse.

— *Okay*. — Pus-me em bicos de pés e plantei-lhe um beijo na cara. — Segue-me.

O Wit convenceu-me a deixá-lo levar o jipe no regresso, e respeitou rigorosamente o limite de velocidade... até entrarmos na estrada da Quinta. Nessa altura, engatou uma mudança acima, acelerou e saiu-lhe uma exclamação entusiasmada. Ri-me, mas íamos mais depressa e o meu coração acelerara.

— Podes abrandar? — pedi. — Wit...

Ele não me ouvia. Íamos deixando um rasto de poeira. Cerrei os dentes. Aterrava-me que o velho jipe do avô Pisco capotasse. Sabia que acontecera quando o meu pai e o tio Brad andavam na faculdade. Tinham ido fazer derrapagens num descampado. Nenhum dos dois se magoara, mas o jipe ficara tombado. E o meu avô ficara furioso.

E havia a Claire... Ali no jipe com o Wit, pensei sobretudo na Claire e na velocidade do utilitário desportivo ao embater no carro da Sarah. Embora fosse muito estreita, a estrada de Paqua era uma via de dois sentidos. O que aconteceria se tivéssemos de nos desviar de um carro que viesse em sentido contrário?

— Wit — tornei a chamar, mas, desta vez, apertei-lhe o joelho. — Wit!

Ele olhou e viu o meu pânico. Em menos de dez segundos, já abrandara e parara na berma.

— Estúpido, estúpido, estúpido — ouvi-o resmungar ao saltar do jipe. Contornou-o para vir abrir a porta do meu lado. Olhou-me nos olhos. — Desculpa. — Não me mexera do lugar do passageiro. — Sou uma besta. Desculpa.

Não chores, ordenei a mim mesma. *Não chores*.

Ele percebera em menos de dez segundos. *Em menos de dez segundos*. O Ben nunca percebera.

— Não, eu é que peço desculpa — consegui dizer. — É que... — Incapaz de enfrentar o olhar dele, desviei o meu. — Gosto de sentir que controlo a situação. Desde que... — Senti-me corar ao deixar cair uma lágrima. — Sinto necessidade de controlar sempre a situação.

O Wit indicou-me o lugar do condutor.

— Percebo — disse. — Guia tu. Eu quero, a sério.

— Não — respondi. — Tu querias guiar. — Respirei fundo e endireitei-me no banco. — Tenho de ultrapassar isto.

Tinha mesmo. Não podia ficar aflita de cada vez que ia num carro e não era eu a conduzir. Tinha de voltar a confiar nos outros condutores.

— Mas não tem de ser hoje — disse o Wit. — Podes guiar tu, sem problema.

Não mexi no cinto de segurança.

Anuindo, ele contornou o jipe pela frente e sentou-se novamente ao volante. Ligou o motor, engatou a mudança e tornou a entrar na estrada — depois de o *Range Rover* da tia Christine passar por nós. O ponteiro não passou dos quarenta quilómetros por hora até chegarmos à Quinta. Deixámos o jipe no pátio dos tratores e o Wit acompanhou-me ao

Anexo. Levava a mão na minha cintura e, na outra, o meu tesouro de Edgartown — os livros, as guloseimas e uma *T-shirt* da *Black Dog*. Era um perfeito cavalheiro.

— Então? — perguntou, quando abri a caixa do correio em busca do cartão laminado que me indicaria o meu próximo alvo. Na véspera, a Viv viera ter comigo de mãos vazias, o que me obrigara a enviar uma mensagem ao alto-comissário Pisco. É inadmissível, respondera ele. Se não tiveres o cartão amanhã, avisa-me e eu resolvo o problema.

— Nada — respondi, com um suspiro. — Nada de nada.

— A sério? Que ridículo.

— Ridículo? O quê? — perguntou alguém. Voltámo-nos e vimos a Luli aparecer das traseiras.

Carinhoso, o Wit beijou-me os cabelos.

— Até já — murmurou, depois desculpou-se dizendo que ia ajudar o Michael.

Tinha a sensação de que ele se sentia intimidado pela Luli. Quando ficámos sozinhas, abafei uma risadinha... mas ela não se riu. Ficou a ver o Wit regressar à Cabina.

— Adeus — disse, num tom quase melancólico. — Adeus, querido Ben.

Senti-me desconfortável. Ali estava ela a trazer novamente o Ben à conversa. Porquê? Agarrei nos sacos com as compras e lancei-lhe um olhar.

— Podes usar o nome dele, por favor? — pedi.

Ela riu-se.

— Meredith, o que aconteceu à conversa de vires «para o casamento da Sarah e do Michael e para estares com os teus amigos e com a família»?

— Nada — respondi. — É exatamente o que estou a fazer. — Empurrei a porta do Anexo e ela entrou atrás de mim. Os meus pais não estavam. De certeza que tinham ido à praia, porque o dia estava *QUENTE*: trinta graus, no mínimo.

— E a parte de não queres andar com ninguém? — perguntou a Luli — Tinhas dito...

— Acalma-te — interrompi. Começava a ficar seriamente incomodada. — Eu e o Wit não andamos.

Ela arrebitou a sobranceira.

— Não? Esta manhã, não se falava de outra coisa na Quinta. Toda a gente vos viu sair juntos da festa na República de Estudantes.

Tentei pensar numa resposta. Na verdade, ainda não sabia bem o que eu e o Wit éramos.

Lembrei-me do comentário do meu pai nessa manhã, quando eu dissera que ia ao Café Dock Street com o Wit. *Bem jogado, Mer. Tira-o da quinta durante umas horas. Fá-lo baixar a guarda e saca-lhe informação.*

— Acalma-te — repeti. — Sim, ele é uma companhia fixe, mas também lhe ando a sacar informação. — Endireitei as costas. — Para o jogo. Para a nossa aliança.

Senti-me péssima ao dizer aquilo, mas vi-a abrir um sorriso maquiavélico e percebi que fora a resposta *certa*. Por enquanto, pelo menos.

— Que pérfida! Na cama com o inimigo. Adoro. — Deixou-se cair no sofá. — Falando no Assassino, vou precisar da tua ajuda esta tarde. Ainda tenho a Margaret para despachar, evidentemente, e pensei que a melhor maneira era...

— Não posso — interrompi, embora temendo a reação dela. — Eu e o Wit combinámos fazer uma coisa esta tarde. Hum, não podes pedir à Pravika ou ao Jake?

— Estão a trabalhar — respondeu ela, quase com secura.

— E o Eli? — sugeri.

— Sim, acho que lhe posso pedir — respondeu a Luli, depois de um curto silêncio. — Já sabes quem é o alvo do Wit? — perguntou.

— É o meu objetivo para esta tarde — menti.

Ela sorriu com ar de conspiradora.

— Boa.

Estremeci.

— Mandas mensagem quando souberes?

— Sim — respondi sem hesitar, tentando fingir-me entusiasmada. — Claro que sim.

Em vez de nos juntarmos a todos na praia, eu e o Wit fomos para a lagoa de Paqua.

— Vais gostar — assegurei-lhe, quando ele veio ter comigo ao Anexo. — Quase não vai lá ninguém. Eu e a Claire chamamos-lhe praia secreta.

— Pela descrição, deve ser brutal — disse ele, e pôs ao ombro o meu saco de lona com o básico para um dia de praia: toalhas, protetor solar, livros, águas geladas, sanduíches e *snacks*. E, piscando-me o olho: — *Secreta*, dizes tu? Parece-me excelente.

Atravessámos os campos e, chegando ao passadiço de madeira, continuámos no sentido oposto ao do oceano e da lagoa das Ostras. Por precaução, trouxéramos as bisnagas. Pelo caminho, ele partilhou informação atualizada que sacara aos amigos do noivo.

— Tem sido uma razia de damas de honor — contou. — O tio Brad invadiu-lhes o pequeno-almoço e eliminou a Danielle.

— A sério? A madrinha? Que mau. — Ouvi os pássaros chilrear. Estava tanto calor que as minhas costas já pingavam.

— Hum-hum. Ela argumentou que se tratava de uma atividade relacionada com o casamento, por estar com as damas de honor, mas o avô Pisco rejeitou esse argumento num piscar de olhos.

Dei uma gargalhada.

— O Ian continua em jogo, portanto, temos de o vigiar, e aconselho-te a mandares uma mensagem à Sarah, a ver se ela aperta com aquela megera.

— Ei, calma — pedi, e simulei dar-lhe um murro no braço, reluzente de transpiração. — A Viv não é uma megera. Ela só...

— ...é um monstro — concluiu ele. — A Sarah e o Michael obrigaram-me a jantar com ela em Nova Orleães. Acredita, a tipa é execrável. — Abanou a cabeça. — Claro que não te entregou o cartão com o nome do alvo; não esperava outra coisa dela.

— Hum — resmunguei. Não tinha grande vontade de pedir ajuda à Sarah. — O meu avô disse-me que resolvia o problema.

O Wit assentiu e ficou pensativo.

— Quem achas que é o meu assassino? — perguntou, depois de um breve silêncio. Parecia nervoso. — Já me estou a passar um bocado.

— Não sei — respondi. — Ao meu pai, têm calhado os nossos primos; a minha mãe ficou com a Nicole; o novo alvo do Jake é um amigo do noivo; o tio Brad herdou o alvo da Danielle; e a Luli... — Mordisquei o lábio. — Não ouvi o teu nome.

— Falando na Luli, que chato ela andar assim contigo — comentou ele. — Há bocado abandonei-te. Desculpa. — Soltou um riso abafado. — Parte de mim suspeita que é *ela* a minha assassina, e a outra parte treme de medo quando a vê.

— A Luli não é a tua assassina — garanti-lhe.

Entretanto, fiquei de lhe dizer quem é o teu novo alvo...

Concordáramos em não confirmar nem desmentir uma aliança, mas, nesse limbo, onde se arrumava a minha promessa à Luli? Já sabia quem era o próximo alvo do Wit e podia tê-lo revelado. A questão era que não me imaginava a atraíçoá-lo.

Ainda assim, não lhe ia contar sobre a promessa.

— Olha só esta árvore — disse ele, arrancando-me aos meus pensamentos. — Brutal. — Parara diante de uma árvore de ramos grossos e com o tronco envolto em trepadeiras que pareciam saídas de um filme de ficção científica. O meu coração bateu mais depressa. Quando eu e a Claire éramos pequenas, o meu pai adorava levar-nos a passear em volta da Quinta e íamos sempre ver a Árvore da Selva.

— Vê só! — Abrindo um sorriso, corri para a árvore e trepei-a em tempo recorde. Usando um ramo como trave olímpica, atravessei a folhagem e então vi a maneira como ele me observava. — O que é? — perguntei.

Ele sorriu.

— Nada.

Ri-me.

— Adoro subir às árvores.

— Estou a ver — respondeu, e abriu um sorriso. — Também adoras subir para cima de mim.

O meu coração parou.

Também adoras subir para cima de mim.

— És indecente — disse eu.

— E tu adoras — respondeu ele, quando saltei para o chão.

A praia secreta estava deliciosamente vazia. A lagoa de Paqua cintilava e o flutuador de madeira aguardava que eu e o Wit nadássemos até lá para nos estendermos ao sol.

— Deixa só a pele absorver o protetor solar — pediu ele, e suspirou quando lhe lancei um olhar. — Ouve, não posso apanhar um escaldão. — Apontou para a equimose na face. — O Michael disse-me que a tia Christine continua a ponderar excluir-me das fotos de casamento. Se lhe apareço estropiado e com um escaldão, já fui.

— Tudo bem — resmunguei.

Abrimos as toalhas, comemos as sandes de carne assada e lemos durante um bocado. Comprara o último livro da série fantástica favorita da Claire, mas não parava de olhar disfarçadamente para o Wit, estendido em tronco nu a folhear os guias da Nova Zelândia e da Austrália.

— Quando é a viagem? — acabei por perguntar.
Ele olhou-me de fugida.
— O Michael disse-te?
Abanei a cabeça.
— Não, mas andas obcecado. Hoje compraste *outro* guia de viagem. — Ri-me. —
Quando viajas para os antípodas?
— No fim do verão.
— E quando regressas?
Ele hesitou.
— Em maio — respondeu, fechando lentamente o livro.
— Espera. — Sentei-me na toalha. — Hã?
Ele também se sentou.
— É a minha aventura — explicou. — Falei-te nisso, lembras-te?
Silenciosa, assenti.
— Pois bem, cá está ela — anunciou ele, erguendo o guia de viagem. — Vou interromper o curso durante um ano para ir à Nova Zelândia. Tive uma conversa com os meus pais e concordámos em que, nesta fase, o melhor para mim é fazer uma pausa nos estudos. — Calou-se momentaneamente. — Porque Tulane... — Encolheu os ombros. — Nem sei... tanto posso ir acabar lá o curso como pedir transferência. Tenho de pensar.
De novo, limitei-me a anuir.
Ele olhou para mim.
— Meredith...?
— Vais passar um ano inteiro fora?! — saiu-me, antes que me pudesse deter.
— Não é um ano *inteiro* — disse ele. — Vou no fim de agosto e regresso no fim de maio. É um ano letivo.
Sentia-me atordoada. Talvez fosse do calor.
— Vais fazer o quê por lá? — perguntei.
— Tudo — respondeu. — Vou viajar, claro, mas, antes disso, vou ser guia num parque nacional. Um amigo do Michael fez isso durante o curso e ajudou-me na candidatura. Também quero visitar a Austrália. — Sorriu. — Pode parecer ridículo, mas quero trabalhar numa quinta. É uma daquelas coisas que não posso morrer sem experimentar. — Conteve um sorriso. — Não te rias.
Não me ri. Naquele momento, percebi. *Percebi*. «Eu e o Wit não andamos», dissera à Luli, mas era *precisamente* o que estávamos a fazer, e não seria mais do que isso. No sábado, a Sarah e o Michael diriam sim e viajariam em lua de mel, e eu e o Wit viajaríamos cada um para seu lado: ele, para o outro lado do mundo; eu, para Hamilton. De repente, sentia-me em águas desconhecidas, e não estava a gostar. Eu e o Ben tínhamos namorado durante *quatro anos*. Nunca *andara* com um rapaz e nem sabia muito bem o que isso era.
— Olha, o protetor solar que se lixe — disse ele. — Bora mergulhar.
— Sim, já estou farta de estar aqui. — De um salto, levantei-me da minha toalha transpirada. Suspirei de satisfação ao sentir a pele refrescada pela água. O Wit mergulhou logo na zona rasa e fez um pino desajeitado antes de se afastar em direção ao flutuador, e eu nadei de costas atrás dele.

Ele subiu para o flutuador e estendeu a mão para me ajudar. Deixámo-nos cair nas tábuas desgastadas e beijámo-nos. A madeira estava morna do sol, mas eu tremia ligeiramente. *Adorava* sentir aquela pele macia. Os dedos dele passearam-se pela minha cintura e mergulhei os meus no seu cabelo molhado. Os nossos beijos faziam nascer espirais dentro de mim. Por fim, tive de parar para respirar.

— Vais matar-me — sussurrei.

— É a vingança por esta manhã — disse ele.

Ri-me ao senti-lo brincar com as alças do meu biquíni.

— A subtilidade não é *mesmo* o teu forte.

Ele encolheu os ombros.

— Não quero fazer nada que te deixe desconfortável.

— Eu sei. — As minhas mãos percorreram-lhe os ombros e desceram aos braços suavemente musculados. Com ele, tudo era confortável, e, se tínhamos apenas mais alguns dias juntos, eu queria que aquilo acontecesse. — Só não quero que seja aqui — disse, e beijei-lhe a clavícula. Ainda que fôssemos os únicos na praia secreta, estávamos *em público*. — Mais logo?

— Hum, sim — murmurou. — Mais logo. Tudo bem, mais logo. — Agora ele parecia atordado. — Tudo bem, na boa.

Hirto, rolou da beira do flutuador: um duche frio improvisado. Tive vontade de rir.

— És indecente — acusou ele, quando veio à superfície.

— E tu adoras — repliquei, deslizando para poder baloiçar as pernas.

Ele bateu com as mãos na água para me molhar.

Retaliei batendo os pés.

Não queria acreditar que tínhamos apenas mais quatro dias.

No final da tarde, a minha mãe decidiu pôr-me à mercê do inimigo. Eu e o Wit ficáramos na praia secreta durante mais uma hora, depois embrulháramo-nos nas toalhas e arrumáramos as nossas coisas, porque o Assassino não se ia jogar sozinho. Bem, no meu caso, embora não quisesse, estava temporariamente impedida de jogar: a caixa de correio do Anexo *continuava* vazia, e eu, num limbo. *Estás-te a passar, Viv?*, disse para comigo.

Levei o Wit ao barracão e sugeri-lhe usar o canhão com esguicho de alta pressão e sistema de múltiplas agulhetas — a superarma da Claire. Preferia a *Super Soaker*, que era um pouco menos elaborada. O canhão tipo propulsor a jato não era para mim: tinha a certeza de que me atrapalharia logo ao tentar pô-lo às costas. Era uma arma mesmo *muito* complexa.

— Já se espalhou que és um jogador a temer — disse ao Wit. — Tenta não ficar muito inchado, *okay*?

— De certeza que ma queres emprestar? — perguntou ele, examinando a sua nova arma quase com reverência.

Assenti. Teria sido a vontade da Claire.

Ele beijou-me — e foi um beijo a *sério*. Os meus dedos deslizaram devagarinho pelo cabelo dele e sorri ao sentir-lhe a nuca arrepiada.

— Bora lá — murmurou ele, quando os nosso lábios se afastaram. — Preciso de... — Calou-se. — Um bocado.

Arrebitei a sobrancelha.

— Precisas de *um bocado*?

Ele fez que sim e corou ligeiramente.

— Para me acalmar.

Sorri.

— Para te acalmares?

— Iá, para me acalmar — repetiu ele, sorrindo-me de volta e segurando-me a nuca como se me fosse sufocar contra o peito. Senti os batimentos do seu coração. — Tenho de ficar sozinho durante um bocado. — Aclarou a garganta. — Para pensar no jogo.

— Ah, claro — respondi, mordendo o lábio para não rir. — Então vai lá.

Senti uma pontinha de inveja. Além de não poder jogar até resolver o impasse com a Viv, eu e o Wit acrescentáramos uma cláusula ao nosso pacto ao regressar da lagoa: não podíamos ajudar diretamente o outro a eliminar o alvo.

Sem nada para fazer, regressei ao Anexo, onde a minha mãe me entregou prontamente uma lista de compras.

— A Julia e a Rachel vão dar um salto ao hipermercado — explicou. — Dava-me jeito que fosses com elas para me trazeres essas coisas.

Fiquei petrificada. *A tia Julia e a tia Rachel*.

Não.

Não!

Elas estavam do lado do *Ian* e não do meu. Ir com elas a algum lado podia ser uma armadilha.

— Hum, e tu não podes ir porquê? — perguntei.

— Acho que vou ter finalmente uma boa oportunidade para eliminar a Nicole — explicou a minha mãe, praticamente a enxotar-me para fora do Anexo. — Disse-lhes que ia ter ao Pavilhão.

— Mãe... — choraminguei.

Ela suspirou.

— Meredith...

Agarrei na bicicleta e fui pelo caminho mais indireto de que me lembrei: pela floresta e por trilhos que talvez o Ian nem imaginasse que existiam. Quando cheguei ao Pavilhão, o Ethan e a Hannah estavam instalados em segurança no banco traseiro. Travei a fundo e mergulhei literalmente de cabeça no monovolume.

— Meredith! — exclamaram eles.

— Olá. — Alerta, sentei-me atrás, olhando rapidamente por cima do ombro para inspecionar a bagageira enquanto punha o cinto de segurança. Um carro era um espaço interior? Estava em segurança?

Tinha de perguntar aos meus avós.

Graças a Deus, a bagageira estava vazia.

— Muito bem — disse a tia Julia, sentada ao volante. Com aquela barriga gigante, a tia Rachel mal cabia no lugar do passageiro.

— Irra, quando é que o miúdo nasce? — resmungou.

A tia Julia riu-se e arrancámos. Foram cinco quilómetros cheios de ansiedade. E se o Ian estivesse à nossa espera no Stop & Shop?

— Tudo bem aí atrás, Mer? — perguntou a tia Julia ao entrar na West Tisbury Road.

— Sim — ouvi-me responder. — Tudo ótimo.

A minha paranoia era tão grande que quase me saiu um grito histérico quando o telemóvel vibrou no meu colo. Vi que era uma mensagem do @sowitty17 e suspirei de alívio. Esquecia-me constantemente de lhe pedir o número.

Quem é a Anne O'Brien?, perguntava ele.

Hã?, disse para comigo. *Ele já despachou a prima Dupré?*

É a mãe da Margaret, respondi, perguntando a mim mesma se a Luli já teria eliminado a minha familiar afastada. Como fizeste para eliminar a prima do Michael?

Conto-te quando estiveres nos meus braços, respondeu ele.

Apanhada de surpresa, fiquei momentaneamente incapaz de respirar. O Wit era carinhoso de uma maneira tão descontraída, tão natural... As suas palavras não vinham acompanhadas de *emojis* imbecis a piscar o olho ou mil corações idiotas. Dizia aquelas coisas sem ironia ou constrangimento. Estava simplesmente a ser ele mesmo, de coração aberto.

Esse era o Wit: abria o coração e mostrava quem era.

Algum conselho, mestra?, perguntou, vendo que eu não respondia.

Tenta nos campos de ténis, respondeu-lhe a @claires_sister. Ela e a avó Biju jogam quase todas as tardes.

No momento em que enviei a mensagem, os restantes a bordo deixaram escapar queixumes sofridos: acabávamos de chegar ao Stop & Shop, ou, como os Foxes lhe chamavam, o «stop and stop».

Apenas tornaríamos a sair dali passado muito tempo.

— Argh — resmungou a tia Rachel, enquanto a tia Julia avançava pelo estacionamento lotado. Não se avistava um lugar vago. — Uma barriga de oito meses conta como incapacidade física?

— Mamã, além! — apontou a Hannah, depois de várias voltas. — Aquele vai sair!

— Boa, Han! — Inclinei-me para lhe dar mais cinco.

— *Okay*, crianças, já sabem qual é a regra — disse a tia Julia ao avançarmos para a entrada.

— Sempre agarrados ao carrinho das compras — entoaram o Ethan e a Hannah.

Para não serem espezinhados pela multidão furiosa, completei em pensamento. O estacionamento cheio era um aviso: lá dentro esperava-nos o caos. Teria de esquecer temporariamente a paranoia e o Ian e concentrar-me em dar as voltas necessárias sem acabar esmagada pelo tropel.

— Encontramo-nos no carro? — perguntou a tia Rachel.

Fiz que sim. As nossas listas de compras eram tão irreconciliáveis que a necessidade de nos separarmos nem tivera de ser discutida. O hipermercado parecia uma colmeia fervilhante. Talvez houvesse música ambiente, mas nem se ouvia. O Stop & Shop estava à *pinha* e muitos tinham vindo diretamente da praia. Cruzei-me com um tipo em calções de surfar e com um panamá. Parecia um idiota.

Vamos a isto. Respirei fundo e juntei-me ao trânsito em hora de ponta. O engarrafamento era total: para um carrinho de compras avançar, os outros tinham de estar parados. O primeiro artigo na lista de compras da minha mãe era o papel higiénico.

Assim, logicamente, fui até ao corredor quatro — o dos cereais de pequeno-almoço. Esse era o outro grande problema do Stop & Shop: *nada* estava onde devia estar. Passando os *Cheerios*, os *Reese's Puffs* e os *Golden Grahams*, ali estava o papel higiénico — ao lado das barras de cereais. O champô e o amaciador estavam depois dos molhos para salada e o café estava entre a fruta e os legumes.

O Wit enviou-me uma mensagem depois de eu me apoderar de uma embalagem de papel higiénico (juntamente com uma caixa de barritas de granola). Presa noutro engarrafamento, desbloqueei o ecrã do telemóvel e li. O irmão do Eli anda de trator todas as tardes? Onde?

Espera, escrevi de volta. E a tia Anne?

Quase de seguida: Não me disseste para ir aos campos de ténis? Fui.

Suspirei. Ele a divertir-se à grande e eu literalmente sem sair do sítio. *E se revirar o Pavilhão até encontrar o cartão da Viv? Se não resolvo eu o problema, estou a ver que ninguém resolve.*

— Ei, rapariga! — exclamou alguém nas minhas costas. — Avanças ou não?

Ergui o olhar e vi que estava a empatar uma longa fila de carrinhos.

— Sim! — exclamei, aflita. — Desculpem!

Passados quarenta e cinco minutos, estava parada no balcão da charcutaria, à espera da

minha vez para pedir fiambre de peito de peru, presunto e queijo. Enquanto isso, ia ouvindo a discussão dos funcionários ucranianos. O sotaque cerrado tornava-a bastante cómica. Chegou nova mensagem do Wit: Sentei-me numa cadeira à porta da Casa da Lagoa. Sabes a Haley, dama de honor da Sarah? Tem cabeleireiro marcado para daqui a uma hora.

Abafei uma risada. O irmão do Eli já foi à vida?

Despachado, confirmou o Wit. Imediatamente seguido do tio predileto do Michael. Que raio se passa?

O canhão da Claire mudou a minha vida, respondeu ele.

Ri à socapa. Talvez não saibas, mas a Casa da Lagoa tem mais portas.

Sim, mas ela não pode usar nenhuma, respondeu o Wit. Prendi-as com cadeiras.

Encontrei mais um buraco no plano dele: Pode sair por uma janela. A Casa da Lagoa era de piso único; facilmente se fazia isso.

Vou tentar dizer isto de maneira simpática, escreveu ele. Quiseram que eu jantasse com a Haley e de certeza que não lhe passa pela cabeça fugir pela janela porque não é como tu!

Ouvi o meu número:

— Setecentos e dezassete!

És tão querido, respondi, sorrindo para o ecrã. Diverte-te plantado à espera dela.

Depois de duas horas e meia — isso mesmo, *cento e cinquenta minutos* —, a tia Julia parou o monovolume diante do Anexo. A minha mãe saudou-nos. A sua expressão era estranhamente impenetrável.

— Trouxeste a cobertura *glacé*? — perguntou, enquanto tirávamos os nossos sacos da bagageira.

— Sim, meu general — confirmei. Embora a minha mãe não a tivesse incluído na lista de compras, era tácito: quem fosse ao supermercado comprava. O meu pai estava completamente viciado em cobertura de baunilha com pepitas multicolores.

— O pai chateou-se com alguma coisa? — perguntei. Ele atacava um balde de cobertura *glacé* sempre que estava ansioso ou aborrecido.

— Já vais ver — respondeu a minha mãe.

Entrei carregada de sacos e vi o meu pai prostrado no sofá. Segurava uma colher e parecia sem ânimo.

Foi assassinado, percebi. Está fora do jogo.

Deixei-o comer cinco ou seis colheres de cobertura e só então perguntei de mansinho:

— Quem foi? — Sentada ao seu lado, a minha mãe massajava-lhe as costas.

— Quem foi? — repetiu o meu pai, e olhou-me de soslaio. — Adivinha.

Raios.

O meu pai levantou-se bruscamente do sofá.

— Aquele rapaz está noutra *nível* — considerou. — O Brad é que o disse bem. — Abanou a cabeça. — Já matou dez, Meredith. Desses dez, *oito* foram eliminados enquanto andavas às compras.

— Bolas — murmurei. Ele mandara-me a última mensagem depois de eliminar a Haley, a dama de honor. O estratagema resultara. O alvo seguinte era a irmã da tia

Christine.

— Até se mascarou: anda de lenço na cara — acrescentou o meu pai.

Mandei rapidamente uma mensagem ao Wit: Andas de lenço na cara?

— E conseguiu convencer o teu avô a emprestar-lhe uns binóculos.

Evidentemente, respondeu o Wit. O anonimato é sempre uma vantagem.

— Mer, tu emprestaste-lhe a arma da Claire? — perguntou a minha mãe.

— Ah. — Senti-me corar. Guardei rapidamente o telemóvel. — Hum, emprestei. —

Encarei o meu pai. — Desculpa.

A minha mãe não conseguiu conter o riso e ele olhou-a carrancudo.

— Imagino que ela fique contente por haver alguém com unhas para o canhão.

Não pude evitar um sorriso.

— Pensei o mesmo.

Tinhas de eliminar oito alvos, Wit? Mesmo?

Não deixava de ser um pouco irrita...

Arrebitei a orelha mal ouvi baterem à porta da cozinha. Não era um Fox: ali na Quinta, ninguém da nossa família batia à porta antes de entrar.

— Está aberta! — exclamou o meu pai, com a boca cheia de cobertura *glacé*. — Está sempre aberta!

A porta chiou, mas o Wit não chegou a entrar na sala, porque o meu pai se passou.

— Menos para ti! — exclamou, e apontou-lhe a saída. — Isso é que era bom!

A minha mãe levou-o à porta.

— É demasiado cedo — ouvi-a murmurar. — Dá-lhe algum tempo, Wit. — Voltando-se, fez-me sinal para ir ter com ele.

Encontrámo-nos debaixo das árvores.

— A tia Christine vai *matar-te* — avisei. — Esquece o teu assassino. Ela encarrega-se disso.

Ele baixara o lenço vermelho. Do nariz para cima, estava cheio de sardas, para não falar no escaldão que apanhara. Somando a isso uma equimose de tonalidades obscuras, o efeito final era interessante, no mínimo dos mínimos.

— *Tss-tss*. Parece que alguém se esqueceu de pôr mais protetor solar.

— Passou-me completamente — respondeu ele. Com a ponta do dedo, desenhei-lhe a cana do nariz. — Tive mais em que pensar.

— Como qualquer assassino em série que se preze.

— Ora, não é o objetivo do jogo?

— O meu pai está furioso contigo.

— Já vi. — Ele mergulhou a mão no cabelo. — E achas que vai, hum, *ficar* furioso comigo?

Deixei o *suspense* crescer. Por fim, abanei a cabeça.

— Deixa-o acabar aquele balde de cobertura *glacé* e passa-lhe.

O Wit respirou fundo.

— Ufa. — Abraçou-me a cintura, e eu sorri.

— Tens de me contar tudo — disse eu. — Quero saber como eliminaste cada alvo. Disseste que me contavas quando estivesse nos teus braços. Palavras tuas.

Ele corou. Apesar da equimose e do escaldão, *corou*.

— Ao jantar, pode ser? — murmurou. — Que tal jantarmos e conto-te tudo?

— Jantar? — Abracei-lhe o pescoço. — Como fazem os namorados?

— Iá, jantar. — Ele anuiu. — Tipo, jantar.

O meu coração acelerado desacelerou.

Portanto, um jantar, mas *não* como namorados.

Ainda assim, foi como me *senti* no começo dessa noite, quando ele abriu a porta do *Ford Raptor* para eu me sentar ao volante. Cheirava a champô de laranja e gel de banho, e vestira umas calças de sarja e uma camisa azul de um tecido tão leve que a brisa a fazia ondular.

— Onde vamos? — perguntei. No lugar do passageiro, ele pôs o cinto de segurança.

— Não sei — respondeu. — Que tal irmos aonde quiseres?

Escolhi o Home Port, em Menemsha, uma vila de pescadores. O restaurante era famoso pela lagosta, precisamente o que me apetecia, sobretudo depois de não ter sido convidada para ir ao Atlantic. Não tínhamos reserva e, enquanto esperávamos, passeámos no cais.

— Eu e a Claire fazíamos corridas aqui — contei ao Wit. — Ela ganhava sempre, tirando uma vez em que a ultrapassei. Acho que só não ganhei porque caí. Até esfolei o joelho.

Ele segurou a minha mão.

Soltei-me e corri. Felizmente, em vez das sandálias de salto em cunha, trouxera umas rasas estilo gladiador.

Mesmo assim, o Wit alcançou-me num piscar de olhos. Corremos até ao fim do cais e a corrida terminou num empate. O prémio foi uma mensagem da chefe de sala do Home Port a avisar que tínhamos uma mesa à nossa espera.

O interior revestido de madeira continuava tão confortável como antes, e os copos azuis eram os de sempre. Era bom voltar ali. Ficámos do lado das janelas, numa mesa para quatro. O Wit puxou a cadeira ao lado da minha.

— O que é que vais fazer? — perguntei. — Não te sentes aí.

— Porquê? — estranhou ele.

— Quero-te à minha frente, para te ver a cara — expliquei.

— Meredith, tenho a cara numa *desgraça*.

Ri-me. Era verdade, mas, ao mesmo tempo, não era.

— Além disso — continuou ele, sentando-se ao meu lado —, ficando aqui, posso fazer isto, por exemplo. — Rodeou-me o ombro. — Ou isto. — Passou os dedos pelo meu cabelo. — Ou *isto*. — Pousou a mão no meu joelho. — Mas se preferes que me sente à tua frente...

— Fica aqui — interrompi, entrelaçando os dedos nos dele debaixo da mesa. — Os teus argumentos são válidos.

Pedimos o churrasco de lagosta e amêijoas: eram cozidas no vapor, entre camadas de algas, com maçarocas e batatas pequenas. Então, ele pôs-se a contar as proezas assassinas dessa tarde. Chegara a esconder-se debaixo da cobertura da churrasqueira da Casa da Charneca para eliminar um alvo que ia a passar de bicicleta. O escaldão não era apenas na

— cara: a nuca *também* se ressentira de uma espera que ele fizera na Casa da Lagoa. Para apANHAR o meu pai, escondera-se nas árvores. O Wit era como um lobo atrás da presa.

— Subiste a uma árvore para o assassinar? — perguntei.

O Wit coçou o pescoço.

— Hum, não exatamente. Eu... — Baixou a voz. — Esperei-o à saída da casinha.

— Não! — Escondi a cara no ombro dele e ri às gargalhadas. — Tu não fizeste isso!

Ele ria tanto que os ombros não paravam de sacudir.

— Lamento, mas fiz.

A nossa comida chegou minutos depois, fumegante e deliciosa. Os pratos eram enormes.

— Esperei dois verões por este momento — comentei, ao abrirmos as lagostas. — Oh, meu Deus... — gemi. Sabia divinalmente.

— Eh, pá — murmurou o Wit. — Precisas de uns minutos sozinha? — Simulou afastar a cadeira. — Queres um momento em privado com a tua *lagosta*?

— Ah-ah, que engraçadinho. — Revirei os olhos, mas a verdade era que me sentia nas nuvens. O Wit mergulhou um pedaço de lagosta em molho de manteiga, e eu desbloqueei o ecrã do telemóvel e pedi a um empregado que passou ali para nos tirar uma foto.

— *Okay* — disse o rapaz, e pôs-se em posição. — Sorriam!

Abri um sorriso transbordante de felicidade. Temera nunca mais me sentir assim. Pelo canto do olho, vi o queixo do Wit pingar molho de manteiga, e, *incapaz* de resistir, inclinei-me e lambi-o. Não havia problema: o empregado estava a tirar várias fotos. Ninguém tinha de ver aquela.

— É mesmo esta! — exclamou o Wit. Tínhamos resolvido publicar uma no Instagram. — Ou esta, ou nada.

— Estou a *lamber* a tua cara — argumentei, apontando para o ecrã. — Estou a *lamber* a tua cara.

Ele esguelhou um sorriso.

— É uma cara magnífica.

Resfoleguei.

— Vá lá — insistiu ele. — Publica essa. Somos nós, completamente.

Nós.

O que queria ele dizer com aquilo? Como podia haver «nós» se cada um seguiria o seu caminho quando a semana terminasse? Examinei a foto: ali estava o Wit, de cabelos revoltos e com uns olhos azul-turquesa eletrizantes — e alarmados. Pousara a mão no peito dele e, com a outra, segurara-lhe a nuca e aproximara-o para lhe *lamber* o queixo. Via-se a minha língua.

E o meu sorriso feliz.

— *Okay*, pomos esta — cedi, tão empolgada que me enchi de adrenalina. — Bora lá. — Oferecera-me para ser eu a fazer isso e deitei mãos à obra. Seria a primeira publicação da @claires_sister. — Que legenda sugeres? — perguntei, quando ele se inclinou para ver o ecrã. Aninhou o queixo na curva do meu pescoço e, sem olhar, acariciei-lhe os cabelos. *Só espero não estarmos a estragar o jantar a toda a gente*, disse para comigo. Talvez a nossa demonstração pública de afeto incomodasse algumas pessoas. Já sentira alguns olhares.

— Não ponhas legenda — sugeriu o Wit.
— Só o *hashtag*, é isso? — perguntei — «Cadê a Nova Dupré»?
Ele suspirou.
— A Sarah e o Michael — recordei-lhe. — Isto é para eles.
— Errado — replicou o Wit. — Isto é para *nós*.
Tirou-me o telemóvel das mãos e teclou furiosamente. Nervosa, vi-o ler uma última vez o texto que iria juntar à foto. Sorrindo com um ar maquiavélico, devolveu-me o *iPhone*.
— Regala-te — disse o Wit.
— Acho que dispenso.
Ele fincou o queixo no meu ombro.
— Lê lá!
Fiz-lhe a vontade. A foto era ridícula e o Wit pusera um *hashtag* ainda mais gozão: #AntesDelesCasamosNós.
Fiquei de queixo caído.
Ele riu às gargalhadas.
— Torno a avisar — disse eu, quase incapaz de falar, de tanto que o meu coração batia.
— A tia Christine vai ficar *furiosa*.
— Sim, já sei — respondeu ele. — Acontece que sou um Witry, não sou um Dupré. —
Deu-me um toque com o cotovelo. — E somos cúmplices.
— Combinámos que isso não seria confirmado nem desmentido — recordei-lhe, mas não pude evitar sorrir e plantei-lhe um beijo na cara. — És mesmo...
— Ei, pombinhos! — exclamou alguém. — Há aqui famílias! Se querem estar nisso, vão para outro lado!

À porta do Anexo, ele despediu-se com um beijo. Era tarde. Ao voltarmos do restaurante, o meu pai já limpava o balde de cobertura *glacé* e perdoara o Wit, e sentámo-nos com ele e com a minha mãe. Ao contrário do Ben, o Wit não se mostrou minimamente tenso na presença deles. Ora se recostava na poltrona, ora se entusiasmava ao contar alguma coisa. Era uma diferença subtil: quando o Ben falava com os meus pais, sentia-se o esforço dele para ser educado e simpático, mas, no caso do Wit, éramos uma família a conviver. Ele e o meu pai fizeram a reconstituição do assassinio à porta da casinha. A minha mãe chorava de tanto rir, e vê-la às gargalhadas fez-me sorrir tanto que já me doía a cara. Foi uma ótima noite; quase parecia que nada mudara. Não era verdade, claro.

Mas, durante um par de horas, quase me convenci disso.
— Até já — despedi-me, ao dar-lhe mais um abraço. Estávamos transpirados e parecia que nos íamos fundir um no outro. Normalmente, as noites de Martha's Vineyard eram frias, mas a brisa continuava morna como nessa tarde.

— Até já? — repetiu ele, abraçando-me de volta. — Ou até amanhã?
Era uma boa pergunta. Desde que a semana começara, acidental ou propositadamente, passara quase sempre a noite no quarto dele. Olhei de fugida para o Anexo.

— Até amanhã — resolvi. Ir com ele seria absolutamente uma decisão. Os meus pais já tinham percebido que éramos mais do que amigos porque, em vez de ficar na minha

poltrona, eu fora sentar-me no braço da poltrona do Wit, e, enquanto ali estivéramos com eles, ora lhe afagara o cabelo, ora pousara a mão no ombro dele a propósito de alguma coisa.

«Gostas dele de verdade, não é?», perguntou a minha mãe, ao irmos as duas buscar gelado à cozinha, e, vendo-me muito calada, acrescentou: «Vi a publicação no Instagram.»

«Sim», admiti, com um assentimento. «Gosto.»

Durante uma fração de segundo, a expressão dela pareceu-me quase triste — talvez por saber que eu teria de me despedir do Wit quando a semana terminasse.

«Vai ser difícil», acabou por dizer baixinho.

«Eu sei», murmurei, e calámo-nos.

Servimos quatro taças de gelado de baunilha, manteiga de amendoim e caramelo, e regressámos à sala.

— Em menos de nada tornamos a ver-nos — disse ao Wit. Quando ele desapareceu no escuro, fui espreitar a caixa de correio. Muito provavelmente, a Viv não viera deixar o cartão. Já me resignara a mandar uma mensagem ao meu avô quando amanhecesse, mas não custava nada jogar pelo seguro e confirmar o palpite.

À terceira é de vez, disse para comigo. Talvez a expressão se confirmasse. Liguei a lanterna do iPhone, abri a caixa, que quase se desconjuntava de cada vez que lhe mexíamos, e fiquei boquiaberta ao ver o cartão laminado com o nome do meu próximo alvo, acompanhado de uma mensagem. Num *post-it* roxo, ela escrevera: «Foste fazer queixinhas ao avô? Cresce.»

— Vai lambear sabão, estúpida — resmunguei, e apontei a luz ao nome que ali vinha escrito.

Primeiro, fiquei baralhada.

Eu já..., balbuciei em pensamento. *Eu já matei...*

Depois, caiu-me a ficha e fiquei em choque. Tinha a sensação de ter levado uma bofetada. Li o nome várias vezes. Devia haver algum engano. *Tinha* de haver algum engano, porque o nome...

Aquele nome.

Era *dele*.

*

Deitada na cama de cima, fiquei a olhar para o teto. Tinha a *T-shirt* transpirada. Não havia ar condicionado no Anexo, por isso, abrira a janela e ligara duas ventoinhas. *Diz-me o que fazer*, pedi à Claire. *Diz-me o que fazer*.

Naquela noite, sentia mais do que nunca a presença dela. Podia jurar que a ouvira mudar de posição por baixo de mim.

Mas não houve resposta. Suspirei, sentei-me, prendi o cabelo molhado de transpiração, e, quando dei por mim, estava a sair pé ante pé do Anexo e a caminho da Cabina. Embora se previsse chuva para o dia seguinte, o céu estrelado parecia saído de um sonho.

Ao aproximar-me da porta do quarto do Wit, pareceu-me ouvir uma ventoinha. Não vi luz acesa e calculei que ele estivesse a dormir. *Entro?*, perguntei a mim mesma.

— Sabia que vinhas — disse uma voz ensonada lá dentro.

Não precisei de mais: entrei. Sob a luz das estrelas que atravessava os estores, distingui uma ventoinha na cómoda. O Wit estava na cama, de tronco nu, tapado apenas com o lençol. Vi os cobertores no chão. Estava tanto calor que o teriam sufocado.

Não me fui estender ao lado dele.

— Como adivinhaste?

— Quando nos despedimos, disseste que nos víamos *amanhã*. — Ele bocejou e apoiou-se no cotovelo. — A seguir, foi *até já*.

— Ah. Nem reparei — menti.

Não o enganei.

— Se isso te faz dormir mais descansada...

Os meus olhos encheram-se de lágrimas.

Não falámos durante alguns segundos.

— Chega aqui — murmurou ele.

Pestanejei para secar os olhos e atravessei o quarto. Ao estender-me ao lado dele senti... zonas do colchão mais frias.

— Sacos de gelo? — perguntei.

— Iá. — Ele puxou-me para os braços. — Toda a gente mos vem trazer, portanto, aproveitei.

Não pude evitar rir. Os meus dedos procuraram a face magoada. Ele deixou sair um queixume exagerado e, ao encolher-se de dor fingida, sacudiu-me consigo. Tornei a rir.

O padrinho do noivo protestou com pancadas na parede.

— Dorme com os anjos, Gavin! — respondeu-lhe o Wit. Depois, disse-me ao ouvido: — Está chateado porque a Danielle pôs um ponto final na cena dos dois.

— Hã? — sussurrei-lhe de volta. — Porquê?

— Não sei, mas sou capaz de apostar que se enrolam outra vez antes do jantar de ensaio. — Sacudiu a minha *T-shirt*: — Queres outra? Esta está ensopada.

— Não preciso — respondi. Sentei-me, despi a *T-shirt* transpirada e tornei a aninhar-me nos braços dele. Apesar dos sacos de gelo, o corpo dele irradiava um calor de mil graus, mas eu queria sentir aquela pele transpirada em contacto com a minha. Transmitia-me segurança.

— Tu bem disseste que isto também era para *mais logo* — brincou ele. Lembrei-me da nossa tarde na praia secreta: ele quisera despir-me a parte de cima do biquíni, mas eu preferira esperar até estarmos realmente a sós. Senti-o desenhar com o dedo nas minhas costas e, quando ele me beijou o ombro, os formigueiros fizeram-me retesar as pontas dos pés.

Instantes depois, sentada nas pernas dele, mergulhei as mãos no seu cabelo húmido e ele fincou os dedos nas minhas ancas. Sentia mil espirais à flor da pele.

— Não quis parecer convencido quando apareceste aqui há bocado — murmurou ele. Senti-lhe o hálito quente. — Estou muito feliz por teres vindo. — Começou a beijar-me a curva do pescoço. — Queria muito que viesses.

Durante uma fração de segundo, tornei a ver o cartão que encontrara na caixa do correio, mas obriguei-me a não pensar nisso.

— Confirmo: *pareceste* convencido — respondi. — Eu também queria muito vir ter

contigo — confessei logo depois.

Era verdade: mais do que tudo, quisera vir ali. Tivera de vir ali. Conhecíamos-nos havia apenas alguns dias, mas, de alguma maneira, sem que se pudesse explicar...

O que havia entre nós era temporário, eu sabia, mas não conseguia evitar sentir que era muito mais do que isso. Era especial e único, e eu esperara por algo assim durante muito tempo.

Por isso, quando ele me perguntou se eu queria, disse sim sem hesitar.

— És entusiástica. Gosto — murmurou ele. Tinha uma voz tão melodiosa... Aquele sotaque muito suave *derretia-me*.

— Tens proteção? — perguntei.

— Sim, sim — disse ele, e, levando-me sentada nas pernas, chegou-se mais para a beira da cama e enfiou a mão debaixo do colchão. — O padrinho deu-nos, hum, *kits* de boas-vindas quando chegámos no domingo.

— Que atencioso — comentei, sarcástica, sentindo-lhe os movimentos no escuro.

Ele suspirou.

— Em minha defesa, não me passou pela cabeça que o ia usar.

Ri-me e, quando ele encontrou o que procurava, fez-me cócegas com a outra mão, e sufoquei um guinchinho aflito. Sentia que o coração me ia saltar do peito.

— De certeza que queres? — perguntou ele, instantes depois. — Mesmo?

Não queria com mais ninguém, disse para comigo. *Se fosse outro e não o Wit...*

— Quero — murmurei. — Mais do que isso: quero, quero e quero.

Ele riu-se, e os nossos corpos entrelaçaram-se.

— O que foi? — murmurou o Wit mais tarde. Íamos dormitando e acordando.

Senti um nó na garganta.

— Nada. Porque perguntas isso?

Aninhada nos braços dele, senti-o encolher os ombros.

— Vejo que tens alguma coisa.

— Vim aqui para estar contigo — respondi. — Mas, também, por não conseguir dormir naquele quarto. Não consigo dormir lá sem ela.

Ele ficou silencioso.

— A minha irmã faz-me imensa falta — expliquei. — E aquele quarto... traz tudo de volta. A história da Sarah, por exemplo. Não paro de pensar nisso e de me lembrar de que, naquele dia, não *falei* com a Claire. Trocámos mensagens, mas apenas sobre o que ela ia fazer: a ida ao restaurante e, depois, ao Bairro Francês. — Senti as lágrimas caírem. — Não lhe pude dizer que a adorava, nem ela a mim, como fazíamos todas as noites antes de dormir. Uma ligava à outra e era sempre a última coisa que dizíamos.

Adoro-te, Claire.

Adoro-te, Mer.

O Wit continuava silencioso, mas era o silêncio de alguém que quer falar.

— Ela adorava-te — disse, por fim, e ouvi uma ligeira tristeza na voz dele. — A Claire adorava-te e tu sabes isso.

Assenti e continuei a chorar. Ele apertou-me contra o peito. Mais tarde, as lágrimas pararam, mas ele fez-me ficar nos seus braços.

— Dorme — murmurou. — Fecha os olhos e dorme, Matadora.

QUINTA-FEIRA

Acordámos cedo para ir fazer uma caminhada, mas não nos conseguimos antecipar ao Michael e aos seus alongamentos antes da corrida.

— Bom dia — saudou ele. Baixei a cabeça. Atrás de mim, o Wit segurou-me os ombros.

— Hum, sim, bom dia — balbuciei.

— Tens algum problema em ser vista comigo? — sussurrou o Wit.

Sorri e sacudi as mãos dele.

— Se queres saber, *morro de vergonha*.

Passámos no Anexo para eu me equipar. Enchi uma garrafa de água e agarrei nas chaves do *Ford Raptor*. Os meus pais estavam a dormir com a porta do quarto fechada, mas o *Loki* já acordara e andava a explorar em volta da casa. Quando lhe pus a trela, ele percebeu que íamos dar um passeio e deu saltinhos de contente.

A Reserva Natural de Menemsha Hills ficava em Chilmark, no outro lado da ilha. Quando estacionei a *pick-up*, o próprio Wit quase dava saltinhos de contente.

— Basicamente, o circuito é uma volta completa à reserva — disse-lhe, e ergui os olhos para o céu. Não se via o sol. Com sorte, estaríamos de regresso quando caíssem os anunciados aguaceiros. — A Claire conhecia isto melhor do que eu. — Calei-me momentaneamente. — O meu sentido de orientação não é brilhante.

— Felizmente para os dois, eu safo-me — declarou o Wit, e tirou um mapa do porta-luvas. Abriu-o e deu-lhe uma olhadela muito rápida.

— Em frente?

Fiz que sim. Adorava aquele circuito porque andávamos pelo meio do arvoredado até que, do nada, ficávamos a céu aberto, e a vista era deslumbrante. A minha parte favorita do percurso era quando avistávamos o oceano, os areais que se estendiam ininterruptos e as colinas e falésias que os acompanhavam.

— Estou a adorar — disse o Wit, quando ganhámos ritmo. Íamos levantando poeira ao caminhar e depressa ficámos com os ténis imundos. — Este é exatamente o estilo de coisas que quero fazer na Nova Zelândia.

Nova Zelândia. Teria dado tudo para não estremecer só de ouvir o nome.

— Fala-me de quando eras mais novo — pedi, desejando mudar de assunto.

Ele arrebitou a sobrancelha.

— Quando era novo?

— Sim, sei lá... quando andavas no secundário.

— Há dois anos, portanto.

O *Loki* puxou-me para a frente e foi a minha sorte, porque evitou que o Wit me visse corar.

— Não há grande coisa para dizer — começou ele. — Vivia no Vermont com a minha mãe, ia às aulas numa escola secundária que não adorava, mas também não odiava, e, no

inverno, passava os fins de semana a esquiar.

— E os teus amigos? — perguntei. — Também esquiavam? Ou faziam *snowboard*?

Ele hesitou.

— Tenho dois amigos: o Kevin e o Caleb — acabou por responder. — Conhecemo-nos desde o infantário. Mas não tenho nenhum problema com isso. Gosto de estar na minha. Conhecia pessoal com quem saía de vez em quando e com quem estudava, mas nunca tive um grande grupo de amigos. — Encolheu os ombros, depois riu para afastar algum constrangimento. — Suponho que seja por isso que o Michael e a Sarah querem sempre levar-me a sair em Nova Orleães. Também não me dou com muita gente em Tulane. Nunca fui um ás a fazer amigos.

— E eu não tenho grande jeito para os conservar — dei por mim a dizer enquanto tratava de refrear o *Loki*, que cheirara alguma coisa que lhe interessara e agora estava a tentar enfiar-se por baixo da vedação de madeira torneada.

— Hã? — admirou-se o Wit. — Aposto que tens montes de amigos. És uma miúda espetacular.

Estremeci.

— Tinha amigos, sim — respondi —, mas as coisas... — A voz falhou-me e aclarei a garganta. — As coisas mudaram e deixei de estar disponível para eles. Os meus dias passaram a girar à volta do Ben... sobretudo quando a Claire morreu. Estava tão triste e sem alento que me agarrei a ele e não deixei que mais ninguém se aproximasse. Fechei-me completamente. O Ben adorava proteger-me, adorava que eu *precisasse* dele. Até ao dia em que decidi que não precisava *ele* de mim.

— Ben? — repetiu o Wit. — Não era o Imbecil?

Chegámos a um miradouro e sentámo-nos num banco feito com blocos de pedra. Contei-lhe resumidamente que o Ben me ligara às duas da manhã, bêbado, e deixara uma mensagem de voz, e repeti o que lhe dissera ao ligar-lhe de volta.

— Ou seja, ele tornou a ser simplesmente o Ben — concluí. — É alguém que não me interessa e não vale um minuto do meu tempo. Bloqueei o número dele.

O Wit inclinou-se para me beijar o cocuruto, depois rodeou-me o ombro. Tinha o braço sardento de apanhar sol.

— É assim mesmo, Matadora.

Fechei os olhos. *Matadora*. Já estava. Não parávamos de experimentar nomes cómicos para chamar ao outro, mas aquele era o meu nome carinhoso personalizado. Só eu e o Wit sabíamos o que realmente significava.

E o meu nome para ele?

Ainda não o tinha.

Será que vamos durar mais de uma semana?, perguntei-me. Infelizmente, já não podia pedir à Claire para me ler o futuro nos astros e nas cartas de *tarot*.

— E tu? — perguntei. — Já tiveste uma namorada?

— Sim — respondeu ele. — No secundário. Ainda durou uns tempos.

Dei-lhe um toque com o cotovelo.

Ele riu-se.

— O que é?

— Preciso de mais pormenores.
— Porquê?
— É importante. Nós, raparigas, ligamos a essas coisas.
Ele suspirou.
— Chamava-se Brianna, era da minha turma de Matemática e combinámos ir juntos ao baile de pré-finalistas. Começou aí.
— E acabaram quando?
— No último ano, durante o inverno. Se bem percebi, não lhe dava a atenção de que ela precisava.
— Não bate certo com o Wit que conheço — comentei.
Ele quase sorriu.
— Como assim?
Engoli em seco.
— Sei lá...
És afetuoso sem dar por isso.
Deixas-me falar durante horas e ouves-me durante horas.
Fazes-me sentir a rapariga mais especial do mundo.
Não lhe podia dizer aquelas coisas, por isso, beijei-o.
— E Tulane? — perguntei. — Não houve conquistas?
— Ouvi bem? *Conquistas?*
Lancei-lhe um olhar que dispensava palavras.
Ele encolheu os ombros.
— Sim, houve algumas raparigas... mas não posso dizer que tenham sido relacionamentos. Saíamos umas vezes e...
— Engatavas — resumi.
Atrapalhado, ele passou uma mão pelo cabelo.
— Meredith, a que propósito vem esta conversa?
Queria... Mesmo em pensamento, hesitei. Quero saber se... noutra situação...
— Sei lá — disfarcei. — Desculpa, estou a ser parva. — Puxei a garrafa de água do bolso lateral da mochila. — *Loki!* — chamei. E ali estava o meu *jack russell terrier* a beber avidamente como se fosse uma pessoa.
— Que truque tão fixe — disse o Wit.
— Ensinou-lhe a Claire — respondi.
Pensativo, ele anuiu.
— Bate certo com quem ela era.
Ri-me.
— Agora falaste de uma maneira... parecia que a conhecias.
— Bem... — Ele mudou de posição no banco. — Se queres saber...
— Já sei que falo muito dela — antecipei-me. Apontei para a paisagem que nos rodeava. — Para mim, cada palmo desta ilha é a minha irmã. É-me impossível não falar dela. A Claire teria gostado de ti.
Ele sorriu.
— A Sarah disse o mesmo — comentou. — Achava que seríamos grandes amigos. —

Calou-se um momento, mas não olhou para mim, antes contemplou a linha do horizonte. Entrelaçara os dedos no colo. — Meredith, acho que tenho de te dizer uma coisa...

Um trovão repentino sobrepôs-se ao que ele me ia dizer.

— Bolas! — Ergui-me de um salto. Não queria regressar à *pick-up* debaixo de chuva, muito menos fazer o caminho de volta. — Temos de correr!

O problema era não saber por onde viéramos. Vários caminhos desembocavam no miradouro.

O Wit deu-me a mão.

— Não te preocupes — tranquilizou-me. — Sei por onde é.

Chegámos ao *Ford Raptor* ensopados. O Wit ofereceu-se para guiar e entreguei-lhe as chaves de bom grado. Sentei-me e o *Loki* aninhou-se no meu colo. Estava encharcado e, para meu azar, não tinha comigo uma toalha de praia para o embrulhar, porque o instinto lhe disse para se sacudir. *Perfeito*, resmunguei mentalmente. Agora, além de encharcada, estava salpicada de lama. *Simplesmente perfeito*.

O Wit não se riu — limitou-se a continuar a conversa que a chuva viera interromper.

— Não quero que penses que fui estúpido com essas raparigas — disse, e tossiu para aclarar a voz. — Não me orgulho, e o Michael fartou-se de me dar na cabeça a propósito do assunto.

— Falas dessas coisas com o Michael? — perguntei.

— Sim.

Esperei pelo resto. Também a minha irmã me dissera muitas vezes que eu merecia o melhor do que o Ben e que havia alguém perfeito para mim à minha espera. «Não sei quando vai acontecer», dissera-me certa vez, quando eu chegara a casa depois de uma discussão com ele. Estávamos enroscadas na cama dela. Muitas vezes, fazíamos conchinha, ela, a protetora, eu, a protegida. «Só sei que um dia destes, quando menos esperares...»

O resto, disse-me ao ouvido.

E eu parei momentaneamente de soluçar e abri um sorriso.

— Já agora, tu és mais bonita do que todas elas — acrescentou o Wit, fazendo as escovas do para-brisas passar ao modo mais rápido. — És uma miúda linda.

Segurei o *Loki* contra mim.

— Não digas isso.

— É verdade. — Tirando a mão do volante, ele humedeceu o polegar com a língua e limpou a minha face salpicada de lama.

Aquele comentário incomodara-me ligeiramente.

— Não importa que seja verdade — disse-lhe. — Não digas que sou uma miúda linda.

Fiquei à espera de o ouvir perguntar porquê, mas ele não fez isso. Ligou o pisca, encostou na berma, pôs os quatro piscas e voltou-se para mim. Fixei-me naqueles olhos com halos dourados e percebi que ele se lembrava da manhã da véspera, quando acordáramos na sua cama. «Não digas que sou linda», pedira-lhe, logo que ele fizera isso pela primeira vez, mas depois arranajara maneira de sair rapidamente sem lhe explicar porque me desagradava essa palavra.

— *Okay* — disse o Wit calmamente, sem tirar as mãos do volante, mas sem desviar os olhos dos meus. O meu coração acelerou. — Explicas-me porquê? Por favor.

Calei-me. Os segundos iam-se somando.

Ele tirou as mãos do volante e pousou-as no colo.

— Já ouvi esse elogio algumas vezes — murmurei.

— Com razão — respondeu o Wit. — Ninguém se ia lembrar de dizer o con...

— O *Ben* dizia-me que eu era linda — interrompi. — Era um borracho, era mesmo gira e era uma miúda *linda*. — Senti as lágrimas chegarem. — Quase não mostrava interesse pelo que eu tinha para lhe dar além da aparência. — Decidi que não ia chorar. — Prefiro não ouvir mais elogios desses. Não é fácil para mim. — Fiz uma pausa. — Ia custar-me mais ainda se fosses tu a fazê-los.

Ele não me interrompeu.

— Não quero que me vejas como uma miúda linda — expliquei. — Isso não significa nada. É uma coisa vazia. É superficial. — Segurei-lhe a mão e apertei-a com força. — Já me fizeste elogios maravilhosos. Dizes coisas interessantes que nunca ninguém me tinha dito. Disseste-me que sou afetuosa, perspicaz, inteligente... Nem tenho palavras para te explicar como isso me faz sentir bem. — Beije-lhe os dedos, que continuavam mornos, embora ele estivesse encharcado. — *Esses* elogios deixam-me feliz. — Beije-lhe a palma da mão, seguindo a linha do coração.

— *Okay* — disse ele, passado um minuto. — Não torno a dizer que és bonita. — Suspirou. — Posso pensar, pelo menos? Recusares-me também isso... — os olhos dele percorreram o meu corpo encharcado e salpicado de lama — já era abuso.

— Abuso?

— Além de *impossível*.

Ri-me.

— Mesmo com este visual?

— Hum-hum — confirmou ele, inclinando-se para me afagar os cabelos. — Mesmo com esse visual.

A mensagem do Michael chegou quando entrámos na estrada da Quinta. Ó patifes, não sei onde se meteram, mas vai tudo à Casa da Charneca comer guisado de marisco. E vai haver jogos de tabuleiro.

O Wit deixou escapar um queixume quando lhe li a mensagem.

— Qual é o mal? — perguntei. — Não gostas de guisado de marisco?

— Pelo contrário — respondeu ele. — A Jeannie faz o *melhor* guisado de marisco que se come em Nova Orleães. — Calou-se durante alguns segundos. — É mais a cena de nos juntarmos todos numa casa... Estás a ver a festa na República de Estudantes?

Anuí. Percebera onde ele queria chegar.

— Vai haver um banho de sangue.

Nessa noite, eu e ele saíramos mais cedo, mas muitos não tinham conseguido evitar ser eliminados quando a festa acabara. Segundo a Pravika, pelo menos dez jogadores tinham sido assassinados.

— Vamos ter de ser criativos — considerei. — Entramos pela janela ou assim.

Com sorte, o Ian não se lembraria dessa possibilidade, e, se o guisado da Jeannie era tão delicioso como o Wit dizia, de bom grado eu passava lá a tarde, e o meu primo acabaria por se cansar e ir embora.

— É verdade — disse o Wit —, chegaste a mandar a mensagem à Sarah, para ela falar com a Viv? Por causa do teu alvo?

Julguei que o coração me fosse saltar do peito.

— Ah. — Mal conseguia falar. — Eu... hum, não é preciso. — Mordi o lábio. — A Viv... foi lá deixar o cartão ontem à noite, depois de te ires embora.

— Hã? Ela *já* to deu? — Com a surpresa, ele quase deu uma guinada, mas corrigiu a rota. Afagou-me o joelho, mas, pela primeira vez, desejei que ele não fizesse isso. — Não me contaste no quarto porquê?

— Estava ocupada a seduzir-te — brinquei. — Tinha mais em que pensar, tipo, a minha *T-shirt* esopada em suor e assim.

— Ah, exato — disse ele, e calou-se, talvez a lembrar-se de que, a seguir, eu chorara enquanto dormia. Chorara pela minha irmã. — Sou mesmo palerma.

— Um palerma todo bonzão — salientei.

— Bonzão? — Ele olhou-me incrédulo. — Quer dizer, tu podes chamar-me *bonzão*, mas eu não te posso chamar...

— Tu *gostas* que eu te chame bonzão — acusei. — Ontem de manhã, fizeste beicinho quando eu disse que me *recusava* a chamar-te isso.

Ele endireitou as costas.

Tentei desviar o assunto novamente para ele.

— Imagino que vais tentar eliminar o teu alvo agora à tarde, certo?

— *Tentar?*

Revirei os olhos.

— Convencido.

— Mas um convencido *bonzão*, certo?

— Sim, mas prefiro mil vezes um palerma bonzão a um convencido bonzão.

Ele deu uma gargalhada e assentiu.

— Certo, certo — reconheceu. — *Okay*, vou tentar eliminar o meu alvo.

— Ótimo — respondi, depois calei-me. Só queria que aquela viagem de carro terminasse. Sabia quem era o próximo alvo do Wit e imaginava que ele não teria dificuldade em eliminá-lo, mas as repercussões seriam difíceis.

Não para ele, mas para mim.

— A propósito — dei por mim a dizer —, acho que vou ficar quieta durante um bocado.

Ele arrebitou a sobrancelha.

— Quieta?

— Hum-hum. — Anuí. — Com o Ian atrás de mim, acho melhor jogar mais à defesa. Ando sempre com medo de o encontrar. Tenho de ficar atenta aos passos dele.

— Tu *estás* atenta — argumentou o Wit. — Até sabes que é ele o teu assassino. — Suspirou. — Eu não sei quem é o meu e estou-me a *passar*, mas não deixo que isso me trave.

— Wit — respondi, e até o nome dele me custou dizer —, *toda* a gente tem medo de ti. Acho que mesmo o teu *assassino* prefere manter-se a uma distância segura. Podes dar-te ao luxo de andar por aí a matar de lenço na cara e tudo. — Enchi os pulmões e esvaziei-os devagar. Estava a ganhar tempo para pensar no que devia dizer a seguir. — Além disso, há uma vantagem em mudar para o modo defensivo.

— Qual é ela, mestra? — perguntou ele, sarcástico.

— Enquanto evito o Ian, o meu alvo faz o trabalho por mim.

— Hã?

— Pois — confirmei. — Deixo-o divertir-se e, quantos mais alvos ele eliminar, menos ficam para mim.

O Wit não desviou os olhos da estrada, mas eu quase ouvia o seu cérebro a trabalhar: estava a considerar possibilidades.

Por favor, pedi-lhe em pensamento, aflita. Por favor, acredita em mim. Não tornes isto mais difícil. Não há outra maneira...

— Quem é? — perguntou ele.

Temi que o meu coração me ensurdescesse.

— Quem é o teu alvo?

Abracei o *Loki* com tanta força que ele ganiu.

— Merda — resmungou o Wit. — Sou eu, não sou?

— Não! — exclamei sem esperar um segundo. Ele passou a mão pelo cabelo. — Não, Wit... — Forcei uma gargalhada. — Meu Deus, não és *tu*. Não sejas ridículo. Claro que não és tu!

Ele retesou o maxilar.

— Mas tive de perguntar duas vezes. Porquê?

Palavras. Precisava de palavras, *depressa*.

— Porque, embora não sejas tu — respondi —, é alguém também especial para mim. — Recapitulei rapidamente quem continuava em jogo e ocorreu-me um nome que servia. — Ainda por cima, temos um pacto. — Respirando fundo, rezei para que a mentira não fizesse ricochete. — É a Luli. Calhou-me a Luli.

Ele olhou-me de fugida.

— A Luli?

Fiz que sim.

— Exato. A Luli.

— Não sou eu?

— Não és tu.

Um silêncio.

— Sendo assim, a tua lógica é bastante sólida — acabou ele por dizer. — Concentra-te em evitar o Ian e deixa a Luli divertir-se um bocado.

— Sim. — Entrelacei o mindinho no dele. — É precisamente o que vou fazer.

Quase todos chegaram de carro, mas nós agarrámos num guarda-chuva e levei-o pelo trilho na floresta que usara para matar o pai dele. Trouxéramos as bisnagas — o Wit, para concretizar um novo plano, eu, para manter as aparências. Não queria que se dessem conta da minha nova estratégia. *É uma estratégia*, não parava de repetir para comigo. *Sem um assassino a persegui-lo, o Wit fica livre para eliminar os alvos todos que quiser. Quanto menos sobravem, melhor.*

Na altura certa, eu eliminá-lo-ia.

Não era agora, mas iria acontecer.

Mas ele estava nervoso — aliás, nunca o tinha visto tão nervoso; estava pior do que eu. De repente, parecia ter mil tiques, e não parava de olhar para todo o lado.

— Ei, relaxa — pedi. — Quase ninguém conhece este trilho.

— *Quase?*

— A Claire conhecia-o — expliquei. — E os cães andam por aqui, suponho. Mas, tirando os cães, só a Claire.

Ele fez que sim. Curto e seco.

Senti um nó no estômago. *Talvez lhe deva dizer*, ponderei. *Posso dizer-lhe que sou eu e pensamos num acordo. Juntamos um apêndice ao nosso pacto: podemos jogar juntos e chegamos os dois à final.*

Era demasiado tarde. Ele perguntara-me diretamente se era o meu alvo e eu respondera que não. Mentira-lhe na cara.

— Não vai acontecer nada, Wit — assegurei, e engoli em seco. De repente, o nome dele soava estranho dito por mim. — Tens levado isto na boa e és *astuto*. Não te deixes levar pela paranoia. *Para*. Entendido?

— Sim — disse ele, e respirou fundo. Embora vermelho do escaldão, de repente, ficara tão sombrio como o dia.

— *Okay*, vamos a isto — disse eu, fazendo a minha melhor imitação de uma *coach* motivadora. — Vamos entrar naquela casa e fazer o que tem de ser feito. Vou evitar o Ian como uma *pro* e o teu alvo nem te vai ver chegar.

— E temos o guisado e os jogos de tabuleiro — acrescentou ele. — Não te esqueças dessa parte.

— Exato. — Sorri. — Bora. Não vamos fazer o pessoal esperar.

— Eles que esperem mais um minutinho. — Enlaçou-me a cintura e inclinou-se para me beijar. Foi um beijo nos lábios, mas, de repente, eu queria mais. Dei um pulinho e as minhas pernas rodearam-lhe o tronco magro e musculado. Ele segurou-me e abracei-lhe o pescoço. Agora, estávamos a beijar-nos a *sério*. Já nem sabia do guarda-chuva; eu não o tinha e ele também não.

Beije-o uma última vez, depois ele pôs-me no chão e continuámos pelo trilho que desembocava no pátio lateral da Casa da Charneca. Chegámos encharcados. Na esquina, de

bisnagas a postos, o tio Brad, a Nicole Dupré e mais uns quantos vigiavam o relvado dianteiro, atentos a quem chegava. Do Ian, nem sinal.

— *Okay*, isto é a janela da casa de banho — disse ao Wit, e abri-a para entrarmos. — Pronto?

Ele assentiu. Deu-me um impulso, depois entrou também. Havia escovas de dentes em cima do lavatório e toalhas penduradas atrás da porta fechada. Usámo-las para nos secarmos. Resolvemos deixar as bisnagas ali e escondemo-las no duche. A cortina estampada em ziguezague silvou como uma cobra quando a fechei.

Sáímos à socapa para o corredor. Viera muita gente, percebemos pelas vozes. Ao longo das paredes amarelo-manteiga havia retratos da família Fox, mas, também, belas paisagens pintadas a aguarela.

— Espera — murmurou o Wit, ao reparar nas iniciais bgf — O pintor é o teu tio *Brad*? Confirmei.

— Ele tem muitos talentos.

O mesmo se podia dizer da Jeannie Dupré: quando entrámos na cozinha, cheirava divinamente. Havia vários tachos ao fogão e, entre os aromas, identifiquei cebola, pimentos e linguça. A minha mãe viera ajudar: estava a cortar legumes na bancada. Sorri. Ela adorava cozinhar, mas a morte da Claire mudara isso e começáramos a mandar vir comida. No entanto, ali estava ela, e tudo indicava que o gosto pela cozinha regressara. Lembrei-me de uma ocasião havia meses em que chegara da casa do Ben e a encontrara a fazer frango frito para o jantar. Quase me dera uma coisinha má. Sempre adorei frango frito.

O Wit viu-me observar o que a minha mãe ia fazendo.

— Tens ali a santíssima trindade do tradicional guisado do Louisiana — explicou. — Cebola, pimentos e aipo.

— Wit! — saudou a madrastra dele ao ver-nos. — Graças a Deus, chegaram! Já tenho alguns tachos de guisado prontos a servir, mas vem mais gente. Tive de pedir ao Michael e ao Oscar para me irem fazer mercearia...

— Mandou-os às compras — traduziu o Wit.

— Posso pedir-te e à menina Meredith que abafem os legumes quando a Liz acabar de os cortar?

— *Menina* Meredith? — Divertida, sorri disfarçadamente para o Wit. A minha mãe informou que a santíssima trindade podia ir para o tacho.

O Wit esfregou a nuca.

— Iá — resmungou. — O meu pai e a Jeannie chamam-te assim. — Ergueu as mãos como se a render-se. — Não tive nada a ver com o assunto.

Abri um sorriso de orelha a orelha e abanei a cabeça ao lembrar-me: depois de eu o assassinar, o Oscar Witry desejara sorte à *menina Meredith*.

— Isso de abafar os legumes é o quê?

— Vamos mergulhá-los em ainda mais cebola — explicou o Wit, aceitando a tábua de cortar que a minha mãe lhe estendera. — Depois, ficam a cozinhar em fogo alto durante *muito* tempo.

Ao fogão, a Sarah ia mexendo uma papa bege num tacho.

— Jeannie! — chamou aflita, quando o bege começou a acastanhar rapidamente. — O roux! Está...

— ...bom para deitar fora — terminou o Wit. Inclinou a cabeça. — Aposto que não é a primeira vez. Acertei?

A Sarah bufou de frustração.

— É farinha e gordura — queixou-se, e ajustou os óculos no nariz. — Devia ser simples. — Deixou escapar um queixume. — É a minha terceira tentativa.

Abafámos os legumes, depois servimo-nos de guisado de um tacho na mesa. Faltava escolher os jogos. À vinda, combináramos separar-nos. Estávamos de acordo: a palavra-chave era *distância*. O Wit tinha ideias de juntar outra vítima à sua coleção e era melhor eu não estar por perto se e quando acontecesse.

Assim, ele foi jogar *Scrabble* com os meus avós e alguns Duprés, e eu juntei-me à Pravika, ao Eli, ao Jake e à Luli, que se preparavam para jogar *Monopólio* na varanda fechada com telas. O Eli contou as notas — seria ele o banqueiro — e a Luli organizou os cartões das propriedades.

Estamos aqui as duas, disse para comigo. *Fixe*.

Tinha *mesmo* de falar com ela. Sim, pedira-lhe desculpa na segunda-feira por ignorar mensagens e o resto, mas, ao falar com o Wit durante a caminhada dessa manhã, reconhecera ter dificuldade em manter as amizades, e agora sentia que a Luli merecia palavras mais sentidas. Merecia uma explicação. Só assim conseguiria que ela aceitasse outra vez a minha amizade, sem reservas e para sempre. Lembrei-me de quando a Luli, a Claire e eu éramos pequenas: corríamos juntas pela Quinta e ríamos sem parar. Nunca me esqueceria da noite em que desenháramos com batom na cara do Jake e na do Eli enquanto eles dormiam. Doía-me pensar que corria o risco de perder essa cumplicidade. Perdera a Claire; não podia perder mais ninguém.

— Mer? — chamou a Pravika. — Dedal, bota ou cartola?

— O dedal — escolhi, e sentei-me ao lado do Jake.

— Acredita: não estás preparada mentalmente para o que vais provar — avisou ele ao ver-me soprar a primeira colher de guisado. — Não estás mesmo.

— Ai, meu Deus — gemi literalmente ao provar aquela incomparável sopa doce com especiarias. A cebola, o pimento, o aipo, a linguiça, o camarão... os vários sabores explodiram como fogo na minha boca. Sentia-se a *paixão* com que o guisado fora preparado. — Isto é...

— A Luli já rebentou com três tigelas — disse o Eli, e vi que cada um deles limpava a sua. Levei nova colherada à boca. Era bem possível que também eu devorasse três tigelas.

Sentada do meu outro lado, a Luli fingiu-se carrancuda.

— Podemos começar?

— Queria falar contigo — sussurrei-lhe, enquanto o Eli dava as notas. — Pode ser depois do jogo?

Os olhos dela brilharam. Talvez julgasse que o assunto era o Assassino e que eu tinha informação classificada para partilhar. Senti um formigueiro na nuca.

— *Okay* — sussurrou de volta. — Estou desejosa.

Infelizmente, ao contrário do guisado, o *Monopólio* não foi memorável. Repetiu-se o mesmo de todas as vezes que jogávamos os cinco: passo a passo, o Jake comprou as propriedades mais baratas e encheu-as de hotéis, a Luli foi parar ao estacionamento livre uma centena de vezes e eu quase não saía da prisão. Enquanto isso, o Eli e a Pravika propunham trocas de propriedades perfeitamente ridículas. Por fim, cansámo-nos e parámos de jogar.

— Quero a vossa opinião — pediu o Eli. — Vou ao clube náutico e apresento-me?

— Escusas de ir hoje — respondeu a Luli, e apontou para o exterior. A chuva parara, mas ia voltar. — Apostava o meu dinheiro todo em como as aulas de vela foram canceladas.

O Eli revirou os olhos. Já lhe contara que estivera na Edgartown Books e que ouvira o rapaz que trabalhava lá combinar o almoço com a cara-metade, e ele tivera um baque.

«Deixa, tens o teu instrutor de vela», tentara eu animá-lo. «Disseste que ele era o homem dos teus sonhos, não te lembras?»

«Lembro», respondera o Eli. «E é mesmo.»

— Sim, vai falar com ele — encorajei-o. — Para sabermos finalmente o nome do gajo.

— Isso mesmo — apoiou a Pravika. — Nunca se sabe. Pode ser amor à primeira vista e ele vem ao casamento.

Avisei-a com o olhar. *Menos, Pravika, menos.*

— O Jake? — perguntou a Luli ao regressar da casa de banho.

— Foi ao Anexo — respondeu o Eli. O seu olhar fixara-se para lá da tela que fechava a varanda. Estava a contemplar a lagoa de Jobs Neck e a sonhar acordado, embora o Condomínio do *Nylon* arruinasse a vista. Só esperava que a chuva não lhes tivesse estragado as coisas. — Foi buscar o tabuleiro de xadrez.

Nenhum de nós era grande jogador de xadrez, mas íamos fazer a enésima tentativa. Claro que devia ter ido eu ao Anexo, mas o Jake oferecera-se e levantara-se de um salto.

Por isso...

— Está a demorar séculos porquê? — perguntou a Luli. Desconfiei que a arma do Wit já não estava escondida no chuveiro. Não era certamente coincidência ele ter escolhido o *Scrabble*, que estava a ser jogado na sala de estar: quem entrava ou saía da Casa da Charneca passava *inevitavelmente* por lá.

O Eli encolheu os ombros.

— Se calhar teve de parar no caminho para se sentar no trono.

A Luli e a Pravika fizeram uma careta.

— Eli, que nojo.

— O que é? — Ele batucou com a mão no estômago. — Este guisado é potente, ou estou a exa...

Foi interrompido por vozes em alvoroço vindas da sala:

— Ai, meu Deus!

— Olhem só! Lá fora!

— Está louco!

Voámos das cadeiras e corremos para a sala, onde família e convidados se tinham colado às janelas.

— Meredith! — chamou o meu pai, e abri caminho para junto dele. Dali, víamos o

acesso com os carros estacionados. Ali estava o Wit, a espreitar do tejadilho aberto do *Ford Raptor*. Trazia às costas o canhão da Claire, mas optara por um ataque com balões de água.

— Deste-lhe as chaves da *pick-up*? — perguntei ao meu pai.

— Talvez me tenha esquecido delas no guarda-lamas — respondeu ele sem se comprometer. — E tu, compraste-lhe os balões?

— *Touché* — murmurei entre dentes. O pedido do @sowitty17 chegara na tarde da véspera, quando eu estava no hipermercado. Resultado: o pobre Jake estava a ser bombardeado.

Não queria sorrir, mas era perfeito — incluindo a ideia de abrir o tejadilho do *Ford Raptor*, em homenagem à maneira como nos conhecêramos. Estavam todos a rir, mas ninguém sabia que aquilo era uma *private joke* entre mim e o Wit. Era um segredo especial, só nosso, e eu adorava que assim fosse. Adorava que algumas coisas fossem apenas para nós dois.

Claro que o Jake teve de ouvir mil piadas quando entrou encharcado depois de entregar ao Wit o cartão com o nome do seu alvo. Tinha restos de balões rebentados agarrados à roupa.

— E uma toalha, não? — perguntou. — Será que alguém me pode trazer uma toalha?

— Trago já! — ofereci-me. Era o mínimo.

Senti a Luli agarrar-me o braço.

— Eu vou contigo — disse ela. O tom era simpático, mas a expressão era de pura *fúria*: olhar semicerrado e tenebroso, nariz a fremir, lábios franzidos... sem esquecer a veia saliente no pescoço. Imaginara que ela se zangasse, mas *tanto*? Apontou para o teto. — As mais macias estão na casa de banho de cima.

— Boa. — Tentei sorrir. Quando dissera que lhe queria falar, não a imaginara assim. Parecia decidida a vingar a morte do irmão. — Vamos.

A expressão dela continuou ameaçadora.

— Isso, vamos.

Deixei-a ir à frente. Ao subir os degraus, preparei-me para o pior.

Decidi rapidamente que a melhor estratégia era começar por pedir desculpa, por mais difícil que fosse.

— Luli, escuta — disse-lhe, assim que ela fechou a porta da casa de banho. — Tenho refletido muito nestes dias...

— Ah é? — interrompeu ela. — Deixa-me adivinhar. — Apoiou as mãos nas ancas. — Tens pensado em *ti* e apenas em *ti*.

Franzi o sobrolho.

— Desculpa?

Ela revirou os olhos.

— Não te faças de parva, Meredith. És uma traidora e acabas de ajudar a eliminar o meu irmão!

— Não — defendi-me. — Nada disso. Estás enganada. O Jake ofereceu-se para ir buscar o tabuleiro de xadrez. Eu não fiz nada.

— Mas sabias. Sabias que ele era o alvo do *Wit* e não nos disseste. — Riu com agressividade. — Bela aliança a nossa. Nem acredito que engoli a treta de andares com ele só para lhe sacar informação. Imagino que viraste a casaca quando enfiaste o teu vestidinho preto.

Senti-me arder de vergonha. Ponderei responder: *Se queres saber, o Wit e eu sempre estivemos do mesmo lado. Fizemos um pacto logo no domingo à noite.*

Infelizmente, também não estava a ser um modelo de lealdade com ele.

— Não virei casaca nenhuma — argumentei. — A nossa aliança ainda...

Ela abanou a cabeça e puxou o telemóvel do bolso. Preparei-me. Já sabia o que ela me ia mostrar.

— *Antes deles casamos nós?* — leu, depois de abrir o Instagram e clicar na minha publicação do Home Port. — Tudo dito, não?

Sem responder, examinei a foto — os dois sentados do mesmo lado da mesa, eu a lambeir molho de manteiga da cara irresistivelmente maltratada do Wit e a sorrir deliciada.

— O problema não é só o Assassino, Meredith — continuou a Luli. — Ainda se fosse... — Calou-se um momento. — És tu. Só te interessam as tuas vontades, as tuas necessidades e o teu namorado!

Só te interessa o teu namorado.

O teu *namorado*.

De repente, percebi as menções ao Ben durante a semana, e, também, porque chamava a ela *Ben* ao Wit. Pensara que a Luli me queria atirar à cara que o Ben me tinha dado com os pés antes do casamento, mas não: ela achava que o Ben e o Wit eram versões do mesmo.

— Luli — disse-lhe, procurando acalmar os ânimos —, não é o que estás a pensar.

— Claro que é! — explodiu ela. — Quando o Ben te deu com os pés, já tu tinhas feito isso connosco. — Virou-me costas. — Os teus amigos nunca te abandonaram. Mas *tu*, sim.

Anuí. Não tinha como negar. Eu mesma dissera isso ao Wit: depois da morte da Claire, agarrara-me ao Ben e fechara a porta aos meus amigos. A minha irmã era a única amiga que eu queria e deixara de a ter.

Não encontrei palavras para dizer isso à Luli. Sentia-me desconfortável. Não queria continuar a conversa. Não queria estar ali fechada com ela.

— Agora, estás a fazer o mesmo com o Wit — ouvi, como já esperava. — O Ben diz-te adeusinho e arranjas logo um substituto. Acabas de o conhecer e parece que o teu mundo se resume a ele!

— Não é nada disso! — protestei, tentando mostrar-me segura de mim. Agarrei numa toalha para o Jake e avancei para a porta. — Resolvemos andar durante esta semana.

Ela calou-se, depois usou a arma que lhe restava:

— Ele vai acabar contigo, tens noção? — avisou. — Vai-te deixar de rastos. — Tirou-me das mãos a toalha para o irmão e quase me empurrou ao sair para o corredor. — Quando acontecer, não penses que te amparo.

Sozinha na casa de banho, comecei a tremer. Olhei-me momentaneamente ao espelho, depois saí e subi a escada secreta até ao sótão — a nossa biblioteca. *Não chores*, ordenei a mim mesma ao encolher-me no banco da janela. *Não tens de chorar*.

Mas não fui capaz de me conter. Rendida, escondi a cara nas mãos e desatei a soluçar. Agarrei numa colcha bordada pela minha avó. Para lenço, era enorme, mas não tinha outro. Quando a porta se abriu a medo, quase não restava uma nuvem no céu.

— Mer? — perguntou alguém. — Estás aí?

Era a Sarah. Segurava uma caixinha azul. Pareceu surpreendida ao ver-me ali sozinha, encolhida à janela.

— Sim — respondi, quase sem erguer a voz. Ela pousou a caixa numa prateleira. — Olá.

Veio sentar-se comigo e abraçou-me. Escondi a cara inchada do choro no seu vestido — de novo, um clássico *Lilly Pulitzer*, rosa e alaranjado — e respirei fundo. Ela cheirava a baunilha — o *seu* perfume — misturada com as especiarias do guisado. E resultava.

— Está tudo frenético lá em baixo — disse, quando finalmente a encarei. — Houve montes de ataques, o Ian saiu pela porta do cão e ninguém te vê há séculos, por isso, o Wit...

— Inclinou a cabeça e esboçou um sorriso. — Ele está preocupado. Entrou em paranoia com medo de o Ian te ter encurralado nalgum sítio.

As lágrimas regressaram.

— E acertou: eu *fui* encurralada — balbuciei. Contei-lhe tudo: que a Luli me acusara de trair a nossa aliança e de trocar os meus amigos pelo Ben, e, agora, pelo Wit. Bem, na verdade, não lhe contei *tudo*; parei por aí. Não tinha a certeza de querer partilhar essa parte com a Sarah. Não queria ouvi-la dizer que ia sofrer por causa do Wit.

O meu coração já lhe pertencia? Passávamos cada vez mais tempo juntos e, cada vez mais, eu sentia que sim. Não era amor, mas eu sabia que estava muito perto disso. A voz dele, o riso, o sentido de humor, o à-vontade entre nós desde o primeiro momento... Pensei

na maneira carinhosa como ele me afagara o joelho, recordei a sensação de dormir nos braços dele, dos seus lábios nos meus, e as palavras que ele me dissera ao ouvido, que me tinham feito sentir que tudo era possível, que seria capaz do que quisesse.

Sim, conhecêramo-nos poucos dias antes, mas eu sentia-me como se estivesse a descorregar cada vez mais depressa por uma falésia de Aquinnah. A Luli não podia ter sido mais certa. O Wit era um mistério. Estaríamos em sintonia? O que ouviria se lhe dissesse que queria continuar a estar com ele depois daquela semana?

Tinha a cabeça no ombro da Sarah e ela segurava a minha mão nas suas. Aguardei que a minha prima falasse.

— Desculpa — acabou ela por dizer, depois de um longo silêncio. — Desculpa ter estado tão ausente durante esta semana.

Ausente?, disse para comigo. *Eu, sim, ando a evitar-te.*

— Sarah, a sério: para — pedi. — Andas ocupada a preparar o teu casamento!

— Isso não interessa — replicou ela. — És minha prima e sei como tem sido difícil para ti. Devia ter estado mais presente. Devia *estar* mais presente.

Dessa vez, fui eu a calar-me. Não sabia se devia fazer a pergunta que mais lhe ia custar a ouvir.

— Se sabes, porquê a história da salada? — quase segredei. — Porquê contares que a Claire não tocou na «comida de grilo» naquela noite em Nova Orleães? — Mal conseguia que as palavras saíssem, pareciam presas na minha garganta. — Foi nessa noite, Sarah. Foi *nessa* noite. — Ao encará-la, não consegui evitar deter-me na cicatriz na sua testa. — Porquê falares disso?

Ela desviou o olhar.

— Não foi de propósito — respondeu. — Não decidi contar aquilo. Vi-te com a salada e lembrei-me dela e de a achar supercômica. Quando dei por mim, ia a meio da história, e soube que não podia parar; se fizesse isso, toda a gente ia juntar dois e dois. — Apertou a minha mão. — Tive esperança de que tu não fizesses isso.

— Como podia não fazer? — O meu coração disparou. — Estamos a falar da minha irmã, a minha melhor amiga. — Calei-me. — Trocávamos mensagens *todos os dias*. Nessa manhã, mal acordei, fiquei a saber que iam tomar o pequeno-almoço ao Ruby Slipper e que depois lhe iam mostrar o pântano.

A Sarah desatou a chorar.

— Desculpa — disse. — Peço de coração, Meredith. Desculpa-me por ter contado aquilo como se fosse uma piada inofensiva... e por a ter levado a sair naquela noite. Foi o meu maior erro. Esqueci-me de que ela tinha apenas dezoito anos... a Claire sempre pareceu tão adulta... — Abanou a cabeça. — Quando acordei no hospital e o Michael me disse...

Abracei-a e, nesse instante, desapareceu qualquer vestígio de rancor. Eu e os meus pais não éramos os únicos ainda a recuperar da perda da Claire. A Sarah perdera a prima. A prima que *adorava*.

— Tu não sabias — murmurei. — Não podias adivinhar que aquilo ia acontecer. Foi um acidente imbecil.

— Eu sei — murmurou ela de volta. — Eu sei e repito isso para comigo todos os dias. Sobretudo aqui, sobretudo agora. — Respirou fundo, depois ergueu-se do banco da janela e

atravessou a nossa encantadora biblioteca para ir buscar a caixinha azul que pousara na estante. — Tínhamos combinado um *brunch* no dia seguinte, só nós as duas — revelou, ao regressar para junto de mim. — O meu plano era dar-lhe isto e convidá-la para ser minha dama de honor.

Ouvir aquilo foi uma pequena desilusão.

— Tu sabes que eu te adoro, Meredith — assegurou ela, como se tivesse lido o meu pensamento. — Adoro-te, absolutamente, mas a Claire era uma alma irmã.

— Eu sei — respondi, e sabia que era verdade. Eu e a Sarah éramos chegadas, mas sempre houvera uma ligação especial entre ela e a minha irmã. A Claire era a minha irmã mais velha e, para toda a gente, a *Sarah* era a irmã mais velha da Claire. A ligação das duas era como um cachecol que enrolamos no pescoço num dia de inverno muito frio. Chegara a ter ciúmes, mas, com o tempo, passara a adorar vê-las juntas: uma puxava o lado mais cómico da outra. Era delicioso vê-las inventar canções palermas e dançar descalças à roda da fogueira.

A Sarah esboçou um sorriso.

— Agora, isto é para ti — disse, entregando-me a caixinha azul. — Quero muito que seja teu.

Senti um aperto no coração ao abri-la e ver um delicado fio de ouro com um pendente gravado. Aqueles números pareciam-me coordenadas geográficas.

— Paqua — murmurei — São as coordenadas geográficas da Quinta?

A Sarah anuiu.

— As outras damas de honor receberam fios de prata — disse, tirando o fio do estojo e prendendo-o no meu pescoço. — Mas a cor favorita da Claire era o dourado...

— A cor do meu cabelo — terminei. Não era *exatamente* dourado, mas a Claire segurava as minhas tranças e dizia: «O teu cabelo, Mer! É da cor que eu mais adoro!»

— Sim. — A Sarah sorriu. — A cor do teu cabelo. — Tornou a abraçar-me com força e sussurrou que me adorava.

— Também te adoro — respondi, outra vez a chorar. — Desculpa por tudo.

Ela deu-me um beijo.

— Descemos?

Sim, pensei, mas, em vez disso, puxei a colcha da avó Bijú.

— Podemos ficar aqui mais um bocadinho? — pedi. — Só mais um bocadinho?

— Claro, porque não? — Tapadas com a colcha, fizemos conchinha como eu e a Claire fazíamos: eu, a protegida, ela, a protetora. A Sarah abraçou-me. — Eles que nos procurem.

Parecia à beira de perder o Wit, mas abanava-o e ele despertava.

— Não adormeças — tornei a dizer, quando ele abriu os olhos, estremunhado, voltando a fechá-los de seguida. — Eles chegam daqui a nada.

O Wit bocejou.

— Estás a dizer isso há duas horas.

— Porque tu estás a *perguntar* há duas horas. — Dei-lhe com uma almofada. Estávamos no sofá do Anexo. Tínhamos jantado com os meus pais e víramos um filme. Depois, eles

tinham ido à Casa da Lanterna para uma bebida, e eu e o Wit ficáramos à espera da Sarah e do Michael. «Venham connosco», pedira ela, depois da sesta no sótão. «Eu e o Michael queremos fazer um programa sem mais ninguém antes da confusão de amanhã.»

A confusão era a montagem da tenda para o casamento diante da Casa Grande (a tia Christine já andava aflita com medo de o relvado não secar depois de um dia de chuva), seguindo-se, à tarde, o ensaio da cerimónia na igreja de Saint Andrew, e, depois, o ensaio do copo-d'água em Chilmark.

«De certeza?», perguntara eu. «Se é um programa sem mais ninguém...»

Ela abanara a cabeça.

«Quando digo mais ninguém, refiro-me ao nosso séquito.»

Rira-me e, como prometido, ela e o noivo chegaram no jipe à meia-noite em ponto. O Michael buzinou e, como se tivesse estado a fingir aquele cansaço todo, o Wit pulou do sofá, pôs-me ao ombro e saímos. Depois do calor insuportável da véspera, a temperatura descera bastante. Todos vestíramos camisolas com capuz.

Na estrada da Quinta, o Wit perguntou onde íamos. Não lhe digas, pedira eu à Sarah por mensagem. Vamos fazer-lhe uma surpresa!

Queria muito ver o ar de menino com que ele ficava.

A resposta do Michael foi perguntar:

— Aham que vai estar uma fila muito grande?

— Que pergunta... — resmungou a Sarah, sentada ao lado dele. — Com uma noite tão agradável...

— Devíamos ter trazido cadeiras — brinquei.

— A sério?! — lamuriou-se o Wit.

— Hum-hum — respondemos em coro. Passámos o obelisco de Paqua e seguimos para Oak Bluffs, e a conversa concentrou-se no Assassino. A minha mãe fora eliminada por uma dama de honor ao deixar a Casa da Charneca, a Nicole Dupré fizera praticamente uma placagem ao pai da Luli e do Jake, e, antes de entrar no carro, o tio Brad desfizera-se em agradecimentos à Jeannie pelas sobras de guisado e assassinara-a. Quanto ao Ian, ninguém sabia se estava vivo ou morto, apenas que fugira pela porta do cão.

Portanto, sabe quem o quer matar, concluí.

Agora, tinha eu de descobrir quem era o seu assassino: convinha-me saber quem iria andar atrás de mim se o Ian morresse antes de me matar.

— Chegámos! — anunciou a Sarah, interrompendo as minhas considerações estratégicas. E, voltando-se no assento: — Wit, bem-vindo ao Donuts nas Traseiras!

Passámos debaixo de um candeeiro de rua no preciso momento em que ele arregalou os olhos.

— *Donuts* — repetiu, tão ávido que juro que ouvi a barriga dele dar horas.

— Ah, pois. — Abri um sorriso enorme. — *Donuts*.

Apontei-lhe um banal estacionamento nas traseiras de uma rua de lojas, que, à noite, se enchia de gente. A fila começava numa porta roxa aberta de par em par e dava a volta. Estávamos nas traseiras da padaria, daí, Donuts nas Traseiras. Em Martha's Vineyard, quem queria alguma coisa doce para a ceia não pensava duas vezes. No primeiro verão depois de a Claire tirar a carta de condução, viéramos ali várias vezes por semana.

Adorávamos sobretudo os *donuts* com *glacé* de mel e os recheados com creme de coco.

— É melhor saírem — disse o Michael, depois de várias voltas à procura de um lugar, que não havia, claro, porque toda a gente vinha a Oak Bluffs depois do jantar. Estava tudo cheio: restaurantes, bares e mesmo as ruas. — Eu já vos encontro.

A Sarah deu-lhe um beijo de fugida antes de descer do jipe.

— Boa sorte.

Sáímos, o Wit deu-me a mão, e, com a minha prima na frente, descemos uns degraus de tijolo, atravessámos o enorme estacionamento e juntámo-nos a uma fila incrivelmente comprida. Apertei os dedos do Wit nos meus.

— Agora, é só esperar.

Ele quase saltitava sem sair do sítio. Parecia uma criança.

— Está tudo *okay*, Witty? — perguntou-lhe o Michael, quando apareceu vinte minutos depois. — Tens de ir à casa de banho?

Eu e a Sarah só ríamos.

— Onde deixaste o carro? — perguntou ela. — Está muito longe?

Ele coçou o queixo.

— Digamos que ainda vais queimar umas calorias esta noite.

Sorrindo, ela revirou os olhos e acoitou-se nele. O Michael aconchegou-a contra si e deu-lhe um beijo na testa. Daí a instantes, perdidos no seu mundo cor-de-rosa, murmuravam tontices apaixonadas.

— E se eu tropeço ao entrar na igreja? — ouvi-a perguntar.

— Eu tropeço ao sair — respondeu o Michael.

O casal da frente voltou-se.

— Desculpem — disse ela —, não estava a ouvir de propósito, mas vão casar-se?

— Sim! — exclamou a Sarah. — Depois de amanhã!

O Wit inclinou-se para me falar ao ouvido.

— E... *zás!* — segredou, no preciso instante em que a Sarah estendeu a mão esquerda para mostrar o anel de noivado. Rodeado de pedras mais pequenas, o diamante lapidado em perla era tão grande que me fizera perguntar ao meu pai quanto pagavam os Saints ao Michael.

A resposta? Muito mais do que eu imaginara.

A fila ia avançando aos poucos e, entretanto, a Sarah e o Michael estavam entretidos na conversa com os novos amigos, que tinham ficado noivos no mês anterior. A minha prima parecia a mãe: começara a dispensar conselhos sobre como planejar a boda. Nos pormenores, sobretudo, percebíamos que ela era igualzinha à tia Christine.

Fechei os olhos e encostei-me ao Wit, que, ali parado, parecia o meu escudo humano. Levantara-se vento, mas ele irradiava o calor de uma fogueira. Abraçou-me contra si e apoiou o queixo na minha cabeça. Os batimentos do seu coração ressoavam nas minhas costas.

— Estás tão quente — murmurei.

— E tu és uma mentirosa — ouvi então. Depois de me dar uma taquicardia, percebi que *não fora* o Wit a falar, mas sim alguém atrás de nós.

Tem calma, disse para comigo. *Ele não sabe. Não imagina que lhe mentiste e que é o teu alvo.*

Não sabe, não vai saber e nunca há de descobrir.

Mas seria mesmo assim?

— Não, não é — disse a mesma voz. — És uma mentirosa do *pior*.

Pois sou, admiti para comigo, passando o peso do corpo de um pé para outro e reconhecendo em pensamento que o Wit teria *forçosamente* de descobrir mais tarde ou mais cedo. Talvez o Ian me eliminasse no dia seguinte ou talvez chegasse sábado e estivéssemos os dois em jogo, mas, de uma maneira ou de outra, o Wit saberia que eu o enganara, que romperia o nosso pacto e lhe mentira na cara.

Apesar do nó no estômago, troquei um olhar com ele. Já conseguíamos ler o menu e os dois rapazes atrás de nós tinham começado a brincar sobre a origem dos *donuts* recheados. Era uma conversa tão absurda que, sacudido pelo riso, o Wit se encolheu contra mim para disfarçar.

— Eles estão a falar a sério? — perguntou em surdina.

— Acho que sim — segredei, e, olhando por cima do ombro, vi um rapaz sorridente, de olhos muito azuis e cabelo arruivado.

— Ajudas-me? — pediu ele. Reparei no emblema bordado no seu corta-vento: Clube Náutico de Edgartown. — Diz ao meu namorado quem inventou *realmente* os *donuts* recheados.

Estava de mãos dadas com nem mais nem menos do que o rapaz que trabalhava na livraria.

— Acho que passo — respondi, e pensei: *Pobre Eli*.

— Ei, Antes Deles Casamos Nós! — chamou a Sarah. Voltei-me. Ela e o Michael estavam a ser atendidos. Era a nossa vez. — Cheguem aqui!

Pedimos imensos *donuts*: com creme de Boston, com *glacé* de mel, com creme de coco, com *bacon* e xarope de ácer, de maçã e canela... Experimentámos tudo o que havia. Leves e fofos, eram uma explosão doce que se derretia na boca, mas eu sentia-me a mastigar cartão.

Pouco, ainda por cima.

— Não queres provar os de maçã? — perguntou o Michael, ao regressarmos ao carro. — Ainda temos.

— Não, obrigada — respondi, segurando a mão do Wit. Minutos antes, ao terminar o terceiro *donut* de geleia, ele desafiara-me a lamber-lhe os dedos, e eu alinhara. A Sarah e o Michael tinham-se fartado de rir.

Agora, eu não queria, *não podia*, largar aqueles dedos. O nosso tempo juntos estava a esgotar-se. Íamos desenredar-nos. *Depois de amanhã*, não conseguia parar de pensar. *Acaba depois de amanhã*.

Teria aqueles dedos, aquela mão, aquele braço, aquele corpo, aquela *pessoa*, por mais dois dias. Não era suficiente. Não estava sequer *perto* de ser suficiente, e o meu coração batia tão acelerado que parecia querer voar para longe.

E eu sabia porquê.

SEXTA-FEIRA

— Ei, cá estás tu — saudou a tia Rachel, quando desenrolei o meu tapete de ioga roxo e me sentei ao lado dela. — Senti a tua falta nos últimos dois dias.

— Bem, segundo ouvi, o Ian tem-lhe feito companhia — respondi.

O Wit achara demasiado arriscado ir ali, mas eu tapara-lhe a boca a meio da argumentação e explicara-lhe que estava a precisar. Tinha de me acalmar e centrar a mente... ou, caso não fosse possível, pelo menos, tinha de *pensar*.

— Partiste do princípio de que íamos ficar do lado dele, não foi? — perguntou a tia Rachel. — Tomaste como certo que nos íamos aliar contra ti.

Lancei-lhe um olhar.

— A tia Julia anunciou ao megafone que eu me ia embora da praia!

— Oh, a Julia... — disse ela, e riu-se. — Talvez não te devesse contar, mas isso era parte do plano dela para... — De repente, olhou para baixo, depois agarrou na minha mão e pousou-a na barriga. — O bebé...

— Está a dar pontapés — disse eu, quase sem voz. Sentia-o perfeitamente. — Parece um cavalo.

A tia Rachel deixou escapar um lamento.

— Estou tão farta de estar grávida...

— Sim, era parte do plano dela para...? — perguntei-lhe, instantes depois. — Não chegou a dizer o resto. Estava a falar do plano da tia Julia.

Ela sorriu.

— O Ian já foi assassinado — revelou. — Pela *Julia*, ontem à noite. Convidámo-lo para fazer biscoitos com os miúdos e, quando ele se foi embora, ela seguiu-o até à Cabina.

Fiquei incrédula.

— Mas ele é afilhado dela!

— Eu sei. — A tia Rachel anuiu. — Daí a Julia não o ter matado mais cedo. Achou que seria «mutuamente proveitoso» deixá-lo jogar durante mais algum tempo: quantos mais ele eliminasse, mais perto ela ficava da final. — Suspirou. — Infelizmente, o Ian não estava a fazer progressos.

Portanto, eu e a tia Julia pensamos da mesma maneira, disse para comigo. *Temos a mesma estratégia. A diferença é que uma conseguiu premir o gatilho, enquanto a outra...*

Tinha de fazer o que havia a fazer.

Tinha de ser como a tia Julia.

Tinha de matar o Wit.

A ideia fez-me estremecer.

— Mas há uma surpresa neste enredo — continuou a tia Rachel. — Tu nunca foste o alvo do Ian.

Arregalei os olhos.

— O quê?

— Tratou-se de um estratagema, para ficares de olho nele e te sentires segura com os restantes.

Espalhar desinformação. *Uma clássica jogada Claire Fox*, disse para comigo. Vendo a minha irmã ganhar ano após ano, o Ian acabara por aprender alguma coisa. A minha aliança falhara, mas ele jogara bem, sem dúvida.

— Não sei com quem ele se aliou — esclareceu a tia Rachel, antes que eu pudesse perguntar. — Mas posso dizer-te que o nome no cartão que a Julia herdou não é o teu.

Respirei de alívio. Ela sorriu.

— Esclarecido o assunto, começamos?

— Sim. — Sorri-lhe de volta. — Vamos a isto.

Mas, assim que fechei os olhos, lembrei-me da Luli. *Tens pensado em ti e apenas em ti.*

Não podia acusá-la de ser injusta. Ao passar tanto tempo com o Wit, o nosso pacto tornara-se mais forte do que a aliança com os meus amigos. O pacto *era* uma aliança. Não fora a minha intenção, mas acontecera. Não podia ter sido de outra maneira: adormecíamos juntos todas as noites.

Não conseguia encontrar um equilíbrio entre os amigos e um namorado. Depois de a minha irmã morrer, só sentia falta do Ben. Não queria ir comprar roupa, beber café ou estar simplesmente com os meus amigos. Devia ter sentido falta dessas coisas, mas não sentia. Tinha as aulas, os turnos na *bagel shop* e o Ben — e não tinha ânimo para mais. Com a morte da Claire, morrera a minha vontade de sorrir. Sentia-me a atravessar um nevoeiro cerrado e tivera de me agarrar a alguém para não me perder.

Mas nada disto se aplicava ao Wit, pois não? Não me estava a agarrar a ele. Quando muito, estávamos entrelaçados, ou unidos por um fio invisível. Ele era um amigo, um cúmplice, alguém que me fazia rir até me doer a barriga, e que depois me embalava com o batimento do coração e com aquela sua adorável respiração de boca aberta.

Vou tentar, queria dizer à Luli. *Cometi muitos erros, mas vou tentar ao máximo fazer melhor. Somos amigas desde sempre, e quero que sejamos para sempre.*

No fim da sessão de meditação, decidira: iria falar com a Luli. Ainda estava magoada com as coisas que ela me dissera, mas não devia ter desistido da conversa. Devia ter-me esforçado mais.

— Onde vais agora? — perguntou a tia Rachel, enquanto enrolávamos os tapetes. Respondi que ia andar um bocado.

Não estava a mentir: ia ao Condomínio do *Nylon*.

Deixei o pavilhão e atravessei o relvado, e, na estrada da Casa da Lagoa, avistei o Michael. Continuava com a roupa da véspera: a mesma camisola com capuz preta, com a flor-de-lis dourada — o emblema dos Saints —, e as mesmas calças de ganga. Acelerei e, rápida e silenciosa, depressa estava ao lado dele.

— Bom dia — saudei, como se nada fosse, e ri-me ao vê-lo encolher-se de surpresa. — Dormiste bem?

— Dormi, sim senhor — respondeu ele, assumindo a marcha da vergonha. — E já não era sem tempo. — Bocejou, depois sorriu para consigo. — Nunca durmo bem quando

estamos separados.

Fiquei com um nó na garganta.

— Por falar nisso, o Witty? — perguntou ele.

— Tanto quanto sei, ainda está a dormir — respondi.

— Fixe. — Animado, o Michael juntou as mãos. — Apetece-me ir correr.

O Condomínio do *Nylon* estava silencioso. Sendo tão cedo, era provável que a maioria estivesse a dormir, mas calculei que alguns tivessem acordado cedo para se arrastar até à Casa da Charneca, para o pequeno-almoço do clã Dupré. Aquela cozinha tinha espaço para sentar um exército e a Jeannie era mais do que capaz de o alimentar. «Não há dúvida: a mulher *sabe* cozinhar», concordara o Eli enquanto eu dizia maravilhas do guisado. «Deviias provar a sua versão de ovos Benedict.»

Vou aparecer para o pequeno-almoço, decidi. Contornei o acampamento até à tenda magenta que a Luli dividia com a Pravika e a irmã. As duas acordavam cedo, mas não a Luli, que, certa vez, dormira dezasseis horas seguidas.

Com o coração acelerado, quis anunciar-me batendo no *nylon*. Crescêramos habituadas a não fazer isso ali em Martha's Vineyard, mas aquilo era uma tenda, e senti que devia.

— Está aí alguém? — perguntei, quando os meus dedos escorregaram no tecido. — Luli?

Depois de alguns instantes sem que houvesse resposta, o fecho da entrada da tenda foi corrido. Emaranhado do sono, o cabelo escuro da Luli parecia um ninho a emoldurar-lhe a cara.

— Meredith — resmungou ela. — Olá.

Fitámo-nos durante longos segundos, depois pestanejei e fiz de conta que não tinha o coração a bater com tanta força.

— Podemos falar? — pedi. — Preciso de te dizer uma coisa.

Ela indicou-me a entrada com um gesto teatral.

— Entra, por obséquo.

Se o Eli e o Jake eram desarrumados, aquelas três eram bem piores. Cada uma ficara com o seu canto, onde tinha um colchão insuflável, um saco-cama e uma almofada, mas, fora isso, parecia que as mochilas e os sacos de viagem tinham explodido: havia roupa, sapatos e toalhas pelo chão, que, além disso, estava cheio de areia trazida da praia. De repente, senti-me culpada por não lhes ter oferecido a cama da Claire no Anexo — e a minha, porque, em rigor, não a estava a usar.

— Não é bem o mesmo que a Casa da Charneca, já sei — disse a Luli. — Aliás, não é bem o mesmo que casa *nenhuma*, ponto.

— Mas divertem-se — respondi, tentando quebrar o gelo. — Tem sido fixe?

— Sim — respondeu ela. — No Condomínio do *Nylon*, a diversão é garantida.

Assenti, e o silêncio tornou a alongar-se.

Desta vez, foi a Luli a quebrá-lo.

— Precisavas de me dizer uma coisa...? — Cruzou os braços sobre a *T-shirt* largueirona. — O que é?

— Ah — murmurei. Fiz-me convidada para me sentar. Ela continuou de pé. — É sobre o Assassino. Trago novidades.

— Do Wit?

— Não. — Abanei a cabeça. — Da tia Rachel.

Ela arrebitou a sobrancelha.

Decidindo que se tratava de uma demonstração de interesse, contei-lhe sobre a tia Julia e a situação com o Ian na noite anterior. Expliquei tudo: a estratégia, a história dos biscoitos e o assassinio adiado.

— Mas isso tudo diz-me respeito em quê? — interrompeu ela. — O Ian era o teu assassino, portanto, passaste a ser o alvo da tia Julia. Não tenho nada a ver com isso.

— Aí é que está: era uma manobra — expliquei. — O Ian aperfeiçoou a estratégia de desinformação da Claire: *agiu* como se fosse o meu assassino. Aparecia cedo para meditar com a tia Rachel e andou a rondar durante a festa na República de Estudantes. — Abanei a cabeça. — Mas era tudo fachada: ele estava combinado com o meu assassino, que também não é a tia Julia.

A Luli suspirou.

— Porquê tanta certeza?

— Por isto — respondi, e mostrei-lhe uma foto no meu telemóvel: um cartão laminado com o nome dela. A Luli ficou hirta. — É da tia Julia — tranquilizei-a. — A tia Rachel foi ao quarto enquanto ela estava a dormir e trouxe-o para me mostrar.

«Não espalhes», aconselhara. «Usa esta informação a teu favor.»

Não a podia estar a usar mais a meu favor.

A Luli olhou demoradamente a foto, esfregou os olhos e tornou a examiná-la. Aguardei.

— Obrigada — acabou por murmurar. — Por me avisares.

— Não tens de quê — respondi, e acrescentei: — Nunca deixaste de poder contar comigo.

O rosto dela franziu-se numa expressão que não consegui decifrar, mas, ainda assim, aproveitei a oportunidade e pedi-lhe desculpa. Pelos últimos dezoito meses.

— Foste espetacular — disse-lhe. — Estendeste-me a mão montes de vezes. Eu é que não a conseguia aceitar. — Os meus olhos encheram-se de lágrimas. — Eu tentava, mas era-me fisicamente impossível. Os meus dedos tremiam, sentia a garganta presa ou então desatava a chorar. — Tal como estava a chorar ao confessar-lhe tudo aquilo naquele momento. — Em casa, tudo me lembrava que a Claire tinha morrido. Durante algum tempo, tentei fazer de conta que ela estava simplesmente de regresso à faculdade, mas tinha medo de me ir abaixo se falasse contigo. Cada mensagem, cada chamada no FaceTime e no Snapchat tornavam a dizer-me que ela já não estava connosco. — Abanei a cabeça. — Desculpa. Devia ter conseguido fazer as coisas de outra maneira. Não merecias ser ignorada.

— Pois não — concordou ela, sem reação, e virou-me costas. — Quis apoiar-te, só isso. Quis ser tua amiga. Quis ser uma boa prima.

— Tu és uma boa prima — assegurei. — És muito especial para mim.

De costas, a Luli parecia entregue aos seus pensamentos. E o meu coração parecia frenético.

— Podes sair, Meredith? — pediu, após um silêncio. — Preciso de espaço.

— Ah... *okay*, claro. — Levantei-me desajeitadamente e limpei as lágrimas, embora

sentisse mais a caminho. — Vemo-nos mais daqui a bocado?

Ela fez que sim.

Com o céu azul em fundo, a tenda para o copo-d'água parecia uma nuvem enorme. Ao aproximar-me da Casa Grande, vi que a tia Christine estava a supervisionar a montagem. A avó Biju também ali estava, não para vigiar a operação, mas sim a servir chá gelado e as suas bolachas com pepitas de chocolate aos homens atarefados no relvado.

A Casa Grande é perfeita, pensei. *Não podiam ter escolhido melhor lugar para a festa.*

Se bem entendera, houvera alguma indecisão quanto ao sítio ideal na Quinta para se fazer o copo-d'água, mas, chegado o momento de escolher, a casa dos meus avós distanciara-se da concorrência. «Tem a melhor vista», justificara a Sarah. «Vemos o oceano, as lagoas, as estrelas... Vemos tudo, e eu quero que essa noite seja tudo.»

No alpendre, o meu avô lia descontraidamente.

— Bom dia, Mer — saudou, quando me deixei cair na rede. — Há novidades?

Fechei os olhos.

— Há — respondi. — Entrei em coma alimentar. Fui tomar o pequeno-almoço à Casa da Charneca e a Jeannie fez ovos Benedict. A versão dela leva tomate verde frito e tomate vermelho grelhado. — Suspirei. — É deliciosa.

— Hum, sim — concordou o avô Pisco. — Neste inverno, quando eu e a Biju fomos visitar a Sarah e o Michael, a Jeannie e o Oscar convidaram-nos para um *brunch*. O tomate é um fruto muito crioulo, sabes?

— Ela disse isso — respondi, e engoli em seco. Mandara mensagem à Pravika a avisar que ia tomar o pequeno-almoço com eles, e ela, o Eli e o Jake tinham-me guardado um lugar à mesa da cozinha, que era enorme, mas as caras deles ao verem-me...

Percebi logo que sabiam da discussão com a Luli. De certeza que ela lhes contara na véspera. Sentei-me e agarrei nos talheres. «Ela disse aquelas coisas da boca para fora», tranquilizou-me a Pravika. «Não foi sentido.»

«Ela disse-te isso?», perguntei.

«Não», admitiu a Pravika, «mas...»

O Eli interrompeu-a.

«Meredith, não acho que a Luli não *sinta* o que te disse.»

Esperei pelo resto.

Ele não acrescentou mais. O Jake deixou escapar um suspiro.

«Ela ficou magoada com o teu *ghosting*, Mer. Sinceramente, ficámos todos.» Olhou em volta e os outros confirmaram. «Mas ninguém mais do que ela. A Luli sempre vos considerou irmãs... por isso, quando a Claire...» Calou-se um momento. «Ela queria ajudar-te, mas também precisava de que *tu* a ajudasses.»

Encolhi-me de vergonha. Ele tinha razão e eu era uma idiota. Nunca vira as coisas dessa maneira. Não percebera que a Luli quisera ser minha amiga, mas também precisara mais do que nunca da minha amizade.

«Dá-lhe tempo», aconselhou o Eli, depois de eu lhes contar que lhe fora pedir desculpa. Afagou-me o ombro. «Ela está sentida. Vai levar algum tempo até lhe passar, mas há de

acontecer.» Lançou-me um olhar cúmplice. «*Okay?*»

Mordi o lábio.

«*Okay.*»

A Pravika pôs fim ao silêncio.

«Que tal outro assunto?», sugeriu. «Mais animado, já agora.»

«Qual sugeres?», perguntei.

«Não é óbvio?», replicou ela, dando uma risadinha. «O giraço que conheceste.»

Sentada na rede no alpendre da Casa Grande, senti-me desanimada.

— Então? Achas que és capaz? — perguntou o meu avô.

Pestanejei.

— Hã?

Ele fechou o livro.

— Achas que és capaz? — repetiu.

Fiquei literalmente de boca aberta. *Ele sabia?*

O avô Pisco assentiu.

— Começaste imparável, Mer: a Rachel, quando estava a meditar; o Daniel, em Edgartown, e do jipe, ainda por cima; o Oscar, a meio de uma partida de *boccia*; e a amiga *detestável* da Sarah, a tal Vivian. — Inclinou-se para diante. — Tenho-te observado. Há dois dias que te passeias com a *Super Soaker*. — Com o livro, indicou a minha arma, que eu encostara a uma coluna. — Resultados, *nada*. — Tornou a reclinar-se na *Adirondack*. — Diz-me: ele sabe?

Suspirei.

— Adivinhou.

O avô Pisco assobiou.

— Eu bem ouvi chamarem-lhe infalível.

— Mas eu menti — confessei, depois escondi a cara nas mãos. — Disse-lhe que o meu alvo era a Luli.

— Ah.

— Devia ter dito a verdade — continuei, cada vez mais ansiosa. — Devia ter sido honesta, e talvez tivesse dado para fazermos algum tipo de acordo.

— Mas acabaste por não fazer isso e preocupa-te que ele se sinta enganado se lhe disseses a verdade agora — concluiu o meu avô.

Fiz que sim.

Diga-me o que fazer, pedi em pensamento. *Por favor.*

— Hum — murmurou o avô Pisco, e, sem acrescentar mais, tornou a abrir o livro. Não me ia aconselhar. Porque faria isso? Era o meu avô, mas também era o alto-comissário assassino! Não podia aconselhar ou deixar transparecer favoritismos.

Levantei-me para me ir embora.

A voz dele fez-me parar.

— Lembra-te, Meredith — disse. — Só vai haver um vencedor.

Embora o ensaio da cerimônia fosse nessa tarde, o Wit aceitou sem hesitar a minha sugestão de irmos até à estrada da praia para saltar da famosa «ponte do tubarão», que ligava Edgartown a Oak Bluffs. Claro que não era isso que a tornava um ponto de referência, mas sim aparecer no filme *Tubarão*, filmado em Martha's Vineyard nos anos setenta.

«É uma daquelas coisas que tens absolutamente de fazer», explicara eu. «É um rito de passagem para qualquer turista.»

O tabuleiro da ponte estendia-se mais de três metros acima da água e não faltavam letreiros a dizer não aproximar da beira! e proibido saltar ou mergulhar!, mas toda a gente os ignorava. Eu e a Claire estreáramo-nos quando tínhamos doze e treze anos. Saltáramos de mãos dadas e, depois do sexto salto, já mergulhávamos de cabeça e com uma cambalhota no ar (e com alguns chapões pelo meio).

«*Okay*, bora», aceitara o Wit, depois de eu lhe explicar a tradição. Estava desejeoso. «*Borinha*, é já.»

Combináramos no Anexo. Fui vestir o fato de banho, depois sentei-me nos degraus do alpendre à espera dele. Já estou, comuniquei ao @sowitty17 no Instagram.

Pus-me a ver as publicações sugeridas e fui parar ao perfil da Sarah. A última publicação era um vídeo filmado por mim nos Donuts nas Traseiras: segurando dois *donuts* recheados com creme de Boston, ela trincava ora um, ora outro. «Cuidado, priminha», ouvi-me dizer. «Depois não cabes no vestido.»

«Oh, vou caber, acredita», disse ela, mastigando deliciada. «Posso não *respirar*, mas hei de caber!»

#CadêaNovaDupré.

A Sarah não tem muitos vídeos, disse para comigo, enquanto ia vendo fotos de *brunches* com amigos, durante um jogo dos Saints, no Carnaval ou a posar com a família Dupré na festa de noivado — a sorrir de orelha a orelha, com a mão no peito do Michael e o anel gigantesco a reluzir.

Por fim, encontrei um segundo vídeo escondido entre as fotos. Reconheci quem ali estava antes de abrir a publicação, e o meu coração parou. À primeira vista, poder-se-ia confundir com a Sarah: os longos caracóis acobreados, os óculos... Mas a blusa com ombros descobertos?

Era minha. A Claire pedira-ma emprestada quando estava a arrumar as coisas para a viagem.

Aquela era a minha irmã.

Não vejas, disse para comigo. *Nem te passe pela cabe...*

Abri o vídeo. Não tinha legenda, mas fora adicionada uma localização: Restaurante Basin Seafood and Spirits. Fiquei logo com lágrimas nos olhos.

A última noite da Claire.

Toquei no ecrã para ligar o som. A Sarah estava a dizer qualquer coisa. Era difícil ouvi-la, por causa do barulho no restaurante. «Olha o que ela está a fazer», dizia a minha prima. «Vê só, vê só.» Então, a imagem fazia *zoom* na salada, que a Claire não parava de ajeitar entusiasticamente com a faca e o garfo. «Nem a provou.»

«Acho que ele ainda não percebeu.» Era o Michael.

A Sarah deixou escapar um risinho abafado. «Eu acho que já percebeu.» A câmara procurou o rosto da minha irmã: não parava literalmente de falar. As palavras saíam-lhe tão velozmente como ia movendo os talheres. «Acho que ele está a ser querido, para não a embarçar... *ups!* Baixou os olhos para o prato dela. Já a topou.»

Fiquei hirta. Tinha quase a certeza de saber de quem eles estavam a falar... e, quando a Sarah moveu a câmara, ali estava ele, ao lado da minha irmã.

O Wit.

«Ei!», protestava ele. «Estão a filmar-nos?»

Era e não era o Wit que eu conhecia. Tinha o cabelo arruivado mais curto e não havia equimose nem escaldão.

«Não me lembro de assinar um papel a autorizar», dizia ele. «Assinaste, Claire?»

Quando vi a minha irmã rir, comecei a tremer tanto que mal conseguia segurar o telemóvel. Ouvira aquele riso pela última vez havia mais de um ano. Era um riso sonoro que nos encantava. Sem ele, o mundo ficara muito silencioso.

Deixei o telemóvel cair ao relvado, mas apanhei-o de seguida, porque ouvi o Wit, mas no mundo real:

— Estou pronto! — anunciou. Vestia uns calções de banho às riscas e vinha avançando ao meu encontro com a toalha de praia pendurada no ombro. — E tu, *estás?*

Esguelhou um sorriso e tentou beijar-me quando me ergui dos degraus do alpendre, mas fugi dos braços dele. Ergui o telemóvel e, sem saber como, consegui que as palavras me saíssem.

— Que raio é isto?

Ele franziu o sobrolho.

— Hum... o teu telefone?

— Ah. — Vi que bloqueara o ecrã, que se apagara. — Espera. — Marquei rapidamente o PIN e pus o vídeo, sem esquecer o som.

— Isto — repeti. — É o quê?

O sorriso dele desvaneceu-se conforme o vídeo continuava, e os meus olhos encheram-se de lágrimas quando tornei a ouvir a gargalhada da Claire.

— Ouve — murmurou ele —, há uma explicação...

— Tu conhecias a Claire? — interrompi, de repente, a gritar. — *Conheceste* a minha irmã?

Uma breve hesitação, depois um assentimento.

Estremeci.

— Não acredito que não me dissesse — murmurei. — Não acredito... — Calei-me. Não sabia o que dizer a seguir. Mal conseguia ver por entre as lágrimas.

— Por favor, deixa-me explicar — pediu ele. Pousou suavemente a mão no meu braço, mas eu sacudi-me e quase o empurrei do meu caminho ao afastar-me do Anexo. Queria ouvir o que o Wit tinha para dizer, mas, por outro lado, não queria ouvir mais uma palavra.

— Meredith! — Ele veio pôr-se ao meu lado e acertou o passo pelo meu. — Eu quis contar-te — assegurou. — Tentei contar-te.

— Quando? — perguntei, furiosa.

— Ontem — respondeu ele. — Durante a caminhada. Lembras-te de dizeres que eu falava como se a tivesse conhecido?

Parei. As ervas davam-nos pela cintura. Estávamos voltados para as dunas. *Agora falaste de uma maneira... parecia que a conhecias*, dissera eu, depois de o Wit elogiar a perícia do Loki a beber água da garrafa, mas não pensara mais no assunto, supondo que seria por eu falar tanto da Claire. Mas, agora que pensava melhor, a atitude dele mudara ligeiramente, e até desviara o olhar. *Meredith*, lembrava-me vagamente de o ouvir dizer, *acho que tenho de te dizer uma coisa...*

Nesse instante, soara o trovão.

— Devias ter-te esforçado *mais* — sublinhei, pouco me importando se soava histérica ou não. — Devias ter-me dito no regresso, ou antes de irmos comer o guisado, ou depois!

Ele passou uma mão pelo cabelo.

— Pensei que soubesses — disse baixinho. — Interrompeste-me logo para dizer que tínhamos de correr para o carro.

— O *trovão* interrompeu-te — corrigi. Sentia o coração aos saltos. — E *tínhamos* de correr para o carro!

— Meredith, foi *um* trovão. Achei que sabias o que eu ia dizer, mas não querias ouvir. — Engoliu em seco. — E respeitei.

Ouvi barulho na vegetação, mas não liguei. Estava demasiado furiosa. Calculei que fosse o Loki, a *Clarabelle* ou outro cão.

Cerrei os dentes.

— Também foi por isso que não disseste nada na segunda? — perguntei, ao lembrar-me do jantar na casa dos meus avós. Ao contar a anedota da salada, a Sarah dissera não se recordar de quem ficara sentado ao lado da Claire no Basin, e dava-me igual que fosse verdade ou mentira; o importante era que, ao meu lado, sentado no banco da Claire, o Wit parecera desconfortável. — Falámos dela, não te lembras?

Ele calou-se. Tornei a ouvir estalidos na vegetação, mas estava à espera da resposta dele e não desviei os olhos.

— Estavas a tremer — murmurou ele. — Estava calor, mas tu tremias. — Continuei de braços cruzados quando, a medo, ele passou os dedos pelo meu cabelo, devagar, muito suavemente, como fizera naquela noite. Lutei contra a vontade de fechar os olhos e chorar. — Vi-te assim e não fui capaz.

— Mas depois guardaste o segredo — acusei. — Guardaste-o durante *demasiado* tempo. Sê sincero: *ias* contar-me? — Recuei um passo. — Dei-te todas as oportunidades: falei-te dela, contei imensas histórias... — Abanei a cabeça. — Talvez se...

Não terminei a frase, porque senti uma impressão nas costas.

Aliás, não era uma *impressão*.

Era *água*.

Espera... hã?, disse para comigo, e, quando eu e o Wit nos voltámos, ali estava o meu tio Brad, a sorrir com ar de raposa matreira. Demorei alguns segundos a processar a informação, mas, quando me caiu a ficha...

Emudeci.

Foste assassinada, disse a mim mesma. *Estragaste tudo*.

Fiquei em choque. Eu *tinha* de ganhar. Pela Claire.

— Passa-mo para cá — disse o tio Brad, indicando com a bisnaga o bolso dos meus calções. — Tenho um dia muito ocupado: o ensaio da cerimónia, depois o ensaio do casamento, enfim.

— Sim. — Tinha a garganta seca. — *Okay*. — Levei a mão ao bolso para lhe dar o cartão com o nome do meu alvo, mas devagar, de maneira a ter tempo de olhar disfarçadamente para o Wit.

— Foge — disse-lhe entre dentes.

O tio Brad continuava de bisnaga em riste. Estava furiosa com o Wit, mas não ia permitir que o meu tio eliminasse dois alvos em menos de um minuto.

Ele franziu o olhar.

— Hã?

— Se puder ser hoje, Mer...

— Foge — repeti.

— Não — declarou ele. Puxei o cartão do bolso e segurei-o contra o peito, escondendo o nome. — A conversa não acabou. Entrega isso. — Indicou vagamente o meu tio Brad. — Este assunto tem de ficar esclarecido. Não saio daqui sem acabar esta conversa.

Sem que o meu tio visse, virei o cartão para o Wit ler o nome. Os olhos azul-turquesa arregalaram-se e o queixo descaiu.

— Stephen — disse-lhe, numa voz firme. — Foge.

Depois de o Wit escapar por um triz, entreguei o cartão com o meu alvo ao tio Brad e fui amuar para a praia secreta, embora não soubesse exatamente *porquê* o amuo. Era por causa do jogo? Se bem percebera, o meu nome andara de mão em mão durante aquela semana. O meu assassino começara por ser o aliado misterioso do Ian, mas o tio Brad herdara-me ao assassinar a Jeannie Dupré. «Ela não me queria dar o cartão com o teu nome», revelou ele. «Mataste-lhe o marido, mas, ainda assim, ela quis proteger-te.»

Na lagoa de Paqua, nadei até ao flutuador e deitei-me de costas. Ia cozer ao sol. Não tinha ninguém à minha espera ou planos para antes do ensaio do copo-d'água, que seria à noite. *Desculpa, Claire*, disse em pensamento, quando o sol desapareceu atrás das nuvens. *Queria ganhar o jogo por ti e falhei. Deitei tudo a perder por causa de um rapaz.*

Porque era eu assim? A Luli acertara em cheio. *Completamente*. O Ben desaparecera e, num piscar de olhos, o meu mundo era o Wit, a ponto de ter tido oportunidade de o eliminar praticamente sem mexer uma palha, mas ter adiado e tornado a adiar, resolvida a *protegê-lo*. Uma vez mais, pusera-me em segundo lugar. Os meus olhos encheram-se de lágrimas, que me correram pelas faces.

Comecei a pensar no vídeo no perfil da Sarah — a Claire e o Wit entretidos na conversa, os dois a rir — e na questão de ele não me ter dito nada. *Ei, eu conhecia a tua irmã*. Não imaginava qual teria sido a minha reação, mas o facto era que ele não tocara no assunto.

A Claire, sim. Dera-me conta disso à vinda para a praia secreta, quando abrira a nossa conversa por SMS, que não fora capaz de apagar, e lera a última mensagem enviada pela minha irmã: Tenho uma notícia incrível! Os astros alinhamam-se finalmente!

Não respondera na altura, porque estava a haver uma festa de fim de ano lá em casa. Houvera jogos, e eu e o Ben participáramos; seguira-se o jantar e, depois da sobremesa, quiséramos ficar sozinhos. Tornara a agarrar no telemóvel um par de horas depois, quando nos instaláramos para ver o Ryan Seacrest apresentar o *Dick Clark's New Year's Rockin' Eve*. Lera a mensagem e ficara radiante pela minha irmã. *Uma notícia incrível!*

Conheceste um rapaz?, respondera. A Claire devorava histórias em que os protagonistas se apaixonavam. Era mais do que justo que a vez dela chegasse.

Vi que a mensagem fora entregue, mas era provável que ela já estivesse na Bourbon Street e não lhe desse jeito responder.

Claro que a Claire *já* respondeu à mensagem. Depois daquela noite, fartara-me de pensar no que ela escrevera. *Os astros alinhamam-se finalmente*.

O que quereria ela dizer?, perguntara-me muitas, muitas vezes, mas, honestamente, eu queria que os astros se lixassem. Teria preferido mil vezes que ela tivesse escrito Adoro-te, Mer, antes de dormir sã e salva.

Tinha finalmente a resposta.

Sim, a Claire *conhecera* um rapaz em Nova Orleães.

Mas não para ela.

«Stephen», decidira a minha irmã, quando ainda estávamos na idade de vestir de igual e devanear sobre o meu futuro marido. «Vai chamar-se Stephen!»

Senti-me tão desorientada como ao ver o nome dele no cartão que herdara da Viv. *Stephen...*

Devo ter adormecido porque, depois disso, só me lembro de sentir uma mão molhada apertar-me o tornozelo. Abri os olhos sobressaltada e vi o Wit de cotovelos apoiados no flutuador.

— Pareces uma lagosta — disse. — Não te lembraste do protetor solar?

Encolhi-me de dor ao tentar sentar-me. Tinha os braços e as pernas cozidos. Quanto tempo estivera adormecida? O sol já não se escondia atrás das nuvens; ia quase no horizonte.

— Podes pôr óleo de aloé vera — sugeriu ele. Soava estranhamente formal. — Tenho um frasco grande na cómoda. Acho que viste, certo?

— O teu segundo nome é Oscar — respondi. Tivera uma epifania. — É, não é?

Ele confirmou com um assentimento.

@*sowitty17*, repeti para comigo. Afinal, um *username* nada convencido. Engenhoso? Sem dúvida. Estivera à frente do meu nariz desde o começo: SOW.

Stephen Oscar Witry.

— Gosto — disse-lhe, mergulhando os dedos dos pés na água. O alívio foi imediato e delicioso: até os meus pés estavam queimados. Respirei fundo. — Sobre aquilo de há bocado...

— Exato: sobre há bocado — interrompeu ele. — Porque fizeste aquilo?

A agressividade dele apanhou-me de surpresa. Ia falar-lhe da Claire, mas o Wit referia-se nitidamente a outra coisa.

O jogo.

— Eu acreditei em ti, Meredith — continuou ele. — Disseste que não eras a minha assassina e eu *acreditei* em ti. Aliás, eu adivinhei e disse-te, mas nem assim. — Irritado, deu com a mão na água. — Mentiste-me.

— Desculpa — respondi. — Peço mil desculpas, Wit. Eu queria contar-te, juro que queria, mas...

— Mas o quê? — pressionou ele. — Pensavas que eu te mandava passear se descobrisse? Engoli em seco.

Ele abanou a cabeça.

— Podíamos ter arranjado uma solução; podíamos ter pensado num plano para continuarmos os dois em jogo, e íamos os dois à final.

— Foi essa a minha ideia — defendi-me. Tivesse feito bem ou mal, era a verdade, portanto, não ia ouvir acusações sem dizer nada. — Andava a ver se conseguia fazer isso. Não me viste de bisnaga na mão uma única vez. Queria que eliminasses o máximo possível de jogadores, para no fim sobrarmos *nós*.

— Sim, mas não podias ter escolhido pior maneira de concretizar o teu plano — respondeu ele. — Rompestes o nosso pacto. Tínhamos um *acordo*: se nos calhasse o nome do outro, dizíamos. — Encolheu os ombros. — Mas não disseste.

A minha vergonha era tão grande que só queria desaparecer. Se fosse o *Loki*, estaria de

rabou metido entre as pernas.

— Wit...

Ele suspirou.

— Tenho de ir. Temos o ensaio daqui a pouco.

— Quando voltas? — perguntei.

— Não voltamos — respondeu ele. — Da igreja, seguimos para o jantar. — Fez uma pausa. — Eu levo o nosso texto.

— *Okay*, obrigada — respondi. Ele estava a falar da folha que dobráramos entre as páginas do guia de viagem da Nova Zelândia. — E, hum... — Mordi o lábio. — Podemos falar mais logo?

Sentia que nada ficara resolvido. A nossa situação e a comunicação entre os dois apenas se tinham complicado. O Wit mentira-me. Eu mentira-lhe. Pela primeira vez, não estávamos em sintonia.

— Sim, claro. — Ele anuiu. — Sei que te devo uma... Que tenho de explicar... — Calou-se, respirou fundo e olhou-me nos olhos. — *Okay*, falamos depois.

Dando impulso com os braços, afastou-se do flutuador e nadou para a margem.

O ensaio do jantar da Sarah e do Michael seria do outro lado da ilha, num cenário bucólico: as colinas de Chilmark. Não faltavam opções no Beach Plum Inn: havia vários jardins e pequenas construções de estilo rústico distribuídos por quase três hectares, mas o ensaio seria na casa senhorial, onde a minha prima levava o noivo da primeira vez em que ele estivera em Martha's Vineyard. Desejando recriar a primeira saída a dois na ilha, a Sarah e o Michael tinham optado pela simplicidade: um terraço nas traseiras, compridas mesas de carvalho como normalmente havia nas quintas, caminhos de mesa de linho e jarras de coriolas-das-sebes. Ao contrário do que aconteceria no copo-d'água, podíamos sentar-nos onde quiséssemos.

— Que lugar deslumbrante — disse a minha mãe, ao subirmos ao terraço. — Não há outra palavra: é deslumbrante.

— Mas não te chega aos calcanhares, Liz — respondeu o meu pai, e beijou-a. Vê-los assim aconchegou-me o coração. Nem só a Sarah e o Michael eram perfeitos um para o outro.

Ironicamente, noiva, noivo e respetivo séquito foram dos últimos a chegar.

— Houve um incidente na igreja — justificou a tia Christine, e o matraquear dos saltos altos não deixou dúvidas: estava furiosa. — Eu *avisei* que as atividades do casamento não podiam ser perturbadas!

— Mãe, descontrai-te. — A Sarah sorriu. Para o ensaio do copo-d'água, optara por um vestido de *cocktail* e umas sandálias de saltos em cunha douradas. Estava um espanto. — Mer, adoro os sapatos — disse-me, e piscou o olho: as minhas sandálias eram iguais às dela. O meu vestido era coral-esbatido, com ombros descobertos e mangas esvoaçantes.

O «incidente» fora protagonizado pela Nicole Dupré, que quisera assassinar um amigo do noivo durante o ensaio da cerimónia.

— Não foi *durante* o ensaio — protestou ela. — Já tínhamos saído da igreja e estávamos

a entrar nos carros.

O avô Pisco ainda não se pronunciara, mas, servidos os *cocktails*, a tia Christine avisou que, se visse uma bisnaga durante o ensaio do copo-d'água, haveria *sérias* consequências.

O meu pai riu para o copo e deu uma palmada no ombro do tio Brad.

— Deem-me licença, tenho de ir à casa de banho — desculpou-se o meu tio, passando o martíni à mulher. — Volto já.

Desatámos todos a rir ao vê-lo entrar a correr.

— O pai da noiva, senhoras e senhores — declarou a tia Christine, cortante como uma faca, e depois bebeu um bom gole da bebida do tio Brad. Incapaz de disfarçar o carinho, revirou os olhos. — Também conhecido por meu marido.

O Wit estava com os amigos do noivo.

— Hã, como é que...? — balbuciei, quando ele se voltou para mim. — Onde está a...? — Apontei para a cara dele. Continuava queimada do sol, mas a mancha verde-pântano desaparecera.

— Continua onde estava — esclareceu ele. — Escondida sob uma tonelada de maquilhagem. — Passou o dedo na cara e mostrou-mo. — A tua tia chamou-me à Casa da Lagoa e as damas de honor aplicaram-me uma mistela que junta base, corretor e *contouring*, seja isso o que for, para eu estar apresentável nas fotos. — Encolheu os ombros. — Até ficou porreiro.

— Digo o mesmo — respondi. Estava um bocado atónita. Ao vivo, conhecia-o com aquela pisadura gigante na cara, mas, naquele momento, ele parecia o rapaz do vídeo no perfil de Instagram da Sarah. Era um bocado surreal.

Meu Deus, ele era lindo.

— Onde te vais sentar? — perguntei.

Queria por tudo ouvi-lo responder «contigo». Tínhamos ficado de falar, tínhamos de falar e eu queria muito que falássemos.

— Com a minha família — respondeu ele, de novo, num tom completamente formal, como se mal nos conhecêssemos. Fiquei desiludida. — E tu?

— Ainda não sei — respondi, da mesma maneira distante. — É melhor ir ver isso. — Rodei nos calcanhares, mas não cheguei a sair dali, porque senti o calor dos dedos dele no braço.

— Está aqui — disse-me, quando olhei a medo, e levou a mão ao bolso do lenço. — Não me esqueci.

— Não pensei que te esquecesses — respondi.

Ele inclinou a cabeça.

— Falamos depois?

Fiz que sim.

— Falamos depois.

— Não, Eli. Impossível — recusou o Jake. — Não dá mesmo.

— Dá, sim, senhor — teimou o Eli, abanando a cabeça. — Já apareci em *dez*.

— Dez *quê*? — perguntou a tia Julia, regressando com a tia Rachel. Tornaram a sentar-

se. Iam servir o primeiro prato, mas a tia Rachel estava indisposta, por isso tinham ido andar no jardim. Não parecia ter dado grande resultado: ela continuava franzida de desconforto.

Será o bebé aos pontapés?, perguntei para comigo. *Ou será mais do que isso?*

— O Eli quer fazer *photobombing* — explicou a Pravika. — Quer aparecer de surpresa em todas as fotos do casamento.

— Não vão ser *todas*, acredita — assegurou a Luli. — Quando forem as fotos amanhã, garanto-te que não passa pelo cordão de segurança que a tia Christine vai pôr à volta dos fotografados.

Ri-me.

— Ele não anda a estragar as fotos — defendi-o. — Não faz poses parvas, limita-se a ser parte do grupo.

— Exato — concordou o Eli. Já nos estavam a servir. O primeiro prato inspirava-se na gastronomia de Nova Orleães. Aliás, nada do que íamos comer fazia parte do menu habitual do Beach Plum: o *chef* aceitara a colaboração da Jeannie e juntos tinham criado uma ementa especial. — A ideia não é *inutilizar* fotos, mas sim fazer os convidados perguntar-se «Quem é este gajo?» quando o álbum for publicado *online*.

Rimos todos, menos a tia Rachel, que afastou o prato e passou a mão pela testa. A tia Julia ficou alerta.

— Rach...

Ouvimos tinidos e a conversa parou tão abruptamente como se alguém tivesse desligado um interruptor. Voltei-me e vi a Jeannie Dupré com uma *flûte* de champanhe e um microfone. O Michael inclinou-se e segredou qualquer coisa ao pai do Wit. Entreolharam-se, depois o Oscar deixou o seu lugar e foi juntar-se à mãe do Michael.

— Olá a todos! — saudou ela. — Sou a Jeannie, a mãe do noivo mais orgulhosa de sempre! — Sorriu ao filho. — Quero agradecer a todos por estarem connosco esta noite. É uma ocasião única e a presença de cada um de vocês para festejar connosco torna-a ainda mais especial.

— Rachel, está tudo bem? — murmurou a tia Julia.

A tia Rachel tinha a cara nas mãos.

— Não. — Abanou a cabeça. — Contrações. — Deixou escapar um queixume. — Acho que me vão rebentar as águas.

Os meus amigos estavam atentos ao brinde da Jeannie, mas a tia Julia e eu trocámos um olhar.

— Avisas os meus pais? — pediu ela.

Assentindo, deixei o meu lugar e fui rapidamente até à mesa dos meus avós.

— O que foi? — perguntou a avó Biju quando lhe pousei a mão no ombro. O avô Pisco voltou-se. — Não devias interromper o brinde da Jea...

Expliquei-lhes o que se passava.

Eles não perderam tempo: a avó Biju foi rapidamente ter com as minhas tias — nesse momento, a tia Julia, o Jake e o Eli estavam a ajudar a tia Rachel a levantar-se —, e o avô Pisco foi ter com a Sarah. Segurou-lhe as mãos e explicou a situação. «Desculpa», li-lhe no movimento dos lábios, e beijou-lhe a testa.

O meu avô ficara de fazer um brinde durante o jantar.

Alguns convidados já se tinham dado conta de que alguma coisa se passava, mas, ainda assim, não faltaram aplausos quando a Jeannie ergueu a *flûte* num brinde aos noivos. O Jake e o Eli regressaram à nossa mesa um bocado depois.

— Elas já foram — confirmaram. — Estão no carro, a caminho do hospital.

Todos suspirámos de alívio, e a Luli soltou a minha mão. Não dera por ela a agarrar. Podia ter sido por força do hábito, mas talvez significasse que a amizade ia sobreviver.

Escolhi acreditar na segunda.

O jantar continuou e houve mais discursos. O tio Brad mostrou *slides* da Sarah nas várias etapas da sua vida: ali estava ela acabada de nascer, no primeiro dia de escola ou na festa de noivado. As últimas fotos tinham sido tiradas na praia nessa segunda-feira. O tio preferido do Michael definiu-o como um homem íntegro e honesto, mas não de fiar quando se tratava de arranjar bilhetes gratuitos para jogos dos Saints.

Antes da sobremesa, o Wit acenou-me do outro lado do terraço, mas eu gesticulei a dizer-lhe que viesse ele para a minha mesa. Instantes depois, ao sentir o calor do seu corpo, lembrei-me da manhã em que escrevêramos o nosso brinde, os dois a fazer ronha na cama dele, as nossas letras — o Wit escrevia tudo em maiúsculas, enquanto a minha era muito certinha — misturadas no papel.

«Acho que está», lembro-me de dizer, confortavelmente instalada nas almofadas, e ele nos meus braços, de caneta na mão. «Adoro esta parte.» Indiquei uns versos que ele escrevera.

«Achas que ficou fixe?», perguntou ele, olhando-me por cima do ombro. «Não sou grande poeta.»

«És, sim», assegurei, e dei-lhe um beijo. «Só não tens noção disso.»

A Sarah e o Michael não sabiam do nosso poema; tínhamos concordado em fazer-lhes uma surpresa. O Wit desdobrou a folha e eu sorri ao pensar em todas as recordações que lhe estavam associadas. Cada um por seu lado, eu e ele tínhamos ouvido mil histórias da Sarah e do Michael antes e depois de se conhecerem. «Por isso é que ele se fartou de me dar na cabeça por causa das raparigas em Tulane», confessou o Wit, depois de me contar que, na faculdade, o Michael fora engatatão. «Ele era assim até a Sarah aparecer.»

Eu ficara em choque. «Ela sempre disse que tinha sido amor à primeira vista!»

O Wit anuiu. «Sim, ele também diz isso, mas acrescenta que amor à primeira vista não significa que a Sarah não tenha tido de o pôr na linha.»

— Fazes as honras? — perguntei, estendendo-lhe o meu copo de água. Já tínhamos o microfone. — Ou faço eu?

— Tu — pediu ele. — Tenho os dedos a tremer.

Segurei-lhe a mão para confirmar. Sim, era verdade.

— Enerva-te falar em público?

Ele não respondeu.

O coração doeu-me de ternura e, antes que me pudesse deter, beijei-o. Foi apenas um beijo de fugida nos lábios — os mesmos que eu beijara muitas vezes durante aquela semana, uns lábios que adorava, mas que sabia que tinha de *parar* de adorar.

— Finge que estamos sozinhos — murmurei. — Faz de conta que estamos no teu

quarto a fazer palhaçadas, como quando ensaiámos. *Okay?*

Ele fechou os olhos.

— *Okay.*

Quando tornei a ver os halos dourados que me encantavam, bati suavemente com a colher no copo. Todos olharam para nós, ninguém mais animado e expectante do que a Sarah e o Michael. Empunhei o microfone.

— Olá, fãs do casal Sarah e Michael — saudei, confiante. — Sou a Meredith, prima da Sarah, e este é o... — hesitei; quase dissera Stephen. — Este é o Wit, irmão do Michael.

— A competição está a ser muito forte — aventurou-se ele —, mas eu e a Meredith vamos arriscar fazer um brinde. Parece-vos bem?

Todos aplaudiram.

— Perfeito! — Dei-lhe um toque com o ombro. — Eu e o Wit somos aspirantes a poetas, por isso, Sarah e Michael, foi isso que vos preparámos: um poema!

O Wit mostrou a folha ao nosso público. Os dedos dele já não tremiam. Aclareei teatralmente a garganta e, sorrindo de orelha a orelha, comecei.

Querida Sarah, querido Michael,
recapitulemos o vosso percurso.
Tudo começou em Tulane,
quando estavam a tirar o curso.

Que magia tinha o Michael,
que te roubou o coração?
Foi o seu mastigar sexy,
ou o pontapé de campeão?

Fui interrompida por uma explosão de gargalhadas, gritos entusiásticos e assobios. O Michael escondeu a cara nas mãos enquanto os amigos gozavam com ele e a Sarah quase se desmanchou. O «pontapé de campeão» era uma referência a uma festa de estudantes que ficara para a história quando o Michael, já bêbado, se lembrara de começar aos chutos numa bola de futebol. Havia janelas e, com um remate certo, fora-se um vidro.

Quando os risos diminuíram, passei o microfone ao Wit. Ele olhou-me de fugida, esguelhou um sorriso e lançou-se.

E como te enfeitiçou a Sarah,
para lhe roubares o primeiro beijo?
Mascarou-se de Navegante da Lua,
ou devorou uma tosta de queijo?

Já viveram muitas histórias,
e muitas mais haverá para contar.
Uma é já amanhã na igreja,

porque apostou: o Michael vai chorar.

Os amigos do noivo tornaram a explodir em gargalhadas, enquanto os restantes se juntaram num coro embevecido. O meu coração acelerou ao aproximar-me do Wit até ficarmos quase colados, para lermos juntos as duas últimas quadras. Senti a mão dele no fundo das minhas costas, segurei-lhe o pulso, e, respirando como um só, continuámos até ao fim do poema.

O vosso amor é para sempre,
estão no começo do caminho.
Mas calma, vai correr bem,
são um casal superfofinho!

Agora, passemos ao brinde
que os pais querem deitar os petizes.
Sarah e Michael, tudo de bom,
sejam muito, súper, megafelizes!

Os amigos do Michael também tinham uma surpresa: um ensaio de *after-party* a seguir ao jantar. Era na cabina e não faltou a fogueira, sandes de *marshmallows* assados com chocolate, música, cerveja com fartura e charutos. Fiquei durante meia hora. Vi o Jake e a Luli ganharem umas quantas vezes seguidas ao *cornhole*, mas, sobretudo, consegui evitar uma conversa com o Wit. No Beach Plum, quisera muito falar com ele, mas, de repente, era a *última* coisa que queria fazer. De que ia servir? A semana estava no fim.

Saí de fininho para o Pavilhão. Ia ajudar a minha mãe, que estava em modo de *babysitter* com a Hannah e o Ethan. Havia muito que os dois tinham adormecido no beliche. A verdadeira *babysitter* deitara-os horas antes. No dia seguinte, quando acordassem, saberiam que tinham um maninho bebé.

A minha mãe estava sentada no sofá e eu deitara-me nas pernas dela como uma menina chorona. Ainda não tirara o vestido coral, mas o penteado começara a desfazer-se: as madeixas apanhadas atrás iam-se soltando e recuperando o ondulado, e a minha mãe distraía-se a penteá-las com os dedos.

— Aconteceu alguma coisa, Mer? — perguntou, quando suspirei. — Não devias estar com os teus amigos e com o Wit?

— E estaria, se as coisas com o Wit não estivessem uma porcaria — resmunguei.

Rimara, mas nenhuma de nós se riu.

— Eu disse-te que a despedida ia ser difícil — murmurou a minha mãe, passado um instante.

Anuí, lembrando-me do serão no Anexo, quando lhe confessara que gostava muito do Wit e ela fizera aquele olhar preocupado.

— Não é só isso — murmurei, e voltei-me no colo dela. Os nossos olhares encontraram-se. — Ele conheceu a Claire — revelei. — Quando ela visitou a Sarah e o Michael em Nova Orleães. Ele *conhecia-a* e não me disse nada. — Senti a voz presa na garganta. — Jura que me quis contar em mais do que uma ocasião. Quando tentou, calhou eu interrompê-lo, e então achou que eu sabia, mas que não queria falar do assunto. Ele escondeu-me a verdade, mãe. Mentiu.

— Como descobriste? — murmurou ela. — Se o Wit não te contou...

— Vi um vídeo antigo no Instagram da Sarah — respondi. — Filmado na noite em que eles jantaram no Basin. A Claire estava sentada à frente da Sarah. Adivinha quem estava ao lado dela... — Senti um nó na garganta.

A minha mãe aconchegou-me nos braços e limpou as lágrimas que inevitavelmente me caíram.

— Não há dúvida de que ele te devia ter contado — considerou. — Sobretudo depois de passarem tanto tempo juntos durante esta semana e ficarem tão próximos. — Beijou-me a testa. — Não acho que se possa dizer que o Wit te mentiu, Mer, mas faltou à verdade. Se te tentou contar, mas recuou, eu diria que ele... — Fez uma pausa. — Estava a ler as folhas

de chá.

Ler as folhas de chá.

A minha irmã costumava usar aquela expressão.

Tornei a ficar com os olhos rasos de lágrimas.

— Tenho tantas saudades dela — disse. — Tantas, mãe.

— Oh, Meredith, eu também. Todos nós sentimos muito a falta da Claire. O coração dói-me de saudades todos os dias. — Acariciou-me a face. — Doeue-me um bocadinho menos durante esta semana, por estarmos aqui. Sei como isto soa, mas sinto a presença da Claire. Sinto-a perto de nós.

Ocorreu-me que também eu a ouvira na minha cabeça durante a semana, e que o sol me aquecia e parecia que era ela a abraçar-me.

— Sim, a Claire está por toda a parte em Martha's Vineyard — concordei. Longe de me fazer parar de chorar, talvez essas palavras me tenham feito chorar com mais força, porque me lembrei de que eu fora assassinada e do que acontecera a seguir. — Estou tão desapontada com o Wit — soluzei. — E ele também está desapontado comigo.

Em silêncio, a minha mãe esperou que eu explicasse.

— Fizemos um acordo antes de o jogo começar — expliquei. — Não éramos aliados, mas tínhamos um pacto. Combinámos partilhar informação e cada um ficou de avisar o outro se soubesse quem o queria matar. — Engoli com dificuldade. — Entretanto, herdei-o como alvo, mas não lhe contei. Ao mesmo tempo, não fiz *nada*. Não o tentei eliminar. Tinha um plano para chegarmos juntos à final. — Calei-me momentaneamente. — Mas ele descobriu hoje e ficou zangado. *Muito* zangado.

Uma vez mais, a minha mãe não comentou.

— É uma estupidez, não achas? — perguntei, embora com medo da resposta. — O Assassino joga-se escondendo a verdade e fazendo *bluff*. Mentimos para sobreviver. Eu menti à Luli e aos outros com quem tenho *mesmo* uma aliança. Não me orgulho disso, mas foi o que fiz. — Esfreguei a testa. — O Wit... joga como a Claire, portanto, devia entender.

— Sim, devia — concordou a minha mãe. — É apenas um jogo e ninguém se deve aborrecer. — Prendeu-me uma madeixa atrás da orelha. — Neste caso, acho que ele não conseguiu evitar ficar sentido. As emoções falaram mais alto.

Fiquei com a respiração presa na garganta.

— Hã?

Ela sorriu com melancolia.

— Mer, o vosso pacto começou por ser uma estratégia, mas parece-me que entretanto ganhou um significado com que não contavam. Acho que os dois sabem isso.

Desta vez, fui eu a ficar calada. O meu coração disparara.

— Estou muito grata ao Wit — continuou a minha mãe. — Ele trouxe-te de volta. Ajudado pela Quinta, claro. Viveste este ano e meio numa espécie de sonambulismo, e nós também. Mas, desde que chegámos a Martha's Vineyard, pareces-me acordada e cheia de vida como não te via desde aquele dia horrível. Quando vocês os dois estão juntos... — Abanou a cabeça. — Aconselho-te a falares com ele. Acho que te vais arrepender se houver mágoas na hora da despedida.

Aninhei-me nela como se me quisesse esconder.

— Não posso falar com ele.

— Porquê?

— Porque... — Pousado na mesa de centro, o telemóvel da minha mãe começou a vibrar.

Tom, li no ecrã.

Ela atendeu. Foi uma chamada curta e, quando terminou, a minha mãe olhou para mim.

— Oliver Isaac Epstein-Fox — anunciou, sorridente. — Três quilos e oitocentos gramas.

Instalada para mais uma noite no sofá do Anexo, ouvi os degraus do alpendre rangerem. Sabia que não eram os meus pais: tinham ido dormir no Pavilhão. A tia Julia ia passar a noite no hospital e alguém tinha de ficar com o Ethan e a Hannah.

— Sim? — chamei.

— Ei — respondeu alguém.

Afastei a colcha e fui abrir. Era o Wit.

— Onde te meteste? — perguntou. — Devo ter corrido a Cabina uma centena de vezes a ver se te via.

— Não estava lá — respondi. — Aliás, estive durante um bocado, mas depois fui cuidar do Ethan e da Hannah com a minha mãe.

— Ah, *okay*.

— O que fazes aqui? — perguntei.

Ele pousou os dedos na porta de rede. Sem pensar, fiz o mesmo, unindo as palmas das nossas mãos.

— Falta fazermos uma coisa — murmurou.

Franzi o sobrolho.

— O quê?

— O desafio — lembrou-me ele. — A estrada da Quinta depois do anoitecer.

A estrada da Quinta depois do anoitecer.

— Desafiaste-me na segunda-feira, quando fomos à Quinta Morning Glory. Ficámos de ir até ao fundo da estrada numa noite desta semana. — Encolheu os ombros. — Amanhã é o último dia, portanto...

Baixei a mão. *Amanhã é o último dia*. Essa frase dizia tudo. Era precisamente por isso que eu não podia. Desentendimentos à parte, o nosso tempo juntos estava a esgotar-se, e tinha de ficar em paz com isso. Sim, faltava o dia do casamento, mas tinha de me distanciar *já*. — Desculpa, mas já ia dormir — disse-lhe, e bocejei.

Silêncio.

— Por favor — murmurou o Wit. — Vamos só andar um bocado. — Calou-se momentaneamente. — Damos um passeio e falamos.

Ri-me. Sem vontade nenhuma, mas ri-me.

— *Okay* — acedi, lembrando-me do conselho da minha mãe. Se não conversasse com ele, depois da despedida, viria o arrependimento. — Vamos lá andar um bocado. — Tornei

a unir momentaneamente a palma da mão à dele. — E falar.

Os primeiros dez minutos do passeio decorreram em silêncio. Apenas se ouviam os nossos passos arrastados na estrada de terra batida e as criaturas noturnas a fugir quando nos aproximávamos. Fomos andando sem pressas, lado a lado, mas sem dar as mãos. Se os nossos dedos se roçaram, não foi intencional. Nenhum dos dois disse uma palavra.

Por fim, o Wit quebrou o silêncio.

— Desculpa — disse. — Desculpa por não te ter contado sobre a Claire. Tinhas razão. Não me faltaram oportunidades, mas tive medo de estragar tudo e não te queria ver triste, e, conforme o tempo passava, fiz-me acreditar que o mais certo era já saberes que a Sarah e o Michael nos tinham apresentado.

Suspirei.

— Foi um choque ver aquele vídeo, Wit — confessei. E, depois de uma pausa: — Mas estive a pensar, e não faz mal.

Não fazia, de facto. Ao regressar do Pavilhão, percebera que a ideia já não me perturbava. De certa maneira, ficava feliz por eles se terem conhecido. *Adorava que a tivesses conhecido. A Claire teria gostado de ti.*

Quantas vezes lhe dissera isso durante a semana?

Perdera a conta.

— A Sarah falou dela durante meses antes da visita — contou-me o Wit, quase sem erguer a voz. Saiu-lhe um riso abafado. — Parecia que estava à espera da Taylor Swift.

Permiti-me um meio-sorriso. Não havia maior *swiftie* do que a Sarah. Ela simplesmente venerava a Taylor Swift.

— Passei o Natal no Vermont, com a minha mãe e o meu padrasto — continuou ele. Mal o via no escuro. — Viajei para Nova Orleães para o fim de ano. A Sarah e o Michael convidaram-me para jantar com eles no Basin. Aliás, foi mais uma ordem do que um convite: *tinha* de conhecer a famosa Claire.

Respirei fundo. A pergunta que lhe ia fazer deixava-me nervosa, mas tinha de saber a resposta.

— O que achaste dela?

O Wit assobiou.

— Achei-a extraordinária — disse. — Parecia irmã gémea da Sarah, claro, e era uma dessas pessoas que têm luz. Literalmente.

— Sim — concordei. — Isso descreve a Claire, sem dúvida. Tinha uma luz que nos encantava. — A minha irmã apenas não tinha consciência disso. Teria tido certamente um futuro maravilhoso e só ela não via isso.

Senti uma dor enorme no coração.

Teria tido um futuro maravilhoso.

Se tivesse vivido.

Talvez nunca me habituasse à ideia de que isso não acontecera.

— Falaram de quê? — perguntei.

Ele uniu timidamente os dedos aos meus.

— *Adivinha.*

— Não faço ideia — respondi. — Falaram de Tulane?

— Não — respondeu o Wit. — Nem tocámos nesse assunto. Enquanto *não* comia a salada, a Claire não falou de mais nada a não ser de *ti*.

Não percebi se ficara assustada, se ansiosa.

— Hã?

— «Tens de conhecer a minha irmã» — disse ele, como se a imitasse. — «Ias adorá-la, Stephen. Ela é muitas coisas, mas, acima de tudo, é uma mistura de adorável e cáustica. As tuas piadas que me fazem rir? Acredita: a Meredith respondia-te à altura. Aposto que haviam de passar horas nisso.»

Abrandei.

— «A Meredith é perspicaz» — continuou ele. — «Adora humor pateta.» — Calou-se um instante e respirou fundo. — «Adora fazer drama. Às vezes, assalta o frigorífico à noite. É leal. Adora livros de fantasia. É competitiva. Dorme como uma pedra. É destemida.» — Os seus dedos seguraram declaradamente os meus.

As lágrimas já se anunciavam. Durante muito tempo, não me sentira essa pessoa que a minha irmã lhe descrevera. Tivera de regressar a Martha's Vineyard e de o conhecer para tornar a ser a irmã da Claire. A voz falhou-me ao perguntar:

— Como soube ela que te chamas Stephen?

— Calculou que Wit fosse diminutivo de Witry — explicou ele. — Perguntou qual era *mesmo* o meu nome. — Calou-se momentaneamente. — Porquê? Tens algum problema com o nome Stephen?

Ditive-me. Íamos a um terço do caminho, talvez, mas não podia esperar mais.

— Não. Nem problema, nem coisa nenhuma.

Ele não respondeu logo.

— *Nem coisa nenhuma?* — acabou por repetir. — Como assim? Estás a falar do nome? Ou de nós?

Suspirei.

— A última.

Mal havia luar naquela noite, mas vi-o franzir o sobrolho.

— Não estou a...

— A semana chegou ao fim, Wit — expliquei, à beira de me engasgar. — Quando a festa de casamento terminar, o resto também acaba.

— Espera. — Uma hesitação. — Qual resto?

— *Isto* — respondi, indicando os dois. — O que andámos a fazer nestes últimos dias. Parecia que...

#AntesDelesCasamosNós, pensei. *Andáramos a comportar-nos como namorados.*

— Não pode continuar? — perguntou o Wit. — Por algum motivo em particular?

O meu coração bateu mais depressa.

— Imaginaste a continuação?

Ele calou-se, depois suspirou.

— Não propriamente.

— Vês? — Abanei a cabeça.

— Não, calma — apressou-se ele a dizer. — Julguei que a semana ia ser de determinada maneira, mas não foi, e dei por mim apanhado na magia do momento,

apanhado por *ti*. Imagino que pareça estúpido, mas nem dei pelo tempo passar. Este lugar... — Calou-se e contemplou o luar. — É um desses lugares especiais onde o tempo deixa de existir. Onde será sempre verão, onde acordarei sempre contigo ao meu lado.

Dei por mim a tremer.

— As coisas não funcionam assim — respondi. — Podes sentir isso, mas é uma ilusão. Uma fantasia. A semana vai terminar. É um facto.

Ele segurou-me os ombros.

— Não tem de acontecer o mesmo connosco — declarou. — Podemos ficar juntos.

— Como? — Recuei para me afastar dele. — Vais para a Nova Zelândia! Vais passar *um ano* do outro lado do mundo!

— Um ano *letivo* — corrigiu ele. — De finais de agosto até maio, e podemos ter uma relação à distância.

Uma relação à distância.

Toda a gente dizia que era difícil, e admirava os casais que conseguiam fazer isso... mas eu? Por algum motivo, a Claire não dissera «paciente» ao descrever-me ao Wit. Aí estava uma coisa que eu *não* era. Um fuso horário brutal, agendar chamadas no FaceTime, ou, com sorte, ter oportunidade de o visitar... Não me parecia que conseguisse. Ia andar *infelicitíssima*. Com o Ben, acreditara nessa possibilidade, e via-se onde isso me levaria! Ele mudara de ideias antes de tentarmos. Depois de quatro anos juntos, não tivera fé em nós.

— Teríamos sempre uma relação à distância — continuou o Wit. — Se eu não fosse para a Nova Zelândia, voltava para Tulane.

— Não consigo — decidi. — Relações à distância não são para mim. Ou, pelo menos, quando distância significa «outro hemisfério». Nunca me chegaria, Wit. Não ia resultar.

A brisa agitou a folhagem das árvores. Fingi não me dar conta do fedor que as doninhas tinham espalhado. Só esperava que os cães não andassem ali fora.

— Então vem comigo — pediu ele baixinho. — Vem conhecer a Nova Zelândia.

Deixei escapar uma risada incrédula.

— Não gozes.

— Não estou a gozar.

Senti um arrepio pelas costas abaixo.

— Em apenas uma semana, nós dois vivemos várias aventuras — disse ele. — Vem comigo e haverá mais. Podemos ter muitas. A Claire disse que eras destemida. — Então, quase murmurou: — Acho que precisas disso tanto como eu. Sinto que precisas de alguma espécie de *mudança*. — Calou-se. — Vem comigo.

Tive medo de não conseguir falar.

— Não posso — acabei por responder, com a voz estrangulada. — Não posso. Vou começar o primeiro ano. Tenho de conhecer a minha colega de quarto, escolher as cadeiras, fazer novos amigos, estudar e ir jantar a casa dos meus pais uma vez por semana. Não posso viajar. Essa hipótese não está em cima da mesa.

Ele não respondeu. Ficámos ali parados durante um ou dois minutos, depois continuámos até ao fim da estrada da Quinta. A noite estava estragada, mas o Wit ia tocar no obelisco. Cumpriria o desafio.

Assim foi, embora feito em silêncio: pousei a mão na pedra fria e deixei sair um longo

suspiro exausto. Infelizmente, esperavam-nos mais cinco quilómetros, apenas em sentido contrário.

Já eram umas duas da manhã quando ele me deixou à porta do Anexo. Ficámos parados sem saber bem o que fazer.

— Boa noite — disse-lhe, precisamente quando ele me segurou a mão.

— Temos um dia — disse ele.

Hesitei.

— Hã?

— Resta-nos um dia para aproveitar — explicou ele. — A semana não terminou. Falta o casamento amanhã. — Apertou a minha mão. — Vamos fazer de conta.

Fazer de conta.

Percebi o que ele me estava a sugerir. *Vamos fazer de conta que o tempo não existe. Vamos fingir que a semana não vai acabar. Façamos de conta que vamos continuar a ser «nós»: felizes, queimados do sol e enredados um no outro.*

Depois, ia sofrer. Ia sofrer *muito*, mas, por outro lado, seria maravilhoso. Teria um último dia perfeito com o Wit.

— Está bem — respondi, quase sem voz, e segurei-lhe a mão de volta. — Vamos fazer de conta.

Em vez de me enroscar no sofá, atravessei a sala e entrei no quarto onde dormira com a minha irmã. Pela janela aberta, ouvi música e gargalhadas ao longe. Vinham da Cabina. Eram uma espécie de canção de embalar. Sorri para comigo, deitei-me na cama da Claire e fechei os olhos.

SÁBADO

Acordei com o sol. As persianas deixavam entrar faixas de luz suave. Não imaginara que dormiria tão profundamente na cama da Claire. Não acordara uma única vez durante a noite. *Obrigada*, disse em pensamento. Tornei a abraçar as almofadas e fechei os olhos durante alguns segundos, depois enchi os pulmões com o ar mais delicioso e afastei a colcha branca da minha irmã.

Ia ser um dia especial.

Pus comida na tigela do *Loki*, que já estava impaciente, depois segui para a Cabina, onde me deparei com os destroços da festa depois do jantar de ensaio: uma guitarra esquecida numa cadeira *Adirondack* e latas de cerveja vazias em volta do fosso da fogueira. As últimas brasas estavam quase a apagar-se. Continuei até ao quarto do Wit sem pensar nisso de maneira consciente. Empurrei a porta de rede, depois ouvi-a chiar e bater atrás de mim.

— Hum — resmungou ele, com a voz completamente destruída. Parecia uma fogueira a crepitar. — *Esquece*, Michael. Não vou correr contigo.

— Não é o Michael. — Saltei para cima da cama. — É alguém muito, muito pior!

— Ah, sim? — O Wit riu-se, e, unindo esforços, manobrámos-me para dentro dos lençóis e para o calor dos seus braços. Ele cheirava a laranjas, à brisa de Martha's Vineyard e a charutos.

O que explicava a voz.

— Apanhaste uma bezana? — brinquei. Imaginava que ele se tivesse juntado aos amigos do noivo depois do nosso passeio nada memorável.

Novo queixume.

— Eles obrigaram-me.

— Imagino — respondi. — Não devemos ceder à pressão social.

Ele escondeu a cara na minha *T-shirt* azul do Hamilton College. Afaguei-lhe o cabelo. A água salgada deixara-o áspero.

— Não me consigo mexer — queixou-se ele, na sua nova voz rouca. — A festa durou até às quatro da manhã. Deitei-me às duas e meia, mas quem consegue dormir com algazarra à porta?

— Ninguém — respondi. De repente, estava nervosa por ele. Eram oito da manhã e a primeira obrigação do dia esperava-o em menos de uma hora.

Ele assentiu, depois ergueu a cabeça para me fitar.

— Dormiste bem? — perguntou.

— Sim — respondi, e abri um ligeiro sorriso. — Por acaso, dormi lindamente.

— Ótimo. — Ele sorriu de volta. — Ainda bem.

Fitámo-nos. Os seus olhos azul-turquesa, que mal se aguentavam abertos, não se desviaram dos meus. Sabia que ele me queria beijar e tinha consciência de que era mútuo. A ideia era passarmos o dia a fazer de conta? Pois bem: *faria de conta*.

— Podes só escovar os dentes primeiro? — murmurei. — O bafo de charuto... —
Franzi o nariz. — *Blhéc!*

Ele afastou os cobertores. De *boxers*, parou no meio do quarto e alongou os braços fortes, mas esguios. Espreguiçou-se com languidez e exagero. Puro exibicionismo.

— És indecente — censurei-o.

— E tu adoras — respondeu ele, e desapareceu na minúscula casa de banho, onde havia apenas uma sanita e um lavatório: o único duche em toda a Cabina ficava nas traseiras. Ouvi-o abrir a água.

— Tens um plano? — perguntei, depois de vários minutos e muitos beijos com sabor a hortelã.

— Um plano?

— Sim — respondi. — Um plano.

O jogo do Assassino caminhava para o desfecho e quem queria sobreviver precisava de um plano. Até ali, o campo fora toda a Quinta, mas a grande final era uma coisa mais ao estilo dos Jogos da Fome: disputava-se numa arena ao ar livre. Os espectadores delimitavam-na com toalhas e cadeiras de praia e os tronos dos altos-comissários — trazidos do celeiro na véspera — eram praticamente réplicas das cadeiras dos árbitros em Wimbledon: altos, verdes e com um toldo, para que o sol não encandeasse o ocupante, fazendo-o decidir de maneira errada.

Era muito cedo e todos iam bocejando enquanto abriam as cadeiras para se instalar. Vi que o Eli tinha trazido uma almofada. Estendeu a toalha de praia, deitou-se e fechou os olhos.

— Obrigada pelo apoio, Eli — resmungou a Luli enquanto dava nós duplos nos atacadores dos ténis. — Vais ser o primeiro a quem agradeço quando ganhar.

O Jake e a Pravika riram-se. A pedido da tia Christine, a competição começaria bem mais cedo do que o habitual, para não interferir com o itinerário do casamento: fora organizado um *brunch* para as damas de honor e outro para os amigos do noivo, porque, depois disso, não teriam um minuto livre até à cerimónia. Ou, melhor dizendo, as damas de honor não teriam um minuto livre. O Wit mencionara que o Michael e os amigos tinham combinado ir surfar daí a pouco. O Gavin, padrinho do noivo, resumira a posição do grupo: «É vestir um fato e pôr uma gravata. Leva dez segundos.»

— Sejam bem-vindos! — saudou o avô Pisco, falando ao megafone. — Dentro de momentos terá início o Recontro Final dos Assassinos!

Embora exaustos, tentámos manifestar o nosso entusiasmo.

— Todos os finalistas estão presentes? — perguntou a avó Bijú, olhando em volta da arena. A mecânica do jogo falara mais alto e o número de assassinos diminuirá consideravelmente nos últimos dias. A grande final mais disputada a que assistira contara com doze finalistas, a mais reduzida, três.

De uma maneira ou de outra, a Claire eliminara rapidamente os adversários. Tornou a fazer-me não ter tido coragem de eliminar o Wit. Se não fosse a minha hesitação, talvez estivesse a preparar-me juntamente com os outros finalistas.

Eram sete em jogo: o Wit, a Luli, o tio Brad, a Nicole Dupré, a irmã mais velha da Pravika, um amigo do noivo e...

— Falta a Julia! — avisou o tio Brad. — Bem, era de esperar que ela...
— Que ela *quê*, Brad? — interrompeu a tia Julia, entrando descontraidamente na arena de bisnaga na mão. — Ela *quê*? Diz lá.
— Mamã! — exclamaram a Hannah e o Ethan, da assistência.
A tia Julia sorriu com um ar manhoso.
— Pensaste que eu me deixava eliminar com essa facilidade? — Apoiou a mão na anca.
— *Nunca*.
Logo a seguir, fez *exatamente* isso. A avó Biju apitou, dando início à final, e cada assassino correu para se apoderar da sua zona na arena — todos exceto a tia Julia, que ficou onde estava.
— Não vou a lado nenhum, Divya! — anunciou, dirigindo-se à irmã da Pravika. — Vem. — Sentou-se nas ervas. — Sou toda tua!
A Divya não perdeu a oportunidade e foi rápida.
— Perfeito! — A tia Julia ergueu-se e entregou-lhe o cartão com o seu alvo, que eu já sabia ser a Luli. — Venham comigo, queridos! — chamou, acenando ao Ethan e à Hannah.
— Eu e a mamã Rachel queremos que conheçam uma pessoa!
Depois daquele pontapé de saída, as coisas ficaram sérias. A irmã da Pravika estava cheia de adrenalina e não ia facilitar a vida à Luli: as duas corriam em círculos.
— A sério, Divya? — protestou a Luli. — Depois de tudo o que vivemos juntas? Partilhámos a tenda durante uma semana!
— Ui! — exclamou o Jake, da assistência. — O que aconteceu nessa tenda?
A irmã mostrou-lhe o dedo do meio e continuou a esquivar-se à Divya.
Entretanto, a Nicole Dupré perseguia o amigo do noivo, que perseguia o tio Brad, os três tão embrenhados no seu triângulo que não prestaram atenção ao fora da lei de lenço na cara: o Wit, que subira à árvore na orla da arena.
Permaneceu escondido durante dez minutos, tornando a mostrar-se unicamente quando a Divya ficou sem fôlego de tanto correr atrás da Luli. Ela arfava e o seu rabo de cavalo sacudia.
— Divya! — chamou ele, saltando de um ramo. — Queres água? — Ergueu a garrafa de treino. — Tenho aqui.
De mãos nos joelhos, ela fez que sim.
A Pravika suspirou.
— És tão burra, irmã.
— Ela está desidratada — defendeu-a o Jake. — Não está a raciocinar.
A Pravika resfolegou.
— Espero bem que não.
Contive o riso ao ver o Wit aproximar-se da Divya com o ar mais inocente do mundo e assassiná-la com um esguicho no estômago.
— Divya eliminada! — anunciou a avó Biju pelo megafone.
— Vincent eliminado! — anunciou o avô Pisco.
Na assistência, as cabeças voltaram-se para ver a Nicole festejar e o amigo do noivo cair ao chão. Restavam ela, o tio Brad, a Luli e o Wit.
Naquele momento, víamos unicamente as assassinas. O Wit tornara a subir à árvore e o

tio Brad escondera-se na vegetação alta.

Sorri para dentro. *Ora, ora. Dois jogadores sempre tão agressivos e agora puseram-se à defesa.*

— Brad! — tentou o meu pai sussurrar, mas todos o ouvíamos. — Estás quase fora da arena!

— Ei! — protestei, cá mais atrás. — Não vale ajudar!

Hipócrita, gozou a Claire, e senti-me corar.

A Luli e a Nicole iam andando de um lado para o outro, tentando recuperar o fôlego. O novo alvo do Wit era a Luli, e o da Luli era a Nicole.

Mexe-te, quis dizer à minha amiga. *Ela está mesmo à tua...*

— Merda — resmungou o Eli, que acordara. — Olhem. — Apontou para a Luli, que agarrara na garrafa de treino do Wit, que a deixara em plena arena depois de assassinar a Divya. Vimo-la beber avidamente. O sol estava impiedoso. — Acham que é...

— Uma armadilha? — terminei. Quando o Eli franziu o sobrolho, apontei-lhe a árvore onde o Wit se escondera. Não o víamos, mas detrás do tronco espreitavam as seis agulhetas do canhão da Claire, três de cada lado. Uma coisa era certa: o esguicho de alta pressão tinha um alcance espantoso.

— Não! — lamuriou-se a Pravika. — Luli! Tão cedo!

O Jake estava tão empolgado que quase se pusera aos saltos. Na quarta-feira, fora bombardeado com balões de água, mas a sua humilhação não se comparava com o que ia acontecer à irmã.

— Passem as pipocas!

Um, contei para dentro, e o meu coração acelerou. *Dois...*

Uma pausa.

Três!

Seis jatos simultâneos atingiram a Luli nas costas.

— Au! — exclamámos em coro. Com a *T-shirt* encharcada, ela rodou nos calcanhares e viu o Wit. Atirou-lhe a garrafa com desprezo.

— Imbecil! — gritou. — És mesmo um completo im...

— No chão, Luli! — interveio o avô Pisco. — Deitada!

Desdenhosa, ela bufou, e deixou a arena com passos furiosos.

— Cubram os ouvidos — avisou o Jake, quando a avó Biju a declarou eliminada. — Ela vai gritar.

Seguimos o conselho, mas nada teria abafado o berro de frustração da Luli.

Na arena, o Wit deixou o canhão da Claire nas ervas e subiu à árvore. A Nicole, o seu novo alvo, ficou parada a observá-lo.

— O gajo vai ganhar isto empoleirado numa *árvore* — disse o Jake. — Garanto. Vai limpar o jogo sem descer dali.

— Não vai, não — assegurei.

Ele inclinou-se na cadeira de praia.

— Vai uma aposta?

Ri-me.

— Jake, não me faças ficar-te com as gorjetas da Mad Martha's.

— *Okay*, Meredith, mas diz-me uma coisa — pediu o Eli instantes depois. — Quantas

armas tem em cima? — perguntou, apontando para a árvore. Vi uma mancha de laranja-néon: a *Super Soaker*. Parecia pender de um ramo.

— Isso é permitido? — disse a Pravika. — É melhor perguntarmos ao avô Pis...

— Senta o cu no lugar, Pravika — interrompeu a Luli, juntando-se a nós. Tudo indicava que gritar a ajudara: parecia mais calma e aceitou sem hesitar o café gelado que lhe estendi. — Sabes muito bem que a única regra é não sair da arena.

— Acho que aquela é a última — disse eu ao Eli, vendo o Wit segurar ao ombro a *Super Soaker*. Para ganhar, teria de passar ao ataque: a Nicole não se ia aproximar da árvore e o tio Brad estava a avançar pela vegetação alta apoiado nos cotovelos.

— Como vamos fazer, Wit? — perguntou a Nicole ao meio-irmão. Embora ela estivesse muito afastada, vi a bisnaga sacudir na sua mão. Não estava apontada. O seu alvo não era o Wit. — Apetece-te correr?

Ele encolheu os ombros.

— Nem por isso.

— Assim não tem graça.

— Lamento.

Pareciam estar num beco sem saída. Lá adiante, o Michael não podia estar mais angustiado. A irmã mais nova e o meio-irmão que ele adorava. Por quem devia torcer?

O Wit empunhou a *Super Soaker*, segurando-a apenas com uma mão, e a Nicole tentou duas ou três fintas, depois correu *direito* a ele.

Como o Wit previra que aconteceria.

— Larga-a — murmurei. — Agora.

— O sacana... — disse a Luli, ao vê-lo deixar cair aquela arma grande e pouco prática, levar a mão atrás das costas, puxar dos calções a bisnaga da Claire e alvejar a meia-irmã no pescoço. — Que jogada do...

— Espantosa — sussurrou a Pravika.

— Genial. — Os olhos do Jake brilharam.

— Acho que estou apaixonado — murmurou o Eli.

— Nem sonhes — resmunguei, cercada de exclamações de admiração.

— Nicole eliminada! — anunciou a avó Bijou, com um entusiasmo que não deveria demonstrar.

— *Nem sonho?* — picou-me o Eli, inclinando-se para me beliscar. — Porquê, Mer? Conta lá.

Felizmente, não tive de responder, porque a Nicole atacara o Wit. Os dois reboaram na vegetação.

— Parem! — gritaram a tia Christine e a Jeannie Dupré. — Olhem as fotos do casamento!

E o tio Brad, pensei. Agora, é entre ele e o Wit.

Por fim, a Nicole admitiu a derrota, e, seguindo o exemplo da Luli, deixou a arena visivelmente furiosa.

— Sobramos nós, tio Brad — disse o Wit, quando o pai da noiva se ergueu da vegetação. — Somos os últimos.

— Como eu previ — respondeu o meu tio, abanando a cabeça. — Sabia que serias tu ou

a Mer. — Cumprimentou-o com uma vénia. — Que ganhe o melhor.

— Que ganhe o melhor — repetiu o Wit. Ao devolver a vénia, mostrou as mãos vazias.

— Meu Deus — murmurou a Pravika. — Ele não está armado.

O Eli agarrou-se ao meu braço.

— Por favor, diz-me que ele tem outra bisnaga nos calções.

— Como queres que eu saiba? — respondi.

Os meus amigos lançaram-me olhares expressivos.

— Não tem — respondi. — Só o ia atrapalhar.

Agora, o Wit tinha de ser veloz: ia fazer o tio Brad correr. Pôs-se a descrever oitos pela arena, até que rodou bruscamente nos calcanhares e correu no sentido contrário. O pai da Sarah disparava e tornava a disparar, mas o Wit fugia aos esguichos.

— Será que ele vai usar a *Super Soaker*? — perguntou o Jake em voz alta, embora falasse para consigo.

— Eu usava a garrafa de treino — disse a Luli. — É mais fácil de agarrar de passagem.

— E se for a bisnaga? — sugeriu a Pravika.

Olhei para a assistência. Todos estavam inclinados nas cadeiras de praia e de olhos colados na arena. *Está quase*, pensei. *Vamos conhecer o vencedor daqui a nada.*

Passados cinco minutos, o tio Brad ficara sem fôlego. Não se podia dizer que estivesse em baixo de forma, mas o Wit tinha dezanove anos, e ele, quase sessenta. O Wit parou de correr e ficou de costas para nós. A transpiração escorria-lhe pela *T-shirt* e baixara o lenço para o pescoço.

— Está calor — comentou.

— Uma torreira — respondeu o tio Brad, limpando a testa.

Desarmado, o Wit começou a recuar para a linha lateral da arena e, dando-se conta, o meu tio avançou e ergueu a bisnaga.

— Não — murmurou a Pravika. — Ele vai sair da arena.

— Calma — repliquei.

O Wit continuava a recuar e o tio Brad avançava.

Devagar, sem precipitações.

Iam trocando piadas. Era como uma dança, que terminou com o Wit aparentemente encurralado.

À minha frente.

— Para! — avisei, quando ele levou a mão às costas, a postos, à espera. — Estás quase a pisar fora da arena! Não te mexas!

— Isso — concordou o tio Brad, arrastando a voz como um vilão num filme da Disney. — Não te mexas, rapaz.

Ouviu-se uma exclamação coletiva quando ele premiu o gatilho, e outra logo a seguir, ainda mais sonora, quando o Wit se baixou para fugir ao esguicho e sussurrou:

— Agora, Matadora!

Puxei a bisnaga cor-de-rosa de baixo da cadeira de praia e pu-la na mão dele. Quase a morrer de ansiedade, vi-o erguer-se, avançar de um salto e assassinar o tio Brad. Vencera.

A euforia foi geral.

— Witty! — Já ao lado do irmão, o Michael fê-lo sentar-se nos seus ombros. — O

Witty é o campeão!

Ali parado, o tio Brad não conseguia reagir.

— Mas... não. — Abanou a cabeça. — Não.

— Como assim, *não*? — interveio a Sarah. — Deixa-te disso, pai. Perdeste. — Deu-lhe um beijinho. — O segundo lugar também é excelente!

— Ele violou as regras — queixou-se o tio Brad, quando os meus avós se aproximaram. O Michael pôs o Wit no chão. — A Meredith passou-lhe a bisnaga.

— Sim, querido — confirmou a avó Bijú —, mas nenhuma regra diz que o jogador não tem direito a uma ajuda do público. — Sorriu. — Os finalistas e respetivas armas têm de estar em campo — acrescentou, indicando a linha que o meu pai desenhara com tinta em *spray* na tarde da véspera. — Essa é a única regra.

— Mas a cadeira da Mer está para lá da linha, mãe — argumentou o tio Brad. — Como as outras todas.

— Por acaso, não — disse eu. — Porque isto é uma *espreguiçadeira*.

Mais um achado no barracão do Anexo. Era velha e estava desbotada, mas ainda servia, e o instinto dissera-me que daria jeito.

— O apoio para os pés está dentro da linha, portanto, na arena — expliquei calmamente, embora tivesse o coração a mil. — Foi onde escondi a bisnaga.

Seguiu-se a inevitável inspeção. O meu avô examinou as ervas, procurando algum indício de que a bisnaga estivera ali, e, depois de consultar a avó Bijú, levou o megafone aos lábios.

— Temos o nosso campeão: Stephen Witry!

O anúncio foi recebido com entusiasmo. A Sarah abraçou efusivamente o Wit e, pelo canto do olho, vi a avó Bijú sorrir ao fazer uma festinha ao filho mais velho.

— Hás de ganhar — disse-lhe.

Quando todos se acalmaram, os meus avós entregaram a medalha de ouro ao vencedor. Na verdade, era de plástico: tinham-na comprado na drogaria e era igual às que a Claire pusera na parede do quarto.

Fiquei a observar o Wit. Apertou a mão a cada finalista, deu mais cinco à minha mãe, depois ao meu pai, e abraçou a Jeannie e os meios-irmãos. Para o fim, deixou o pai, e o abraço foi demorado.

Daí a instantes, restávamos nós os dois na arena. Ele continuava todo transpirado, mas deu-me um abraço gigante.

— Parabéns — felicitei-o. — O Eli já declarou que te ama.

Ele pousou-me e ali estava o sorriso de esguelha.

— Não teria conseguido sem ti — disse. — Devo-te a vitória.

Pestanejei.

— Achas?

Ele assentiu.

— Tenho a certeza.

— Ora, vá lá. — Fiz um gesto desajeitado. — Passei-te a bisnaga, só isso.

Ele deu-me outro abraço apertado.

— Achas que ela teria ficado feliz? — murmurou. — Sei que ia querer que fosses tu,

mas... é fixe eu ter ganhado?

— Sem dúvida — murmurei de volta. Olhando para o sol radioso, tive a certeza de que a Claire estava tremendamente orgulhosa. — Sem dúvida.

Recuando, puxei-lhe o lenço na brincadeira, depois sorri e beijei-o.

— A propósito — murmurou o Wit, beijando-me de volta —, eu não quero o Eli. — Rodeou-me a cintura. — Quero-te a *ti*.

Quero-te a ti.

O que queria o Wit dizer com aquilo? Estaria a fazer de conta, como tínhamos combinado? Ou era verdade? Não me conseguia decidir por uma das duas, mas as palavras dele soavam tremendamente verdadeiras.

Pus-me a caminho da Casa da Lagoa, ou, como a tia Christine começara a insistir em chamar-lhe, a *suite* da noiva. A Sarah convidara-me para fazer o cabelo, as unhas e a maquilhagem com ela e as damas de honor. Era apenas meio-dia, mas apetecia-me fatias douradas, por isso resolvera aparecer no *brunch* sem ser convidada, tipo *socialite*.

Na Casa Grande, os preparativos continuavam, mas o ritmo não era descontraído como na véspera. Mesas redondas e cadeiras de verga iam sendo levadas para a tenda, e, reproduzindo as imagens no álbum que a Sarah criara no Pinterest, haveria uma grande pista de dança no meio da tenda e delicados cordões de luzes no teto. Quanto aos vários exemplos de centros de mesa, estava curiosa por ver qual a minha prima escolhera.

Os meus pés levaram-me para a Casa Grande — não para ver a agitação dos preparativos, mas porque o meu avô poderia estar no alpendre.

— Meredith! — Ele ergueu os olhos do livro. Como conseguia ler com tanto barulho? — Julguei que estarias a caminho da Casa da Lagoa.

— Oh, ainda é cedo — respondi. De repente, já não me apetecia fatias douradas. — Ainda devem estar no *brunch*. Vou esperar mais um bocado.

— Acho que a Sarah não se importa se apareceres mais cedo — disse o meu avô quando me sentei na rede. Bebeu um gole de chá. — Acho que não se vai importar mesmo nada.

Anuí, mas continuei onde estava. Ficámos em silêncio, até que ele pousou a caneca e começou a falar do Wit.

— Fiquei impressionado — admitiu. — O rapaz triunfou em grande. É por isso que eu e a Biju queremos poucas regras, sabes? Quanto mais criativos os jogadores forem, mais nos divertimos todos. — Riu entre dentes. — Disse-lhe que pode visitar-nos sempre que quiser e que tem de regressar para defender o título. — Olhou para longe. — Vocês os dois deram nova vida ao jogo.

Senti uma dorzinha no coração.

— Eu admiro aquele rapaz — continuou o meu avô, antes que eu pudesse dizer alguma coisa. Na verdade, eu não queria dizer nada. Tinha a sensação de que alguém me roubara a voz. — Reconheceu que não está feliz naquela universidade, por isso vai fazer uma pausa, pensar na vida e resolver se quer mudar alguma coisa. — Assobiou. — A Nova Zelândia fica longe, mas será uma aventura. Uma aventura que vale a pena viver, diria eu, pela maneira como ele fala do assunto. Também me parece que será terapêutico, precisamente a razão por que eu e a Biju nos mudámos definitivamente para cá. Seja de verão seja de inverno, este lugar é reparador. Cura-nos.

— Sem dúvida — ouvi-me dizer. — Cura mesmo.

Sentia-me constrangida. De repente, já não estávamos a falar do Wit; estávamos a falar de *mim*. Escolhera o Hamilton College e começava o curso no outono. Era uma universidade incrível, claro, mas ficava a pouco mais de um quilómetro da minha casa e o meu pai trabalhava lá. Apresentara a candidatura antecipada em novembro, fora aceite em dezembro e não pensara mais no assunto.

Sabia que o meu avô me estava a perguntar: *Queres mesmo tirar o curso a dois passos de casa? Ou apenas tens medo de ir para longe?*

Tenho medo, respondi em pensamento. Pelo menos, quando me candidatara, esse fora o fator determinante. A Claire morrera havia menos de um ano e o desgosto era tão incapacitante que não me conseguia imaginar longe de Clinton. Assustava-me ter de falar com os meus pais pelo telefone. Sentia-me bem mais segura sabendo que estavam a uma curta descida a pé. Aliás, fora essa a minha reação ao ler que fora aceite. *Estou a salvo*, pensara. *Aqui, não me vai acontecer nada*.

A verdade era que me candidatara ao Hamilton College porque tinha medo de sair de Clinton. A minha irmã pagara com a vida a primeira aventura longe de casa. Por isso, eu não queria aventura. Queria a minha família. Queria tudo o que fosse *familiar*.

Mas, depois daquela semana... depois de celebrar o legado da Claire e conhecer alguém que queria absolutamente viver a vida ao máximo...

Começava a sentir que estar a *salvo* já não era resposta. A ideia de abdicar dessa segurança aterrorizava-me, mas sabia que tinha de enfrentar o medo.

— Vou deixá-lo ler à vontade, avô — disse, erguendo-me energeticamente da rede. — As fatias douradas esperam-me.

A Sarah e as damas de honor continuavam de pijama — vestiam todas o mesmo modelo de cetim —, e a tia Christine pôs-me a andar da *suite* quando chegou a altura de elas se vestirem. Ao descer a estrada, cruzei-me com o Wit, que vinha a subir. Trazia o fato de *surf* despidido pela cintura. Portanto, o noivo e os amigos tinham passado o dia a apanhar ondas.

— Estás aqui porquê? — perguntei. O meu coração acelerara.

Vê-lo assim deixava-me...

— Venho fazer a maquilhagem — respondeu ele, apontando para a cara. A equimose continuava esverdeada; não se esbatera suficientemente. — A tia Christine enviou-me um ultimato por SMS: queria-me aqui imediatamente.

— Ela tem o teu número e eu não? — saiu-me.

Ele pareceu ficar surpreendido.

— Queres o meu número?

— Claro!

Criei rapidamente o novo contacto, mas não lhe mandei uma mensagem para ele ficar com o meu. O que lhe ia escrever? «Olá! Sou a Meredith!» soava ridículo.

— Não entres ali — pedi, avançando um passo. Agarrei numa manga do fato. — Uma cara nesse estado é para se mostrar.

Ele esguelhou um sorriso.

— Sem dúvida dava um toque especial às fotos. — Rodeou-me a cintura, virámos costas

à Casa da Lagoa e começámos a afastar-nos. — Sabias que elas vão demorar *duas* horas?

— Sim, a Sarah disse-me — respondi. — Queres vir ao Anexo? Faço-te um *snack*, para não teres fome.

— Amanhas-te?

— Sei fazer o melhor *snack* do mundo. Cereais de pequeno-almoço, chocolate e manteiga de amendoim: misturamos tudo, vai ao micro-ondas e já está. Não conhecias?

Ele pegou em mim e começou a andar à roda. Tomei aquilo como um sim.

— Ei, cuidado! — protestei, embora estivesse a rir. — Não me estragues o cabelo!

Não conseguiria refazer o penteado. A Danielle secara-me o cabelo com secador, depois fizera-me uma coroa de tranças.

— Desculpa, desculpa. — Ele pousou-me. — O teu cabelo está muito bonito — elogiou.

Sorri.

— Obrigada.

Continuámos até ao Anexo e, depois de lhe preparar um *tupperware* de *Chez-Mix* com chocolate, manteiga de amendoim e açúcar em pó, mandei-o ir-se vestir.

— Bem, é o seguinte — disse a minha mãe, quando lhe apareci com o meu vestido creme estampado de lírios rosa-claros e azul-escuros, sem alças e com saia rodada. Estava de saltos altos e pusera o colar de dama de honor que a Claire teria usado. — Tens de levar a bicicleta.

— Espera... Hã? — Parei no meio da sala. Distraíra-me a rodopiar imaginando que já estava na pista de dança com o Wit. — Queres que eu vá de *bicicleta*?

— Sim — confirmou o meu pai. — Ontem, eles estiveram na igreja para o ensaio da cerimónia e a Christine diz que a rua é muito estreita e que estacionar ali é um pesadelo. Por isso, vamos levar poucos carros.

— Ah, *okay*. — Anuí. A igreja de Saint Andrew ficava em Edgartown, meio escondida a meio da North Summer Street. Inacreditavelmente idílica, conservava o tijolo maciço original e as janelas em arco com caixilhos brancos, mas, por outro, era *minúscula*, e a área em volta não era maior. — Isso inclui a estrada da Quinta?

Cinco quilómetros de terra batida em traje semiformal?

Não me parecia que fosse acabar bem.

— Não. — O meu pai abanou a cabeça. — O Brad e eu já andámos a fazer piscinas. Há bicicletas com fatura junto do obelisco.

— Quem mais vai pedalar até à igreja? — perguntei.

— Isto é de loucos — resmungou a Luli meia hora depois, ao sentar-se numa bicicleta de montanha laranja. — Acreditem: vamos chegar *atrasados*. Às tantas, entramos de rompante na igreja no «fale agora ou cale-se para sempre».

— *Ninguém* se vai atrasar — declarou a Pravika. — São quinze minutos até lá.

— E eles ainda estão a fotografar o «antes» — informou-nos o Eli, dando um suspiro.

Para sua frustração, não conseguira aparecer de surpresa nessas fotos.

— Se estás tão preocupada, que tal irmos andando? — sugeriu o Jake, olhando de soslaio para a irmã.

Pusemo-nos os cinco a caminho da vila, seguidos pela pequenada. A Luli e o Jake iriam

na frente, e o Eli, no meio. Eu e a Pravika iríamos atrás, e os sapatos de salto alto já estavam nos cestos das bicicletas. Resolvêramos pedalar descalças. Ia ser divertido.

O sol olhava-nos de um céu azul sem uma única nuvem. Continuámos pela ciclovia e delicieei-me com a fragrância salgada que nos rodeava. *Ela vai-se casar, Claire*, disse em pensamento. *Chegou o dia da Sarah*.

Passámos pelas pastagens verdejantes da Quinta Morning Glory, por típicas casas da Nova Inglaterra com revestimento de cedro e por acessos particulares que desapareciam a serpentejar pelas colinas, até surgirem os passeios de tijoleira de Edgartown.

— Cuidado! — avisou o Eli, olhando por cima do ombro. — Não se cheguem para a beira!

— Olha, Nick! — ouvi exclamar. Voltei-me e vi uma rapariga loira de mão dada com um jovem de barba ruiva. — Parecem mesmo a família Von Trapp, não é?

Sorri para comigo. Aquilo definia-nos na perfeição, sem dúvida.

Quando deixámos as bicicletas no suporte de estacionamento junto da Edgartown Books, os convidados já faziam fila para entrar na minúscula igreja. Encaminhámos a pequenada para a North Summer Street. Ao chegarmos, o Eli bateu palmas duas ou três vezes.

— *Okay*, malta! — exclamou. — Encontrem os vossos pais!

Os meus estavam sentados quase diante do altar. Quando ocupei o meu lugar no banco, eles olharam e riram-se.

— O que é? — perguntei, nervosa. — Aconteceu-me alguma coisa? — Levei a mão ao cabelo, para confirmar que não estragara o penteado.

— Os teus sapatos? — perguntou a minha mãe. — Ficaram pelo caminho?

Olhei. Estava descalça.

Raios. Estavam no cesto da bicicleta. Com tantas crianças a nosso cargo, acabara por me esquecer de os calçar outra vez.

— Estou a homenagear a Sarah — declarei, mexendo os dedos dos pés para eles repararem nas unhas pintadas. — Como ela anda descalça na Quinta, resolvi descalçar-me para a ver casar-se.

O meu pai tornou a rir.

— Adoro-te, filha — murmurou, e beijou-me o cabelo. — Não fazes ideia de como eu e a tua mãe te adoramos.

*

Tal como o convite dizia, a cerimónia começou às quatro da tarde com a entrada dos avós na igreja ao som de um prelúdio tocado no trompete. Quando vi o avô Pisco e a avó Biju avançar de braço dado até ao altar, ela, com uma aura de rainha, ele, incapaz de conter um sorriso de satisfação, tive de esconder a cara no *blazer* do meu pai para não me desfazer em lágrimas. «Não sei, Sarah», brincara o avô Pisco, depois do anúncio do noivado. «Percebo que queiras casar-te na Quinta, mas claro que isso implica uma entrada formal dos avós na igreja, com toda a pompa e circunstância. É sinal de respeito.»

— Não há dúvida de que o Pisco adora dar nas vistas — murmurou o meu pai.

— É o *maior* — murmurei de volta.

— Sem dúvida — concordou ele. — São os dois.

A Danielle e o Gavin foram o primeiro par do séquito nupcial. Vestidas de azul-esverdeado, as damas de honor estavam um sonho. Por sua vez, os amigos do noivo vinham de *smoking* azul-marinho com um laço azul-claro igual ao do Michael — que, de tão empolgado, parecia a um passo de fazer sapateado.

Depois, vinham o Wit e a Nicole, zonzos de alegria e a saltitar em diante, incapazes de avançar com mais sobriedade.

— Oh, meu Deus — ouvi a Jeannie murmurar, e o meu tio-avô Richard perguntou se eles estavam bêbados. Eu sabia que não. Estavam *eufóricos*: o irmão ia casar-se.

Por fim, entrou a Sarah, pelo braço do tio Brad. Segurava um lindíssimo ramo de hidrângeas e sorria de felicidade. O vestido era tão simples quanto deslumbrante: branco, sem mangas, com decote gota e sem costas. Prendera os cabelos acobreados para mostrar uns vistosos brinco cor de pérola. Ela e o Michael tinham escolhido ver-se antes da cerimónia, mas, ainda assim, ele parecia hipnotizado. A Sarah deteve-se momentaneamente antes de subir ao altar e o seu sorriso tornou-se ainda mais radiante. Li-lhe os lábios: *Olá! Tu aqui?*

O sorriso não esmoreceu durante as leituras, uma delas feita pelo Oscar Witry. Seguiram-se os votos, assumidamente lamechas e de nos derreter. Claro que a Sarah não poderia deixar de citar a Taylor Swift, e os seus votos acabavam com um verso de um clássico: «*Lover*.»

Depois do beijo, juro que a minha prima irradiava literalmente felicidade quando os dois avançaram para a saída da igreja. De pé, os convidados aplaudiram os noivos e festejaram com gritos entusiásticos. Antes de passarem a porta, o Michael ergueu vitoriosamente o punho.

Senti que a Claire estava ao meu lado.

— Hip, hip, hurra! — sussurrei. — Já há nova Dupré.

A recepção foi a materialização do álbum que a Sarah criara no Pinterest, sem dúvida. Fiquei incrédula quando entrei na tenda e vi todas aquelas luzinhas e arranjos florais. A pista de dança era uma grande área circular, as toalhas de mesa brancas jogavam lindamente com as cadeiras de verga e os centros de mesa eram miniaturas de faróis engrinaldadas de hidrângeas azuis.

— Qual é a tua mesa? — perguntou o Wit, segurando um seixo cinzento com *stephen wittry* escrito a preto em letra caligráfica. Adorava aquele nome. Provocava-me os arrepios mais deliciosos.

— Vejamos... — Aproximei-me da credência e localizei o meu seixo.

E ali estava aquele nome ao lado do meu: *benjamin fletcher*.

Alguém não fora informado de que o Ben não viria. Possivelmente, a tia Christine ou a Sarah tinham-se esquecido de passar a mensagem. Ri-me — e nem sequer foram risadinhas discretas. Sentia-me otimamente.

— O que foi? — perguntou o Wit ao ver-me tão animada. — Qual é a piada?

Estendi-lhe o seixo com o nome do Ben.

— Vê só — disse-lhe.

O Wit examinou-o demoradamente, resmungou qualquer coisa, deu meia-volta e deixou a tenda. Na minha cabeça, vi-o lançar o seixo para as dunas. Ao regressar, esguelhou um sorriso.

— Vai uma bebida?

— Sim, por favor — aceitei, e juntámo-nos à longa fila para o bar. O Eli, a Pravika, a Luli e o Jake já tinham tratado dessa parte, e, agrupados junto do bolo de noiva, que tinha três andares, bebiam o ponche de limonada de amoras silvestres de que a avó Biju passara a semana a falar. Ainda não fora servida, mas sabia que era delicioso: a minha avó fizera a sua receita secreta.

— Meredith? — chamou alguém, pouco depois. — És tu? — Voltei-me. Era uma prima da Sarah. Chegara de manhã. — Há anos que não te via!

— Olá, Darcy — saudei. Lembrava-me dela. Fizera férias connosco havia muito tempo. Na praia, era tão conversadora que, à noite, eu adormecia com a voz dela na cabeça. — Como vais?

Ups. Abrira inadvertidamente a porta a pormos a conversa em dia. Ela falou, e eu ouvi e fui fazendo que sim, mas só conseguia pensar na limonada. Além disso, tinha a barriga a dar horas.

O Wit interrompeu-a da maneira mais educada: apresentou-se.

— Sou o meio-irmão do Michael — explicou. Ela olhou-nos como quem avalia, depois sorriu.

— Fazem um casal muito fofo — elogiou, e bebeu um golinho de vinho. — Namoram há quanto tempo?

Estremeci. Queria responder «Nós não somos namorados», mas sabia que as aparências diziam o contrário: o Wit rodeara-me distraidamente a cintura e eu apoiara o queixo no ombro dele, e ele, o seu na minha cabeça. Era tudo tão natural... de uma naturalidade espantosa, mas que doía *horrores*.

O Wit endireitou ligeiramente as costas, mas o braço continuou firme na minha cintura.

— Não há muito tempo, Darcy. — Aclarou a garganta. — Há dois anos, a Claire, irmã da Meredith, tentou que a gente se conhecesse, mas só aconteceu esta semana.

— Esta semana? — A Darcy riu-se. — A sério? — Segurou-me o braço. — Parece que se conhecem há um ano!

— É verdade — concordou o Wit, e eu fiz que sim. Não por estarmos a fingir, mas porque o meu coração...

O meu coração acelerara como se quisesse voar. O Wit tinha esse efeito em mim.

— É verdade! A mensagem! — exclamei, quando finalmente chegámos ao bar. — Tenho de te mandar uma, para ficares com o meu número.

Ele não desviou os olhos do empregado que nos estava a servir.

— Não é preciso — respondeu baixinho.

— Hã? — Aceitei a bebida. — Não queres trocar mensagens?

— Quero, claro — disse ele. — Mas não é preciso mandares-me o teu número. — Passou a mão pelo cabelo e suspirou. — Já o tenho.

Não sabia se ouvira bem.

— Tu já...

— Aquilo há bocado era a sério — murmurou. — A Claire *queria* apresentar-nos. Naquela noite, deu-me o teu número antes de se ir embora do restaurante.

Senti que ia chorar.

— Mas depois não disseste nada — murmurei, com a voz presa na garganta. Deixei que ele me levasse do bar. — Não me mandaste nenhuma mensagem.

Ele quase sorriu.

— Matadora, querias que eu te mandasse uma mensagem a dizer o quê?

Qualquer coisa, porque eu te teria adorado, respondi em pensamento. *Adoro agora e teria adorado há dois anos.*

— Além disso — continuou o Wit, segurando a minha mão —, a Claire esqueceu-se de mencionar o teu namorado. — Calou-se momentaneamente. — Admito que, logo na altura, te procurei no Insta...

— Vês? — exclamei, tão empolgada que quase me voou limonada de amoras silvestres do copo. — Dizes que *pouco vais* ao Instagram, mas passas lá a vida!

Ele corou.

— *Okay*, encontrei-te no Instagram — recapitulei. — E estiveste a cuscar.

— Estive a ver o teu perfil — corrigiu ele. — Eu não *cusco*.

Bebi um golinho de limonada.

— Hum-hum.

Ele bebeu um golinho da sua.

— Hum-hum.

— E chegaste a alguma conclusão? — perguntei.
— Pareceu-me que querias contar determinada história — respondeu ele.
— E queria — reconheci, pensando no tempo ridículamente desperdiçado a editar fotos e a pensar em legendas inspiradas. — Mais alguma coisa?
Ele hesitou.
— Diz — encorajei-o. — Podes dizer.
O Wit baixou os olhos para o ponche, depois encarou-me.
— Não me pareceste a rapariga de quem a Claire tinha passado o jantar a falar — confessou. — Estou a ser muito sincero.
Não consegui dizer nada. Sabia que era verdade. Nunca fora a rapariga leve e despreocupada que aplicava filtros cor-de-rosa nas fotos do Instagram, passava as festas a fazer poses e andava pelo braço do namorado como um acessório. O meu verdadeiro eu adorava apanhar sol e rir às gargalhadas com os amigos, dormia numa cama de beliche suja de areia da praia e sorria ao lamber molho de manteiga da cara de um rapaz lindo chamado Stephen. Essa era eu.
O Wit segurou a minha mão.
— Mas isso só me deu mais vontade de te conhecer.
Apertei a dele e beijei-lhe os nós dos dedos, mas não disse nada.

Para a primeira dança de casados, o Michael e a Sarah não escolheram uma canção da Taylor Swift, mas sim «Hearts don't break around here», do Ed Sheeran, que foi tocada pela banda. Observados por setenta e cinco convidados, comportavam-se como se estivessem sozinhos. Enlevados, sorridentes e completamente apaixonados, a minha prima e o marido apenas tinham olhos um para o outro.

— Esqueçam — disse a tia Julia, na nossa mesa. A tia Rachel convencera-a a vir ao copo-d'água: estava ótima, e o bebé também. — Adoro esta música, mas ninguém me convence de que foi o Michael a escolhê-la. Ele gosta de R&B.

— Mas também é um *sheerio* — revelou o Wit, sentado ao meu lado. Decidira estar ora na sua mesa, ora na minha. — Não quer que se saiba, mas é um *sheerio*.

— Hã? — perguntou o meu pai, inclinando a cabeça. — O rapaz é o quê?

— Um *sheerio* — repeti. — A Sarah é uma *swiftie* porque é superfã da Taylor Swift, e o Michael é um *sheerio* porque adora o Ed Sheeran.

— Nesse caso, eu sou o quê? — perguntou o meu pai. — Sou fã do Dave Matthews, portanto... — Na brincadeira, encheu o peito. — Já o vi em concerto quarenta e cinco vezes.

— Uau, Tom — replicou a tia Julia, impassível. — Aí está uma coisa que eu não sabia. Debaixo da mesa, o Wit pousou a mão no meu joelho.

— O que foi? — murmurou.

Não desviei os olhos da Sarah e do Michael.

— Nada. Porque perguntas isso?

— Vejo que tens alguma coisa.

Senti um ligeiro rubor e ordenei mentalmente às minhas faces que não corassem.

— Está tudo bem — assegurei, e dei-lhe um beijinho na cara, depois outro, e mais um. Sentada à minha frente, a minha mãe lançou-me um olhar que dizia tudo. — Estou desejosa de dançar contigo, só isso.

— Só mostra que és inteligente — respondeu ele, a fazer-se de armado em bom. — Sou um excelente dançarino.

— Ah, sim?

— Sou, sim senhor — confirmou ele. — Podes não acreditar, mas dançar e esquiar não são coisas muito diferentes... — E calou-se, porque a música chegou ao fim e todos se ergueram para aplaudir os noivos. Agarrou no casaco, que pusera nas costas da cadeira. Ia voltar para a sua mesa. A família esperava-o. — Já vais ver. — E piscou-me o olho.

Toda a gente adorou os brindes. A Danielle disse que a Sarah era a irmã que ela nunca tivera, enquanto o Gavin leu as mensagens que o Michael lhe enviara depois de conhecer a Sarah.

— Foi há cinco anos e nunca as apaguei — salientou. — Dizem que, pelas mensagens, não se percebe o tom, mas, de cada vez que ele me enviava outra... — Abanou a cabeça. — Logo na altura, percebi. O Michael tinha bebido uns copos e as mensagens estavam todas mal escritas... mas *senti*, soube que, daquela vez, era *especial*. — Ergueu a *flûte*. — À tua, amigo. Um brinde a ti e à tal rapariga «podre de boa, mas que deve ser marrona como tudo» que conhecestes na aula de Psicologia que começava «cedo como a merda»!

A Sarah e o Michael já choravam de tanto rir. Na brincadeira, ela deu-lhe um murro no braço.

— Aquilo são *elogios*? — refilou. — E tu chegavas sempre quase ao fim da aula!

— Mas ia! — defendeu-se ele. — E eu disse que eras podre de boa, não ouviste?

A tenda explodiu em gargalhadas e, instantes depois, o jantar foi servido. Igual a mim mesma, não toquei na salada, antes afastei a cadeira e fui ter com a Danielle, que, algumas mesas adiante, ia devorando a sua. Ao ver-me, pousou o garfo e fez espaço na cadeira para eu também me sentar.

— O teu discurso foi lindíssimo — elogiei.

— Obrigada — agradeceu ela. — O Gavin foi genial, mas eu quis dizer o que me ia no coração. — Sorriu. — E baralhei-me toda, claro.

— Não achei — disse eu. — Mesmo. Adorei aquela parte sobre queres parar durante um semestre e o que a Sarah disse quando lhe pediste a opinião. — Engoli em seco.

A Danielle bebeu um golinho de água.

— Começas o curso dentro de um mês, não é?

Assenti.

— E como te sentes?

— Confusa — admiti, e lembrei-me da conversa com o meu avô. Queria estar perto de casa ou apenas tinha medo de ir para longe? Tivera *medo* e quisera sentir-me *segura*. Agora, estava *preocupada*. E se me precipitara? Será que estaria preparada para a universidade?

Há mais do que um caminho, pensei. O discurso da Danielle fizera-me ver que, na noite anterior, o Wit acertara no alvo. «Sinto que precisas de alguma espécie de *mudança*», dissera ele.

A Danielle inclinou a cabeça.

— Precisas de falar, Meredith?

— Sim — respondi. — Acho que sim.

Fiquei aliviada quando o jantar terminou e a banda recomeçou a tocar. O tio Brad e a Sarah dançaram, como mandava a tradição, e, no fim da música, o meu tio estava ensopado. A própria Jeannie Dupré precisou de lenços de papel para secar a transpiração enquanto dançava com o Michael. Por fim, o avô Pisco estendeu a mão à avó Bijú: a pista estava aberta. Aos poucos, os restantes juntaram-se-lhes. Sorri de orelha a orelha quando o Wit me fez rodopiar nos seus braços.

— Ena! Tu *sabes* dançar! — elogiei, quando os nossos dedos se entrelaçaram para dançarmos a valsa. Não se podia dizer que dominássemos essa arte, mas safámo-nos.

— Pois sei. Obrigado por reconheceres o óbvio! — respondeu ele, e arreganhou um sorriso.

Inclinei a cabeça para trás e ri às gargalhadas.

— O que é? — perguntou ele. — O que tem tanta graça?

— Os teus dentes — respondi. — Vê os teus dentes.

Estavam roxos: a limonada de amoras silvestres.

— Oh, não! — Ele largou bruscamente a minha mão e cobriu a boca. — O que dirá a tia Christine?

Revirei os olhos e, tornando a segurar a minha mão, ele inclinou-me para trás sem eu estar à espera. Ainda por cima, estava de saltos altos. De certeza que parecia o Bambi na parte em que ele é bebé. Metade do meu cabelo já se soltara da coroa de tranças.

— Deve achar que estamos a fazer uma linda figura — respondi.

— Uma linda *figura*? — replicou ele. — Nós *somos* lindos!

A tenda estava abafada, mas senti um arrepio de desconforto na mesma, porque, ainda que ele estivesse a brincar...

— Não uses essa palavra. — Abanei a cabeça. — Tu tinhas dito, tinhas prometido...

Ele beijou-me.

Os seus lábios pintalgados de sumo de amoras silvestres roçaram os meus, apenas isso, mas, no mesmo instante, disparou um *flash*. Andavam por ali três fotógrafos.

— Achas que fomos os visados? — sussurrei.

— Como podíamos não ser? — perguntou ele de volta. Recomeçáramos a dançar.

Escondi a cara no peito dele e ri, depois encostei momentaneamente a cabeça. Ele desfizera o laço e desapertara os primeiros dois botões da camisa. Inspirei o cheiro dele, que se tornara tão familiar: laranjas, transpiração, protetor solar, o oceano.

Era de derreter. Queria *derreter-me* nos braços dele.

— Não, a sério — continuou o Wit —, somos o par mais fotografável da noite.

O par mais *fotografável*.

Lembrei-me.

Ergui prontamente a cabeça.

— Eli! — chamei, olhando em todas as direções e rezando para que ele não estivesse nas redondezas. Passara a noite a andar de grupo em grupo, e havia o sério perigo de o ver na

minha foto com o Wit. Algo me dizia que ia ser uma imagem memorável, que eu...

Sim, ia querer guardá-la para sempre.

— Eli!

— Sim? — Olhei por cima do ombro e vi-o a uns dez metros, prestes a fazer-se convidado para uma foto de familiares do lado da tia Christine. — Está tudo *okay*?

Estava tudo mais do que OK.

Continuei a dançar com o Wit durante mais um bocado, depois foi o meu pai a fazer-me rodopiar na pista de dança. Seguiu-se o avô Pisco e, por fim, resolvi ir felicitar o noivo. Tinham acabado de cortar o bolo e o Michael ficara com restos de creme na cara.

— Nem penses que vais lamber — brincou. — Já sei que tu e o Witty têm essa tara, mas... — Ergueu a mão e a aliança brilhou-lhe no dedo. — Sou um homem casado, Meredith.

— És, pois — concordei, e olhei para a minha prima, que já se descalçara. Estava a segredar ao Wit, que ia na segunda fatia de bolo. — Não julgues que isso vai desencorajar a minha avó.

Não era segredo para ninguém que ela estava um bocadinho apaixonada pelo Michael.

— Hum, desconfio que não tenho de me preocupar — respondeu ele, e indicou-me a mulher e o meio-irmão. A avó Bijou fora juntar-se a eles. Abraçou a Sarah, depois afagou o rosto do Wit. — Ela já está de olho na nova presa.

Vimo-la sorrir como uma adolescente ao compor-lhe o cabelo.

— Se gostas dele, não o deixes fugir — aconselhou o Michael.

Fiz um gesto despreocupado.

— A avó Bijou é inofensiva.

— Não, Mer, agora a sério — disse o Michael. — Imagina que, há cinco anos, eu faltava àquela aula. — Indicou a Sarah. — Podia ter perdido a minha oportunidade. Ela reparou em mim *nesse* dia. Devíamos ser uns duzentos, mas ela viu-me, nem sei como. — Encolheu os ombros. — Noutro dia, talvez não tivesse visto. Mas aconteceu, naquele dia, e aqui estamos. *Todos nós*. — Tornou a observar o irmão, depois lançou-me um olhar que dizia tudo. — Basta dessa patetice de *fazer de conta*. Se gostas dele, *não o deixes fugir*. Não percas a tua oportunidade.

A Sarah atirou o ramo de hidrângeas e os noivos deixaram a festa para começar a lua de mel. Eu e o Wit fartámo-nos de rir: a Nicole Dupré apanhou o ramo, mas o Eli também saltou.

«Já vou em trinta», dissera-nos antes. «Apresentei-me e pus-me em pose, sentei-me às mesas e sorri, e fiz a minha cena na pista.» Abanou a cabeça. «Acreditem, fiz *tudo*.»

A um canto, eu e o Wit íamos bebendo de uma garrafa de espumante levada da mesa sem ninguém ver. Sentia um calor delicioso no estômago, mas não sabia se era do espumante ou por causa *dele*.

— Sabias que a tua cara tem a forma de um coração? — perguntou ele.

— Não — respondi. — Não fazia mesmo ideia.

— Mas tem — insistiu ele, e desenhou-a suavemente com a ponta do dedo. — Deve ser

por teres um coração grande.

Abri um sorriso arreganhado.

— Não é a tua frase mais conseguida.

Ele esgueirou um sorriso.

— Pois não. — Tornou a erguer a mão e passou o dedo pelos meus lábios. — Esta noite não te beijei que chegue — murmurou, melodioso. — Parece que dás vontade de beijar-me mais.

— Parece...? — Acariciei-lhe a nuca, e os formigueiros deixaram-me zozos. — Só isso? Não dou *mesmo*?

O Wit suspirou.

— *Okay*, quero desesperadamente beijar-te mais.

— Desesperadamente?

— Desesperadamente.

Mas, quando ele se inclinou, esquivei-me.

— Aqui não. — Indiquei a saída da tenda. — Vem comigo.

Saímos discretamente para o alpendre da Casa Grande e trocámos a garrafa de espumante pela colcha que a minha avó tinha sempre na rede. Lancei-a para as mãos do Wit e ele pô-la pelos ombros. Descalcei-me.

— Onde vamos? — perguntou ele.

— Já vês — respondi, com o coração na garganta.

A semana chegara ao fim. Restava-nos aquela noite.

As estrelas cintilavam e o luar era tão brilhante que não precisávamos de lanterna. Paqueta inundara-se de uma luz misteriosa que nos fazia sentir que o mundo estava cheio de possibilidades. Perdemos-nos pelos caminhos da Quinta, eu, descalça, mal se ouvindo os meus passos, o Wit, a arrastar os pés de vez em quando. Se percebeu onde íamos, não disse.

A vegetação alta sussurrava conforme nos aproximávamos das dunas, e as ondas não embatiam contra a praia, antes chegavam de mansinho e tornavam a recuar.

Foi há menos de uma semana, disse para comigo. Havia menos de uma semana, ele surpreendera-me durante um passeio noturno. Eu ameaçara-o com uma faca imaginária, mas, no final dessa noite, não queria que os joelhos dele parassem de roçar nos meus. O Wit tinha uma energia viciante. Tudo nele era viciante.

— Já tinha pensado que talvez viéssemos dar aqui — confessou ele, quando localizámos o nosso cantinho abrigado. Tirei-lhe a colcha dos ombros e estendi-a sobre a vegetação seca das dunas. Observámo-la. Estava à nossa espera.

Sentíamo-nos constrangidos ao dar o primeiro beijo no quarto dele, mas, ali na praia, não houve hesitação, aconteceu. O Wit puxou-me para si e beijou-me, e eu abracei-me ao pescoço dele e rodeei-lhe a cintura com as pernas.

Tirei-lhe o casaco e senti-o correr o fecho do meu vestido, que me caiu para as ancas, depois ao chão quando ele me pousou. Juntos, desabotoámos-lhe a camisa. Beijei-lhe o ombro, a clavícula, a garganta, o brilho azulado da pele dele ao luar.

— Adoro-te — murmurei. — Diz-me que sabes que eu te adoro. Por favor.

Em vez de me responder, ele tornou a beijar-me. Foi um beijo demorado, como se tivéssemos todo o tempo do mundo, e os seus lábios trouxeram de volta a sensação de

espirais que eu adorava.

Ele sabe, disse a mim mesma, antes de acontecer mais. *Eu sei que ele sabe*.

Continuámos deitados na colcha da avó Biju, nos braços um do outro. Não sabia que horas eram, a realidade esbatera-se e era uma sensação deliciosa, maravilhosa. Aconcheguei-me no calor do peito dele e senti os seus dedos acariciarem-me as omoplatas. Era como se borboletas tivessem pousado na minha pele.

— Hum — murmurei, mas ele continuou silencioso. Só falou quando eu estava quase a adormecer.

— Sei que não gostas de ouvir isto — disse-me —, e sei que prometi não repetir, mas tu és linda, Matadora. És um borracho, és linda, pões-me a cabeça a andar à roda e deixas-me *hipnotizado*. — Calou-se um momento. — Mas és *muitas* outras coisas. És tudo o que a Claire disse e mais. És inteligente, cómica, doce, cheia de vida, forte, corajosa... e podia continuar. Porque tu és *mil* coisas. — Beijou-me a cabeça. — E sei que me adoras — sussurrou. — Mas não tanto como eu a ti.

DOMINGO

O sol ainda não se mostrara quando eu e os meus pais levámos as coisas para o carro. Estava uma manhã cinzenta e triste. A partida era sempre a parte má e a ilha parecia sentir isso.

— *Okay* — disse o meu pai, fechando vigorosamente a porta traseira da *pick-up*. — Vamos a isto?

Fiz que sim, embora a cabeça me doesse e tivesse os olhos inchados de chorar. No fim do verão, antes de ir apanhar o *ferry*, tínhamos as nossas rondas de despedidas. Os meus pais seguiram para a Casa Grande e eu pus-me a caminho da Casa da Lanterna, para começar pelo tio Brad e pela tia Christine.

— Espero que sejas finalista no próximo ano — disse ele ao abraçar-me. — Mereces a desforra. Sinto que foi pura sorte assassinar-te daquela maneira.

— Vou ser, tio. Não duvide. — Abracei-o de volta, depois agradei à tia Christine por um casamento maravilhoso. — Foi uma das melhores noites da minha vida — disse-lhe, e estava a ser absolutamente sincera. — Espero que seja a tia a organizar o meu.

— Oh, Mer... — Ela abanou a cabeça e sorriu. — Isso farás tu e a tua mãe. — Deu-me um beijinho e sussurrou: — Mas não me importo de ser a vossa consultora.

A paragem seguinte foi no Pavilhão, onde devorei *waffles* com o Ethan e a Hannah.

— Passem no hospital — sugeriu a tia Julia. — Despedem-se da Rachel e conhecem o bebé.

— Tia Julia, se fôssemos conhecer o Oliver, nunca mais apanhá-vamos o barco — brinquei. — Já sabe que adoro bebés. — Arreganhei um sorriso. Planeámos uma paragem no hospital a caminho da estação fluvial, claro. Não se punha a hipótese de eu deixar Martha's Vineyard sem conhecer o meu primo recém-nascido.

Despedi-me do Ethan e da Hannah com abraços apertados. Seguiu-se a Casa Grande.

— Depois fazemos desenhos para o teu quarto na universidade — disseram eles.

Senti um formigueiro de apreensão.

A universidade.

— Obrigada — agradei. — Estou desejosa de os ver.

Estaria?

A caminho da Casa Grande, cruzei-me com os meus pais.

— A Biju já tem o chá à tua espera — avisou a minha mãe.

— E a tia Julia fez *waffles* a contar com vocês — respondi.

— Andamento, senhoras — apressou-nos o meu pai, e eu e a minha mãe trocámos um revirar de olhos. Na Quinta, o meu pai era o vagar em pessoa, mas só até ao dia da partida. Nessa altura, acabava-se a descontração: queria apanhar o primeiro *ferry* e não descansava até avistar a nossa casa. Felizmente, desta vez, a minha mãe conseguira convencê-lo a deixar-nos dormir até tarde, para recuperarmos do casamento.

Os meus avós esperavam-me na cozinha — levantara-se vento e cá fora estava

desagradável. Encontrei-os muito calados e bebi o chá em silêncio.

— Ontem foi fantástico — acabei por dizer. — Acho que nunca tinha visto a Sarah tão feliz.

— Sim — concordou a avó Bijú. — Achei o mesmo. Foi uma noite inesquecível. — A sua mão macia afagou a minha. — Meredith — disse —, longe de nós querer pressionar-te, mas refletiste no que o avô te disse?

O que o avô te disse.

O que ele me dissera fingindo estar a falar do Wit.

O medo de me aventurar e o desejo de segurança. Entretanto, surgira o medo de estar a tomar a decisão errada.

Devia ir para Hamilton no outono ou parar durante um ano?

Enfrentei o olhar do meu avô.

— Estou a pensar — murmurei. — Estou *mesmo*, juro. — Senti um nó na garganta. — Tenho o seu apoio, avô? Decida de uma maneira ou de outra?

O avô Pisco avançou até à mesa e afagou-me os ombros.

— Sou o teu fã número um — declarou. — Desde *sempre*. Resolvas o que resolveres, tens o meu apoio incondicional.

— E o meu — disse a minha avó. As pulseiras chocalharam quando ela me abraçou. Inspirei o seu perfume de lavanda. — Nós amamos-te muito, querida. Tens todo o nosso apoio.

De olhos cerrados para não chorar, respondi que também os amava muito.

O avô Pisco foi o primeiro a afastar-se.

— Agora mexe-te, rapariga — apressou-me. — Tens mais despedidas a fazer e o teu pai está com pressa.

Na Casa da Lagoa, ninguém acordara, e preferi não passar na Cabina. Na Casa da Charneca, só o Oscar Witry e a Jeannie estavam acordados — e cheios de energia. A mãe do Michael ofereceu-se para me preparar qualquer coisa rápida, mas eu abusara dos *waffles* e não me cabia mais uma migalha no estômago. Agradei e abracei-a.

— Eu sei que não é fácil, mas gostávamos muito que nos visitasse em Nova Orleães, menina Meredith — murmurou ela, afagando-me as costas. — Apareça quando quiser. Não faltam coisas para ver na cidade e, para nós, será um gosto.

A minha última paragem foi no Condomínio do *Nylon*. A tenda do Eli e do Jake estava fechada e encontrei-os a dormir: não tinham obrigações matinais. Todos eles iam passar o verão em Martha's Vineyard.

— Esta noite vou curar a neura no trabalho — disse o Jake, quando o acordei. — Faço um *sundae*, carregado nas pepitas multicolores, depois como-o em tua honra. — Bocejou. — Vou ter saudades tuas, Mer.

— E eu de ti, Jake — respondi. — Vamos falando.

— Espero bem que sim — resmungou o Eli quando lhe disse o mesmo e lhe revolvi o cabelo comprido. — E volta no próximo verão.

— Volto, pois. — Ri-me. — Prometo.

Claro que estaria de regresso no verão. Os próximos nove meses eram uma incógnita, mas uma coisa era certa: dentro de um ano, estaria outra vez em Martha's Vineyard, na

Quinta, com as pessoas de quem mais gostava no mundo. A Claire sonhara trabalhar na ilha e isso inspirava-me. A minha irmã seria sempre a minha maior inspiração.

Respirei fundo antes de entrar na tenda da Pravika e da Luli. Da Divya, nem sinal. *Estará com um amigo do noivo?*, perguntei-me.

— Não — choramingou a Pravika quando me despedi. Agarrou-me a manga da camisola como se não me fosse deixar ir embora. — Não vás já. Só passou uma semana. Não nos podes abandonar tão cedo.

Suspirei.

— O dever chama-me — expliquei. — Estão à minha espera na *bagel shop* em Clinton. Vou voltar para a escravatura. — (Na verdade, o meu patrão mostrara-se seriamente contrariado quando eu lhe pedira uma semana de férias.)

Escondida no saco-cama, a Luli resfolegou.

— Odeio-te. — A Pravika abraçou-me com força. — E adoro-te.

— Também te adoro — respondi, depois voltei-me para a Luli. Dissera a mim mesma que não estaria nervosa. Já lhe pedira desculpa. Fizera tudo ao meu alcance para resolver as coisas entre nós. Agora era com ela. Não tinha por que estar nervosa. — Então adeus, atrevida — disse-lhe. Era uma piada antiga; em pequenas, a tia Christine tratava-nos assim sempre que fazíamos das nossas. — Falamos em breve, *okay*?

Ela não respondeu logo; aguardei, e o silêncio prolongou-se. Por fim, ela voltou-se no colchão insuflável, mas continuou no seu lado da tenda.

— Vê se respondes quando eu enviar *snaps* cómicos — disse ainda. — Perdeste um dos meus anos mais criativos.

Anuí.

— Tentarei dar troco à altura.

E foi tudo. Saí. *A Luli não é de pedir desculpa*, disse a mim mesma quando os meus olhos se encheram de lágrimas. *Devia-lhe um pedido de desculpa, mas foi preciso ela passar-se comigo para eu dizer alguma coisa, daí agora achar que não tem de...*

— Meredith! — ouvi alguém chamar. — Mer! Espera!

Voltei-me e vi-a abrir caminho aos ziguezagues pelo meio das tendas. O seu cabelo escuro precisava desesperadamente de uma escova.

— O que foi? — perguntei.

— Desculpa! — disse ela, antes que se pudesse arrepender. — Sei que vem tarde, *muito* tarde, mas desculpa-me por ter sido tão horrível e pelo que disse na casa de banho sobre nos teres trocado pelo Ben e estares a fazer o mesmo com o Wit e ele ir partir-te o coração. — Suspirei. — E lamento *mesmo muito* ter-te dito para saíres depois de pedires desculpa. Entretanto, percebi... a Claire era minha amiga, mas era tua *irmã*. Doeue-me ser ignorada durante meses seguidos e sei que gostavas de ter conseguido fazer as coisas de outra maneira, mas ela era tua irmã. Se perdesse o Jake, nem sei... — Abanou a cabeça. — Nem consigo imaginar.

Os meus olhos tornaram a encher-se de lágrimas.

— Obrigada — murmurei. — Obrigada, Luli. Essas palavras significam muito para mim. Espero... — Suspirei. — Espero que voltemos a ser amigas.

A Luli lançou-me um olhar que dizia tudo.

— Nós *somos* amigas, atrevida.

Sorri.

— Amigas para sempre.

— Sim, para sempre. — Ela olhou em volta. — Mudando de assunto, onde está o teu amante não secreto?

— Ah. — O meu sorriso esmoreceu. — Já nos despedimos.

Na véspera, por fim, vestíramo-nos, dobráramos a colcha, e, silenciosos, regressáramos de mãos dadas. Paráramos junto da caixa de correio do Anexo e o Wit dera-me um longo abraço, tão apertado que sentira os meus pés deixarem o chão. Não houvera beijo de despedida.

«Chau», murmurara ele.

«Chau», murmurara eu em resposta.

Ali parada, vira-o regressar à Cabina de mãos nos bolsos e a olhar para as estrelas.

— Despediram-se?! — repetiu a Luli. — Vocês *despediram-se* ontem à noite?

— Sim. — Anuí. — Teria sido ainda mais difícil hoje de manhã...

A minha amiga ergueu a mão.

— Mas despediram-se *por agora* ou *de vez*?

— De vez — murmurei, e a dor no coração regressou. — A semana acabou, Luli. O casamento já foi.

— Meredith! — Ela parecia incrédula. — Estás a gozar?

Abanei a cabeça.

Ela fez o mesmo.

— Tu exasperas-me. Qualquer pessoa com olhos na cara viu que vocês estavam a pirar um pelo outro. Por amor de Deus, ouvi dizer que passaste a semana inteira a dormir na cama dele. — Lançou-me um olhar expressivo. — Atrevida, sem dúvida.

— Sim, pois — confirmei. — É o Wit e parecia...

Que éramos um.

Ela sorriu.

— Vês? É disso que eu estou a falar. Vocês os dois estão *longe* de ter acabado.

— Ele vai para a Nova Zelândia! — exclamei. — Vai passar *um ano* do outro lado do mundo, e, sim, pediu-me que fosse com ele, mas não sei. Conhecemo-nos há uma semana. Não paro de dizer isso a mim mesma: só nos conhecemos há uma semana.

— E então? — perguntou ela. — Vai com ele, ou fica aqui e tem a relação na mesma! — Saiu-lhe uma gargalhada. — Aposto que ele adora fazer chamadas pelo FaceTime. É uma boa oportunidade para te pores em dia nesse departamento.

As lágrimas teimavam em regressar.

— Não sei, Luli.

— Anda lá, Meredith — encorajou-me ela. — Não deixes fugir uma coisa assim.

Não deixes fugir uma coisa assim.

Lembrei-me da conversa com o Michael na véspera, quando ele disse que podia ter perdido a oportunidade com a Sarah. «Mas aqui estamos», concluía. «Todos nós.»

O meu coração acelerou. *Se gostas dele*, disse a mim mesma, *não o deixes fugir*.

Corri para a Cabina e entrei desvairada no quarto do Wit, mas estava vazio. A cama não tinha lençóis e não havia nada na mesa de cabeceira, na cómoda ou no roupeiro. Ele desaparecera e levara tudo. Fiquei com a garganta apertada. Não me lembrava de o ouvir dizer a que horas se ia embora. Se o pai e os Duprés ainda estavam na Quinta, porque não estava ele?

Onde estás, onde estás, onde estás?

— Mãe do Céu — gemeu o Gavin ao ouvir a porta de rede chiar. Entrei. — Onde é que foram buscar essa de não bater antes de entrar? — Quando se sentou na cama, vi que não estava sozinho.

A Danielle tapara-se até aos ombros.

— O Wit não está no quarto — disse eu, com a voz a falhar-me.

— Sim, seria difícil estar — confirmou o Gavin. — Já foi apanhar o *ferry*. — Esfregou a testa. — Acho que ia voltar para o Vermont.

Fiquei incrédula.

— Hã?

— Ele já se foi embora — esclareceu a Danielle, e o tom não deixava dúvidas: queria-me dali para fora. E eu entendia-a perfeitamente. — Viu que havia um *ferry* logo cedo e pediu à mãe que o fosse buscar a Falmouth. De lá, seguem para o Vermont. Alguma dúvida?

— *Okay*. — Assenti e rodei nos calcanhares. Ouvi o Gavin e a Danielle gemerem em sofrimento quando a porta de rede bateu depois de eu sair. Estava toda a gente ressecada da véspera.

— Luli — disse, mal ela atendeu a chamada. — Vem ter ao pátio dos tratores. Vamos precisar do jipe.

*

— Não era mais simples mandares-lhe uma mensagem? — perguntou a Luli em altos berros, para se fazer ouvir por cima do rugido do vento ao acelerarmos na estrada da Quinta. Íamos no velho jipe do avô Pisco e conduzia ela, porque as mãos me tremiam tanto que não teria conseguido segurar o volante ou meter as mudanças.

— Apaguei o número! — respondi. Na véspera, depois do adeus, caíra sem forças na cama da Claire, apagara o contacto do Wit, escondera a cara na almofada da minha irmã e desfizera-me em lágrimas. Acabara por decidir que seria melhor não tornar a falar com ele.

Agora, estava arrependida.

— E o Instagram? — perguntou a Luli. — Manda-lhe mensagem por lá!

— Não está a carregar! — gritei, quase histérica. — A *app* não está a carregar! — Fechei a aplicação e tornei a consultar o horário dos *ferryboats*. Eram 10h15. O último partira de Vineyard Haven às dez em ponto e o próximo saía dentro de vinte minutos. Com sorte, o Wit estaria nesse.

Olhei de fuga para o tabliê.

Íamos quase a cinquenta à hora.

Mas parecia que íamos a dez.

— Mais depressa — pedi, com o coração aos saltos. — Por favor, Luli, acelera!

Ela arrebitou a sobrancelha.

— Acelero?

— Sim. — Assenti freneticamente. — *Acelera.*

Não consegui evitar encolher-me quando ela acelerou, mas não fiquei aflita, como no começo da semana. A Luli era boa condutora; começara a andar de carro com ela antes de termos a carta. O meu avô fora um ótimo instrutor: a Luli era uma condutora conscienciosa e segura. No fundo, eu sabia que não nos aconteceria nada. Na estrada para Vineyard Haven, ela respeitou o limite de velocidade e eu concentrei-me em não morrer de ansiedade. Claro que apanhámos todos os semáforos fechados.

— O que lhe vais dizer? — perguntou ela, ao pararmos novamente.

— Não sei — respondi, retesando o maxilar. — Para já, o importante é chegar lá.

— E se ele já estiver no *ferry*?

— Compró um bilhete e... — Levei as mãos à boca. — Raios, tenho a carteira na mochila! Deixei-a na *pick-up*!

— Tranquila — disse a Luli. — Trouxe a minha e tenho parte das gorjetas do Jake.

Inclinei-me e plantei-lhe um beijo na cara.

— És um espetáculo!

Em Vineyard Haven, deparámos com uma confusão de carros à espera para embarcar. Os *Volvos* levavam caiaques nos tejadilhos, os *Range Rovers* iam cheios de malas e cadeiras de praia, e não havia um único utilitário desportivo sem um porta-bicicletas. Claro que não faltavam os *Wranglers*, mas, desta vez, sem os rádios ligados com o volume no máximo. Ninguém se sentia feliz ao deixar Martha's Vineyard.

— Boa sorte! — disse a Luli, depois de eu tirar o cinto e saltar do jipe. Os carros iam subindo a rampa. Passei os olhos pela fila dos passageiros a pé, que também estavam a embarcar. Não vi nenhum rapaz loiro-arruivado. *Okay*, disse para comigo. *Vamos a isto.*

As bilheteiras ficavam no interior da estação. Corri para lá e dei com uma fila enorme. A espera foi desesperante e, quando chegou a minha vez, o sangue latejava com tanta força nos meus ouvidos que nem conseguia falar. Estendi um maço de notas de um dólar. Nem contar eu conseguia.

Ainda não tinham fechado a porta de embarque, mas o pânico não me deixava pensar e temi não chegar a tempo.

— Um segundo! — exclamei. — Esperem por mim!

O funcionário riu-se.

— Calma, ainda entras.

Sorrindo-lhe de fugida, subi apressadamente a rampa. Se o Wit não estivesse no *ferry*, esperaria pelos meus pais na outra margem. A Luli explicar-lhes-ia tudo.

— Não, Jeffrey, ainda não — ouvi ao avançar por entre os carros. — Deixa-me tirar-te o cinto de segurança!

— Só podes estar a gozar, Becca — dizia outra voz. — Deixaste o carregador na casa?

Por fim, cheguei à escada e subi a correr.

Ele está lá em cima, pensei. *Se vem no ferry, está lá em cima.*

Apesar do vento, saí para a coberta superior. O dia desanuviara — a Claire e a sua magia, claro. Senti o sol nas costas e deixei que me aquecesse. Vi algumas famílias distribuídas pelos assentos. Junto do corrimão, algumas crianças esticavam-se para ver pelos binóculos panorâmicos.

De repente, as borboletas no estômago.

Ali estava ele, alto, magro e musculado. A água salgada deixara-lhe o cabelo áspero. Estava de calças de ganga e tinha os atacadores dos ténis mal apertados. O vento sacudia-lhe a *T-shirt* azul-clara, que, nas costas, dizia: #CadêaNovaDupré. Ao sentir as primeiras lágrimas, disse a mim mesma que não ia chorar. Continuava sem saber o que lhe diria, mas os meus pés fizeram-me avançar.

Quando ia a meio da coberta, uma menina puxou-lhe a *T-shirt* e apontou para os binóculos panorâmicos. Queria olhar. Ele sorriu e desviou-se. Apoiou-se no corrimão e contemplou o mar. A sereia anunciou a partida.

Respirei fundo.

E fui em frente.

— Ei, Stephen! — chamei. Passados dois segundos, estava ao lado dele. Abri um sorriso rasgado e segurei-lhe a mão. — Conta-me mais sobre a Nova Zelândia — pedi.

UM ANO DEPOIS

As tartes começavam a ser vendidas às duas em ponto. Era julho e estava uma magnífica tarde de céu azul. As nuvens eram tão branquinhas que davam vontade de comer. No fim do turno na livraria, vi que tinha uma nova mensagem: A que horas tenho de estar lá?

Revirei os olhos e escrevi: Não és um estreante! Às 13h50!

A resposta chegou quando me sentei na bicicleta: Calma, estava no gozo.

Às 13h53, saí da ciclovia e ali estavam os pastos a perder de vista da Quinta Morning Glory e a grande construção rústica com revestimento de cedro onde funcionava o mercado de produtores, rodeada de flores silvestres, jardins, crianças e mesas de piquenique cheias de gente. Tinha as costas transpiradas e o coração acelerado. Só esperava que ele já tivesse entrado; a competição previa-se feroz.

Evidentemente, não entrara.

— Michael! — chamei, ao vê-lo no estacionamento. Avancei furiosa pela gravilha. — Qual é a tua?!

Ele estava muito ocupado a exibir o carro novo, um *International Harvester Scout* de 1973: o clássico todo o terreno para ir à praia. Ou, como ele dizia, «o nosso carrito para as voltas na ilha». Despediu-se dos novos fãs do carro com apertos de mão e deu uma corridinha para vir ter comigo. Levei-o praticamente arrastado pelo caminho de gravilha e passámos as portas de bater. Claro que o mercado já se enchera de gente, que, embora andasse por ali às compras, estava de olho no balcão das tartes — por enquanto, vazio.

— Não entendo porque temos de ser *nós* a fazer isto — queixou-se o Michael, quando posicionei o seu corpo de futebolista para servir de barreira ao inevitável ataque assim que as tartes fossem trazidas. — Julguei que uma das vantagens era...

— Só as sobras — interrompi, avaliando a minha barreira improvisada. — E nunca sobram tartes.

Ele assentiu, depois alongou os braços e estalou os nós dos dedos. O ar inundou-se de um aroma deliciosamente doce e frutado: os pasteleiros já vinham a sair com as tartes. Os predadores avançaram. O balcão estava cercado e nem uma tarte escaparia.

— *Okay*, faz a tua magia — disse-me o Michael entre dentes.

— E tu, a tua — respondi, e preparei-me para gatinhar. — Com licença! — Comecei a abrir caminho. — Desculpem, acho que perdi um brinco! Foi uma prenda de aniversário da minha avó. Estão na família há gerações.

O Michael assobiou ao ver-me ressurgir com quatro tartes (um recorde pessoal!): mirtilo, maçã, pêssago, e, claro, morango e ruibarbo. Feito o mais importante, demos uma volta pela loja, para levar as outras coisas de que os avós precisavam para o jantar da reunião anual da família. Levámos duas dúzias de maçarocas, alface, tomate-coração-de-boi, pimentos, cebola-roxa, queijo mozarella e pão de curgete (nessa manhã, o meu pai comera o resto do outro).

— Deixas-me levar o carro? — pedi, enquanto esperávamos na fila para as caixas.

— Claro que sim — respondeu o Michael. — Depois de me prometeres que não vais à velocidade da luz.

Olhei-o com impaciência.

— Michael, eram menos de dez quilómetros acima do limite.

— Meredith, segundo a multa, eram quase *trinta*.

— Não era eu ao volante!

Ele encolheu os ombros.

— Foste cúmplice.

Sorri para comigo. Poucas semanas antes, eu, a Pravika e o Jake tínhamos levado *sundaes* da Mad Martha's para toda a gente. Exigia-se rapidez, para não derreterem. Fôramos parados por um polícia mesmo antes de entrar na estrada da Quinta. A Pravika, que nunca tivera problemas com a lei, não dera um pio enquanto o Jake mostrava a carta de condução e eu procurava o papel do seguro no porta-luvas.

Claro que ouvíramos um sermão do avô Pisco.

— Aquele carro é a minha paixão, percebes? — disse o Michael.

Resfoleguei.

— A Sarah que não ouça isso.

— Ela sabe o que eu... — começou ele a dizer, mas não ouvi o resto, porque a fila avançou, e, ao ficarmos voltados para as caixas, o meu coração parou.

De seguida, quase me saltou do peito.

— Stephen! — chamei. O rapaz na caixa dois olhou para mim. Cabelo ruivo a precisar de um pente, uns olhos azul-turquesa que irradiavam luz, ar de quem apanhara sol e aquele sorriso de esguelha que me derretia.

Com um suspiro, o Michael avançou para a caixa onde estava o meio-irmão.

— Palavra de honra que nunca me hei de habituar a essa novidade. Mais *ninguém* lhe chama Stephen. Só tu.

— Acho muito bem. Nem podem. — Ri-me. Já tinha o meu nome carinhoso personalizado para tratar o Stephen: o seu nome que mais ninguém usava.

«Isso é para continuar?», perguntara ele, meses antes. «Já não sou Wit?»

«Wit? Quem é esse?», respondera eu. Estávamos no sofá da casa da mãe dele no Vermont, a cinco dias da viagem para a Nova Zelândia.

«Tudo bem», disse ele, e atacou-me com cócegas. «*Na boa.*» Primeiro, ri às gargalhadas, depois, os dedos dele fizeram faísca na minha pele. «Mas é só por seres tu, Matadora.»

— O que fazes aqui? — perguntei, quando ele começou a registar as nossas compras. A *T-shirt* azul da Morning Glory estava imaculada. Normalmente, estava suja de terra, porque ele trabalhava no exterior.

— Um dos colaboradores está doente — explicou —, e eles não queriam a caixa fechada quando isto se enche... Eh lá! — Os seus olhos brilharam. — Quatro tartes!

— Que podias ter posto de parte e levado para casa no fim do turno — refilou o Michael, com cara de poucos amigos.

— Não podemos fazer isso.

— Mas deviam — resmungou o Michael.

Ajudei a pôr as nossas compras nos sacos. Mesmo com o desconto de colaborador do Stephen, lembrei-me do famoso dito do avô Pisco: «Ninguém sai da Quinta Morning Glory sem tartes e cem dólares a menos na carteira!»

— Alto — parou-nos o Stephen, quando íamos dar meia-volta para sair dali. — Falta uma coisa.

— Já tenho o recibo — disse o Michael. Sorri e praticamente empilhei os sacos em cima dele para abraçar o Stephen.

— És tão ternurenta... — murmurou ele, quando me pus em bicos de pés para lhe plantar três beijocas na face. Dava-lhe sempre três. Era uma daquelas coisas. Parecia que um só não chegava.

— Eu sei — respondi, enlaçando-lhe a cintura. Sentia-me nas nuvens. — Já me tinham dito.

O Michael tossicou.

— Não estás a ser profissional, Witty.

Ele baixou os braços e piscou-me o olho.

— A *minha* ternura fica para mais logo.

Pisquei-lhe o olho de volta.

— Sabes onde me encontrar.

Fui mesmo eu a levar o carro. Arrumámos a minha bicicleta atrás e, para lhe mostrar que era uma condutora conscienciosa, apanhei o cabelo, e, seríssima, pus os óculos escuros de avião que o avô Pisco esquecera ali.

— *Okay*, prego a fundo neste calhambeque! — exclamei.

O Michael riu-se.

— Tonta.

Ajeitei o boné do Hamilton College, rodei a chave na ignição, engatei a marcha-atrás e saí cuidadosamente do parque de estacionamento. O primeiro ano do curso estava feito. No verão anterior, depois de subir a bordo do *ferry* e ir ter com o Stephen, de repente, tudo fizera sentido. Ele estava cheio de vontade de viver uma aventura. Eu, não. Ou, pelo menos, ainda não. Viajar para outro continente não resolveria os meus problemas; sabia que tinha de os enfrentar onde estava e que era boa ideia ter os meus pais por perto. Tinha *medo* de ir estudar para longe? Ou *queria* estar perto de casa?

Concluí que *ambas* eram verdade. Dei-me conta do alívio dos meus pais quando sugerimos comprar as coisas que me iam fazer falta na residência universitária e, sem surpresa, o avô Pisco e a avó Biju apoiaram incondicionalmente a minha decisão.

Estava a adorar o Hamilton College. Mesmo. Completamente. Tinham-nos dividido em grupos durante a semana de receção ao caloiro e o meu acabara por se tornar muito unido. A semana chegou ao fim, mas continuámos a fazer as refeições juntos. Éramos amigos. Alguns tinham estado connosco em Martha's Vineyard havia um mês. «Olha a Luli!», exclamaram, quando eu e ela os fomos esperar à saída do *ferry*. Conheciam-na porque ela me visitara em abril. «Que fixe estares aqui!»

Estar tão perto de casa tinha vantagens: ia lá tratar da roupa em vez de usar as máquinas

da residência e os meus amigos adoravam ser convidados para uma refeição caseira de vez em quando. A minha mãe sempre gostara de cozinhar para muita gente. Vou experimentar uma nova receita de lasanha, avisava. Se houver interessados, é só dizeres!

Nunca ouvi queixas.

Havia um problema: as saudades do Stephen eram uma *tortura*.

«Isto não está a acontecer», choramingara ao despedirmo-nos no Vermont. Estávamos junto do *Ford Raptor* e escondera a cara no peito dele. «Eu sei que é apenas um sonho e que, no próximo fim de semana, vais aparecer em Clinton para me visitar. Já agora, leva-nos alguns docinhos de açúcar.»

Ele riu. «Vais dizer isso a ti mesma durante os próximos nove meses?»

Dei-lhe marradinhas carinhosas. «Posso *tentar*, pelo menos.»

Uma relação à distância fora ainda mais difícil do que eu imaginava. Comunicávamos de todas as maneiras possíveis e imagináveis, mas, às vezes, era *impossível*. Ia para a sala comum da minha residência e falávamos pelo FaceTime até às oito da manhã, depois de acordar. Ele não conseguia ficar parado e eu não conseguia não me fartar-me de chorar no duche e seguir para o pequeno-almoço. Nessas fases, as minhas colegas de quarto diziam que começara a depressão Stephen.

Mas havia surpresas. Quando eu menos esperava, chegava uma encomenda com o meu nome em maiúsculas. Reconhecia a letra dele e o meu coração parava. Adorei receber as pequenas curiosidades que ele comprava nas viagens, as cartas no nosso caderno com capa de couro e a *T-shirt* desbotada e a camisa de flanela que conservavam o seu cheiro: champô de laranja, sabonete, transpiração e aquela sua nova fragrância dos antípodas. Passei a dormir com a *T-shirt* e usava a camisa de flanela no dia a dia, e, quando o meu cheiro substituiu o dele, enviei-lhas de volta, juntamente com o caderno, depois de lhe acrescentar mais uma carta.

Acabámos por encher vários cadernos com cartas, desenhos, autocolantes, letras de músicas e poemas não muito bons. Disse pela primeira vez que o amava num desses cadernos.

Amo-te, Stephen. Adoro-te,
Mas amo-te mais do que te adoro.

«Também te amo, Matadora», disse ele ao telefone, numa das nossas conversas à noite, e eu sorri de orelha a orelha: o nosso caderno já lhe chegara às mãos. «Adoro-te, mas amo-te mais do que te adoro.»

As férias da Páscoa foram o céu. Não tive aulas durante duas semanas e passei-as em viagem pela Austrália com ele. Depois de sete meses, por fim, tornávamos a estar juntos. No aeroporto, ele riu-se quando me lancei para os seus braços e lhe revolvi os cabelos. Abraçou-me com muita força.

— Não imaginas as saudades que tinha de me saltares para cima.

Então, concentrámo-nos em ser o casal mais insuportável do Instagram: tirávamos fotografias nas paisagens deslumbrantes da Austrália e publicávamo-las sem legenda, apenas com o *hashtag* #AntesDelesCasamosNós.

Oh, não, foi o comentário do @mpdNOLA à primeira foto. Isso regressou?
Claro que regressou!, respondeu-lhe a @Sarah_Jane. E melhor do que nunca!
Na despedida, nenhum dos dois se queria separar do outro, e prometi ir esperá-lo ao aeroporto de Nova Orleães quando ele regressasse em maio. Entretanto, esse era outro medo conquistado: a Sarah e o Michael tinham organizado o jantar do Dia de Ação de Graças, eu visitara a cidade e adorara.

— *Okay*, boa — disse ele, e suspirou de alívio. — Hum — resmungou de seguida. — Lá vem mais uma depressão Meredith...

Fiquei atónita.

— Hã? — Recuei e fitei-o. — *Depressão Meredith?*

Deixei as tartes no balcão da cozinha do Anexo e fui vestir um biquíni que comprara na Austrália. Os meus amigos ainda estavam a trabalhar, por isso, preparei o meu saco e pus-me a caminho da praia secreta. O *Loki*, a *Clarabelle* e mais alguns cães passaram a correr. Tinham cheirado alguma coisa e não paravam de ladrar.

Como eu esperava, não havia ninguém na lagoa de Paqua. Abri a toalha e apliquei uma generosa camada de protetor solar, depois estendi-me e tirei o caderno do saco de praia. Nasquelas páginas, não havia correspondência entre mim e o Stephen. Estavam preenchidas unicamente com a minha letra. Ele inspirara-me: se lhe podia escrever cartas, então podia escrevê-las a quem eu quisesse.

A Claire sempre adorara a sua coleção de canetas de tinta permanente, daí serem as únicas que eu usava para lhe escrever. Comecei pela data e depois, a azul:

Querida Claire,

Hoje lembrei-me das nossas caças
ao tesouro em Paqua quando
éramos pequenas. Lembras-te das
pistas que o avô Pisco nos deixava?
E do mapa da Quinta que fizemos?
Nunca me hei de esquecer daquele
verão em que...

Não lhe escrevia todos os dias, só quando as saudades aumentavam. A minha terapeuta em Clinton ajudara-me a compreender que, onde quer que a Claire agora estivesse a ler os seus livros, continuava a ser e seria *sempre* a minha irmã. O nosso elo era eterno. Cada carta que lhe escrevia contava uma recordação, aquela que me ocorresse no momento, e terminava-as sempre da mesma maneira:

Onde estiveres,
adoro-te.

Guardei o caderno no saco de praia e nadei até ao flutuador de madeira. Estendi-me nas tábuas desgastadas. Estavam quentes do sol. Fechei os olhos. Passados cinco minutos — pelo menos, assim me pareceu —, senti salpicos nos dedos dos pés. Sacudi-os e continuei a dormir. Tornei a sentir o mesmo. Depois, outra vez. E *outra*.

— Stephen! — Sentei-me, mas não estava ali ninguém. — Sim, boa tentativa — disse alto. Virei-me de barriga para baixo e, apoiada nos cotovelos, avancei até à beira do flutuador. — Eu sei que estás aí.

Claro que isso não me impediu de gritar na mesma quando ele emergiu bruscamente. Riu-se do meu ar assustado e eu cerrei as mãos como se lhe fosse bater.

— Assustei-te! — exclamou.

— Já estás aqui?

Ele franziu o sobrolho.

— Saí há que tempos — respondeu, e olhou para o céu. O sol começava a descer lentamente. — Eu e toda a gente.

Ah... afinal, dormira *mais* do que cinco minutos. Então, lembrei-me, e, como se tivesse adivinhado a minha ansiedade, ele afagou-me o joelho. A outra mão ia esboçando braçadas na água.

— Escrevi à Claire — disse-lhe, e, com os dedos, penteei-lhe para trás o cabelo molhado. — Foi há bocado. Escrevi-lhe uma carta no meu caderno.

Ele anuiu.

— Imaginei que fizesses isso, atendendo à data... — A voz morreu-lhe na garganta. A mão saiu da água e veio pousar no flutuador, e eu segurei-a e entrelacei os dedos nos dele.

Em silêncio, vimos o sol descer no horizonte. Aproximei dos lábios a sua mão na minha e beijei-lhe os nós dos dedos.

— É melhor irmos — disse, e entrei na água deliciosamente refrescante. — Estão à nossa espera.

— Certo — disse ele. — Mas não sem...

Mergulhei antes que ele me pudesse beijar, mas ele mergulhou também e agarrou-me, e as nossas gargalhadas debaixo de água borbulharam até à superfície. Consegui escapar-lhe e cheguei primeiro à margem.

— Despacha-te! — chamei. — Se formos os últimos, temos de lavar a louça!

Parecíamos sardinhas em lata na cozinha, por isso, peguei na bebé e saí para o relvado, onde a avó Biju abrira uma colcha. Sentei-me e embalei a bebé. Sorrimos uma para a outra. Ela estava sempre bem-disposta.

— Vou ensinar-te tudo — prometi. — Vais aprender comigo tudo o que há para saber sobre a Quinta e havemos de nos divertir muito.

Um minuto depois, ouvi:

— Meu Deus, onde é que ela está? — Era a Sarah, aflita. Estava lá dentro, mas quase todas as janelas estavam abertas para deixar entrar a brisa do final do dia. — A Claire?

— Acho que a minha noiva a levou lá para fora — disse o Stephen.
— Wit, querido, não funciona assim — explicou-lhe a avó Biju.
— Porquê? — perguntou ele. — A Meredith é a madrinha da Claire e eu sou o padrinho. Acho que é perfeitamente lógico. — Uma pausa. — Além disso, a Mer já me chamou noivo um par de vezes.

— Foi num sonho! — gritei do relvado. Ouvi toda a gente rir lá dentro. — Disse isso uma vez e estava a sonhar!

— Pormenores à parte, diga lá, avó Biju: não *adorava* ter-me como neto? — perguntou-me ele.

Corei ao ouvi-lo e de certeza que a minha avó também corara: estava completamente enamorada do Stephen. Os meus avós tinham-lhe dado guarida na Casa Grande durante o verão e ela fazia-lhe o pequeno-almoço todas as manhãs. Ao avô Pisco, limitava-se a dizer que o café estava pronto.

— Ah, que alívio! — A Sarah sentou-se ao meu lado na colcha e beijou a testa da filha. — Não sabia de ti, meu amor.

A comida veio para a mesa e não faltavam delícias ideais para um jantar em pleno verão. Só faltava sentarmo-nos na habitual salgadeira de cadeiras e atacar. Nessa tarde, houvera uma competição de *tubing* entre casais e o tio Brad e a tia Christine não paravam de se gabar da vitória, enquanto os meus pais não admitiam a derrota. Eu ia falando com a tia Rachel, que queria saber tudo sobre o novo namorado do Eli. O Michael pegara na Claire e a Sarah ia tirando fotos, depois parava a olhá-los embevecida. E, do alto do seu banco, o Stephen ia explicando à tia Julia o seu projeto de plantar uma horta na Quinta.

— Talvez na Casa da Charneca — disse-lhe. — Deve ser o solo mais fértil.

Servidas as tartes, com a indispensável bola de gelado sobre cada fatia, o avô Pisco ergueu-se e fez-se silêncio na mesa.

— Esta noite é especial — disse, mas reconsiderou. — Aliás, *todas* as noites na companhia da minha família são especiais — corrigiu, indicando o grupo reunido à mesa. — Cada dia de praia e cada passeio de trator ao pôr do sol são únicos e irrepetíveis. A Biju e eu consideramo-nos uns sortudos por podermos viver aqui e ver os nossos filhos e netos fazerem o seu caminho na vida.

A Claire gorgolejou.

Todos riram.

— Claro, menina Dupré — disse o meu avô. — Também somos uns sortudos porque podemos ver a nossa bisneta *começar* a fazer o seu caminho na vida. — Abriu um sorriso rasgado e as linhas de expressão ficaram mais visíveis. — Ainda assim, esta noite é uma ocasião especial — prosseguiu —, porque assinala o começo de um novo capítulo na história da Quinta. — Trocou um olhar com a minha avó. — Querida, queres ir...?

A minha avó entrou e todos ficámos de queixo caído ao vê-la regressar com um reluzente troféu dourado. Segurei a mão do Stephen debaixo da mesa. Sabia que ia começar a chorar. Quase podia adivinhar do que se tratava, mas, ainda assim, franzi o olhar para ler a gravação quando a avó Biju passou o troféu ao meu avô. O nome da minha irmã surgia várias vezes. Em baixo, lia-se o do Stephen.

— Daqui para a frente, em cada verão, a taça Claire Fox será entregue ao Assassino

— vencedor — explicou o avô Pisco. — Sei que gostavam das medalhas de plástico, mas isto... — Calou-se e contemplou o troféu. A mão tremeu-lhe ligeiramente. — No verão passado, jogámos em homenagem à Claire. Doravante, jogaremos *sempre* em homenagem à Claire.

— A nossa jogadora mais brilhante — concluiu a avó Bijú. — O seu legado não será esquecido.

Todos aplaudimos. Ninguém discordava. Segurei a mão do Stephen com muita força, depois levantei-me para ir abraçar os meus pais. A minha mãe limpou-me as lágrimas e deu-me um beijo.

— Ah, outra coisa — acrescentou o avô Pisco, passados alguns minutos. Estava a servir-se da terceira fatia de tarte de pêssego e a tentar fazer cara de quem não era lambão. — Conhecerão os vossos primeiros alvos hoje à meia-noite!

Esperei que os meus pais estivessem a dormir e só então me levantei, embora soubesse que eles acordariam quando eu empurrasse a porta de rede: as dobradiças ferrugentas continuavam tão musicais como antes. Quando a porta se fechou nas minhas costas, ouvi a voz ensonada da minha mãe:

— Não voltes muito tarde, Meredith.

Estava em calças de pijama e vestira uma camisola com capuz por causa do vento que se levantava de noite. Cheguei ao acesso da Casa Grande. Não consegui conter uma risada ao agachar-me para apanhar alguns pedacinhos de conchas partidas.

Parei diante da casa e fiz pontaria à janela do Stephen.

— Rapunzel! — chamei, tentando que apenas ele me ouvisse. — Rapunzel! Chega cá abaixo!

A janela chiou.

— Prometes que me defendes? — respondeu ele, no mesmo tom. — Trazes a *faca*?

Ri-me. Sim, trouxera o canivete suíço para a Quinta; era parvoíce continuar escondido numa caixa lá em casa, sem servir para nada.

— Isso nem se pergunta — respondi. — Quem se atravessar no nosso caminho arrepender-se-á amargamente.

Ele deu uma gargalhada e saiu para a cobertura do alpendre. Andava por ali sem a mínima hesitação. Aquele telhado deixara de ter segredos para ele quando lhe servira de ponto estratégico para um assassinio memorável no ano anterior. Além disso, havia a nossa rotina: podíamos encontrar-nos ali ou no Anexo, mas todas as noites dávamos um passeio noturno.

Ele desceu por uma coluna.

— Pronta?

Estendi-lhe a mão; ele segurou-a e fez-me rodar para os seus braços, para um beijo.

— Pronta — respondi.

E lá fomos.

Durante aqueles passeios, falávamos de tudo e mais alguma coisa. Do que calhasse. Do futuro, por exemplo: o Stephen pedira transferência de Tulane para a Universidade do

Vermont e estava empolgado com a perspectiva de me ensinar a esquiar no inverno. Já eu estava empolgada sobretudo porque passaríamos a estar no mesmo lado do país, para não dizer no mesmo *continente*.

Ainda assim, deixei bem claro que não abdicava das surpresas Stephen — podia ser uma folha caída de uma árvore no outono ou um número do jornal académico. Para mim, o importante era o momento em que a encomenda chegava e via a letra dele.

Não só ficava derretida como o meu dia melhorava instantaneamente.

«*Okay*», acedera ele, «mas, em troca, não abdicó dos mísseis Meredith.»

Nessa noite, falámos do Assassino.

«Olhem aqueles dois!», denunciara-nos o tio Brad ao jantar, ao ver-nos segredar ao ouvido um do outro. «Já estão a conspirar!»

«Nada disso», respondera o Stephen. «Estava a dizer à Mer que hoje está deslumbrante.»

Eu quase me desmanchara.

Claro que já estávamos a conspirar.

— Quem te calhou? — perguntei.

— E a *ti*? — perguntou ele de volta.

Segredei-lhe o nome ao ouvido.

Ele fez o mesmo. Depois:

— Fazemos um novo pacto?

— Não. — Abanei a cabeça. — Sabes perfeitamente que já o temos. — Abracei-me ao pescoço dele e, com um saltinho, aninhei-me no seu calor e rodeei-lhe a cintura com as pernas. Acariciei-lhe o cabelo. — Porque eu te adoro, Stephen — murmurei. — Adoro-te, mas amo-te mais do que te adoro.

— Mais do que eu a ti, Matadora? — perguntou ele, e, ao luar, vi-lhe um sorriso de esguelha que não podia ser mais perfeito.

Não respondi. Beije-o, só isso, depois beijou-me ele, só isso.

Saí à socapa do quarto do Stephen quando o dia já ia nascer e, no regresso, passei pelo carvalho antigo ao fundo do relvado do Anexo. Os meus dedos demoraram-se nas marcas que a Claire gravara no tronco, tantas quantas as vezes que o nome dela estava gravado no troféu.

— Vou ganhar — murmurei, tocando a última marca. — Este ano, aquele troféu não me escapa.

AGRADECIMENTOS

Uma vez mais, as honras de destaque — em letras luminosas — vão para a minha fantástica agente, Eva Scalzo. Para criar o mundo desta história, tive de deixar para trás outro onde havia personagens incrivelmente especiais; obrigada por perceberes que isso foi muito difícil. Agora, aqui estamos, e não podia estar mais feliz. Obrigada pela tua capacidade única de me ajudar a alinhar uma história quando me limito a gritar frases sem nexo ao telefone: «Martha's Vineyard! Taylor Swift! Um casamento! Duas irmãs! O jogo do Assassino! Timothée Chalamet! Um final tipo *Notting Hill*!»

Só digo isto: tens poderes mágicos!

Obrigada por adorares a minha maluquice, e quero que saibas que também te adoro.

À minha editora de texto, Annie Berger: fiz-te mais ou menos a mesma conversa, certo? Ou fui ligeiramente mais específica? «A história acontece numa semana! Há um casamento em Martha's Vineyard! Ao mesmo tempo, eles estão todos a jogar ao Assassino! Há uma família superexcêntrica e encantadora! A rapariga e o rapaz apaixonam-se e é superfofo!»

Não sei se foi exatamente isto, mas obrigada pelo encorajamento e por me deixares escrever o livro de verão dos meus sonhos. Só me apetece comprar um exemplar, ir para a praia e ler até ao pôr do sol, tudo graças ao teu apoio e orientação.

Agora, a Sourcebooks! Mil obrigadas a Cassie Gutman, Jackie Douglass, Ashlyn Keil, Alison Cherry, Nicole Hower, Michelle Mayhall, e à fantástica Monique Aimee, que fez a capa [original]. Aliás, todo o livro ficou lindo.

Martha's Vineyard: enfeitiças-me. A nossa história de amor começou quando eu ainda não andava e sei que é para a vida. Os Flynnns, em especial, deixam-me sem palavras: graças à sua dedicação incansável, posso visitar um cantinho do Paraíso todos os verões. A Quinta de Paqua não apareceu simplesmente na minha cabeça. Sou uma felizarda: há mesmo um obelisco e sei o que lá está gravado.

Ao grupo do verão de 2011 — que semana! Festejámos o meu décimo sexto aniversário com *T-shirts* coloridas feitas para a ocasião, o Hayden abanou o capacete na praia e o Scott saiu para o telhado para matar a Jen. Fartámo-nos de rir!

Para escrever este livro, pude inspirar-me em vários casamentos: o Trip e a Cindy Stowell, o Betinho e a *Miss* Machete, o Hayden e a Danielle Schenker, e, claro, o Jerry e a Jennifer Walther. Fui buscar coisas aos quatro para criar o dia especial da Sarah e do Michael.

Já agora, parabéns a todos.

Erica Brandbergh, amei o nosso clube dos *laptops* e os *lattes*. Obrigada por me fazeres andar na linha quando chegou a altura de organizar as ideias num todo coerente. «Estás a escrever?», perguntavas (quando tu própria devias estar a fazer isso), e, apanhada em flagrante, eu respondia: «Não, mas estou a fazer a *playlist* do livro no Spotify.»

Uma vez mais, obrigada aos leitores que leram uma versão avançada do livro: Delaney Schenker, Mikayla Woodley, Madeline Fouts e Kelly Townsend. Acho que nunca ouvi

maior elogio do que «É mesmo de agarrar e não largar!», e Sarah DePietro, não imaginas como adorei o teu silêncio desorientado e os gestos frenéticos.

Amo de paixão os meus amigos em La Nouvelle-Orléans! Josh, obrigada por seres tu mesmo; Kasi, por me esclareceres sobre o guisado tradicional; e Katie, por me deixares usar o nome do teu filho lindo — se não estiver aí quando leres isto, é porque vou a caminho.

Na propriedade, obrigada aos Brandberghs, aos Schenkers e aos Webbers por me deixarem escrever nas vossas mesas da cozinha e da sala quando ficava saturada de trabalhar em casa. Stacy, escreve-se *geez* ou *jeez*? Suzanne, mais caramelos, por favor! Hum, Kathleen, este gato é qual?

MDS, por onde começar? Talvez pelo quinto ano, quando usavas uma camisola verde com capuz e uma saia comprida às riscas superboémia (*#fashion*), e explicaste à nossa professora que devias estar em Humanidades e não em Ciências Sociais, como o resto da turma. Podia encher páginas a agradecer-te, mas tudo se resume a: obrigada. Obrigada, Madison, por escreveres a história da Meredith comigo. Por refletires cuidadosamente depois de cada sessão de *brainstorming*, por leres cada capítulo na manhã depois de eu o terminar e por me dares energia sempre que me faltava motivação. És a minha consultora criativa favorita, um génio e a minha melhor amiga. Adoro-te, K.

Estou tremendamente grata a todos na órbita dos Walthers. O último ano foi difícil a todos os níveis, e agradeço o carinho e o apoio a mim e à minha família num momento tão duro. Seja por nos fazerem o jantar, cuidarem dos nossos cães ou me acolherem durante uma noite ou duas, obrigada pela amabilidade e pela generosidade.

Ao clã Webber: sem vocês, não haveria os Foxes. As personagens estão cheias de coisas da nossa família alargada e adoro que seja assim. Um agradecimento especial a Ross Webber. Faltando-me a experiência de ser um avô, pude criar o avô Pisco graças a ti, que és o meu.

Mãe, H. e E.: odeio a expressão «Obrigada por me aturarem», mas, se querem que seja sincera... obrigada por me aturarem. Não fui capaz de dar atenção a mais nada enquanto estava a escrever o livro e imagino que viver comigo não fosse a coisa mais fácil do mundo. Não participei em muitas conversas e irritava-me à mínima coisa, e peço desculpa por tudo isso. Quero deixar claro que vos adoro, que podem contar comigo, e tenho a certeza de que vamos conseguir ultrapassar isto. Somos fortes.

Pai, deixei-te para o fim. Sabias que o livro se ia materializar, e quem me dera que o tivesses tido nas mãos. Aposto que terias procurado a página da dedicatória, assentido com a tua típica subtilidade e feito algum comentário matreiro, do tipo: «Ena, cá estou eu.»

E eu teria respondido: «Calma, posso não te dedicar o terceiro.»

Não imaginas como desejo que tivéssemos tido esse momento nem a falta *gigante* que me fazes. Vinte e quatro verões. Tivemos vinte e quatro verões em Martha's Vineyard, foram mágicos, do primeiro ao último, e guardá-los-ei para sempre no coração. E ter-te-ei sempre no coração, pai maravilhoso, corajoso e adorado. Queria poder ouvir-te rir e sentir-te agarrar-me os ombros, e não pode ser, mas sei que continuas comigo. Estarás sempre comigo nos meus passeios pela Quinta.